

Tania Rebelo Costa Serra



**Antologia do
romance-folhetim
(1839 a 1870)**

EDITORA

UnB

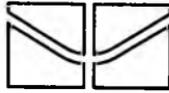
Tania Rebelo Costa Serra nasceu no Rio de Janeiro a 10 de outubro de 1950. Começou seus estudos universitários na Sorbonne, em Paris, em 1968.

Voltando ao Brasil, licenciou-se em língua e literatura brasileira, portuguesa e francesa e defendeu sua tese de mestrado em 1982. Tendo completado seu curso de doutorado na New York University, em 1986, leciona literatura brasileira na Universidade de Brasília, onde faz parte do quadro permanente.

A professora é membro da Academia Brasiliense de Letras e está presentemente trabalhando numa segunda antologia de romances-folhetins, que trará o texto integral de dez romances brasileiros inéditos, publicados apenas em jornais e revistas literárias entre os anos de 1830 e 1859.

ANTOLOGIA DO ROMANCE-FOLHETIM

(1839 a 1870)



FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

Reitor

João Claudio Todorov

Vice-Reitor

Erico Paulo Siegmair Weidle

EDITORA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

Diretor

Alexandre Lima

CONSELHO EDITORIAL

Presidente

Emanuel Araújo

Alexandre Lima

Álvaro Tamayo

Aryon Dall'Igna Rodrigues

Dourimar Nunes de Moura

Emanuel Araújo

Euridice Carvalho de Sardinha Ferro

Lúcio Benedito Reno Salomon

Marcel Auguste Dardenne

Sylvia Ficher

Vilma de Mendonça Figueiredo

Volnei Garrafa

Tania Rebelo Costa Serra

ok

Antologia do romance-folhetim
(1839 a 1870)

EDITORA



UnB

Direitos exclusivos para esta edição:
EDITORA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
SCS Q. 02 — Bloco C — Nº 78 — Ed. OK — 2º andar
70300-500 — Brasília — DF
Fax: (061) 225-5611

Copyright © 1997 by Tania Rebelo Costa Serra

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação poderá ser armazenada ou reproduzida por qualquer meio sem a autorização por escrito da Editora.

Impresso no Brasil

SUPERVISÃO EDITORIAL

AIRTON LUGARINHO

PREPARAÇÃO DE ORIGINAIS

FATIMA REJANE DE MENESES

REVISÃO

FATIMA REJANE DE MENESES E YANA PALANKOF

EDITORACÃO ELETRÔNICA

ELIAS SALDANHA NUNES

CAPA

MAURÍCIO BORGES

SUPERVISÃO GRÁFICA

ELMANO RODRIGUES PINHEIRO

ISBN: 85-230-0473-4

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central
da Universidade de Brasília

S487

Serra, Tania Rebelo Costa

Antologia do romance-folhetim: (1839 a 1870) / Tania Rebelo Costa Serra — Brasília : Editora Universidade de Brasília, 1997.

245p.

1. Romance-folhetim – literatura. 2. Literatura – antologia. I. Título.

CDU 869.0(81)

087.65(81)

Para Diana Bernardes
in memoriam

Para Tiago e Miguel

Agradecimentos

Gostaria, agora, de tecer alguns agradecimentos. Mais uma vez, e espero que por muitos anos ainda por vir, à Seção de Documentação e Pesquisa da Biblioteca Nacional. Às suas dedicadas pesquisadoras, o meu fraterno agradecimento. A Plínio Doyle, meu querido amigo nonagenário, que, desta vez, mandou microfilmear para mim três romances saídos no *Ostensor Brasileiro*, obrigada por existir. Os meus agradecimentos, também, a Rosângela Rangel, da Fundação Casa de Rui Barbosa, pela presteza ao microfilmear o que pedimos. Ao CNPq, por ter-me dado a oportunidade financeira de empreender a pesquisa que resultou nesta antologia. A meu irmão André Rebelo Costa, o mágico da computação, pela formatação e tudo o mais relativo à paginação do trabalho original. À minha chefe no Departamento de Teoria Literária e Literaturas do Instituto de Letras da Universidade de Brasília, professora Hilda Orquídea Hartmann Lontra, pelo apoio total e irrestrito a este projeto e pela sua compreensão quanto à redução do número de minhas horas-aula no segundo semestre de 1996, a fim de poder dedicar-me mais integralmente à digitação dos textos desta antologia. À minha eterna amiga, Maria da Conceição, sempre tão companheira. E *last, but not least*, a meu marido, Sergio Barbosa Serra, pelos conselhos sempre úteis e por aceitar dividir-me com os folhetins do século XIX, paixão arrebatadora. A todos o meu muito obrigada.

Sumário

INTRODUÇÃO CRÍTICA, 11

PRECURSORES

JOÃO MANUEL PEREIRA DA SILVA, 31

O ANIVERSÁRIO DE DOM MIGUEL EM 1828 (ROMANCE HISTÓRICO), 32

JUSTINIANO JOSÉ DA ROCHA, 57

OS ASSASSINOS MISTERIOSOS OU A PAIXÃO DOS DIAMANTES (NOVELA HISTÓRICA), 58

DOMINGOS JOSÉ GONÇALVES DE MAGALHÃES, 79

AMÂNCIA (ROMANCE), 80

CONSOLIDADORES

ANTÔNIO GONÇALVES TEIXEIRA E SOUSA, 111

O FILHO DO PESCADOR (ROMANCE), 112

JOAQUIM NORBERTO DE SOUSA E SILVA, 119

MARIA, OU VINTE ANOS DEPOIS (ROMANCE BRASILIENSE), 120

JANUÁRIO GARCIA OU AS SETE ORELHAS (ROMANCE), 142

JOAQUIM MANUEL DE MACEDO, 149

VORAGEM, 150

NINA, 167

APÊNDICE

LUCAS JOSÉ DE ALVARENGA, 175

STATIRA E ZOROASTES (NOVELA), 176

OVÍDIO SARAIVA DE CARVALHO E SILVA, 185

HERÓIDES DE OLÍMPIA E HERCULANO, JOVENS BRASILEIROS; OU O TRIUNFO CONJUGAL, 186

JOSÉ HIGINO SODRÉ PEREIRA DA NÓBREGA, **197**
OS ASSASSINOS E O ADULTÉRIO, **198**

BIBLIOGRAFIAS

BIBLIOGRAFIA CONCISA DO FOLHETIM FRANCÊS NO BRASIL, **209**
BIBLIOGRAFIA DA FICÇÃO BRASILEIRA (1826-1870), **213**
BIBLIOGRAFIA DE APOIO, **231**

Introdução crítica

O que é de gosto regala a vida.
Marlyse Meyer, *Folhetim: uma história*

Em 1968, enquanto a França se via convulsionada por uma profunda revolta estudantil e operária, Christian Zimmer começa a recolher dados para publicar (entre 1978 e 1984) o livro *Le retour de la fiction* (*A volta da ficção*; ficção aqui entendida como sinônimo de imaginação). Talvez por coincidência, enquanto nos muros da cidade eram pichadas frases como “l’imagination au pouvoir!” (“a imaginação ao poder!”), Zimmer pensava, baseado na observação de filmes feitos naqueles últimos anos, que se poderia falar, naquele momento, de um “declínio do político” e de um “renascimento do espiritual, uma vingança do sagrado” (p. 17). Essa *revanche* do sagrado implicaria uma regressão do racional e uma conseqüente superativação do simbólico: “le plaisir contre le sens: c’est là, au fond, la substance secrète du discours hédoniste sur le thème du ‘retour de la fiction’” (“o prazer contra o sentido: está aí, no fundo, a substância secreta do discurso hedonista sobre o tema da ‘volta da ficção’”, p. 21).

Zimmer vai dizer em seu livro que, nos povos antigos, é na imaginação coletiva que se pode encontrar a explicação da realidade, por meio da utilização dos mitos. Seria, pois, no imaginário coletivo (ou no inconsciente coletivo da humanidade, para usar as palavras de Jung citadas pelo autor) que ficariam depositadas informações imemoriais sobre o real — e como lidar com ele —, as quais não só não desaparecem como também emergem com toda a

força em determinados períodos históricos, como este conturbado fim de século e de milênio. Um corolário dessa afirmação é o de que, acompanhando o registro do imaginário, vem a capacidade de modificar o real pela arte da evasão, que nada mais seria do que a tentativa de compensar o homem de suas frustrações, pela volta a um estado de ordem e de bem-estar.

Prazer e bem-estar, eis as palavras mágicas que estão por trás do conceito de evasão e, portanto, do de romance-folhetim, conforme se verá mais adiante. Se concordássemos com Zimmer e identificássemos no atual momento histórico um período de priorização da ficção, poderíamos concluir que os momentos históricos de grande tensão social trazem embutidos em si a necessidade do divertimento e do prazer, “produtos” veiculados principalmente pela evasão.

Qual seria, portanto, o interesse de uma antologia do romance-folhetim brasileiro do século XIX para o público do século XX? Por que se verifica um interesse tão grande pelo gênero em nossos dias? Por que a publicação de grande número de trabalhos acadêmicos sobre o assunto? Evidentemente, o tópico “folhetim” está na crista da onda. Estamos passando por um período histórico extremamente conturbado, que traria em si a necessidade de compensação psíquica pelo imaginário/evasão, que *regularizaria* as incertezas trazidas por um dia-a-dia estressante e cheio de dúvidas; que proporia um estado de cosmos a uma situação de caos. O estudo do passado, assim, ajudaria a compreender o presente.

Naturalmente, não se pode esquecer o interesse didático que uma tal antologia representaria, especialmente para o público universitário. Por não existir nenhuma outra publicada — temos duas antologias do conto romântico —, este trabalho pretende resgatar um momento de nossa história literária e trazer à luz textos que nunca foram publicados neste século; que jaziam quietamente nas prateleiras da Biblioteca Nacional, esperando para serem lembrados.

Se examinarmos os períodos literários desde a Antigüidade Clássica até o final do século XIX, verificaremos haver uma oscilação entre duas grandes tendências: a da priorização da *mimesis* — verificada pelo culto da razão como forma de conhecimento e da *imitatio*, a que se poderia chamar de “realismo” — e a da priorização da imaginação — que se mostra pelo culto da intuição

como forma de conhecimento da realidade e pela utilização da sensibilidade criativa, a que se chamaria “romantismo”. A “volta da ficção” corresponderia a um momento de priorização do romantismo, mas não apenas no século XX, como aquela a que se refere Christian Zimmer, e sim recorrentemente através da História. Outros momentos semelhantes nas culturas ocidentais corresponderiam ao Medievalismo, ao Barroco e, finalmente, ao Romantismo. O romance-folhetim ocorre neste último período histórico-literário.

Por outro lado, é necessário verificar que a estrutura narrativa e a temática do que se convencionou chamar de romance-folhetim datam da Antigüidade Clássica e vêm existindo paralelamente ao épico desde então. Nos períodos histórico-literários citados acima, ele aparece com mais pujança, mas não deixa de existir, embora com menos prestígio, nos outros momentos de priorização do realismo. Vejamos agora quem foi seu antepassado, num breve estudo diacrônico do gênero.

No seu livro *The novel before the novel*, Arthur Heiserman sugere a aparição de uma ficção (aqui entendida como prosa de ficção) do tipo história romanesca¹ já no fim do século III a. C. no Egito. De qualquer maneira, pode-se inferir que as histórias das mitologias das primeiras civilizações do mundo antigo tenham circulado oralmente desde a mais remota Antigüidade. No entanto, será apenas a partir do mundo grego que se começará a traçar a história do *romance*.² Este seria uma decorrência quase que direta do tipo de vida urbana que se tinha adotado.

O professor sueco Tomas Hägg sugere uma cronologia, em seu livro *The novel in Antiquity*, em que a história do pensamento grego pode ser dividida em cinco grandes períodos. Se tomarmos essas datas como ponto de referência instrumental, vemos surgir a epopéia no período arcaico. Se a origem desta é oral, Homero vai fixar essa oralidade criando o poema épico com a *Ilíada* e a *Odisseia*. Acontece que a matéria da epopéia e a da história romanesca

¹ Vide Northrop Frye, *Anatomia da crítica*, pp. 185 e ss.

² Em inglês, *romance* por oposição a *novel*. O *romance* é a prosa de ficção totalmente “inventada”, ou seja, sem tentar basear-se num mito específico ou num feito histórico, ou mesmo *dito* histórico; narrativa em que as grandes aventuras, o amor à primeira vista e a distração aparecem como características principais.

são uma e a mesma. Hegel, já no século XIX, vai dizer que o romance é a epopéia burguesa moderna. Mas basta pensarmos nas aventuras de Ulisses, tentando voltar para casa, passando por grandes perigos e aventuras fantásticas (de vez em quando ajudado pelos deuses, já que o maravilhoso era um item estrutural obrigatório na epopéia), para identificarmos alguns dos motivos recorrentes do *romance* na Antigüidade.

De posse da matéria romanesca, o épico e/ou sua paródia, faltam a esse *romance* os meios retóricos necessários e o tempo histórico ideal para sua eclosão. Aqueles vão ser criados no período clássico e este será o da invasão da Pérsia por Alexandre, quando a cultura ocidental é levada às fronteiras da Índia. A fusão de culturas daí decorrente ocasionará um sincretismo, que embasa o helenismo e que dará margem à criação da prosa de ficção do tipo romanesco.

A estória romanesca é, de todas as formas literárias, a mais próxima do sonho que realiza o desejo. (...) Traduzida em termos de sonho, a estória romanesca de procura é a busca, por parte da libido ou do eu que deseja, de uma realização que a livre das angústias da realidade, mas ainda contenha essa realidade ("O mythos de verão", *Anatomia da crítica*, Northrop Frye, p. 185).

Mas que angústia poderia ter o homem antigo, que vivia em seu mundo bem organizado culturalmente, onde as perguntas tinham respostas adequadas por intermédio de mitos específicos? A resposta está diretamente ligada ao processo de urbanização, que distanciava o homem da terra, da imagem de paraíso e "inventava" a evasão para substituir a realidade. Não se pode ter certeza sobre a formação de mecanismos de defesa pela mente humana, como a utilização da evasão, mas pode-se quase afirmar que, durante o helenismo, período de bastante instabilidade política, a história romanceada teve um grande impulso. O professor americano B. E. Perry, em *The ancient romances. A literary-historical account of their origins*, chega a afirmar que aquela época assemelha-se bastante à que estamos vivendo. É possível. Por conseguinte, essa afirmação serve perfeitamente para embasar essa leitura do conceito estudado, à vista da repetição de determinados fatores sociais.

Enfim, o que esse sincretismo causou de fertilidade à arte, tirou de segurança à sociedade como um todo. De qualquer maneira, o que nos interessa observar nesse período difícil é que ele gerou o *público* necessário para a leitura (em voz alta) dos romances; um público urbano que sente na carne a perda progressiva da segurança existente na sociedade fechada em que vivia antes.³

Entra-se no período bizantino após o helênico e o romano. O chamado “romance bizantino” tem aí o seu momento de apogeu, embora nem sempre bem visto pelas elites. Concomitantemente a ele surgem as narrativas romanceadas das vidas dos santos, que tanta importância terão, mais adiante, durante a baixa Idade Média européia. De qualquer modo, a temática que vai caracterizar o gênero pode ali ser encontrada. Arthur Heiserman, mencionado acima, declara haver, já nas primeiras cem palavras desses textos, dezenas de convenções temáticas, como os heróis jovens, bonitos e ricos; o amor à primeira vista; piratas e bandidos que raptam a mocinha; fugas; milagres; reconhecimentos extraordinários; peripécias fantásticas, etc., que permitem facilmente reconhecê-las.

Mikhail Bakhtin retoma o estudo do romance grego e bizantino, mencionando também essa questão do amor à primeira vista e a do divertimento do leitor decorrente das longas peripécias contando as peregrinações dos heróis. No entanto, o conceito principal com o qual vai lidar é o da carnavalização, baseada na paródia e na sátira menipéia (*Questões de literatura e de estética. A teoria do romance*, pp. 213 e ss.). Os romances assim construídos admitem a inserção do cômico no épico; a crítica social pelo humor, às vezes parodiando textos conhecidos; a mistura de discursos. É o caso de

³ Garcia Gual, em *Orígenes de la novela*, traça um quadro cronológico das principais obras do período: 1 - século II a. C.: *Histórias milésias*, de Aristides; *Utopias de viagens*, de Jâmbulo; *A vida de Alexandre*, anônimo. 2 - século I a. C.: *Nino e Semíramis*, aparentemente anônimo. 3 - século I d. C.: *As maravilhas de Tules*, de A. Diógenes; *Chaereas e Calirhoe*, de Chariton; *Satíricon*, de Petrónio. 4 - século II: *Crônicas troianas*, de Dares e Dictis; *Efesíacas*, de Jenofonte de Éfeso; *Babilônicas*, de Jâmblico; *Verdadeira história*, de Luciano; *O asno de ouro*, de Apuleio; *Leucipae Clitofonte*, de Aquiles Tácio. 5 - final do século II e começo do III: *Daphnis e Chloé*, de Longo; *Reconhecimentos*, de Pseudo-Clemente; *Apolônio de Tiro*, anônimo; *Etiópicas e Theágenes e Chlaricléia*, de Heliodoro.

Rabelais, por exemplo, no *Gargantua* e no *Pantagruel*. Voltaremos a esse autor mais adiante, quando chegarmos ao período clássico.

Estudando o *romance* na Idade Média, Paul Zumthor diz, em *A letra e a voz*, que

o “romance” surgiu, com efeito, por volta de 1160-1170, na junção da oralidade e da escritura. Logo de saída colocado por escrito, transmissível apenas pela leitura, (...) , o “romance” recusa a oralidade das tradições antigas, que terminarão, a partir do século XV, marginalizando-se em “cultura popular”. (...)

Os romances em prosa do século XII, tanto o *Lancelot* francês quanto o *Tristano* italiano ou a *Demanda* portuguesa, mostram-se como projeção de um conto, ao mesmo tempo narrador impessoal e fonte do relato. (...) (De qualquer forma) muitas vezes já foi comentado (que) o “romance” em verso é feliz, aberto, otimista; o “romance” em prosa tende a acabar em tragédia. (...) Como nós talvez, em nosso fim de século, nossos predecessores do século XII, atentos aos sinais de decrepitude que seu mundo mostrava, experimentavam a necessidade de um discurso ‘verdadeiro’ sobre sua história, para assegurar-lhe, ao menos em esperança, os fundamentos. (...).

(No século XIX) os romances de Eugène Sue reutilizam truques dos cantores de gesta; ainda sob o segundo Império, nos imóveis parisienses de bairros operários, ocorria que o porteiro fazia em voz alta a leitura de um folhetim aos locatários reunidos; não há muito tempo, lia-se assim em família. Em nossos dias, deslocam-se os lugares dessa voz: séries radiofônicas, televisivas e, mais sutilmente, a onipresente revista em quadernos (...). É de uma cultura de massas que se ergue globalmente a poesia medieval, e não de uma “literatura” (pp. 265 e ss).

A história romanesca vai evoluindo, assim, com ligeiras adaptações, de acordo com a cultura e o momento histórico literário que a abrigam. Uma das formas que vive desde a Antiguidade até o Classicismo, por exemplo, é a do cronotopo idílico-pastoril, para utilizar os conceitos de Bakhtin, a quem voltamos a recorrer. Segundo este autor, volta-se a ele durante o Classicismo (séculos XVI, XVII e XVIII), com o romance bucólico-pastoril — a meu ver, este é um filão que perdura até os dias de hoje, metamorfoseado no Regionalismo. Como representante dele, aponta-nos a *Ga-*

latéa, de Cervantes,⁴ romance lido pela heroína de *O moço loiro*, do brasileiríssimo Joaquim Manuel de Macedo, no Rio de Janeiro de 1845.

Uma outra vertente da ficção de divertimento no século XVI são os romances sentimentais, verdadeiros códigos para o “bom comportamento” no amor cortês. A rigor, esses romances são uma continuação da poesia cortês medieval, em que são especificadas as regras para o comportamento amoroso adequado à corte. Bons exemplos deles são o português Bernadim Ribeiro, autor de *História de menina e moça*, e os espanhóis Juan Rodríguez del Padrón — *Sierbo libre de amor* — e Diego de San Pedro — *Cárcel de amor*. No Barroco francês voltamos a encontrar resquícios dessa tradição, com o trabalho de Mlle de Scudéry, *La carte du tendre* (O mapa do amor).

Já agora no século XVII, o estudo diacrônico do gênero levamos a encontrar os gigantescos romances barrocos,⁵ com relação aos quais a já citada Mlle de Scudéry tem um papel importante. Encontra-se, também, uma outra variante, a que Bakhtin chama de “romance de provações”:

o romance grego é uma variante de gênero muito flexível e que tem enorme força vital. É particularmente viva na história do romance a idéia da provação como organizadora da composição. Nós a encontramos nos romances de cavalaria tanto da baixa como principalmente da alta Idade Média. (...)

Após o Barroco, o significado organizacional da idéia de provação diminuiu acentuadamente. Mas ela não morre, e mantém-se como uma das idéias organizacionais do romance em todas as épocas subseqüentes. Ela se enriquece de variado conteúdo ideológico e a própria provação conduz freqüente-

⁴ Outros romances pastorais do século XVI: *Arcadia*, de Sannazar; *Diana*, de Montemayor.

⁵ Principais romances no Barroco: *Astrée*, de Honoré d'Urfé; *Cleópatra*, de Calprenède; *Arminius e Thusnelda*, de Lohenstein; *Artamênis ou O Grande Cyrus e Clélie*, da Mlle de Scudéry; e suas paródias: *Le berger extravagant*, de Sorel; *Roman comique*, de Scarron; *Quatrième livre de l'Enéide Travestie* e *Le roman bourgeois*, de Furetière; *Chant VI de l'Enéide*, de Perrault; *Ovide en belle humeur*, de d'Assoucy; *Histoire comique ou voyage à la Lune*, de Cyrano de Bergerac.

mente a resultados negativos. No século XIX e início do XX encontramos, por exemplo, tais tipos e variantes da idéia de provação: está difundido o tipo de provação da vocação da escolha e da genialidade. Uma de suas variantes é a provação do *parvenu* de Napoleão no romance francês. Outro tipo é a provação da saúde biológica e da adaptação à vida. Finalmente, os últimos tipos e variantes da idéia de provação na produção de romances de baixa qualidade tais como: provação do reformador moral, do nietzschiano, do amoral, da mulher emancipada, etc. (p. 231).

Um reforço à idéia bakhtiniana de romance de provação é a de “romantismos anticapitalistas”, trazida por Michel Löwy. Segundo o autor francês, a literatura romântica (século XIX) e a pré-romântica (século XVIII) são literaturas de crítica ideológica, mesmo que seja pela forma da evasão. Quando o herói vence as provações — freqüentemente *necessárias* ao texto — com as quais é defrontado, ele está mostrando, por um lado, uma sociedade doente que precisa ser modificada e, por outro lado, a possibilidade de se alcançar a justiça nesta terra. Trata-se da velha idéia de retorno à ordem primordial, depois de um momento de caos, que, assim, fica relativizado; da idéia de regulamentação do real, presente em toda a literatura do gênero, desde a Antigüidade Clássica até a novela televisiva de hoje em dia, sem que para isso seja esquecido o prazer que deve advir dessas leituras.

Estamos agora muito perto, no que se refere à diacronia do romance-folhetim, da fixação deste gênero na primeira metade do século XIX. Os aspectos acima abordados serão fundamentais para sua compreensão, como veremos a seguir. Antes, porém, é necessário, ainda, mencionar os romances de viagem do século XVIII, receptores da tradição da literatura de viagem do século XVI, como o anônimo português *História trágico-marítima*. São esses, por exemplo, o *Robinson Crusoe*, de Defoe, ou *As viagens de Gulliver*, de Swift. Tampouco é possível deixar de mencionar as obras paródicas aos romances de aventuras, como o *Candide*, de Voltaire. Este conto/romance está para o romance de viagens e de aventuras assim como o *Dom Quixote* está para o romance de cavalaria. Eles fazem sua paródia e, portanto, canonizam-nos.

Os romances pré-romântico e o romântico, como *Paulo e Virgínia* (1789), de Bernadin de Saint-Pierre, lidíssimo no nosso Brasil da primeira metade do século XIX, insistem na característica de provação levantada por Bakhtin, ao mesmo tempo em que “educam” o leitor, criticando severamente a sociedade moderna, tomada pela sede do ouro. Coincidentemente, desde meados do século XVIII, o pêndulo vai oscilar para o romantismo em literatura e nas artes em geral: observa-se o surgimento de uma prosa de ficção com tendências à priorização do sentimento e da imaginação; verifica-se a volta triunfal do romance bizantino e sua decorrente legitimação pela *intelligentsia* — *Daphnis e Chloé*, de Longo, por exemplo, é republicado em fins do século XVIII e sobre ele Goethe vai-se pronunciar, dizendo ser uma obra-prima da literatura universal.

Observa-se, também, a criação de uma nova variante do gênero: trata-se do romance gótico, surgido no âmbito de uma Inglaterra em processo acelerado de industrialização, tendo como público alvo o proletariado urbano, nova classe social que emerge da Revolução Industrial — o *quatrième état*, ao qual Zola se vai referir um século mais tarde. Um bom exemplo dessa prosa de ficção de total evasão é *O castelo de Otranto*, de Horace Walpole, aristocrata e membro do Parlamento inglês, que, penso poder-se afirmar, inicia a literatura de massa na Europa, literatura esta que, em breve, aparecerá “fatiada” nos periódicos das principais capitais do mundo ocidental.

Chegamos, finalmente, ao século XIX e, mais precisamente, ao ano de 1836 na França. Em Paris, o jornalista Émile Girardin tem uma idéia que se provará genial: a fim de aumentar a venda de seu jornal, *La Presse*, pede a alguns romancistas que publiquem, em capítulos, no seu periódico. Sua intuição prova-se correta: em um ano, a tiragem do jornal pula de 70.000 para 200.000 exemplares. Utilizando técnica muito próxima do melodrama popular — priorização da história trágica, cercada de lágrimas, mas que pode admitir, se não um final feliz, pelo menos uma séria lição de moral —, o romance em folhetim começa a ser devorado pela massa de operários em busca de divertimento para um dia-a-dia estafante. Conforme verificou Paul Zumthor, é pelo veio da cultura de massa que o “romance” medieval chega aos séculos

XIX e XX, tendo evoluído do romance grego para o medievo pela oralidade, que aqui continua pela voz do porteiro que lê para seus locatários.

Observemos agora, sincronicamente, o “fenômeno” romance-folhetim e romance em folhetim na França e no Brasil. Os maiores nomes franceses da primeira modalidade foram Eugène Sue e Alexandre Dumas. Balzac publicou nas duas formas, mas não gostava de ver seu nome ligado ao gênero romance-folhetim, já considerado popular; opta, então, pelo pseudônimo, que não vai utilizar quando da publicação de seus romances “sérios”. Outros nomes importantes da primeira modalidade são: Paul Féval, Ponson du Terrail (da série Rocambole), Paul de Kock, F. Soulié, E. Scribe, etc. (vide “Bibliografia concisa do folhetim francês no Brasil”, no final desta antologia).

O dois tipos de romance chegam aos jornais brasileiros imediatamente depois, por volta de 1839. Em um depoimento famoso, José de Alencar diz que, ainda estudante, ia esperar o trem que traria o jornal — com o seu folhetim, é claro — e ali mesmo na estação, debaixo do lampião a gás, um jovem do grupo era escolhido para ler em voz alta o capítulo da semana. Outro exemplo é dado pelo mesmo escritor, quando relata a leitura de um romance num sarau de família. O dito romance era tão sentimental que todos choravam copiosamente, inclusive o que lia em voz alta, quando eis que lá aparece um amigo da família. Este ficou preocupadíssimo, achando que alguma morte havia acontecido, e queda-se perplexo ao ser informado de que se tratava apenas da leitura do último folhetim da moda (*Como e porque sou romancista*, p. 28).

A respeito do romance-folhetim e do romance em folhetim é fundamental ler-se o trabalho de Marlyse Meyer, *Folhetim: uma história*, que dá a epígrafe a esta “Introdução crítica”. A professora da USP, além de examinar minuciosamente o surgimento do folhetim na França e no Brasil, traz o estudo do gênero até os dias de hoje, identificando-o, assim como o havia feito Paul Zumthor, à sua irmã televisiva: a novela de TV; o folhetim eletrônico. O “processo do enquanto dura” (para utilizar as palavras de Samira Campedelli em *A telenovela*, p. 23) está na base desse veículo de comunicação. Quanto mais sucesso estiver fazendo a novela, mais capítulos irão ao ar. O mesmo acontecia, por exemplo, com o *Ro-*

cambole, de Ponson du Terrail, que tantas vezes foi obrigado a ressuscitá-lo.

Antes de podermos prosseguir com o estudo sincrônico do folhetim, é necessário primeiro esclarecer a diferença entre romance em folhetim e romance-folhetim. Talvez facilite ao leitor, para fazer essa diferenciação, saber que *Madame Bovary*, de Flaubert, e quase toda a prosa de ficção de Machado de Assis foram publicados em folhetins. O romance em folhetim tem preocupações estruturais e temáticas que diferem das do romance-folhetim, mais voltado para o grande público em busca de diversão, embora esta não seja negada no romance em folhetim. A diferença básica está nos *objetivos* literários: o romance em folhetim está sempre atento à sua organização interna, com vistas a uma unidade da estrutura narrativa necessária para seu valor estético, enquanto o romance-folhetim pode ir sendo construído no dia a dia até o total esgotamento da curiosidade do público, o que causa, freqüentemente, falhas nessa unidade. Ainda um exemplo prático para tentar esclarecer essa diferença: os romances *A moreninha* (que, a rigor, não chegou a ser publicado em periódicos, mas que o poderia perfeitamente ter sido) e *O moço loiro*, ambos de Joaquim Manuel de Macedo (este, a essência mesmo do romance-folhetim).

Essas diferenças, no entanto, são tênues e mais servem a uma necessidade didática de classificar e esclarecer do que a provar a existência de uma real dicotomia entre os textos. Vejamos o que diz Marlyse Meyer sobre o romance-folhetim:

o romance-folhetim é essencialmente uma nova concepção de lançamento de ficção, qualquer que seja seu autor e o campo que abranja.

É óbvio que as próprias condições de publicação devem ter influído na estrutura narrativa. (...) Verifica-se, além disso, genial adaptação à técnica do "suspense" e ao rápido e amplo ritmo folhetinesco dos grandes temas românticos: o herói vingador ou purificador, a jovem deflorada e pura, os terríveis homens do mal, os grandes mitos modernos da cidade devoradora, a História e as histórias fabulosas, etc. (p. 31).

(...) Nele tudo se encontra: enredo cheio de suspense, raptos, seqüestros, abandonos, torneios medievais, castelos góticos, ruínas, capelas, exaltação da natureza, a velha Escócia,

ilhas selvagens, nobres cavaleiros e horríveis vilões (...); exaltação da coragem indômita que justifica o rapto e da virtude submissa, doméstica e domesticadora (p. 46).

[Por outro lado, utiliza-se habilmente] recursos de maquinaria comuns aos dois gêneros [folhetim e melodrama]: raptos, perseguições no escuro, tempestades no momento oportuno [ou inoportuno], narcóticos que permitem “abusar” das mulheres, maniqueísmo com a vitória dos bons sentimentos e da virtude, apesar de nem sempre o romance-folhetim ter um *happy ending* (p. 71).

(...) O germe do processo folhetinesco e novelo-televisivo (...) [é] a adição de infinitos enredos paralelos mas imbricados por um elemento que pertence ao enredo principal, que só se desvendam para serem costurados a ele no epílogo. Desses que se chamam *romans à tiroirs* (p. 161).

[Nos romances-folhetins da segunda fase, no entanto] não há mais clima para os grandes arroubos do folhetim romântico. Do romantismo, melhor dizendo, do grande folhetim romântico, reencontramos na série Rocambole (...) a estrutura maniqueísta, o grande tema da vingança, da prostituta redimida, do satanismo. Coragem, fidelidade, lealdade em luta contra suborno e traição, caridade, redenção, melodrama, enfim, todos os grandes sentimentos próprios ao folhetim apimentam e movimentam a ação romanesca, mas trapaceados todos pela “arma terrível” da dissimulação. (...) Dá-se um esvaziamento da carga emocional que marcava situações, temas e personagens quando vividas no primeiro grau dos modelos propulsores, o que é compensado, porém, pela ansiedade de leitura provocada pela aceleração no ritmo, pela resfolegante acumulação de peripécias, pelos suspenses e cortes hábeis, pela admiração, até, diante da estonteante capacidade de invenção (pp. 170-171).

Como vemos, várias características temáticas do *romance*, como vem sendo estudado desde a Antigüidade Clássica até o presente momento histórico-literário, encontram-se aqui, possibilitando ao romance-folhetim ser o legítimo herdeiro da função lúdica que acompanha o gênero há tantos séculos.

Quem poderia ser, então, o público do folhetim no Brasil romântico? Sem dúvida é um público novo, sem tradição cultural — a sinhazinha e o estudante, por exemplo —, diferente, contudo, do

público europeu. Este já começa a ter uma vivência de industrialização e de capitalismo que ainda não havia chegado à ex-colônia de Portugal. No entanto, devido à função lúdica a que me referi acima, o público do folhetim, tanto aqui quanto na França, vai ser aquele de quem não é requerido muito raciocínio; que, deparado com uma situação mirabolante e/ou patética, vai procurar a solução dos conflitos no próprio texto, que não lhe propõe qualquer reflexão. Se, por causa das exigências da escola romântica, o romance-folhetim traz embutida uma crítica moral e uma proposta idealizante de solução dos problemas sociais, estas nunca são apresentadas, requerendo a reflexão do leitor, senão a sua empatia pelo caso.

No entanto, é a partir dos romances de Eugène Sue — o qual, a rigor, propõe uma utopia social — que surge uma conscientização do público: a “descoberta” de que há problemas graves na sociedade capitalista do século XIX que precisam ser solucionados, sobretudo as injustiças sociais. É Sue, muito naturalmente, o precursor de Zola e do Naturalismo, quem vai denunciar contundentemente esses cancros, inventando o romance social.

O estilo do romance-folhetim, por outro lado, não tem qualquer compromisso com as formas literárias conhecidas e regulamentadas pelas poéticas da época. Esta é, também, uma das características da sátira menipéia estudada por Bakhtin, e um dos fatores do prosaísmo e da popularidade dos textos, que vêm preencher a função de divertimento coletivo a que se referiu Zumthor.

Entre os gêneros “acoplados” pelo romance-folhetim encontramos o dramático, sobretudo o melodrama. Num cenário descrito bastante teatralmente, descrição sobretudo dos ambientes onde se passam as ações, percebe-se que o agravamento das tensões vai progressivamente aumentando; o suspense, no entanto, é mantido, capítulo por capítulo, até o fim da narrativa, a fim de que o leitor possa ter uma perspectiva de solução dessas tensões apenas no final do livro. Essa solução, aliás, torna-se freqüentemente a mensagem principal do romance, sobretudo no folhetim ultra-romântico.

Um outro aspecto do melodrama que é adotado pelo romance-folhetim é o sensacionalismo, sempre presente em uma narrativa em que o enredo relatando amores contrariados, somados a duelos, tiros, fugas na noite, tudo isso num ambiente de noite tempestuosa cheia de relâmpagos e trovões, é comumente montado sob um

discurso fortemente sentimentalista. De um modo geral, há a tendência à comovida contemplação da desgraça humana e a um fascínio pelas situações dramáticas e apaixonantes.

Os personagens, normalmente, são tipos, estereótipos mesmo, incluindo pelo menos três principais: o herói, a heroína e o vilão. Há variações entre os protagonistas, que podem ser, por exemplo, a dupla homem honrado/mulher virtuosa, sem as conotações de extrema juventude e beleza que está por trás do tema do amor à primeira vista, já descrito por Bakhtin.

Essas longas histórias, em capítulos que terminam sempre em suspense, passam a ser encomendadas pelos jornais e, se apareciam primeiro nos rodapés, em breve já vêm em encartes que o leitor pode separar, colecionar e ter um livrinho ao fim de alguns meses. Passam de “entrada” a “prato principal”, se é que se pode usar esta analogia antropofágica.

Elas trazem sempre uma visão estereotipada da vida; não há análise psicológica dos personagens. A rigor, tratam dos pequenos grandes dramas familiares, em que há uma extrema valorização do eu, sobretudo, está claro, durante o Romantismo. O herói maravilhoso consegue vencer as forças obscuras do Mal e consegue provar a teoria do bom selvagem de Rousseau: os homens nascem puros; a sociedade corrompe-os, mas é possível a redenção.

Ainda um aspecto que deve ser ressaltado é o da atração pelo fantástico, pelo nebuloso, pelo exótico, sobretudo no romance gótico. Esses textos não dão importância à verossimilhança, sendo o maravilhoso o que deve ser priorizado, bem à maneira dos romances de cavalaria medievais.

Esse aspecto, paradoxalmente, não invalida uma última característica do romance-folhetim: o reportar-se aos fatos do cotidiano, do prosaico:

reencontramos aqui (no *fait divers*) o universo do folhetim e sua relação de causalidade muitas vezes estrambótica, sua estrutura iterativa que não é só chamariz para segurar o público mas uma cadeia de coincidências que também têm significado, subentendendo a noção de Providência. Pode-se talvez apontar para um aparente paradoxo: o folhetim, que parece o melhor exemplo de obra aberta a todos os caprichos do leitor, dócil às sempre espichadas e utilitárias invenções do autor, parece no entanto se

aproximar dessa “totalidade imanente” do *fait divers*; sua repetição estrutural acaba sendo produtora de um sentido misterioso que no entanto sempre escapa, nunca se alcança, e é precisamente o grude que mantém preso o leitor, que “sabe” perceber as “coincidências” habilmente montadas pelo autor-Providência (M. Meyer, *Folhetim: uma história*, p. 100).

O romance-folhetim, retrato idealizado do cotidiano, é, portanto, já no século XIX, um gênero popular, por atender mais à necessidade de divertimento do leitor do que à sua reflexão filosófico-metafísica. Ele é uma das primeiras manifestações da cultura de massa que emerge do seio do capitalismo na Europa industrializada, reutilizando a velha fórmula conhecida desde o romance bizantino. No Brasil, vem preencher as mesmas lacunas psicológicas, embora em uma sociedade situada na periferia do capitalismo, o que em nada lhe modifica a estrutura.

Nada disso lhe invalida o interesse. Hoje em dia, diante da amplitude do “fenômeno”, até mesmo a universidade capitulou de sua posição elitista e o está estudando. Se ele freqüentemente peca no que diz respeito à estética tradicional, do ponto de vista de uma sociologia da literatura é fundamental o seu estudo. Por outro lado, não há como negar seu interesse histórico-literário. Neste momento em que os estudos de literatura voltados para a perspectiva histórica voltam a ter um enorme trânsito nas universidades, o resgate dos textos dos romances-folhetins do século XIX torna-se objeto de pesquisa acadêmica.

Se, nos períodos de priorização do romantismo, há um sistemático recurso ao imaginário popular, o romance-folhetim romântico é um veículo privilegiado para exemplificá-lo. A evasão, outro lado dessa mesma moeda, passa a ser compreendida, após a leitura minuciosa dos textos, como tendo uma função lúdica. Esta seria uma espécie de compensação psicológica para momentos de grandes transformações sociais que aconteceram no século XIX, quando da introdução do capitalismo nas sociedades ocidentais, e que voltam a acontecer agora, neste período de fim de milênio: o pós-pós-moderno. Esperemos que a leitura das obras do passado ajude a lançar uma luz sobre o presente e que possibilite a construção de uma ponte para o futuro.

Esta antologia

Desde 1983 atuo na área de pesquisa em História da Literatura. Após terminar meus cursos de PhD em Literatura Brasileira na New York University, escolhi trabalhar no âmbito do Romantismo brasileiro com Joaquim Manuel de Macedo, no que veio a dar a dissertação de Doutorado: *Joaquim Manuel de Macedo ou os dois Macedos. A luneta mágica do II Reinado* (Rio de Janeiro, Departamento Nacional do Livro/Biblioteca Nacional, 1994).

Em fevereiro de 1995 ganhei uma bolsa do CNPq para efetivar pesquisa e resgate de textos dos romances-folhetins e dos romances em folhetins do Romantismo brasileiro. O meu projeto de pesquisa visava à publicação de uma antologia dos textos recuperados durante a pesquisa. É deles que trata esta antologia.

Como foi efetivada a escolha desses textos e quais critérios balizaram a pesquisa? Em primeiro lugar, determinei um critério para o período literário escolhido: este seria o do pleno Romantismo no Brasil, ou seja, entre 1836⁶ e 1870. Em seguida, utilizando como bússola a bibliografia do gênero existente no trabalho de José Ramos Tinhorão, escrevi à Biblioteca Nacional pedindo a verificação da existência daqueles textos em seus arquivos e microfiches. Fi-lo também com a Fundação Casa de Rui Barbosa — leia-se Plínio Doyle —, com os Reais Gabinetes Portugueses de Leitura do Rio de Janeiro, Salvador, Recife e São Luís, além da Biblioteca Mário de Andrade em São Paulo. Esta última respondeu-me rapidamente, via fax, que nada possuía do que eu havia listado. Nenhum dos Reais Gabinetes se dignou a responder à minha correspondência, o que foi plenamente compensado pela resposta sempre eficiente do meu querido amigo Dr. Plínio Doyle e das “meninas” da seção de documentação da Biblioteca Nacional.

Encontrei-me, assim, com um universo possível de textos bastante extenso. Estes iam desde *Olaya e Júlio, ou a periquita* (primeiro conto/romance publicado em revista brasileira, no ano de 1830 — antes do Romantismo, portanto), até um *Voragem*, de Macedo, da coleção de Plínio Doyle.

⁶ O primeiro romance-folhetim, no entanto, aparece apenas em 1839.

Dado o interesse de um texto como *A periquita*, incluí-o entre os que de fato pedi, embora extrapolasse o critério do período literário antes fixado por mim. É o mesmo caso do romance *Statira e Zoroastes*, de 1826. Apliquei, então, um novo critério seletivo, o do desconhecimento dos textos no século XX, ou seja, não selecionei texto algum publicado neste século para figurar na antologia. Por esse critério, todo o Alencar publicado em nossos dias foi excluído, assim como os Macedos ainda republicados. Não é o caso, por exemplo, de *Voragem*, que aqui virá transcrito, como já viram no sumário.

Por fim, de posse de uma vasta bibliografia, acumulada durante os dois anos da pesquisa, e de inúmeras obras já em papel, após a microfilmagem, pude proceder à leitura dos romances. Percebi que o número era excessivo para apenas uma antologia. Com a ajuda do professor Antonio Dimas, da USP, decidi organizar primeiramente os textos que haviam aparecido pelo menos uma vez em livro — embora apenas no século XIX. Aqueles que foram publicados somente em periódicos foram guardados e constituirão o material para um futuro trabalho.

Assim, decidi que os romances que fugiam de alguma maneira aos critérios adotados, mas que tinham algum tipo de interesse, entrariam para um apêndice. É o caso do *Statira e Zoroastes* acima mencionado. Por outro lado, digitei eu mesma os textos, a fim de lhes atualizar a ortografia. Mexi o mínimo possível, no entanto, na pontuação. Todo profissional que tem o hábito de ler os originais do Romantismo brasileiro sabe perfeitamente como a pontuação é utilizada aleatoriamente, segundo as regras contemporâneas. “Atualizei” apenas algumas distorções maiores, como, por exemplo, o predicado separado do sujeito por vírgula. Como esta não é uma edição crítica, não indiquei o lugar dessas modificações.

Cada romance escolhido tem seu próprio comentário crítico na página dedicada à biografia do autor. No entanto, é necessário esclarecer desde agora que a noção rígida de classificação interna, que possibilita hoje a diferenciação do conto, da novela e do romance, não existia na época. A palavra “romance” era empregada no lugar de “conto”, como *Os romances da semana*, de Macedo, ou os *Contos fluminenses*, de Machado de Assis. A mesma coisa acontecia com a palavra “novela”. Assim, nesta antologia do ro-

mance-folhetim, os primeiros textos que aparecem são, a rigor, contos longos.

Estes constam também de uma dessas duas antologias: *Antologia do conto romântico* e *O conto no Brasil. Os precursores*, ambas incluídas na bibliografia final, que indica, também, seu conteúdo. Como aparecem nas folhas de rosto de todas as obras recuperadas as palavras: *romance brasileiro*, ou: *novela brasílica*, decidi manter a designação original e incluí-los nesta antologia, sobretudo por causa de seu enorme valor histórico-literário.

Precursores

João Manuel Pereira da Silva

João Manuel Pereira da Silva nasceu no dia 30 de agosto de 1817, no Rio de Janeiro, e ali morreu em 1898. Foi um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras e primeiro titular da cadeira XXXIV, tomando como patrono o poeta Sousa Caldas. Foi também deputado e senador.

Pereira da Silva está entre os mais importantes precursores do romance-folhetim do começo do Romantismo brasileiro, frequentemente incluindo alusões políticas em sua prosa. Escreveu também críticas, biografias, inúmeras traduções e, ainda, sobre a História do Brasil.

Vindo de Paris, onde se havia formado em Direito, já a partir de 1838 começa a colaborar em diversas folhas literárias e jornais, entre eles a revista *Niterói* — para a qual contribuiu ainda em Paris —, o *Jornal dos Debates*, o *Jornal do Commercio*, o *Cronista*, o *Gabinete de Leitura* e o *Museu Universal*. Seus primeiros escritos de ficção aparecem no *Gabinete de Leitura*, ainda em 1837, mas o escritor vai-se notabilizar pelo jornalismo político.

O aniversário de Dom Miguel em 1828 (1839) é um romancete de influência totalmente européia. Não é possível classificá-lo com rigor como romance, novela ou conto. Faz parte daqueles trabalhos, já mencionados anteriormente, em que a precisão do gênero não existe, sem que isso venha a diminuir sua importância ou interesse. Foi classificado pelo próprio autor como “romance histórico”.

Totalmente ambientado em Portugal, esse romancete tem nítidas conotações políticas, já que foi escrito durante o conturbado momento da Regência, quando se questionava a manutenção da

Monarquia. Dado seu imenso interesse histórico-literário e o pequeno tamanho, será aqui transcrito integralmente.

O aniversário de Dom Miguel em 1828
(romance histórico)

PRÓLOGO

What beauties doth Lisboa first unfold!
Lord Byron, *Childe Harold*

Conheces tu Lisboa, amigo leitor? Viste-a algum dia banhar-se majestosamente no Tejo, e o Tejo, como que agradecido, amorosamente recebê-la, e docemente beijá-la? Sentiste acaso refrescar-te as faces sua brisa suave e perfumada? Respiraste sua atmosfera do oriente, atmosfera de paixão e de voluptuosidade, em que o murmúrio das águas do rio, o gemido do vento, o rumor da cidade, o sacudir das árvores parecem uma orquestra universal de amor, em que cada coisa da criação, desde a vaga até a planta, desde a planta até o verme, desde o verme até o homem, parecem exalar suspiros de prazer e de deleite?

É para lá que nós marchamos hoje, meu leitor. É Lisboa o teatro da história que vou narrar-vos. Deixemos por alguns momentos a nossa bela pátria e as nossas grandiosas florestas. Visitemos a terra de nossos gloriosos avós, ouçamos o gemido da guitarra portuguesa, recebamos também algumas inspirações desse país que deu ao mundo o divino Luís de Camões, desse país tão fértil, outrora tão poderoso, e hoje de todos o mais desgraçado.

Se há uma cidade grande e majestosa, que reúna em seu seio tudo o que pode encantar os sentidos, tudo o que pode cativar a imaginação, é sem dúvida Lisboa.

Edificada no melhor canto da Europa, gozando de um clima alegre, saudável e sereno, de uma atmosfera pura, branda e suave, de um céu azul-claro, tão resplandecente, e tão marchetado de brilhantes estrelas, que se diria o manto de uma imperatriz de Bi-

zâncio, colocado no meio da mais esplêndida natureza; nenhuma sultana egípcia, nenhuma odalisca de Constantinopla se espelha nas águas do Cirenaico ou do Bósforo, com mais amor e abandono do que ela o faz, debruçando-se sobre o Tejo, e brincando com suas vagas.

E não é só a natureza que ali é grande; os feitos dos homens antigos — que os de hoje nada valem — são dignos também de serem contados, e de passar à posteridade.

Não se admira somente o Tejo que, rolando suas águas tão brancas como o diamante, através de campinas cultivadas, de quintas majestosas e de lindos pomares, atravessado por mil barcas ligeiras, por navios de todas as grandezas, e de todos os países, vem, como um amante fiel e submisso, curvar-se humildemente aos pés da soberba cidade, e trazer-lhe de mimo as preciosidades dos outros povos, os perfumes da Ásia, as pérolas da África e os tesouros da América.

Não se admira somente os formosos sítios, as amenas planícies, e as sete montanhas pitorescas sobre que se assenta Lisboa, como se fora a Roma dos modernos tempos, tendo por toga consular o cinto magnífico de seus palácios, e, por coroa de flores e de ramos, os zimbórios de seus conventos e as torres de suas igrejas.

Há coisas mais belas e mais esplêndidas ainda, e devidas aos esforços dos homens. Há monumentos primorosos, soberbos edifícios, que transmitirão eternamente aos séculos futuros a glória do povo lusitano.

E se vos não contentais com os que se encerram dentro em seus muros, se vos não agradam o seu palácio da Ajuda, o seu terceiro do Paço, os seus aquedutos, o seu porto, o seu S. Carlos, a sua estátua equestre, as suas igrejas do Coração de Jesus, S. Vicente de Fora, e Jerônimo, ali mesmo a seu lado, vizinhos a ela, como partes dela, encontrareis Belém com seus lindos jardins, Mafra com seu grandioso convento, Sintra com suas belas quintas, e Almada com suas vistas pitorescas.

Mas, como é lei inexorável do fado que não haja beleza sem senão, Lisboa há por vezes sido vítima dos mais atrozes acontecimentos; erupções da terra, sublevações do povo, anarquia dos nobres, despotismos dos reis e enchentes do rio, tudo a tem assolado e perseguido. E essas tristes cenas que se produziram em seu seio,

lhe fizeram perder a reminiscência de sua antiga glória, e olvidar os altos feitos de seus filhos.

É por isso que, ingrata e inconstante, ela se esquece cedo daqueles que há pouco adorara como deuses; é por isso que seus monarcas têm aparecido e desaparecido, e ela se há conservado sem deles guardar a memória. Que lhe importa que reine hoje Miguel ou Maria, que governe Passos ou Palmela, contanto que sua vida se passe em contínuo divertimento, contanto que lhe não falem festas, jogos de entrudo, procissões religiosas, arcos de triunfo e fogos de artifício; contanto que seus dias sejam alegres, suas noites de voluptuosidade e seus sonhos de ouro!

Que sinais deixaram nessa terra tantos diversos dominadores que, seduzidos por sua doçura e beleza, têm vindo aí procurar abrigo? Passaram os tempos Romanos, e apenas um ou outro resto de mármore quebrado manifesta a sua aparição. Passaram os árabes, os sarracenos, os castelhanos, os mesmos fenícios e os cruzados, e as únicas reminiscências que restam deles são essas árvores frutíferas que tão bem ali se aclimataram, o loureiro, a rosa da Lacônia, a palmeira do Egipto, o carvalho do Helicão, o cipreste da Itália, a figueira de Túnis e Argel.

Eis tudo o que resta de tantos povos diferentes que dominaram esse punhado de bravos, esse torrão abençoado. Eis tudo: e as igrejas que existem, os templos que sobram, os edifícios que restam são obras todas de lusitanos. Mas esses lusitanos, dignos de sua mãe, fiéis à sua pátria, cumpridores de suas promessas, esses homens que sabiam combater e amar, enristar a lança e entoar cânticos apaixonados, passaram por uma vez; o último deles dorme o sono eterno sobre o sepulcro de Gomes Freire de Andrade.

I

Salut, murs de Palerme!
Delavigne, *Vêpres Siciliennes*

O sol começava a desaparecer, e seus raios, despedindo amortecidos, pareciam riscar na atmosfera linhas de ouro. O céu

estava sereno e claro, a tarde fresca, e a noite prometia revelar novas belezas.

Entrava nesse momento em Lisboa um jovem que denotava ter de idade vinte e seis anos. Seu rosto melancólico, sua nobre fisionomia e sua figura lhe atraíam necessariamente a simpatia geral.

Encaminhou-se por uma pequena e estreita rua e dirigiu-se para uma casa baixa e escura. Uma velha criada o esperava à porta, e, apenas o avistou, não pôde conter o pranto que lhe saltava dos olhos...

Passaram por um tristonho corredor e chegaram a uma sala aonde se achava, sentado sobre uma velha poltrona, um ancião respeitável, em quem a idade, os trabalhos e a dor não puderam sufocar o fogo e o entusiasmo da mocidade.

— Meu pai, meu querido pai! gritou-lhe o jovem, lançando-se a seus braços e beijando-lhe as mãos.

Houve alguns minutos de silêncio em que as palavras morreram nos lábios de ambos, em que só os seus suspiros ecoavam na sala. A velha criada observava esta cena admirável de ternura e de amor, toda banhada em lágrimas. O ancião foi o primeiro que começou a falar.

— Como ousaste vir a Lisboa, infeliz? Para que deixaste lugar seguro e livre para te entregares por esse modo nas mãos dos teus perseguidores?

— Oh! meu querido pai! O fado, o terrível fado assim o decidiu. Eu não podia viver; sentia longe de Portugal definharem-se minhas forças, morrer meu corpo, embrutecer-se minha inteligência. Rever a pátria e morrer!... saudar seus muros, respirar sua atmosfera, sentir sua brisa, é o que constitui a vida, é o que liga o homem à terra.

— E teus inimigos? E a sentença que contra ti se lavrou? E a dor que vais causar a teu velho pai, a teus parentes? E a vergonha de expiar em um cadafalso, como se foras algum facinoroso?

O jovem deixou então livremente correrem suas lágrimas, lembrando-se do tempo em que ele de contente não podia conter-se na esfera de tamanha dita. Sua imaginação lhe trouxe os sonhos dourados da infância, quando o futuro se perdia no meio de esperanças ilusórias de felicidades, quando o passado lhe marcava uma estrada de flores, e no presente se cifravam todos os seus desejos.

Aproximou-se à janela da casa paterna, e ao ver o povo que se precipitava nas ruas, a cidade que se preparava para uma festa, a alegria que ressumbrava em todos os semblantes, mais ainda se lhe oprimiu de dor o coração.

Apenas soaram ave-marias, o jovem, sem atender aos conselhos paternos, precipitou-se fora de casa, e perdeu-se pelas ruas de Lisboa.

Seus passos o conduziram para as margens do Tejo, e aí deixou-se cair sobre um assento de pedra e deu novas folgas a seu sofrimento.

Em todas as praças de Lisboa se haviam elevado arcos de triunfo para celebrar o aniversário de D. Miguel I. Girândolas de fogos, luminárias por toda a parte se preparavam, e o povo se divertia e dançava; enquanto o duro despotismo lhe sorvia até o último sopro de vida, enquanto a glória da Lusitânia desaparecia e se sumia, como se fora um sonho, enquanto o futuro da pátria se envolvia em negro véu, enquanto enfim os mais ilustres, os honrados descendentes de Albuquerque, mendigavam, em estranhos lares, o pão do desterro! Ai do povo que assim obra! Ai da nação que assim dorme!

Neste momento uma música suave e branda veio arrancá-lo a seus pensamentos melancólicos. — Era o hino de D. Miguel, composto por um Português. — Hinos em honra de déspotas, de que vos admirais? Que Nero não teve lisonjeiros e escravos? Que Calígula não teve a suas ordens uma coorte de homens sem pejo, sem sentimentos, sem consciência de si próprios, que aplaudiam a todos os seus crimes, que incensavam a todas as suas torpezas, e que, para mor vergonha do espírito humano, com o rosto alegre, a face risonha, humildemente beijavam a terra pisada por seus bem-aventurados pés?

Bandos de gente corriam as ruas de contente, dando vivas repetidos a el-rei, e entre esses vivas, de quando em quando se faziam ouvir alguns gritos de — *morte aos malhados*. — Eis aqui a alegria infernal e satânica desses escravos! Contraste sublime e digno da orgia de 26 de outubro de 1828!

O jovem ergueu-se furioso, notando tanta infâmia nos seus compatriotas. — Ele que, com orgulho, se declarara sempre português, pela primeira vez na vida se envergonhou deste nome!

— Já que não tenho pátria, disse ele, já que Portugal desceu ao sepulcro com a liberdade, já que não há honra, não há pundonor, não há sentimento nobre por quem combater, só para ela viverei, ela única me resta! Escravos! Escravos!

Sentiu neste momento a mão de um homem que lhe batia sobre o ombro; virou-se para ele, e, dando um grito de espanto, reconheceu-o.

— Oh! sempre tu adiante de mim? Que me queres enfim?

— A tua vida.

— Pois bem, combatamos como nossos avoengos; que um de nós morra às mãos do outro!

— Não, mas que tu morras sobre o cadafalso!

— Infame! — E pronunciando esta palavra, quer o jovem precipitar-se sobre o desconhecido, mas já ele havia desaparecido.

Então um tremor inesperado se apoderou de seu espírito, e obrigou-o a recordar-se dos atos sanguinários com que se haviam manchado os inimigos da sua pátria: a fuga lhe pareceu o único meio conveniente à sua salvação.

— Mas sem vê-la, disse ele consigo... Vir a Lisboa expressamente por causa dela, trazido por este amor desgraçado que é minha vida e minha morte, minha salvação e minha perda, e desampará-la sem a ver! Não, nunca o poderei fazer. Já que me não resta senão ela, sacrifique-lhe eu embora minha vida, embora me espere a morte!

E foi seguindo pela margem do Tejo até sair de Lisboa.

Marcharia acaso para o cadafalso ou para a ventura?

II

Do teu príncipe ali te respondiam
As lembranças que n'alma lhe moravam.

Camões, *Os Lusíadas*

Recostada a um canapé que ficava perto da janela de uma quinta que dava sobre o Tejo, e distando uma milha de Lisboa, estava uma jovem e bela senhora.

A lua, majestosamente colocada no meio do firmamento, deixava cair raios tão claros, tão puros, tão suaves que a terra se regozijava de amor... Era tal a sua claridade que a noite se assemelhava ao dia mais belo.

Muitas barcas ligeiras, todas iluminadas, brincavam no Tejo, como para tomar parte no festejo da natureza. Havia em algumas bandos de música, que repercutindo nos ares sons maviosos e alegres, convidavam ao prazer aqueles mesmos que eram, de há muito, a eles desafetos.

E ao longe se avistava a capital de Lísia, erguendo ao céu seus zimbórios e suas torres resplandcentes de fogos de mil cores diversas...

No meio desta alegria que parecia universal, no meio destas demonstrações de júbilo que os astros, a terra, o rio e os homens altamente manifestavam, havia alguém que sofria e que chorava...

Era ela... Erguendo-se apenas do leito, a que uma sesta suave a havia convidado, acabava de ter um sonho terrível e ameaçador que a penalizava no mais último dos seus sentimentos.

O cadáver do seu amante apareceu-lhe dependurado em um cadafalso; seus braços estavam inteiramente mutilados; sua fisionomia pisada, e seu corpo causava horror à primeira vista. Viam-se nele sinais mais evidentes da horrível tortura que sofrera...

Seu nome passava de boca em boca no meio de uma multidão frenética, e vibrava ao longe, recebendo não equívocas provas de desprezo e de infâmia, como se fora o apelido de um desses monstros que não poluído a espécie humana...

Um aplauso universal ecoou quando o algoz, cortando-lhe a cabeça, a ergueu pelos cabelos, e a levantando bem alto para ser de todos vista e conhecida, exclamou em agudas vozes: — *É a cabeça de um infame malhado!*

Trêmula e sobressaltada pulou fora do leito, aproximou-se da janela, e sem reparar na desordem de seus vestidos, no desgrenhado de seus cabelos, sem prestar atenção ao que em torno dela se passava, caiu em um acesso de melancolia e deixou perder-se seu pensamento através de umas fagueiras e doces reminiscências de outrora, combinadas com os sentimentos dolorosos que n'alma lhe havia gravado sua imaginação, durante o sonho que tão terrivelmente a maltratara.

É o momento da melancolia e da tristeza o mais próprio para se admirar as perfeições de qualquer senhora. Nesse instante ela se esquece de si, do mundo que a rodeia e a observa, das etiquetas e constrangimentos que impõe a sociedade, e toda se abandona à expressão de dor verdadeira e sincera, que é o estado natural da criatura. Se é formosa, seus atrativos melhor se patenteiam, suas graças melhor se desenvolvem, seus encantos mais sobressaem. Quando porém não fosse ela pela natureza tratada com o desvelo de uma mãe carinhosa e amante, assim mesmo o estado de dor lhe é propício, porque lhe realça aquela parte mais favorecida, e oculta sob o peso do sofrimento, debaixo do véu das lágrimas, suas incoerências e equívocos.

Entretanto a jovem donzela, para ser admirada, não precisava mais do que se mostrar; seus encantos eram tão salientes, suas graças tão relevantes, seus atrativos tão sublimes que mais parecia fada ou anjo do que criatura humana.

Seus olhos castanhos dardejavam raios de amor tão vivos e tão brilhantes que, dos mais precavidos contra os encantos senhoris, desses mesmos indiferentes que vegetam mas que não vivem, que falam mas que não sentem, duvido que um só houvesse que resistisse a seu fogo... Uni à perfeição desses olhos umas lágrimas de pérola que caem, e uma dor íntima que mais os aformoseia; acrescentai-lhe uns cabelos louro-castanhos que, como fios de ouro, deslizam sobre seus ombros alvíssimos e sabiamente arredondados; um nariz pequeno, delicado, perfeito, uns lábios de rosa, uns dentes de marfim, um colo de anjo, uma fisionomia espirituosa, penetrante e denotando mesmo bastante altivez e amor-próprio, um corpo enfim sublimemente formado; dai-lhe agora o mais belo de todos os nomes, o de *Maria*, e tereis um, ainda que fraco, pequeno esboço dos encantos e perfeições da linda portuguesa.

— Se fosse verdadeiro este sonho, decerto que eu não poderia mais viver! Não basta a ausência cruel para eternamente me fazer desgraçada? É de mister ainda que a morte o roube à terra? Oh! minha vida é um sonho sem a dele.

E a cidade se havia toda iluminado; as salvas de artilharia e os gritos do povo e os repiques do sino formavam um espetáculo majestoso; e entretanto parece que Maria o não percebia, porque seus olhos procuravam antes o Tejo, como quem lhe rogava algum

favor, do que se dedicavam ao panorama sublime, que se desenrolava ao longe.

Sobre a mesa estava aberto o livro dos *Lusíadas* na página a mais terna e melancólica. O autor, distante da pátria, chorava por D. Catarina de Ataíde, que tanto amara, e por amor de quem sofrera o exílio, e, como que desesperado do seu destino, escrevia os seguintes versos:

Terra em que pôr os pés me falecia...
 Ar para respirar se me negava...
 Os trabalhos me vão levando ao rio
 Do negro esquecimento eterno sono...

Como se tornavam idênticos os destinos de ambos! O poeta, pungido no mais íntimo da alma, carpia a sua sorte e apelava para a posteridade da crueza de seus contemporâneos. Maria, sem poder vingar-se tão solenemente, compreendia entretanto naquele momento, mais que ninguém, a força dos sentimentos e da dor que dominavam Luís de Camões.

E voltando seus olhos casualmente, descobriu no fundo do quarto um homem de bela estatura e que parecia admirá-la. Ela sentiu seu coração bater fortemente e a voz lhe faltar.

Ele, por sua parte, lhe não deu tempo para reconhecê-lo e pronunciar seu nome, porque em um instante lançou-se a seus pés.

Era Frederico!

III

Für mich, für mich er ist gestorben.
 Schiller, *Dom Carlos*

Ninguém poderá descrever o que sentiam os dois amantes, nos braços um do outro, depois de tão larga ausência, depois de tantas lágrimas vertidas, de tanto pranto derramado! As palavras morriam-lhes nos lábios, nos olhos brilhava a alegria a mais pura e angélica, e o coração batia-lhes com uma força desusada. Eles estavam ali,

ao lado um do outro, com os olhos cravados um no outro, com os braços atravessados, e os lábios unindo-se e envermelhecendo, como carmim... E não pensavam, sequer, no seu destino, na sua sorte, no seu futuro! não cuidavam que ferros talvez os esperavam, que a morte talvez se regozijava de antemão com a sua vista: imprudentes, que tudo esquecem nesses momentos! Pai, pátria, família que são a seus olhos? Honra, pundonor, vida, como não passam de sonhadas visões!

Se no mundo certamente existe alguma coisa forte, energética, e ao mesmo tempo doce, que possa dar uma voz aos objetos inanimados, que empreste uma linguagem aos menores incidentes, que modere o ímpeto das dores, e nos faça olvidar os pesares que nos hão atormentado; se há na vida uma força superior a tudo, única real e verdadeira; se há no coração do homem um sentimento interno, que o sustenta através dos dias tristes, que o embala nas noites solitárias; se há na imaginação um sopro imperceptível, uma idéia suave, uma religião, enfim, donde possa emanar toda a poesia da vida, todos os nossos êxtases, nossas venturas, nossas glórias, dai-lhe o nome que quizerdes, mas decerto que tudo isso exprime a palavra — amor.

— Que fizeste? dizia Maria com um acento tão terno, com uma voz tão melodiosa. Pensaste acaso em mim, durante esta terrível ausência? Qual a idéia que te dominava, a de tua amante? Oh! se soubesses, tenho ciúmes até dos teus próprios pensamentos, desejaria que todos a mim se dirigissem!

— Oh! Maria, existir longe de ti é ter os olhos rodeados de trevas, é ter uma dor contínua e eterna no coração! É sentir que todos os dias se morre sem nunca se acabar de morrer! É estar encarcerado em uma prisão sem claridade, perdido em um deserto sem guia, em um mar sem baixel! É enfim não viver, não pensar, não saber mais coisa alguma! O que eu fiz, ignoro; o que senti, foi isto.

— E eu também, eu também, eu também! Oh! como nossos corações se conheciam, como eles se falavam, como eles se compreendiam, embora a distância os houvesse separado, embora a ausência os tivesse atormentado! Oh! meu Deus! Como sofri! Como chorei! E quando ouvi tua voz, fiquei alucinada, estática, não sabia dizer-te coisa alguma, não sabia mesmo onde estava.

Assenta-te, assenta-te aqui a meu lado, como outrora estavas... mas não, vamos à janela, vejamos essa festa que se prepara, olhemos, admiremos esses fogos; parece que eles foram feitos para nós, parece que esta cidade partilha nossas alegrias, saúda a tua vinda. Oh! Frederico, Frederico, se me dessem a escolha entre o paraíso e ti, decerto que eu te preferiria!

E assim eles passavam instantes que melhor seria aplicar à fuga; assim se entretinham e se enganavam mutuamente.

A vista porém da cidade causou diversa impressão em Frederico. Suas idéias de política se apoderaram do seu espírito; recordou-se da sua pátria escravizada pelo usurpador e seus satélites; lembrou-se da glória de seus antepassados e da miséria presente. Só havia no meio do oceano uma pequena ilha que conservava os vestígios de sua antiga grandeza, ilha de bravos, de heróis — a *Terceira*.

O pranto umedeceu imediatamente suas faces, e à alegria, que até então radiara no seu semblante, veio suceder a melancolia e a dor que lhe havia causado a reminiscência de passados tempos...

Neste momento, como que se distinguiram algumas vozes que se aproximavam da quinta. Pouco a pouco elas foram crescendo, engrossando-se, e chegavam aos ouvidos de Frederico como se fossem o murmúrio das vagas do mar, quando sacudidas pela força de uma tempestade. Ele sentiu correr um suor frio pelo seu corpo; dir-se-ia um triste presságio.

E Maria continuava a falar-lhe, e a sua inquietação lhe não permitia escutar sua bela amante que, com olhos de tanta ternura, admirava a elegância de seu rosto. À claridade de muitos archotes que estavam nas estradas, viu ele um grande número de soldados armados, que pareciam pesquisar alguma coisa, ou correr após de alguém...

Qual não foi sua admiração quando à sua frente, como que os guiando, reconheceu ele um homem embrulhado em um capote. Era aquele mesmo que já lhe havia falado nessa noite, no terreiro do Paço!

— Maria, Maria, vêes tu aquele homem? disse-lhe ele com a voz trêmula. Acaso o não conheces? Não te lembras daquele médico que ousou amar-te, e que não podendo ser por ti correspondido, tem-me por toda parte perseguido, e procura em mim saciar seu

furor e sua vingança? Pois olha, ei-lo ali, à frente desses soldados do tirano. E sabes quem procura? A mim, sim, a mim.

— E corres perigo? E para que mo não disseste há mais tempo? Para que me quiseste assim iludir?

— Oh! esse homem é hoje todo-poderoso e influente na corte! Escravo humilde do tirano, é um daqueles que maiores crimes há cometido. Português degenerado, ele denuncia seus compatriotas, serve de testemunha em seus processos, e prepara-lhes o cadafalso, procurando por esse meio merecer do usurpador o título de *Físico-Mor*! Ei-lo que para aqui se dirige; vai sem dúvida tudo pesquisar, encontrar-me-á, e morrerei sem ser vingado, morrerei como um vil, como um celerado!

— Oh! meu Deus! meu Deus! E por mim ele se sacrificou!

— Sim, por ti, por ti somente; eu nada tinha que esperar neste país senão a morte; preferi morrer, mas vendo-te; a vida distante de ti tornava-se para mim um peso cruel!

— Salva-o, ó Deus! gritou a donzela, e ajoelhou-se diante de um crucifixo que estava pendurado na parede. A imagem do Redentor do mundo, pregada em uma cruz, onde tantos martírios havia Ele sofrido dos homens, e a bem dos homens, pareceu a Maria a única salvação de seu amante. E parece que o Senhor a ouviu, porque no mesmo instante gritou-lhe Frederico da janela: Estou salvo! estou salvo!

E ambos pareciam querer chorar de prazer!

— Maria, não tens por aqui um hábito de frade, ou manto de qualquer irmandade, com que eu me cubra, e escape de suas garras?

A donzela gritou pelo criado velho da casa, e este não tardou a vir.

— És um homem religioso, disse-lhe Frederico, e pertences sem dúvida a alguma irmandade?

— Sim, meu amo, sou da irmandade de S. Vicente.

— Eu tenho uma penitência a cumprir, vai buscar o teu hábito, empresta-mo. Eis aqui para compensar-te o trabalho!

E atirou-lhe com uma bolsa de dinheiro; o velho, cheio de alegria por aquela vista, não se fez rogar a segunda vez, correu a seu quarto, e trouxe imediatamente o hábito. Frederico em um instante envolveu-se nele, e cobriu a cabeça com o capuz. Ouviu-se logo

um rumor de armas perto da quinta, e muitos soldados estavam já para assaltá-la.

— Maria, disse-lhe Frederico, talvez bastantes dias se passem sem que eu te veja, mas nada será capaz de arrancar tua imagem do meu coração, tua lembrança de minha alma. Eu te amo, e nunca amarei a mais ninguém. Adeus, e seja qual for o destino que me espera, nunca esqueças aquele que, por te ver, sacrificou a sua liberdade e vida.

E dando-lhe um beijo na fronte, com a castidade de um irmão, rapidamente desapareceu. Ela correu à janela, seguiu-o com os olhos, e vendo-o entrar no meio de uma procissão de frades e de irmãos, levantou os olhos aos céus, ajoelhou-se e, com a expressão do mais puro reconhecimento e humildade, agradeceu a Deus tão distinto favor!

Ele havia conseguido salvar-se!

IV

A horse, a horse, my kingdom for a horse!
Shakespeare, *Richard the Third*

Ainda não havia decorrido um quarto de hora e já a quinta tinha sido toda revistada por aqueles soldados armados. Maria conservava-se à mesma janela, sem prestar atenção ao que dentro se fazia, e só procurando ver o que fora se passava. O velho criado, meio atônito, com os braços cruzados, como que esperava suas ordens. Esta parte da casa não foi poupada pelos esbirros: eles entraram, tendo à frente seu chefe...

— Com que direito, disse-lhes com orgulho Maria, violentais a propriedade de um indivíduo?

— Por ordem do nosso senhor e rei D. Miguel I, respondeu-lhe a personagem de que hemos já falado. Aqui refugiou-se um vassalo rebelde de S. Majestade, um revolucionário condenado à morte; viemo-lo buscar.

— Procurai-o, replicou ela, lançando-lhe um olhar de desprezo.

— Mulher orgulhosa! disse-lhe ele avançando-se para ela.

— Recuai para longe de mim; certamente el-rei vos não deu o direito de insultar-me!

Ele estremeceu a estas palavras tão decididas e pronunciadas com um acento firme e enérgico. Só se lhe ouviu baixa e roucamente dizer entre dentes:

— Eu o apanharei, e ele tudo me pagará; mas acaso serei físico-mor?

Procuraram por toda a parte, revolveram todos os cantos, e não puderam encontrar aquele por quem tudo dariam.

— Entretanto ele aqui entrou; e para sair seria de mister disfarçar-se, disse consigo o chefe.

De repente veio-lhe uma terrível idéia; persuadido de que nenhum esclarecimento poderia obter da donzela, virou-se para o velho criado, e, com voz de estertor, lhe gritou:

— Onde está aquele homem que aqui entrou? Tu me darás conta dele, ou senão ficarás preso em seu lugar.

O criado pôs-se a tremer... Já lhe parecia ver a prisão, a goni-lha e a força reservadas para ele... mal pôde balbuciar estas frases que apenas se entenderam:

— Eu juro a V. Ex^a, por São Pedro que tem as chaves do céu...

— Nada me jures, que juras falso. Entrou nesta quinta um homem; é de mister que me dê conta dele, escondesse-se ou fugisse.

— Nada sei, Exm^o senhor...; pergunte à senhora, que melhor poderá responder!

A infeliz donzela parecia atacada por um raio; seu rosto perdeu as mimosas cores que o aformoseavam; seu espírito pareceu envolver-se em uma noite escura: trêmula e convulsa, ela lançou um olhar de compaixão sobre o infeliz criado e seu interlocutor.

Um riso sardônico correu pelos lábios deste último.

— Ah! já pedes misericórdia, já te curvas! Breve mais ainda te abaixarás —, disse ele consigo, e continuou a interrogar o criado, ameaçou-o com a prisão, com castigos os mais atrozes, com tormentos os mais duros... e o miserável atraiçoou a Frederico!

— Oh! agora ei-lo em minhas mãos! Não me escaparás mais! Segue-me, miserável; tu melhor que ninguém conhecerás teu hábito! Meus bravos, el-rei promete cem doblas a quem o prender! Vinde...

— Piedade, disse-lhe Maria; esperai, que aquele de quem fala esse desgraçado não é o mesmo que procurais. Quem esteve aqui foi um pintor, vassalo fiel de S. Majestade! Piedade, senhor!

— Ah! já sabeis quem eu procuro, e reconheceis-me agora? E ainda ousais por ele interceder! Enganai-vos, senhora, se me julgais dotado de caráter tão baixo... Eu deixá-lo fugir, salvá-lo! Isto é sonho!

E sem se dignar dizer-lhe mais uma palavra, saiu com os soldados e dirigiu-se para o lado de Lisboa, para onde se havia encaminhado a procissão em que fora Frederico...

Em que estado ficaria a infeliz donzela!

Como as pessoas que formavam a procissão marchavam lentamente, e de quando em quando paravam para cantar os salmos, apenas entrava na cidade, quando foi encontrada pelos perseguidores de Frederico. À ordem do chefe do bando, fez alto e esperou suas ordens.

Esta cena apresentava alguma coisa de terrível, misteriosa e singular. O imenso povo, os sacerdotes, as ordens monásticas, as irmandades populares, todos sustentando tochas acesas e archotes, e rodeados de uma multidão de soldados, sobre cuja fisionomia refletiam todas essas luzes, formavam um espetáculo majestoso e terrível, um quadro pomposo a que se não estava acostumado em Lisboa, senão depois da época da usurpação do trono.

— Em nome d'el-rei, nosso senhor, D. Miguel I, fazei alto! e deixai-me procurar entre vós um criminoso ateu!

Apenas pronunciou o chefe dos soldados estas terríveis palavras, todos bateram nos peitos e benzeram-se. Houve quem se ajoelhasse!... Ainda tanta era a superstição!

Um suor frio percorreu os membros de Frederico; ele viu-se perdido de uma vez, e perdido sem esperança... Neste momento o seu terrível inimigo, acompanhado pelo velho criado, começou a examinar todos os irmãos que se cobriam com o hábito de S. Vicente.

Quando se chegou para ele, Frederico se não pôde conter e despindo-se em um momento do maldito hábito, lançou-o aos pés e atirou-se por entre aquela multidão atônita, que estremecia e rezava!

O Tejo perto estava... Ele seguiu sua direção. Era o único meio de salvar-se... Com dificuldade inaudita consegue chegar às suas ribas, e com o pensamento em Deus e em sua amada, ei-lo, de um salto, que se precipita no rio!...

As ondas o receberam e o cobriram.

— Depressa, depressa barcas! grita o seu inimigo. Não percamos um instante! Cem doblas a quem o apanhar!

E todos se atiraram no Tejo, para ganhar o prêmio da infâmia e da perfídia. Um sem número de barcas cobriram breve o rio; todos os olhos estavam fixados sobre a praia; todos os pensamentos se dirigiam para o terrível teatro... Como escapar-lhes?... Frederico foi preso.

Apresentado ao chefe, este com um sorriso satânico lhe perguntou se se recordava do que lhe havia ele dito no terreiro do paço.

— Então já sabes como se cumprem promessas? Conheces-me tu bem? Recordas-te daquela noite, há já dois anos, em que à tua vista, em tua presença, ela me mandou sair de sua casa, como se fora um vil criado, um miserável galego? Oh! a vingança veio tarde, mas realizou-se por fim. E agora o triunfo é meu, a vitória minha. Conduzido à prisão, só sairás dela para saudares o cadafalso, para um por um saboreares todos os martírios de uma morte lenta e ignominiosa. Não te esqueças de mim, Frederico, não te esqueças do físico-mor do reino!

— Ainda o não és!

Esta palavra bastou para destruir todas as idéias do chefe. Sua ambição ao lugar o havia por tal forma alucinado, que a idéia de ainda não ser o que pretendia era mais do que suficiente para profundamente magoá-lo. Ele queria desde já ser por tal conhecido.

— Mas breve o serei, e teu cadáver será um dos degraus de que me servirei para chegar a essa dignidade. Frederico, minha vingança é digna!

— Sim, digna de um malvado, de um escravo do usurpador, respondeu-lhe Frederico. A minha, eu a encarrego a Deus, a meus compatriotas e à posteridade!...

V

Qui non si trova mai anima buona.

Dante, *Inferno*

As salas do Palácio das Necessidades brilhavam nessa noite com um luxo nunca visto de luzes, adornos e magnificência. Toda

a corte portuguesa que seguira o partido do usurpador ali se achava, saudando o seu monarca, manifestando o seu júbilo, e insultando os seus inimigos na desgraça. Fatal condição daquele que por uma vez vende sua liberdade! É forçado a curvar-se aos caprichos de seu senhor, a calar seus sentimentos de homem, a regozijar-se com o sangue de seus semelhantes, a perseguir os infelizes, a mal-dizer os desgraçados! Nunca Breno, quando lançou sua espada na balança que devia pesar o ouro dado pelos romanos aos vencedores, pensou que em tempos tão remotos conseguiria ter tão grande número de indivíduos que cumprissem à risca sua terrível máxima — *vae victis* — Ai de todos os vencidos!

Entre a multidão de homens que mais se faziam notar, decerto que muito figuravam o duque de Cadaval, o marquês de Chaves, os condes de Ega e Póvoa. A usurpação do trono de D. Maria II havia sido feita para eles principalmente. Nunca tais nulidades subiriam fora da esfera mesquinha em que se achavam, a não ser pela venda que fizeram ao tirano de suas almas e de seus corpos. O célebre Guião e Barbacena, a *coquette* condessa da Póvoa, também ganharam celebridade em tão distinto lugar...

Como um dos primeiros mestre-salas, como uma personagem importante, se inculcava naquela orgia, chamada por eles — *baile*, o ambicioso médico, adversário tão declarado e tão decidido do infeliz Frederico.

“Brilhantes cavalheiros e belas damas! disse consigo um pobre velho, coberto com as vestes de criado, e que mais digno era sem dúvida de ser amo do que todos esses indivíduos de quem falamos. Deve el-rei estar contente... Há bastantes moças para seus deboches, bastantes homens para suas comissões de sangue! Como vai Portugal!”

Um velho aproximou-se então dele e chamou-o pelo seu nome. Francisco reconheceu o seu interlocutor, e admirado pelo ver ali, naquele lugar, com vestes não próprias para bailes, mas denotando aflição e dor, perguntou-lhe a sua pretensão.

— Pois ainda ignoras, respondeu-lhe o ancião, que meu filho Frederico voltou à sua desgraçada pátria, foi nela imediatamente reconhecido e, há bem poucas horas, que foi preso?... Quero falar a el-rei, e quero pedir-lhe de joelhos seu perdão, quero comovê-lo com minha dor, vencê-lo com minhas lágrimas. Francisco, se a

amizade ainda dura em teu peito, faze que eu obtenha minha pretensão.

— Farei.

— Obrigado, mil vezes obrigado, meu bom Francisco. Mas vê que talvez corras risco de perder-te!

— Penso unicamente que mais vale obedecer à voz de minha consciência, do que às ordens que me deram.

E o bom Francisco escondeu o ancião em um pequeno gabinete, procurando depois ocasião para o servir. Ela não tardou a apresentar-se, e D. Miguel, passando por aquele aposento, viu a seus pés curvar-se o velho, e sem mesmo pensar no que dizia, ocupado como estava em coisas fúteis, prometeu-lhe o que ele pedia!

E quando o ia deixando, apareceu-lhe o médico a quem ele, com ares de soldado, ordenou que fosse falar ao ministro, para perdoar ao filho do infeliz ancião que ali se achava. O médico, com toda a hipocrisia necessária, aproximou-se d'el-rei e baixo lhe disse:

— Senhor, V. M. tudo pode fazer, e tudo quanto faz é bem feito; mas permita a este seu humilíssimo servo que ouse assegurar-lhe que o homem a quem quer perdoar é um dos mais exaltados inimigos do seu trono, é um dos que pegaram em armas contra V. M., deram vivas à filha de seu irmão, e morras a V. M. real e legítimo herdeiro da coroa portuguesa: e demais, para servir a V. M., fui eu próprio que o preendi!... Como quer que agora o solte?... Está condenado à morte.

— Então, não; cumpra-se a sua sentença. Ele o fez, ele que o pague. Queria ferir-me com ferro, com ferro seja ferido! Ah! ah! meu velho, você tem filhos revolucionários!... Queira Deus que eu não lhe mande fazer o mesmo! Ande lá! Força com os desordeiros!

O ancião ergueu-se então do chão e, com os olhos cintilando fogo, com o peito batendo descompassadamente, disse a el-rei:

— V. M., senhor, prometeu-me o perdão de meu filho; a palavra de um monarca deve ser sagrada!

— Ele é dos tais! Tome sentido comigo, que não sou para graças! replicou-lhe D. Miguel com o seu ar brutal e suas palavras baixas e incivis, e quis partir; mas o velho colocou-se diante dele, duro e rijo como se fora um valente guerreiro, com o gesto majestoso e o porte altivo. Assemelhava-se nesta posição a uma das

belas estátuas antigas, que têm atravessado os séculos, e ensinando aos modernos a perfeição da escultura.

— V. M. falta à sua palavra... disse-lhe com uma voz forte, e toda a corte aproximou-se do lugar em que esta cena se passava.

— Arredai este doido daqui, grita D. Miguel.

— Senhor, continuou o ancião, o perjúrio é infame, e basta por si só para denegrir o reinado do maior dos reis da terra. Quer V. M. forçar o povo a aborrecer e desprezar seu governo, que já tanta gente de bem aborrece e despreza!

— Prendei este homem! bramando de fúria, exclamou D. Miguel, e vendo que ninguém ousava cumprir sua ordem, e como era de natureza timorato e covarde, procurou esconder-se e desaparecer entre os que o cercavam.

— Nada tema de mim V. M., sorrindo de piedade disse o velho. Tema do futuro. Se fosse eu o único que tivesse de queixar-me de seu governo, decerto que eu me calaria; mas Portugal tem muitas contas a ajustar com ele, porque Portugal é hoje um país de desolação, onde passeia alegre a morte, assassinando em nome d'el-rei; onde se olvidou a honra, o pundonor, o brio e todos os sentimentos nobres; onde se desprezam os homens virtuosos e bravos, e só se premiam os algozes; onde se despovoam as casas para se povoar os cemitérios, e tudo por ordem d'el-rei; onde o monarca, por graça de Deus, e por direito de legitimidade, faz com tanta perfeição a felicidade do seu país, que todas as vezes que qualquer vê uma força levantada e uma cabeça decepada, diz corrido de vergonha: — D. Miguel por ali passou!

— Insolente!... Olá guardas!... E o monarca, que até ali tão ufano se mostrara, estremeceu de medo; e o velho prosseguia:

— Verdade é que tudo isto se compensa. Enquanto geme e chora o povo, a corte zomba e dança; corre sangue nas ruas, aqui salta o vinho e os licores. O povo morre de fome; que importa isso? Os cortesãos tiveram uma ceia esplêndida que S. M. lhes prepara. Enforcaram ontem duas vítimas do despotismo, hoje el-rei dançará duas contradanças!... Ah! Eu sei que vou morrer por dizer isto; mas quero ter o gosto de emitir livremente, perante o infante D. Miguel, todos os meus sentimentos. Cautela! Lembre-se V. M. que um dia a Inglaterra e a França acharam os seus reis muito pesados, prepararam-lhes um cadafalso, e ali os mataram... Esses reis

chamavam-se Carlos I e Luís XVI... D. Miguel I, oxalá que Portugal um dia não ache V. M. muito pesado!... Porque, nesse dia, ele ainda encontraria nos seus bosques bastante madeira para levantar um cadafalso, e, nas suas minas, bastante ferro para um cutelo!... E agora, mandem-me assassinar, cumpri com o meu dever!

Já os guardas haviam chegado; e imediatamente prenderam o velho!...

“Agora sim, agora serei físico-mor”, disse consigo o médico retirando-se.

Opróbio eterno sobre esses monarcas que pensam alcançar um nome glorioso na história, cercando seu trono de ruínas e destroços, salpicando sua coroa com o sangue de infelizes e inocentes vítimas de seus caprichos e despotismos!

Portugueses! lembrai-vos do governo de D. Miguel I!

VI

Au banquet de la vie infortune convive,
J'apparus un jours, et je meurs.
Gilbert

No dia seguinte ao da fatal noite de 26 de outubro de 1828, noite em que tantos diversos acontecimentos tiveram lugar, em que tão diferentes cenas se sucederam, apenas raiava a madrugada, estavam o pai e o filho presos na mesma enxovia do Limoeiro, ambos ligados por uma grossa corrente de ferro que os ligava às argolas do mesmo metal pregadas à parede. A noite, para ambos, foi terrível... e mais que muito longa. Eles se preparavam para a morte, e recolhiam todos os seus pensamentos, todas as suas idéias, esperando na misericórdia divina o perdão de algumas faltas que durante sua vida houvessem cometido.

O velho, apenas lhe fulgurou no semblante a luz do dia, ergueu-se a custo, e convidou seu filho a fazer o mesmo. Ajoelharam-se, e entoaram um cântico religioso em honra do *Eterno Criador do Mundo*, finalizando suas preces com uma última toda patriótica. Rogaram a Deus que olhasse para Portugal, e aplicasse sua

misericórdia àquele infeliz povo, tão digno de melhor sorte, tão merecedor de suas boas graças.

Cumprindo este ato sacrossanto, o velho abençoou seu filho, e recomendou-lhe que conservasse, até seus últimos momentos, pensamentos puros e religiosos, olvidando os sonhos do mundo, as ilusões da terra e despidendo-se dos prejuízos e preconceitos dos homens.

Então entrou o meirinho, e leu em voz alta as sentenças que condenavam à morte a Frederico, como conspirador e revolucionário, e a seu pai, como criminoso de lesa-majestade. Eles assistiram a esta leitura com resignação e paciência, e entregaram-se depois nas mãos de Deus.

Entrou o sacerdote, e dirigiu-se primeiramente ao velho; ouviu a sua confissão, e deu-lhe a bênção do Senhor. Chegou-se depois para perto de Frederico, e preparou-se para receber a revelação dos segredos do pecador, com aquele amor, carinho e benevolência que devem os ministros da religião a todos que necessitam de seus auxílios espirituais.

— Padre, disse-lhe Frederico, antes de morrer, releva-me contar-te minha vida; por ela virás ao conhecimento de meus atos, para poderes perdoá-los em nome de Deus. Presta-me atenção, que eu serei breve.

Jovem ainda, fui por meus pais mandado para Coimbra; aí dediquei-me aos estudos de legislação e de direito, e preparava-me para ser advogado, ou seguir a carreira da magistratura; pareciam-me ser as duas mais nobres profissões do homem: — pugnar pelos direitos de seus semelhantes, e dar a cada um o que é seu. Tinha um amigo, meu companheiro desde a mais tenra infância, que se applicava à medicina. Acabados que foram nossos estudos, voltamos para Lisboa, amigos sempre. Eu amei uma donzela... ainda a amo, e, com a mesma força, ele a amou também... e, infelizmente, ela deu-me a preferência.

Mais pura que os anjos, mais singela que as rosas, Maria deu-se toda a mim... Ele o soube... e, desde então, romperam-se todos os laços de nossa amizade; desde então ele lançou para longe de si a máscara com que se encobria.

Gomes, assim se chamava ele, procurou todos os meios de prender-me; aproveitou-se da ocasião em que entrou D. Miguel em

Portugal e se aclamou rei, para abraçar seu partido...denunciou-me como constitucional... fez-me condenar à morte... evadi-me; mas não pude demorar-me muitos meses longe da pátria: a idéia de minha amada, que seria sem dúvida por ele também perseguida, de tal maneira apoderou-se de meu espírito, que preferi a morte na minha própria pátria à vida em estranhos lares. Regressei a Lisboa, e a primeira pessoa que vi, foi ele... o meu inimigo... o infame português, que sacrifica sua honra à ambição que o devora, que denuncia seus patrícios com a esperança de ser algum dia físico-mor do reino... conheceu-me e vingou-se...

— Perdoa-lhe, meu filho, que Deus te perdoará, Deus que breve vai decidir de tua sorte! exclamou o velho.

— Oh! sim, padre, eu lhe perdô!

— Em nome do Padre, do Filho e do Espírito Santo, eu vos absolvo, meus filhos.

Então ajoelharam-se de novo, e puseram-se a render graças ao Onipotente de sua misericórdia!

E, depois disto, o sacerdote saiu, e entrou o carrasco acompanhado de muitos soldados.

Pela última vez abraçaram-se o pai e o filho; as lágrimas corriam-lhes a jorros dos olhos, e inundavam suas faces. Com dificuldade conseguiram os soldados separá-los; pareciam querer morrer nos braços um do outro. Pôs-se ordem no acompanhamento, e seguiram todos para o lugar em que se havia preparado o cadafalso. Quando Frederico saiu da última porta do Limoeiro, a primeira pessoa que avistaram seus olhos foi Maria, que ali estava postada à sua espera!...

Ela não pôde ter-se, e, sem dar atenção às vozes da multidão que por ali se achava, atravessou as linhas dos soldados, e lançou-se nos braços do paciente...

Oh! foi um espetáculo terrível para todos os corações sensíveis aquele que davam esses dois infelizes, assim, assim abraçados e chorando!... A última hora da vida de um estava quase a bater, e o outro, cheio de vida, de força, no vigor da idade, parecia querer deixar todas essas ditas para acompanhar ao sepulcro o seu companheiro!...

Os soldados haviam parado, como que maquinalmente. Eles estavam enternecidos com esta cena, e não ousavam limitá-la. Foi

de mister que uma voz forte e sonora os chamasse a seus deveres!... Era a voz do médico!...

— Oh! gritou-lhe Frederico, não quiseste desamparar-me no último transe da vida? Eu te agradeço tão assinalado serviço. Com teus próprios olhos contempas teu triunfo, observas tua vitória!

— Frederico, respondeu-lhe ele do meio da multidão aonde se achava, bem vias que eu queria acompanhar-te ao suplício... Estás contente?

E, virando-se para os soldados, ordenou-lhes que arrancassem dos braços do paciente a triste donzela, que parecia mais morta do que viva...

Esses instrumentos mudos de todos os despotismos cumpriram suas ordens, deixando a infeliz sem sentidos no meio do povo que se apinhava para ver o espetáculo tão interessante que lhe davam esses tiranos.

Continuou o acompanhamento até o cadafalso. Aí Frederico viu seu pai pela última vez, mas sem poder abraçá-lo, despedir-se dele e do mundo... E o algoz, com um sangue frio estúpido, e um sorriso de Satanás, atou-lhe o laço e o atirou abaixo...

Um profundo gemido escapou de seu peito... seus sentidos o desampararam... foi de mister carregá-lo...

E, poucos minutos depois, já Frederico não existia!

Epílogo

A los vivos la libertad,
A los muertos la gloria.
Calderón, *La Devoción*

No ano de 1834, quando o exército libertador entrou em Lisboa, e o imortal duque de Bragança plantou naquele país o estandarte da liberdade, um soldado voluntário dirigiu-se a um dos conventos de freiras, estabelecidos naquela cidade, e, levado pela curiosidade, examinou alguns túmulos de sorores, que existiam na igreja; entre eles deparou com um, cuja inscrição parecia denunciar que os restos que nele se haviam sepultado pertenciam a uma soror

que entrara para o convento no mês de outubro de 1828, de nome Maria da Purificação. Sua vida, diziam as outras freiras, tinha sido muito atormentada pelas paixões do mundo, de maneira que se recolhera ao convento, onde, entre lágrimas e exercícios religiosos, acabou seus dias em 1831.

Quanto ao médico, consta que conseguira por fim ser nomeado físico-mor, mas não do reino de Portugal, e só sim de D. Miguel, enquanto este infante, abandonado e desprezado por todos, mendigava esmolas dos pequenos tiranos da Itália.

Justiniano José da Rocha

Justiniano José da Rocha nasceu na cidade do Rio de Janeiro a 8 de novembro de 1812 e ali faleceu em 10 de julho de 1862. Fez seus estudos no Liceu Henri IV, em Paris, terminando por cursar a Faculdade de Direito de São Paulo. Foi dos primeiros jornalistas brasileiros, tendo contribuído para os jornais: *O Cronista*, *O Brasil*, *O Regenerador*, *O Atlante* e o *Jornal do Commercio*. Foi considerado pelo Barão do Rio Branco como “o primeiro jornalista brasileiro de seu tempo”.

Apesar da origem humilde e de ser mestiço, devido à sua grande inteligência ocupou importantes cargos na corte do II Reinado. Foi deputado por três vezes e também professor do Colégio Pedro II e da Escola Militar. Contribuiu para a história da literatura brasileira com diversas traduções, contos, ensaios biográficos, novelas e compêndios escolares.

Acabou sua carreira pública após pronunciamentos considerados demasiado contundentes, baseados em um temperamento “sangüíneo”, embora tenha mantido o renome assinando panfletos políticos, como o “Ação, Reação e Transação”, de 1855.

Os assassinos misteriosos, ou a paixão dos diamantes (1839) é uma noveleta de 24 páginas, considerada conto por Barbosa Lima Sobrinho, que o inclui em sua antologia, denominando o autor precursor do romance-folhetim no Brasil. É o primeiro dos textos aqui apresentados que tem características específicas do romance-folhetim, tais como o mistério, as peripécias, a vingança. O próprio Justiniano diz, no entanto, que é uma tradução livre do francês: “Será traduzida, será imitada, será original a novela que ofereço, leitor benévolo? Nem eu mesmo que a fiz vo-lo posso

dizer. Uma obra existe em dois volumes, e em francês, que se ocupa com os mesmos fatos; eu a li, segui seus desenvolvimentos, tendo o cuidado de reduzi-los aos limites de apêndices, cerceando umas, ampliando outras circunstâncias, traduzindo os lugares em que me parecia dever traduzir, substituindo com reflexões minhas o que me parecia dever ser substituído; uma coisa só tive em vista, agradar-vos.” Devido à importância histórico-literária e ao pequeno número de páginas, esse texto também será transcrito integralmente.

Os assassinos misteriosos ou a paixão dos diamantes
(novela histórica)

Paris era teatro de crimes e suplícios horrorosos; a infame Brinvilliers, esse monstro, que a vingança e a sede do ouro havia precipitado da mais alta posição social no abismo da degradação, acabava de pagar no cadafalso seus adultérios, seus envenenamentos, seu parricídio. Herdeira de sua perversidade, havia a Voisin levado consigo ao túmulo o segredo de seus cúmplices; mas, uma lista de nomes, achada entre seus papéis, indicava às terríveis pesquisas da *câmara ardente* mil indivíduos que, sem dúvida, haviam recorrido a seus conselhos, a seus *pós de sucessão*, para livrarem-se de um tio, de um irmão, de um pai, talvez, que teimavam em viver. Muitos inocentes foram então perseguidos; viram-se muitas personagens de alto coturno, muitos empavonados cortesãos comprometidos e lançados nas masmorras.

Essa sucessão de crimes, de processos, de suplícios, penhorava, sem exauri-la, toda a curiosidade do povo parisiense, quando novos atentados vieram distraí-la, e profundamente alterá-la. Raro era o dia em que se não achasse na rua um cadáver, rara a ronda noturna que não descobrisse uma vítima; e todos os corpos achavam-se feridos do mesmo modo: uma só ferida feita com o mesmo instrumento; uma só, no coração, profunda e triangular. Notava-se igualmente que sempre os assassinados pertenciam a famílias conhecidas por sua alta hierarquia ou sua opulência.

A polícia havia dobrado sua ativa vigilância; seus mais hábeis farejadores andavam à cata desses criminosos; nada poupava; tudo era baldado. Continuavam os cadáveres a aparecer; os invisíveis, prosseguindo em sua horrível missão, zombavam da polícia, como zombavam da humanidade.

Veio ainda a superstição dar maior intensidade ao terror popular.

Uma noite é acometido um nobre e opulento marquês, sai a defendê-lo o mais hábil dos agentes da polícia, o assassino foge antes de ser conhecido, o alarma espalha-se, reúnem-se, correm, voam após ele todos quantos para manter o sossego público rondam naquelas imediações. Sem dúvida vão agarrá-lo, a luta desperta o zelo, aumenta a atividade; eles o agarram... não: o assassino encosta-se a um muro; entranha-se por ele adentro, e, através dele, desaparece.

— Há magia, há sortilégio, há pacto com o demônio, clamam todos; os assassinos deram sua alma a Satanás, e Satanás os protege!

Como não acredite o chefe da diligência que possa o corpo de um homem atravessar a solidez de um muro; como ainda menos acredite na onipotente ingerência do diabo nos negócios deste mundo, persuadido de que por meios humanos deve explicar-se este mistério, examina atento se alguma porta falsa, algum vão, alguma abertura existe na parede: é tudo baldado; ergue por toda a parte o muro sua solidez de pedra, impenetrável ao mesmo ferro!

— Há magia, há sortilégio, clamaram todos, e no dia seguinte sabia a cidade inteira que, entre raios e coriscos, aparecera Satanás para ludibriar da polícia e roubar-lhe um assassino; e que ambos, protetor e protegido, haviam se esvaecido em uma nuvem de fumaça.

E no entanto, iam por diante os atentados, sempre os mesmos; uma ferida, única, triangular, profunda, sobre o coração; e recrescia o terror.

Vivia então em Paris essa Mlle de Scudery, tão digna de ter talento, porque era virtuosa: a braços com a miséria, recorrera ela à pena, e a pena lhe havia dado prodigiosa reputação: suas obras, hoje tão rebaixadas, suas novelas de dez volumes, sua carta geográfica dos *estados da ternura*, mereciam a admiração dos contemporâneos, e nesse tempo florescia Corneille, começavam a

surgir Boileau e Racine, esses luzeiros da literatura! que tamanho intervalo!

Qualquer, porém, que fosse sua capacidade literária, era Mlle de Scudery geralmente amada dos pobres, porque, como eles, era pobre e vivia de seu trabalho, achando no entanto sempre um bocadinho de pão para repartir com algum mais do que ela miserável; dos ricos, porque nunca os importunava com seus sofrimentos; dos cortesãos, porque, modesta e reservada, não era obstáculo a suas pretensões, e não lhes disputava os régios favores; do monarca, porque sabia dar à sua conversação todo o enlevo necessário para dissipar os amargos pesares da realeza, sem que pusesse preço a suas joviais palavras; era, enfim, de todos, desde o rei até o mais corrupto cortesão, estimada e respeitada, porque era virtuosa.

Sem família, sem filhos em que se ocupasse, a sensibilidade de Mlle de Scudery havia-se toda concentrado no interior do lar doméstico: em outros tempos, tinha tomado para sua companhia uma pobre menina, Ana Guiot, casada com um oficial relojoeiro: doce amizade as prendia, e suavizava a dependência da protegida. Tinha ela tido um filho; Mlle de Scudery serviu-lhe de madrinha: tornou-se esse menino o elo que mais fortemente as prendeu, porque foram ambas mães de Oliveiro, e no colo de Mlle de Scudery tantos beijos, tantos afagos recebia como no de Ana Guiot.

Perturbou a miséria essa tranqüila existência: o marido de Ana, não achando quem em Paris quisesse ocupar sua habilidade, tratou de retirar-se para Genebra, sua pátria. Bem desejara Mlle de Scudery sustentar toda a família de seu Oliveiro; não lho consentiu a pobreza, que são minguados, todos o sabem, os lucros da pena, mesmo quando o talento a inspira.

Bem doloroso foi para o coração de Mlle de Scudery o dia que amanheceu, sem que viessem despertá-la os afagos de Oliveiro. No entanto, o tempo havia corrido, vinte anos eram passados, e, na nova criada que havia tomado, achara Mlle de Scudery a afeição de amiga, o desvelo que sua bondade merecia; assim, havia ela esquecido Ana Guiot e seu filho.

Reinava então, em França, esse rei a quem a posteridade confirmou o título de *grande*, que lhe fora dado pela adulação, porque foi seu trono rodeado de brilhante auréola de glória, porque protegeu letras e armas, indústria e comércio; porque teve por ministros

Colbert e Louvois. Era uma corte inexplicável essa de Luís XIV: apesar da barbaridade das *Dragonadas*, da revogação do edito de Nantes; apesar da jesuítica influência do confessor do rei, e da devoção hipócrita da favorita, versos e amores eram quase virtudes, versos e amores quase tudo conseguiram.

Estava um dia Luís XIV entre o padre Lachaise e Mme de Maintenon, sua amásia e seu confessor; deposta a majestade da realeza, entretinha-se em doce familiaridade: falava-se da última comédia de Molière, da última sátira de Boileau: Mlle de Scudery estava presente. Entregam ao rei um poético requerimento em que os amantes, que a furto e protegidos pelo véu da noite queriam levar aos pés de suas amadas os tributos de seu amor, queixavam-se de não poder, sem risco de vida, atravessar as ruas da cidade, e imploravam a criação de um tribunal que, severo, mantivesse a segurança e protegesse os domínios de amor.

Versos e amores... O rei estava decidido, e em breve um tribunal mais arbitrário, mais bárbaro do que a câmara ardente, viria com o horror dos suplícios dobrar o terror das imaginações, confundir em suas perseguições o crime e a inocência, a justiça e a atrocidade, se feliz inspiração lhe não viesse ao espírito.

— Que deferimento daríeis a essa petição? disse Luís a Mlle de Scudery; de amor e versos sois, por certo, juiz competente.

Supere obstáculos, vença mil perigos
Quem constância reclama da beleza;
Que é indigna de amor a cobardia.

Tal seria meu deferimento, disse a sensível poetisa.

O rei caiu em si: sim, disse, bem bastam as queixas do pobre povo, pelos rigores da câmara ardente: não o devo eu sacrificar ao arbitrário, para segurança de meia dúzia de libertinos. Seja vigilante a polícia, vigilante o presidente da câmara ardente, La Reynie; e, tarde ou cedo, os invisíveis serão descobertos.

Assim foi indeferida a súplica, e os assassínios continuaram, e ia o terror das famílias de dia em dia aumentando.

Era meia-noite: Mlle de Scudery, sentada à sua banca, emendava e polia sua interminável *Clélia*; e a criada, espavorida por ver-se só, e pela recordação dos misteriosos crimes da época, que a noite despertava, que sua imaginação centuplicava, ia já concilian-

do o sono, quando bateram à porta, com rumor insólito àquelas horas, nessa pacífica morada. O medo a impede de descer para ver quem seja: ouve, porém, uma voz tão meiga, que a chama por seu nome, que a suplica que desça e abra; são tão magoadas as expressões do que bate, tamanha dor manifestam, tamanha compaixão excitam, que não tem a coitada ânimo de resistir, e abre a porta.

— Leva-me à presença de tua ama, diz-lhe com tom imperioso um indivíduo que entra, trazendo à cintura um punhal.

Então viu a criada que havia sido imprudente sua compaixão.

— Minha ama dorme, disse, e nada nesse mundo obrigar-meia a despertá-la.

— Mentos: Mlle de Scudery nunca se deita antes das duas horas, está trabalhando: leva-me à sua presença, ou... e um gesto, indicando o punhal, completou a ameaça.

— Não o conseguireis enquanto tiver eu um fôlego de vida, tornou a criada, não o conseguireis, e pôs-se diante dele, corajosa, encarando o punhal que reluzia ao clarão de sua lanterna.

— Deus o não quer, disse o indivíduo com voz dolorosa e baixa, resignemo-nos. Mulher, continuou em tom mais alto, tua obstinação perde talvez uma alma, que tua ama teria salvado; eu to perdôo. Toma esse estojo, e ache-se ele amanhã nas mãos de Mlle de Scudery; este punhal pedir-te-á conta da fiel execução dessa minha ordem.

Larga na mão da criada um estojo, e desaparece com a velocidade do relâmpago.

Muito meditou a criada se entregaria ou não a sua ama o misterioso presente: o meio por que lho haviam entregue, tudo lhe sugeria ruins suspeitas; talvez fosse algum malefício, talvez contivesse algum desses venenos sutis, inventados pela Voisin ou pela Brinvilliers, que matavam até pela simples aspiração... Lembrando-se, porém, que tinha sua ama mais juízo do que ela, que melhor saberia o que conviria fazer, assentou em narrar-lhe todo o ocorrido, sem omitir circunstância alguma, e entregar-lhe o estojo. Cobrando assim alguma tranqüilidade, deitou-se e passou inquieta noite, velando mais do que dormindo.

No dia seguinte, logo ao amanhecer, foi ter com sua ama: qual, porém, não foi o seu espanto ao ver que com o mais inexplicável sangue-frio ouviu Mlle de Scudery toda a sua narração, todas

as exagerações do seu terror, tudo quanto disse de ameaças, de punhais!

— Roubaram-me a mim, que sabem que sou pobre! Mataram-me a mim, que a ninguém ofendi! não, são quiméricos receios, disse, e tomando o estojo, calcou na mola que o fechava. O tampo saltou, e deixou ver riquíssimo adereço de diamantes, colar, brincos, pulseiras, anéis. O sol, que entrava pela janela, dava em cheio sobre essas preciosíssimas pedras, e elas refletiam por mil admiráveis modos seus brilhos e seus fogos.

Embaixo das jóias vinha um bilhete: esperando que desvendaria todo o mistério, Mlle de Scudery lançou mão dele, abriu-o, e o rubor do pejo assomou-lhe às faces, pálidas, pela vigília e estudo, pálidas pelos anos:

— Infâmia, disse, e dasatou-se em pranto.

A criada mostrava-se embaraçada; queria consolá-la não sabia como, porque ignorava a causa de suas lágrimas, e não podia senão afligir-se por ver aflita sua ama. Enfim, entregou-lhe esta o bilhete para que o lesse; assim dizia:

Supere obstáculos, vença mil perigos
Quem constância reclama da beleza;
Que é indigna de amor a cobardia.

“Nada se faz, senhora, nada se diz ou se pensa, que o não saibamos logo. Tomaste a defesa de desvalidos que a sociedade repele; para prova de quanto respeitamos vossas virtudes, de quanto vos ficamos agradecidos, mandamos essas jóias de que só vós sois digna, porque são, como vós, o que de mais perfeito conhecemos — *Os invisíveis.*”

Enxugando enfim as lágrimas, Mlle de Scudery tomou súbita resolução: jurou nunca servir-se dessas jóias cujos cintilantes fogos indicavam com sua cor de sangue os crimes de que haviam sido preço; e partiu para Versalhes a consultar sua protetora, Mme de Maintenon, o que lhe cumpria fazer para restituir os diamantes a seu legítimo dono.

Ouvida a narração que lhe fez Mlle de Scudery, admirando atenta a beleza e a perfeição da obra, a delicadeza do lavor:

— Só Cardillac, disse enfim Mme de Maintenon, é capaz de fazer jóias tão primorosas, mandemo-lo chamar, ele nos dirá para quem as fez, e tudo ficará patente.

Cardillac, o primeiro ourives do mundo, e como tal conhecido em toda a Europa, era um homem de meã estatura, ombros largos, musculoso, e fortemente constituído: bem que já não fosse moço, tudo nele indicava vigor e agilidade. Ao vê-lo, ninguém duvidava de sua extraordinária força, da irritabilidade de seu gênio, da energia de seu caráter.

No entanto, sua lealdade, seu desinteresse, sua reconhecida caridade suavizavam a indisposição que fazia naturalmente nascer a severidade de seu aspecto.

Como ourives, Cardillac conhecia à primeira vista as qualidades, valor e estimação de todas as pedras, sabia poli-las com tal destreza, cravá-las com tal primor, que a jóia mais insignificante, ao sair de suas mãos, parecia inestimável preciosidade. Era com vivas demonstrações de alegria que aceitava qualquer encomenda, fixava preço muito diminuto, e concluindo o ajuste, fechava-se em sua oficina, e dela não saía sem que tudo estivesse concluído. O menor defeito que descobria em seu trabalho levava-o a destruí-lo, a refazê-lo todo de novo, de modo que nada saía de suas mãos que não fosse perfeito e inimitável.

Acabada, porém, a obra, recusava Cardillac entregá-la, inventava mil pretextos, recorria a mil estratégias, dava todos os sinais da mais violenta comoção: súplicas, lágrimas, nada poupava; logo depois, enfurecia-se, amaldiçoava quem lha havia encomendado, amaldiçoava sua habilidade, sua arte, e até a si mesmo. Rara vez cedia sem ser ameaçado com a intervenção da autoridade.

Mui diverso de seus companheiros de officio, sempre enjeitava a freguesia dos que mereciam consideração e respeito; havia-se uma vez lançado aos pés do rei, suplicando que nunca lhe fizesse encomenda alguma. Pedira-lhe Mme de Maintenon que fizesse um anel com os emblemas da tragédia, para dá-lo a Racine. Cardillac recusou, horrorizado, encarregar-se desse trabalho.

Tal¹ era a extraordinária personagem que, por chamado de Mme de Maintenon, entrou em sua câmara. Ao ver Mlle de Scu-

¹ Barbosa L. Sobrinho divide em capítulos o texto, que assim não aparece na edição de 1839. Como foi todo apresentado em dois dias no *Jornal do Commercio* — 28 e 29 de março —, optei por não separá-lo em capítulos.

dery, mostrou o ourives indizível perturbação; para ela foi seu primeiro cortejo, e toda a sua atenção.

— Queremos, Cardillac, que nos digais se é obra vossa este adereço, disse Mme de Maintenon, apontando para a dádiva dos invisíveis.

Cardillac lançou um olhar para as jóias, suas feições alteraram-se profundamente, seu olhar turvou-se: dirige-se rápido para elas, recolhe-as ao estojo, fecha-o; um doloroso suspiro acompanha sua precipitação e abaixando os olhos:

— É obra minha, disse.

— E para quem a fizestes? perguntou Mme de Maintenon.

— Para quem? Para mim.

As duas senhoras olharam incrédulas uma para a outra.

— Sim, continuou Cardillac, fiz este adereço para mim, por amor, por adoração à minha arte; empreguei meus melhores diamantes; nunca trabalhei com tanto esmero... Há dias, desapareceu-me de casa, não sei como.

— Louvado Deus! disse Mlle de Scudery, aí o tendes, levai-o; e narrou-lhe como havia vindo a seu poder.

Cardillac não interrompeu seu discurso; quando, porém, acabou de falar, mostrou todas as hesitações de uma luta interna, esfregou a testa, suspirou, levou as mãos aos olhos, e por fim:

— Só vós, senhora, sois digna dessas jóias; são vossas, não as quero: em vós estava fixo meu pensamento quando as fiz; são vossas. Disse e desapareceu precipitado.

Legítima possuidora do rico adereço, achou a modesta Mlle de Scudery que não devia guardar para si essa dádiva.

Embora Mme de Maintenon lhe quisesse persuadir que a devia ela ao extravagante amor do ourives, ela não se podia capacitar senão que Cardillac, por nímia delicadeza, havia consentido em esbulhar-se, para não privá-la de uma coisa de que estava ela de posse, e que, sem dúvida, supunha ser-lhe agradável. Resolveu, pois, buscar oportunidade para restituí-la.

Um mês havia corrido: distraída por suas ocupações, não tinha ela achado ocasião de falar com Cardillac, tinha-se até esquecido da opulência que por modo tão extraordinário lhe tinha vindo, e que atirara ao canto de uma gaveta. Saindo um dia a passeio na carruagem de uma de suas amigas, um moço de elegante presença,

bem que alterado pela ansiedade, chega-se à portinhola, larga dentro do coche um bilhete, e some-se. Mlle de Scudery abre-o apresada e lê: “Por tudo o que há de mais sagrado vos suplico, se receais a morte, se quereis que se não perca neste mundo e no outro um desgraçado que vos adora como o emblema de todas as virtudes, entregai quanto antes o adereço a Cardillac”.

Volta a casa Mlle de Scudery, resolvida a levar naquela mesma ocasião o objeto de cuja restituição pende sua vida, e a salvação de um mísero. Importunas visitas a obrigam a guardar para o dia seguinte a execução do seu projeto.

Tristes pensamentos assaltam-na toda noite, eram pressentimentos de desgraças e crimes: corriam ante seus olhos rios de sangue, soavam a seus ouvidos os roucos arrancos do moribundo. Procurava dormir, redobrava seu horror; as imagens de destruição reproduziam-se e multiplicavam-se. Ergue-se da cama, e busca ocupar e divertir seu espírito com a leitura; nos livros não lê o que está escrito, não vê em suas páginas senão as fatídicas palavras do bilhete: — Se receais a morte, se quereis que se não perca neste mundo e no outro...

Enfim, com os primeiros raios do dia desaparecem as tristes idéias que a atormentavam; ela se dirige para a casa de Cardillac. Ao chegar às imediações da loja do afamado ourives, nota que o povo se apinha e aflui para esse ponto, e entre a clamorosa voz da multidão, distingue essas palavras:

“Prendei, prendei os assassinos”. Mlle de Scudery estremeceu: era já tarde. Aproximando-se por entre o povo, viu ela fechada e selada pela justiça a casa de Cardillac; um cadáver em uma padiala, coberto com um pano preto; um mancebo, o mesmo que na véspera lhe entregara o bilhete, preso entre soldados; e nos braços de um oficial da polícia uma moça desmaiada, a quem, entre vociferações, chamava o povo — parricida.

Era pura e sensível a alma de Mlle de Scudery; não pôde ligar a idéia de um crime, e de um crime tão atroz, às angélicas feições, aos verdes anos da desgraçada: comovida por tanto infortúnio, impetrou e obteve levá-la para sua casa, obrigando-se a dar conta à justiça toda a vez que fosse preciso.

Tal é a versatilidade do povo, tal o conceito de que gozava Mlle de Scudery, que, vendo-a interessar-se pela filha de Cardillac,

fazer chegar uma carruagem, e honrá-la com sua companhia, aqueles mesmos que inda há pouco a injuriavam, que a chamavam — parricida —, sentiam-se comovidos por sua orfandade, pelos seus sofrimentos; achavam-na inocente, bendiziam sua protetora.

Matilde, assim se chamava a moça, fez à sua benfeitora a narração da ocorrência, cujo desfecho havia presenciado. Dormia ela sossegada, quando a despertou, seriam duas horas da manhã, a voz de Oliveiro, oficial de ourives, que morava em casa de seu pai; ele a chamava, para que lhe dessem ambos juntos os socorros exigidos pela posição em que se achava. Quanta não foi a sua dor ao ver no peito de seu pai uma larga e profunda ferida! Dando-lhe, porém, força e alento o amor filial, havia-lhe ela prodigalizado os imagináveis desvelos; tudo havia sido inútil; seu pai estava morto.

Disse-lhe então Oliveiro que seu amo havia sido assassinado na rua em sua presença, sem que lhe pudesse ele valer; que, porém, supondo-o vivo, desejando dar-lhe os necessários socorros, havia-o carregado aos ombros, e trazido para casa. Então puseram-se ambos a rezar juntos, de joelhos, ao pé do corpo inanimado de Cardillac. Nessa posição surpreendeu-os a polícia, quando, no dia seguinte, chamada pelos moradores do andar de baixo, que havia despertado seu pranto, entrou em sua casa. As aparências os acusavam; Oliveiro foi preso.

Tão singela e tão profunda convicção reinava no falar de Matilde, que Mlle de Scudery, já predisposta em seu favor por sua beleza e sua mocidade, ficou firmemente capacitada de sua inocência. Seu espírito, porém, não admitia tão facilmente a justificação de Oliveiro: o bilhete que havia recebido na véspera, algumas circunstâncias da narração de Matilde, a inquietavam, e ela estava longe de partilhar a convicção de sua protegida, que afirmava que, quando mesmo visse um homem, com as feições de Oliveiro, armar-se com seu punhal, desfechar o golpe sobre o peito de seu pai, ainda assim acreditaria que era ilusão dos sentidos, juraria que Oliveiro era inocente.

Não podia, porém, Mlle de Scudery conceber, sendo tão criminoso, havia esse mancebo sido tão imprudente, que se não acautelasse, que não fugisse, e que, ao pé de sua vítima, esperasse que a justiça o viesse surpreender. Que motivo o teria feito cometer semelhante atentado? Matilde manifestava em seus discursos o

mais puro e sublime amor; era ela a única herdeira de seu pai, e este havia aplaudido a seu amor e aprovado seu casamento.

Nessas circunstâncias, lembrando-se Mlle de Scudery do terrível tribunal que só conhecia um suplício, a fogueira, e o aplicava debaixo do menor pretexto e com o mais leve indício, solicitou dos juizes atenção e brandura para com o mísero mancebo. Em resposta, obteve uma carta do presidente La-Reynie, que lhe assegurava que Oliveiro não podia deixar de ser criminoso: — com sua prisão haviam cessado os atentados dos invisíveis: — a ferida de Cardillac era em tudo igual à que faziam esses facínoras. Oliveiro mentia, quando afirmava que seu mestre havia sido ferido na rua, porque juram todos os vizinhos, e os moradores do andar de baixo da mesma casa, que não haviam ouvido bulha que indicasse que houvesse saído ou voltado da rua Cardillac, o qual, como de costume, havia fechado sua porta às 9 horas da noite.

Por tudo isso estava já condenado Oliveiro, e se ainda não havia pago seus crimes, era porque precisava a justiça de suas revelações, para descobrir a quadrilha de que era, sem dúvida, o chefe.

Todavia, o réu pertinaz não queria fazer declaração alguma: iam-se-lhe aplicar tormentos que lhe extorquissem completa confissão. Como, porém, por ele se interessasse uma senhora de tanta consideração, como o réu pedia constantemente para ser-lhe apresentado, para dar-lhe a ela sinal de deferência, apresentar-lho-iam em sua casa, livre de ferros, às 10 horas da noite, se Mlle de Scudery anuísse a seu pedido.

Não podendo por outro modo valer ao pobre moço, anuiu Mlle de Scudery ao desejo que manifestava, esperando obter, em resultado dessa conferência, plena prova de sua inocência.

À hora aprazada, abre-se a porta da sala de Mlle de Scudery, e Oliveiro precipita-se a seus pés, debulhado em lágrimas.

Mlle de Scudery olhou para o mísero sem proferir uma só palavra, e quanto mais considerava as feições do mancebo abatidas pelo desgosto, mais ocupava seu pensamento a lembrança de uma pessoa a quem outrora amara com ternura. Esqueceu-se de que era um assassino que estava em sua presença, e disse com benevolência:

— Quisestes ver-me, aqui me tendes, Oliveiro.

Este, sempre a seus pés, dando um profundo suspiro, disse com voz magoada:

— Ó digna e respeitável senhora, já não tendes lembrança nenhuma de mim?

Mlle de Scudery encarou-o com mais atenção.

— Sim, disse, trazeis-me à lembrança uma pessoa que me foi cara, e a isso deveis estar eu vencendo o horror que me causa vosso assassinato.

Oliveiro levantou-se rápido, e, ferido por essa palavra, recuou um passo.

Com que estais de mim esquecida?... de mim! de Ana Guiot! de seu filho, de vosso afilhado!

— Meu Deus! exclamou Mlle de Scudery, e cobrindo com as mãos o rosto, deixou-se cair sobre sua cadeira... Terrível, terrível acontecimento! continuou ela depois de algum silêncio. Sim, eu vos reconheço, sois meu afilhado, o filho de Ana Guiot, e em que ocasião vos torno a ver!... desgraçado!

Desgraçado, sim, interrompeu-a Oliveiro; pode a câmara ardente, pode o mundo todo imputar-me um crime, podem entre tormentos dar-me a morte, condenar minha memória à execração; mas, fazer-me criminoso, homicida, isso não.

Tive tempo, senhora, de preparar-me para ver-vos; era o único favor que podia adquirir a tranqüilidade e confiança necessárias, a fim de narrar meu inaudito infortúnio.

Desde a mais tenra infância, lembra-me que vivi no seio da miséria. Foram lágrimas de dor o primeiro alimento que me deu minha mãe, lágrimas os primeiros brincos de minha infância. Succumbiram à miséria meu pai e minha mãe, minha mãe que tantas vezes me falava de vós, senhora, e que em meu coração fez germinar essa adoração, esse respeito que vos consagro.

Recolheu-me a caridade pública; um ourives tomou-me em sua loja, fez-me seu aprendiz. Qualquer que fosse, porém, minha habilidade, por melhor que eu trabalhasse, nunca o satisfazia, era sempre maltratado; de que se podia queixar um mísero órfão sem protetor no mundo!

Um dia entrou na loja em que eu trabalhava um estrangeiro, e vendo uma jóia por mim feita: — Bem, mancebo, disse-me, é primoroso este lavor, melhor do que vós só trabalha Cardillac. Quanto não daria ele para ter um oficial de vossa habilidade!

Estas palavras decidiram de minha existência; não tive mais descanso enquanto não me vi em Paris.

Cardillac recebeu-me friamente; não desanimei, expus-lhe a que vinha, narrei-lhe minha história; deu-me um anel para fazer, um diamante para cravar. Levei-o pronto; o mestre examinou minha obra, lançou-me um olhar tão profundo como se quisesse ler-me dentro da alma.

— És um oficial hábil, disse-me por fim, admito-te em minha oficina, pagar-te-ei bem, ficarás satisfeito.

Havia já algum tempo que eu residia em casa de Cardillac, quando vi pela primeira vez Matilde... Oh! poder inconcebível do amor! que sentimentos assaltaram minha alma, como não palpitou meu coração quando meus olhos encontraram esse anjo!... E ela, tão formosa, tão rica, amar-me a mim, mísero oficial, sem patrimônio! sem família! amar-me a mim! Venha a ignomínia, venham a fogueira e o algoz; qual o homem mais feliz do que eu!...

No entanto, essa ventura eu a ignorava, Matilde ignorava igualmente que eu a amava; minha timidez obrigava-me a ser discreto, e ela, seu coração singelo, ignorava ainda que isso que sentia era amor. Em nossos olhos leu Cardillac nosso segredo, e chegando-se para mim com ar ameaçador, com os olhos inflamados pela cólera: — Sai da minha casa, disse-me, e nunca tenhas a imprudência de aparecer ante meus olhos. O fruto que cobiças, mísero pobretão, é mui subido, mui precioso para ti.

E sem me dar tempo para responder, agarrou de mim, e violentamente precipitou-me pela escada abaixo.

Longe de Matilde não achava eu descanso; todas as noites eu passava defronte de suas janelas, esperando que ouvisse meus suspiros, que adivinhasse minhas mágoas.

Soube um dia que Cardillac projetava retirar-se de Paris. Fazei idéia de minha dor. Minha existência era a de Matilde; resolvi partir com ela, acompanhar a pé sua carruagem; fui, e voltei com ela.

Junto à casa de Cardillac há um muro alto e largo, em que se acham uns nichos, onde outrora havia algumas imagens, uma especialmente de S. Domingos, porque o muro tinha dependido de um antigo convento deste santo. Encostado nesse lugar estava eu uma noite, olhos fitos na câmara de Matilde; vejo luz na oficina de Cardillac; era meia-noite, e o mestre deitava-se infalivelmente às 9

horas. O coração palpitava-me; há algum extraordinário acontecimento; talvez que, favorecido por ele, possa eu vê-la, falar-lhe... A luz desaparece; a fatalidade me impele, me obriga a encostar-me ao muro: sinto que ele recua, que dá volta, deixa uma aberta, e um vulto sai e avança-se cauteloso; acompanho-o; passa ele diante de um nicho em que se acha uma Virgem, e a lâmpada ante ela alumia-da descobre-me as feições; era Cardillac.

Indefinível ansiedade, terror sinistro apoderara-se de mim. Ó que me não protegeu o anjo de minha guarda que não desviou meus passos!

Cardillac esconde-se num corredor, eu paro e encosto-me às casas, longe de sua vista. Que vai ele fazer? Que mistério encerra esse passeio noturno?

Daí a pouco, vejo que passa um homem cantando alegres árias; Cardillac precipita-se sobre ele com o furor do tigre, o homem cai. Corro horrorizado; Cardillac em cima do corpo inanimado, apalpa-o com precipitação.

— Que é isso, mestre, clamo em alta voz, que fizestes?

— Maldição! uiva Cardillac, e foge apressado.

Retiro-me igualmente, sem saber para onde me levam meus passos, amaldiçoando mil vezes minha estúpida curiosidade, que me havia dado a confidência de tamanho crime, e mil vezes lastimando não haver chegado a tempo para salvar a vítima.

No dia seguinte (depois da mais cruel e pesada vigília, havia eu pela madrugada conseguido conciliar o sono), logo ao despertar, quando procurava reunir todas as horrorosas recordações da noite, quando procurava capacitar-me de que tudo havia sido um sonho, Cardillac entra-me em casa.

— Em nome de Deus, exclamo estremecendo, que viestes fazer aqui?

Cardillac, sem responder-me, toma um banco, senta-se, e com horrível sangue-frio:

— Então, Oliveiro, disse-me, como vão teus negócios? Fiz mal em despedir-te; sinto a cada instante que me faltas, venho buscar-te; queres voltar para minha casa? Não me respondes? Sinto que te ofendi... Matilde... mas enfim, tenho refletido: tua habilidade, tua aplicação, tornam-te digno de ser meu genro; volta, pois, para minha casa, vem merecer a mão de Matilde.

As palavras de Cardillac abrasavam-me; tremia, porém, quando me lembrava de sua perversidade; nada podia responder...

— Tu hesitas, continuou ele com tom ameaçador, tens, sem dúvida, mais que fazer; uma visita à polícia, não é assim? ou talvez ao presidente da câmara ardente?... Se melhor refletisses, verias quanto não é melhor para ti ser o primeiro oficial do primeiro mestre ourives de Paris, tão conhecido por sua probidade, por sua boa-fé, que é contra ele impotente a calúnia, e por mais bem urdida que seja, reverteria contra seu autor... Falemos de Matilde; a ela debes a condescendência de que dou prova: desde que saíste de casa vai definhando sensivelmente, e minha engenhosa amizade tem-lhe debalde procurado mil distrações. Ontem, arrasada em pranto, precipitou-se a meus pés, declarou-me que te amava, que sem ti era-lhe impossível viver; e eu, que não quero ser o algoz de minha filha, consenti no seu casamento, vim buscar-te, ela te espera.

Ah! Perdoem-me os céus! que súbita mudança produziram em minha alma essas palavras! Matilde me ama! nada obsta à nossa união! Perdi a memória, confundiram-se minhas idéias... Quando dei acordo de mim, estava em casa de Cardillac.

Oh! como pintar-vos nossos recíprocos êxtases ao ver-nos frente a frente, nossas lágrimas que se confundiam! Cardillac autorizava com sua presença essas doces revelações de amor, consentia que nos prometêssemos fidelidade eterna. Nesse auge de ventura, jurei pela Virgem, pelos santos, que nunca a abandonaria.

O mancebo aqui calou-se, agitado por todas as opostas sensações de glória, de amor, de ventura e de infortúnio.

— Assim vivi algum tempo em casa de meu mestre; horrificava-me quando me achava a sós com ele, não podia falar-lhe, nem mesmo encará-lo; mas, aos pés de Matilde tudo esquecia, tudo, menos seu amor e nossa futura união.

Um dia Cardillac, mais carrancudo do que de ordinário:

— Oliveiro, disse-me, isso não pode continuar; o acaso fez-te descobrir o que escapa à perspicácia da polícia; devo tudo explicar-te, para que possas condoer-te de mim.

Foi tua fatal estrela que te levou a acompanhar-me, que te encobriu com véu tão impenetrável, fez-te andar tão leve, que não dei por ti; eu, que tenho a vista do lince, que penetra as mais densas trevas; eu, que tenho toda a cautelosa agilidade do tigre, quando

inesperado acomete a presa. És meu aprendiz, serás meu genro; o meu e o teu interesse, o interesse de Matilde, exigem plena confiança.

Hás de, sem dúvida, ter ouvido falar na influência que sobre nós exercem as circunstâncias, quando extraordinárias, que presidem à nossa concepção. Jacques Stuart não pode ver uma espada sem que estremeça convulso, porque uma espada havia salpicado com o sangue de Rizzio o colo de sua mãe. Mais funesta foi a influência que presidiu a meu nascimento. Estando grávida de mim, minha mãe assistia a um sarau: na multidão de mancebos que o abrilhantavam, um havia que trazia ao pescoço rico colar de diamantes: toda a atenção de minha mãe ficou atraída por esse ornato, ardente desejo de possuí-lo assenhoreou-se de suas faculdades. O cavaleiro que o trazia havia outrora requestado minha mãe, o desdém lhe havia respondido. Vendo-a tão atenta para ele, imaginou que seria bem aceito; minha mãe mostrou-se-lhe meiga; ambos saíram a passear no jardim...

Pouco depois ouviram-se gritos: correram todos, acharam o cavaleiro com o peito atravessado por sua própria espada, buscando, com frenético abraço, unir ao seu o corpo de minha mãe: e a infeliz, no meio do terror dessa cena, não tirava os olhos de cima do colar, que tinha seguro com mão convulsa.

Daí proveio-lhe perigosa enfermidade; no meio dela nasci eu.

Desde minha infância, diamantes, jóias, ouro, tinham sobre mim poder irresistível; já na idade de dez anos furtava quantas jóias me caíam nas mãos e meu instinto era tal, que me bastava um lanço de olhos para conhecer todo o valor, todo o merecimento de quaisquer pedras, e distinguir as verdadeiras das falsas.

Tomaram essa fatalidade que me perseguia por profícua vocação; aplicaram-me à arte de ourives; em poucos dias fui de todos o mais hábil; porém, minha louca paixão, tanto comprimida, cresceu, triunfou, devorou todos os obstáculos.

Toda a vez que, concluída uma encomenda, tinha de entregá-la a seu dono, triste inquietação me acometia, roubava-me o sono e a saúde. Dia e noite rodeavam-me, como fantasmas, as imagens das pessoas para as quais havia-se esmerado meu talento; eu os via, esses infelizes mortais, ornados com minhas jóias, e uma voz infernal repetia a meus ouvidos:

— São tuas, toma-as, de que servem jóias para os mortos? são tuas, toma-as, Cardillac!

Comecei então a furtar: tendo entrada nas casas dos grandes e dos opulentos, soube aproveitar-me das ocasiões que se me ofereciam; as jóias que havia eu feito voltavam em breve para meu poder.

Todavia, ainda assim não cobrei sossego; a voz da tentação, agora sinistra, agora motejadora, retumbava constante a meus ouvidos:

— Vê, olha a morte, como está enfeitada com tuas jóias — dizia, e então um hediondo espectro dançava diante de mim, ornado de colares, de diademas, anéis e braceletes, cujos fogos cintilavam, cujo brilho me cativava.

Um ódio invencível para com aqueles que me haviam feito encomendas apoderava-se de mim, tinha sede de seu sangue; horrorizava-me de mim mesmo.

Foi nesse tempo que comprei esta casa: havia pertencido a um antigo mosteiro. Concluído o ajuste, devo mostrar-vos, disse-me o vendedor, uma particularidade importantíssima de vossa compra, e então, abrindo esse armário, empurrou-lhe o fundo, que recuou, e levantando um alçapão, descemos por uma estreita escada feita dentro do muro, e achamo-nos diante de uma porta de ferro, que o vendedor abriu com uma chave; demos mais dois passos, e, calcando numa mola, que ficava à esquerda, vi que se abria o muro, e dava saída a um homem. Logo mostrar-te-ei esse artifício, Oliveiro; é um tapamento de madeira, otimamente coberto com cal, a modo de parede, oferecendo, a quem de fora o examina, toda a aparência de um nicho, onde se acha uma imagem que parece de pedra, mas é também de pau; tudo se move com facilidade por meio de imperceptíveis dobradiças.

Vi quão bem dispostos para perderem-me haviam sido todos esses arranjos; mais do que nunca atormentavam-me tentadores espectros; recorri à religião: horrorizou-se o confessor, a quem me dirigi, de minha narração; em vez de mostrar-me caridosa afeição, mostrou-me inesperada severidade, impôs-me rigorosos jejuns, mortificações de mil qualidades, a tudo anuí: impôs-me a obrigação de fazer uma coroa de ouro e diamantes para a Virgem. Não pude anuir, embora o quisesse; não mo consentiu minha paixão. Havia-me um fidalgo encomendado um par de brincos, mimo que

se destinava a uma dançarina da ópera; aproximava-se o dia em que o devia ele levar à sua amada. Eu não tinha descanso, mais constantes do que nunca perseguiam-me terríveis fantasmas, dominavam-me pensamentos de sangue e homicídio.

Para vencer-me, apliquei-me às mais violentas penitências, vesti cilícios, dormi sobre as cinzas, passei horas inteiras, dias, noites, de joelhos sobre a laje fria dos templos; invoquei contrito o anjo de minha guarda, a Virgem, protetora dos aflitos; tudo foi baldado.

Chegou, enfim, a noite fatal. Indizível furor lança-me fora de casa, leva-me ao encontro de minha vítima, e os diamantes foram meus.

Cobrei descanso; o espectro da morte fugiu, a voz da tentação calou-se; compreendi o que exigia de mim a fatalidade, era-me preciso ou matar ou morrer; eis o segredo de minhas ações.

Nem me julgues destituído de comiseração; tu sabes quanto me custa a entregar obras de minha mão, sabes que nunca me encarrego de encomenda de pessoas que me inspiram consideração e respeito; porque, possuir obra de minhas mãos é sentença de morte inevitável.

Cardillac levou-me a um subterrâneo, onde guardava suas riquezas; o rei não as tem mais belas.

— Jura-me, disse-me ele com voz solene e terrível, que nunca esses prêmios do crime afetarão minha Matilde, que seu esposo e meu herdeiro, tu as reduzirás a pó, e as lançarás no abismo trágico das águas. — Jurei.

Ah! senhora, fechado nesse labirinto de crimes, dilacerado pelo amor de um anjo, pelo horror que me inspirava um demônio, eu não vivia, não pensava, obedecia ao acaso... Resolvia, às vezes, fugir desse inferno, ir tudo revelar à justiça, e depois matar-me... porém Matilde!

Uma tarde Cardillac entrou em casa, cheio de insólita alegria. Seus afagos para Matilde foram ternos mais do que nunca, maior do que nunca sua benevolência para comigo. Concluído o jantar, Matilde retirou-se; quis fazer o mesmo.

— Fica, meu filho, disse-me Cardillac, basta por hoje de trabalho; bebamos à saúde da mais respeitável, da melhor senhora de Paris.

E depois contou-me o que se havia passado na presença do rei, como vossos versos haviam salvado tantos inocentes da barbaridade das comissões especiais; ele manifestava a cada instante a maior veneração para convosco, para com vossas virtudes.

— Ouve, Oliveiro, disse-me enfim, estou resolvido: fiz, há dez anos, para Henriqueta de Inglaterra, um adereço: foi a mais perfeita de minhas obras, eu mesmo escolhi os diamantes. Quando me lembrei que deviam essas jóias sair-me das mãos... enfim, Henriqueta morreu, dizem que envenenada, e o adereço ficou em meu poder. Pois bem, esse adereço quero mandá-lo a Mlle de Scudery, em sinal de gratidão, de respeito, de veneração... Tu levar-lhe-ás esse presente.

Vosso nome caiu em minha alma como um raio de luz, como benfazeja consolação; todas as recordações da infância despertaram-se a um tempo, e toda a veneração que minha pobre mãe havia feito nascer em meu peito, narrando-me vossas virtudes.

— Sim, continuou Cardillac, é um violento impulso, como o que outrora me levava ao crime, o que me leva agora a fazer essa oferta a Mlle de Scudery; sinto que é ela o anjo que me reconciliará com a virtude.

Cardillac conhecia perfeitamente o interior de vossa casa, sabia de vossas menores ações; guiado por ele, consegui chegar quase à vossa presença. Supunha que o céu comovido me mostraria, pelos conselhos de minha madrinha, o caminho que devia seguir para salvar-me desse inferno em que vivia, pobre e desamparado, entregue ao remorso. Vinha revelar-vos tudo, implorar vossa proteção para mim, para Matilde, para Cardillac; e tal era minha íntima convicção, salvar-nos-féis a todos.

A fidelidade de vossa criada frustrou minha esperança: o céu me repelia.

Cardillac perdeu imediatamente sua alegria; olhos fixos no chão, percorria ele toda a casa, murmurava sons inarticulados, cruzava os braços, parecia lutar com uma vontade superior à sua, e por fim:

— Oh! quanto não daria, disse, para que meus diamantes estivessem ainda agora em poder de Henriqueta de Inglaterra.

Horrorizaram-me essas palavras; compreendi que a voz do tentador retumbava a seus ouvidos, que estavam vossos dias amea-

çados, e à custa dos meus resolvi falar-vos. Tudo estaria conseguido se fossem as jóias entregues a Cardillac; escrevi aquele bilhete; oito dias inteiros esperei ocasião de vo-lo entregar!...

O perigo redobrava: Cardillac mostrava-se cada vez mais inquieto, e vós não vínheis; não dormi essa noite, vi-o sair, acompanhei-o: ele encaminha-se para vossa residência, estremeço; perco-o de vista, encosto-me à vossa porta para defender-vos, custasse embora a morte de Cardillac ou a minha!

Como no primeiro dia de minha desgraça, passa diante de mim um oficial; como no primeiro dia, um homem o acomete; como nesse dia, esse homem era Cardillac.

Dou um grito, corro ao socorro da vítima; a vítima dessa vez era Cardillac. O punhal havia resvalado, e o acometido, arrancando ao agressor o tredo instrumento da perfídia, cravou-lho no peito. O resto vos é conhecido.

Convencida por tantas provas da inocência de seu afilhado, via-se Mlle de Scudery impossibilitada de as desenvolver ante a justiça, podendo apenas confiá-las à amizade, porque Oliveiro lhe havia dito:

— Não quero que, em despeito da providência, que ocultou à filha virtuosa os atentados de seu pai, minha voz invoque contra ela as desgraças do passado, e enodoe todo o seu porvir. Não quero que a vindita pública arranque do sepulcro os restos de Cardillac, e os entregue ao ludfbrio do algoz! Não, Matilde chorar-me-á inocência, e o tempo suavizará sua dor; se soubesse dos crimes de seu pai, nem a eternidade inteira aliviaria sua mágoa.

Comovida por tamanho infortúnio, tanto amor e tanta delicadeza, resolveu ela tentar todos os possíveis esforços para arrancar a virtude e a inocência à voracidade de um tribunal de sangue; mas toda a eloquência de sua convicção esmorecia diante da fria incredulidade do magistrado.

Levou suas súplicas ao trono, o trono foi surdo à sua voz.

Enquanto, porém, dava esses passos, não havia ela percebido, inquieta e aflita como estava, que Matilde, sob pretexto de ir à igreja, saía quotidianamente de casa, demorava-se muito na rua, mostrava-se pálida e desfigurada às vezes, às vezes agitada e enrubescida pelo carmim do pudor, às vezes arrasada em pranto. Matilde buscava também salvar seu amante.

Um dia, ao voltar do palácio, onde tinha ido tentar um último esforço, baldado como os outros, porque sabendo que Matilde era formosa, Mme de Maintenon a não queria proteger; sabendo que Oliveiro era protestante, achava-o o rei indigno de perdão, Mlle de Scudery mais desanimada e aflita do que nunca, viu sua casa cercada de inúmera multidão, ouviu os clamores: — inocente! inocente! absolvido! — e precipita-se, sem dar-se conta de suas sensações, no interior de sua casa. Oliveiro, livre de ferros estava aos pés de Matilde. Palavras entrecortadas por suspiros, palavras loucas e sem sentido, lhe escapavam. Matilde havia demonstrado aos magistrados a inocência de seu amante, havia alcançado sua proteção... mas, por que preço?

— Volta à vida, dizia Oliveiro, à vida, minha Matilde!

Ela não ouvia: assaltou-a a terrível convulsão, frenético delírio; ela fala de desonra, de felicidade impossível, e apontava para o céu; suas palavras só seu amante, só Mlle de Scudery as compreenderam.

No dia seguinte, um sacerdote rezava junto de seu corpo, e um enterro de pouco aparato se preparava.

Dizem que no dia seguinte um louco se apresentara na porta da casa do presidente da câmara ardente, que o guarda-portão o repelira; dizem mais, que alguns dias depois, no cemitério de Genebra, sobre a relva que cobria o túmulo de Ana Guiot, vira-se um mancebo mal trajado e macilento, de joelhos, abraçado com a cruz funérea; no dia seguinte, já o mancebo, em vez de abraçar a cruz, em vez de estar de joelhos, estava deitado sobre a terra fria desse sepulcro.²

² No *Jornal do Commercio* o autor publica a seguinte nota, que não vem registrada quando da publicação em volume: "Será traduzida, será imitada, será original a novela que vos ofereço, leitor benévolo? Nem eu mesmo que a fiz vo-lo posso dizer. Uma obra existe em dois volumes, e em francês, que se ocupa com os mesmos fatos; eu a li, segui seus desenvolvimentos, tendo o cuidado de reduzi-los aos limites de apêndices, cerceando umas, amplificando outras circunstâncias, traduzindo os lugares em que me parecia dever traduzir, substituindo com reflexões minhas o que me parecia dever ser substituído; uma coisa só tive em vista, agradecer-vos; Deus queira que o tenha conseguido".

Domingos José Gonçalves de Magalhães

Gonçalves de Magalhães, o futuro Visconde de Araguaia, nasceu no Rio de Janeiro no dia 13 de agosto de 1811 e morreu em Roma a 10 de junho de 1882. Considerado o iniciador do Romantismo no Brasil, ao publicar, em 1836, *Suspiros poéticos e saudades*, tem um lugar importante na história da literatura brasileira.

Ainda estudante em Paris, ali publica, com um grupo de outros jovens brasileiros, a revista *Niterói (Nichteroy)*, na qual lança nosso primeiro “manifesto” romântico, o “Ensaio sobre a história da literatura do Brasil”, primeira tentativa de atribuir ao país, recém-independente, uma literatura autônoma. Foi também dele a primeira peça teatral romântica, *Antônio José ou o poeta e a Inquisição*, de 1838, que teve João Caetano no papel principal. Essa questão da primazia na dramaturgia nacional é discutida por Lothar Hessel. Este autor afirma já ter havido encenações de autores brasileiros, com textos brasileiros, antes do *Antônio José*. Parece-lhe que Magalhães, amigo íntimo de Ferdinand Wolf, teria omitido ao crítico austríaco a existência desses outros textos. Em consequência disso, aparece como o primeiro dramaturgo brasileiro no *Le Brésil Littéraire*, o que, a rigor, correspondia a uma canonização em vida, dado o valor do olhar crítico estrangeiro sobre o Brasil.

Homem influente na corte de Pedro II, que foi pessoalmente aos jornais defendê-lo contra os ataques de José de Alencar à *Confederação dos tamoios*, foi membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e designado para a carreira diplomática.

Amância (1844) foi publicado como romance, mas pode ser considerado um conto longo, interpretação dada por Edgard Ca-

valheiro e Mário da Silva Brito, que o incluíram em *O conto romântico*. Esse romancete evidencia bem o gosto romântico pelo dramático-sentimental. O tom é todo o do exagero, tanto no comportamento dos heróis e dos vilões quanto no uso do estilo ornado que caracterizará a maior parte da nossa ficção romântica. Mais uma vez, devido ao seu pequeno tamanho, optou-se por transcrevê-lo na íntegra.

Amância
(romance)

Já ia cortando a baía do Rio de Janeiro para a capital a última barca de vapor, toda iluminada e apinhada de famílias, que na graciosa cidade de Niterói haviam passado a tarde de um domingo. As estrelas estavam encobertas por uma nuvem escura que anunciava chuva, e em toda a extensão da praia, tão animada durante o crepúsculo, só se ouvia agora o melancólico mugido das vagas. Ao dia tinha sucedido a noite, e com ela desceu sobre a cidade dos prazeres campestres o silêncio e a calma exterior, enquanto algumas casas por dentro iluminadas mostravam que ainda não tinham cessado todos os divertimentos. Em uma dessas casas cantavam e dançavam, vendo ao través das vidraças a claridade repentina dos relâmpagos.

No meio de uma bela companhia de moças que fazem esquecer as horas, não me importei com a última barca de vapor que saíra, projetando voltar em uma falua quando cessasse o *sarau*. Estávamos tomando chá, repetindo charadas, e contando anedotas, quando bateram à porta.

— Entre quem é, disse a dona da casa.

Entrou um homem bem parecido, todo vestido de preto; e só por esse modo de trajar, qualquer que ali o não conhecesse diria ser pessoa grave, e que não para se divertir tinha ido a Niterói.

— Oh, sr. doutor! V. S^a por aqui a estas horas! Sem dúvida veio ver algum doente? disse a dona da casa.

— Decerto; e estou desesperado, não pelo doente, mas pela última barca que lá se foi. A noite está tempestuosa, e não tenho remédio senão ir para a cidade em uma falua.

— Meu doutor, disse-lhe eu, terá companhia; porque também estou aqui invernando.

— Quer entretanto tomar uma jaqueta? Francisco, traze de lá uma jaqueta, disse o dono da casa.

— Ora, doutor, tome uma xícara de chá, disse-lhe uma das moças, e conte-nos alguma novidade para entreter-nos até passar a chuva.

— Que lhe hei de contar, minha priminha? Eu não sei senão casos de doentes.

— Pois não! O senhor que é bem capaz de falar um dia inteiro sem comer nem beber, só tomando pitadas! Veja agora se quer que o roguem!

— Sr. doutor, disse outra moça, conte aquele caso da moça que se atirou no mar, e que dizem que o senhor viu.

Enquanto entre o doutor e as duas moças se passava esta conversação, outras pessoas em grupos diversos riam-se e falavam de outras coisas.

— Pois bem, disse o doutor, vou contar-lhes o caso, minhas senhoras; mas quando acabar cada uma me há de dar um abraço. Então por isso?

— Nós lho prometemos. Escutem, meus senhores, minha mãe, priminha, maninha, venham ouvir uma história muito bonita.

O doutor, tomando uma pitada, assim começou:

— Era uma bela noite de verão, tão pura, tão serena, tão clara, que se podia dizer, com Chateaubriand: não era noite, era a ausência do dia. Parecia que o sol, retirando-se, deixara ao firmamento parte das suas galas. Tão rutilante estava a lua que diríeis ser o mesmo sol mal envolto em um véu transparente e azulado. À porfia brilhavam as estrelas, e pela pureza dos ares maiores pareciam que de ordinário. Era uma noite própria à observação das maravilhas celestes, e igualmente propícia às folganças campestres; enfim, para tudo dizer de uma vez — era uma noite do Rio de Janeiro.

“Já ao longe na Fortaleza de Santa Cruz, que guarda a entrada da barra, um tiro de artilharia tinha anunciado as nove horas; e as trombetas e tambores das inúmeras embarcações de todas as partes do mundo, ancoradas na vastíssima baía, elevando ao céu seus mastros, como uma floresta seca da Europa, repetiam aquele sinal de repouso. Uma suave viração refrescava as ruas da capital do

Império, e trazia o eco longínquo das músicas que nos vasos de guerra soavam. Em todos os quartéis tocava-se a recolhida, e no interior das casas reinava o prazer. Daqui uma flauta chorosa, dali uma guitarra, acolá uma voz melancólica de moça, acompanhada pelo piano. Tudo era alegria. Não faltaria também quem chorasse nesse momento.

“A minha profissão de visitar os que sofrem tinha-me levado até o caminho do Catete, muito antes de chegar à ponte. Na volta vinha eu em uma espécie de êxtase, não só pela beleza da noite como pelo prazer este que é a maior recompensa do médico que apenas enceta a sua carreira, todo cheio de esperanças de adquirir reputação e conceito.

“Que venturas não vinha eu sonhando! Às vaidosas criações da minha mente sucederam mais calmas meditações mal cheguei à entrada da Glória. A vista do mar tranqüilo como um espelho que se estendia à minha direita, atravessado por uma faixa abrilhantada, que sobre ele projetava a lua, tendo um ponto fixo na imagem do astro da noite, e outro móvel que me seguia, produzia sobre mim uma impressão de melancólico prazer, que o coração sente, e não sabem os lábios explicar. Não pude resistir; eu andava com os olhos pregados ora no céu, ora no mar, que outro céu se me antolhava ainda mais iluminado, porque não só refletia todas as estrelas, como a luz de todas as lanternas dos navios. Na verdade, a baía do Rio de Janeiro é uma maravilha do mundo!

“Desejei então ter uma fantasia de poeta; e como que minha alma extática poetizava em silêncio, sem achar palavras que exprimissem a infinidade de seus pensamentos, tão vagos como o espaço, tão serenos como a noite, tão brandos como o murmúrio das mansas vagas, que preguiçosamente se deslizavam morrendo sobre a praia da Glória. Oh! os poetas têm momentos deliciosos! Momentos de embriaguez celeste, a que nada se pode comparar! Oh! poetas! Ministros da Divindade, que convosco ri-se, e com vossos cânticos se apraz! Eu daria metade da minha monótona existência para gozar na outra metade desses vossos delírios de infável deleite! O riso mais angélico da inocência, que docemente salpica os lábios da infância, apenas é para o médico uma contração; mas a vossos olhos o que não revela esse riso? o que não diz à vossa imaginação criadora? O amor é um objeto de especulação

para o egoísta, um instinto sensual para o comum dos homens; mas para vós, oh poetas, é uma fonte perene de suaves melodias; é uma divindade pura, uma fragrância contínua, uma harmonia inesgotável do coração, um êxtase infinito, uma adoração de todos os sentidos e de todas as faculdades, um sacrifício d'alma, uma elevação a Deus! Feliz o poeta; porque ele só sabe gozar o amor puro, verdadeiro e endeusado! Feliz a bela que inflama o coração do poeta; porque só ela, entre todas as belas, recebe o tributo digno da beleza!"

— Está bom, sr. doutor, basta de preâmbulos; conte a história e deixe-se de poesias, disse uma das moças, que parecia impacientarse.

O doutor, olhando para ela fixamente, tomando uma pitada, respondeu-lhe em tom malicioso: — Eis aqui como às vezes descubro sem querer os segredinhos das moças! A prima, ou não ama, ou se ama, não é certamente a um poeta.

Aplaudiram todas a resposta, e Florinda, corando, tomou um tom de zombaria para disfarçar o vexame, e assim replicou: — Deus me livre de poetas! Eu lá quero um doido comigo! Bem me custa aturar o senhor, quando começa a falar sem nunca acabar, e que para dizer uma coisa leva um dia; quanto mais a um poeta, que primeiro que diga o que quer, procura mil rodeios, e afinal é preciso que o adivinhem.

— Não se enfade; a prima parece tomar o pião à unha.

— Vamos lá; acabe a história.

— Agora apenas a tinha principiado; são os prelúdios para dispor o auditório. Não falto às regras da retórica.

— Florinda tem razão, disse Margarida: o sr. doutor não se lembra que as mulheres são curiosas, e desejam saber as coisas logo.

— Eis aí porque elas sabem pouco. É preciso vagar para tudo; não se vai a Roma em um dia. Tenham paciência. Como estou com a imaginação exaltada, e uma língua solta, por ter percorrido toda a tarde em uma reunião em que estive, quis florear um pouco. De mais, esses casos contados simplesmente não têm graça. Vamos ao caso.

“Vinha eu todo engolfado nessas meditações, sem dar atenção aos mais objetos, e sem saber para onde meus pés caminhavam; assim atravessei o largo da Lapa, e em vez de tomar pela rua das

Mangueiras, que era o meu caminho, quando de mim dei acordo estava na porta do Passeio Público, respirando um ar embalsamado pelo aroma de mil flores. Creio que abstrato continuaria a andar, se insensivelmente não voltasse os olhos para minha direita, e não visse esse corredor formado por copadas árvores, plantadas ainda no tempo do vice-rei Vasconcelos, e cujo fim aberto em arco deixava ver a claridade da lua. Notem a minha distração, causada pelas idéias poéticas expostas no meu preâmbulo, que não é tão fora de propósito como parece, e vejam as conseqüências salutares. Quis voltar; mas a força do destino, ou a Providência, que até ali me levou distraído, obrigou-me a entrar. Antes de chegar no meio dessa rua de árvores, parei para ver o efeito misterioso que produzia a lua no lugar em que se alargam em círculo as copadas mangueiras, a cuja sombra durante o dia repousam os passeantes sobre os bancos de granito que o circundam. Quando para o chão olhava, parecia-me um lago tranqüilo aquela claridade refletida; erguendo porém os olhos dissera ser uma clarabóia no meio de um salão escuro. Tomei a direita; não sei porque; e fui até o paredão do jardim, e daí caminhando ao terrado que deita para o mar, tencionava colocar-me em seu centro, para do alto ver o efeito das duas pirâmides saudosas, que se elevam dos dois pequenos lagos rodeados de salgueiros chorões, e que atestam o amor que ao Rio de Janeiro consagrara aquele vice-rei, cujo governo foi sempre em benefício público.

“Coisas há que se não podem explicar. Ou fosse por essa lembrança do passado, ou pelo estrépito das vagas, quebrando-se contra o recife que protege o exterior da muralha do terrado, ou pelo coaxar das rãs nos tanques triangulares, em que estão as pirâmides, ou porque mesmo o coração previsse alguma coisa, senti uma espécie de arrepiamento, e uma palpitação mais apressada, que me obrigou a apressar os lentos passos em que eu ia. Não tinha eu ainda chegado à escada lateral do terrado, quando ouvi uma voz que arrepiou-me todo.”

— Ingrato! vem mais devagar!

“Tremi e parei, e levantando repentinamente os olhos, que até ali se apraziam em ver caminhar a minha sombra, dei com um vulto no alto do terrado, que veio a mim dizendo: — Há que tempo estou eu à tua espera!

“A voz me parecia juvenil, e o vulto condizia com a suavidade da voz; o que, aqui para nós, tirou-me todo o susto. Subi apressadamente a escada, e o incógnito com os braços abertos me veio esperar. Batia-me o coração fortemente sem saber porque. Mal nos esbarramos recuou o desconhecido, soltando um ah! de espanto, e cobrindo o rosto com as mãos, disse com voz trêmula”:

— Enganei-me, queira perdoar.

— Não há de que, meu menino; nem esse engano lhe deve causar tanto susto. Se espera por alguém da sua família, e teme estar só, poderei fazer-lhe companhia até que chegue.

— *Obrigada*, obrigado.

“Devo desde já dizer que o incógnito era de pequena estatura, estava vestido de homem, e sua voz era suave, e por isso qualquer o tomara por um menino: contudo, o título de ingrato que me havia dado, o susto ao reconhecer que eu não era quem esperava, a elegância do seu corpo, e o *obrigada* mal corrigido, fizeram-me logo crer que era alguma infeliz menina, que ali esperava o seu sedutor. Não querendo porém, para evitar-lhe a vergonha, revelar-lhe que eu havia adivinhado o seu sexo, continuei a tratá-la como se fosse um menino.”

— Diga-me, senhor, porque esconde o seu rosto? De mim nada há que recear.

— Faça-me o favor de me deixar sozinho. Meu pai não tarda por aí.

— E o que tem o senhor seu pai de scandalizar-se se me encontrar a seu lado? Não estamos aqui em um lugar público de passeio? Não está a noite tão clara, convidando a que conversemos sobre estas maravilhas que nos cercam?

“O desconhecido, parecendo não ouvir-me, e cada vez mais assustado, procurava escapar-me. Pude, então, apesar do seu lenço branco aplicado à boca por uma mão de neve bem torneada, e apesar do chapéu de castor que lhe ensombrava a frente, descobrir seus olhos belos, vivos e grandes, e o nariz fino, próprio de uma beleza.”

— Eu sei o motivo, lhe disse, porque procura esconder o seu lindo rosto! eu a conheço, e ...

— Senhor! exclamou ela. E as lágrimas lhe saltaram dos olhos, e toda trêmula estava.

— Sossegue, senhora, ouça-me. Sente-se primeiro.

— Devo estar só. Por Deus, senhor, por Deus, deixe-me só.

— Eu já a teria deixado, se não visse que com isso faria uma ação indigna. Não tenho direito de importuná-la, é certo, mas também não posso deixá-la aqui sozinha quando talvez a senhora necessite do meu socorro.

— Eu o agradeço. Preciso estar só.

— Tudo na senhora me anuncia uma moça bem educada e de boa família; e a sua estada aqui sem companhia só se explica por uma loucura. Eu sou responsável a Deus, se podendo evitar a sua desgraça, o não fizer.

— Se tenho de ser desgraçada, desde já o sou, e ninguém agora pode evitar a minha desonra.

— Eu, senhora, eu posso.

— Como?... É impossível.

— Este lugar é o prazo dado para a espera?

— Sim.

— Pois acompanhe-me; e se quiser voltará a ele quando for tempo.

— Se entretanto...

— Sei o que quer dizer. Onde estivermos veremos quem vem.

— Pois bem, senhor, vamos.

“Dei-lhe o braço. Parecia que eu tinha alcançado um grande triunfo, e caminhava tão cheio de mim como se conduzisse uma conquista minha. Já não sabia o que lhe dissesse; toda a minha retórica desapareceu naquele instante; o negócio era sério. Andávamos como duas estátuas mudas, e apenas eu sabia que vivia pelas palpitações de meu coração.”

— Que horas são? perguntou-me ela.

“Receei dizer-lhe a verdade: Hão de ser nove horas.”

— Tão tarde! meu Deus.

— Quer que a conduza até a casa?

— Agora?

— E por que não?... A senhora tem pai?

— Não me pergunte coisa alguma a esse respeito. E com essa pergunta estremeceu.

— Sentemo-nos aqui; deste lugar podemos ver quem sobe para o terrado, sem que nos vejam.

— Qual? eu já não espero. Fui enganada... Desgraçada de mim!

— Sei em que estado deve estar a sua alma; mas confie em Deus. E para que também possa ter alguma confiança em mim, saiba que sou médico, estou acostumado a penetrar no seio das famílias, e a ouvir confidências, e muitas vezes tenho consolado a outras talvez ainda mais infelizes do que a senhora. Não preciso que me diga que motivo aqui a conduziu. A paixão que a domina, nos seus olhos a leio. O amor tem feito muitas vítimas, mas também faz a felicidade de muitos entes. Moça, sem experiência do mundo, talvez enganada, deixou-se a senhora seduzir sem dúvida por algum desses conquistadores de profissão, que não vacilam diante de nenhuma dificuldade, e arrastam ao precipício as suas vítimas. Mas não me quero aventurar em supor o seu amante de torpe caráter, que ...

— Não, ele não é assim... Se o senhor o conhecesse far-lhe-ia justiça, e me desculparia.

— Eu desculpo todas as paixões, porque nem sempre elas em nós se manifestam por nossa vontade; condoe-me de quem as experimenta, pelo muito que sofre, e pelas desgraças que não lhe é dado evitar. Nem eu me ofereço para moralizá-la, sim para servi-la, e se julga que lhe posso ser útil, ordene; serei mais pronto que um escravo obediente, e mais cuidadoso que o amante fiel.

“A impaciência, a aflição, a desordem estavam pintadas no seu rosto, que ela já não ocultava. Era um rosto de anjo com tal expressão de dor tão viva, que cortava-me o coração. Rafael não duvidaria tomá-la por modelo de uma *Mater dolorosa*. Ais e suspiros lhe escapavam do peito a cada expiração. Lágrimas em bagas se deslizavam em suas faces desbotadas pela mágoa, e a furto esclarecidas pelos raios da lua que se enfiavam por entre as folhas das mangueiras. Constantemente enxugava com seu branco lenço o suor frio da fronte; descerrava os lábios trêmulos para falar, e os sons lhe expiravam na garganta, antes de articulados. Não menos triste e complicada que a dela era a minha posição. Tomei-lhe o pulso; um estado febril se anunciava; entretanto a pele estava fria como gelo, e orvalhada de suor. Que lhe diria eu? Como tirá-la dali? Para onde levá-la? Como falar-lhe de sua família, se com essa lembrança mais a inquietariam os remorsos? Depois de um

momento de silêncio, invoquei toda a minha coragem de médico em caso desesperado.”

— Senhora, disse-lhe eu em tom decisivo, e que mostrava uma firme resolução, não podemos escolher, porque não há meios diferentes que possamos abraçar. Aqui não podemos ficar. O seu amante não vem; cumpre portanto voltar para a casa.

— Que vergonha!

— Para servi-la procurarei iludir a pessoa que a governa; direi que a poucos passos distantes da sua casa encontrei-a delirante. Tire essa casaca, não talhada para seu corpo; ponha-a no ombro. Não precisa recorrer ao fingimento; seu pulso anuncia febre; em casa a sangrarei, e convencerei a qualquer pessoa que um delírio repentino, causado por um ataque de nervos, foi causa do seu procedimento.

— Não acreditarão! Não...

— Deixe isso por minha conta; basta que a senhora não fale, e não lembre de coisa alguma.

— E o ingrato! e o ingrato que me traiu! Meu Deus! meu Deus!

— Acompanhe-me, senhora, tenho resolvido. Depois me agradecerá; vamos.

— Antes morrer; mil vezes morrer.

— Eu a levarei à força, e assim melhor a salvarei.

— Não, por piedade; deixe-me.

“Nesse momento quase que lutávamos. Antes disso havia eu empregado para convencê-la mil meios de brandura, que deixo de mencionar. Vendo que tudo era inútil, o que eu devia fazer? Deixá-la? seria uma crueldade. Decidi-me pois a levá-la por força. Nesse ponto estávamos, quando a minha desconhecida, parando repentinamente, exclamou: — Lá vai ele! Adeus; deixe-me.

“E como dela me descuidasse, para ver se com efeito alguém tomava a direção do terrado, a moça sem mais esperar escapou-me numa carreira. Segui-a apressadamente, na dúvida se vinha alguém; em tal caso por amor dela não estimaria que me vissem; mas temendo que fosse uma ilusão da impaciência, não queria perdê-la de vista. Subiu ela a escada que fica ao lado do tanque no centro do terrado; e admirava-me de não ver senão ela. O raciocínio em certas circunstâncias é tão rápido como o instinto: se alguém para

ali se tivesse dirigido, não teria tempo de estar em cima; quando muito teria passado as pirâmides e pela carreira que levava a incógnita, ter-se-iam encontrado perto do tanque. Concluí que fora uma ilusão, e dei-me maior pressa para alcançar a moça.

“Cheguei a cima do terrado, e achei-me só! Um grito ecoou em meus ouvidos! A infeliz tinha-se precipitado ao mar... E para isso me havia enganado!

“Chegar ao parapeito, vê-la estendida sobre o recife que impede as ondas de bater contra a muralha do terrado, amarrar um lenço de seda na base da grade de bronze que o guarnece, escorregar por ele, cair da altura de uma braça, foi obra tudo de um momento. Julguei ao princípio que estivesse morta. Mas palpitava-lhe o coração, e o corpo estava frio como a neve. Felizmente tinha caído sobre um monte de secas folhas, que os jardineiros deitam do terrado abaixo quando diariamente limpam e varrem o jardim. Contudo ela se tinha ferido, e o rosto estava ensangüentado. A água do mar serviu-me de medicina. Levantei-a, e tomando-a nos braços, rodeei o exterior dos muros do jardim, com tenção de levá-la para minha casa.

“Oh! como eu ia agitado, e ao mesmo tempo satisfeito por ter arrancado à morte uma infeliz menina! Talvez a levasse à sua família; mas sabia eu porventura quem fosse? Fiz o que podia fazer. Cheguei à casa, e depus sobre o meu leito um fardo que tão grato me fora.

“Tirei-lhe a casaca e o colete, e logo sangrei-a, por já começar a febre, e eu temer o delírio. O peito estava azulado pelas contusões, e as mãos e uma das faces arranhadas pelos espinhos das roseiras secas. Fiz tudo o que devia fazer em tais casos.

“Foi larga a sangria; e seguiu-se o sono.

“Assentei-me à sua cabeceira; contemplei a sua rara formosura, e vi com uma espécie de admiração religiosa a inocência espargida sobre um semblante de dezesseis anos, tão desmaiado que de mármore parecia. Eu a olhava já com os olhos ávidos de um apaixonado; e para dizer a verdade, cheguei a crer que o céu destinava aquele caro objeto para mim, para meu amor! Que sono tranqüilo ela dormia! E que sonhos tão meigos eu sonhava acordado! Cheio de respeito tomei uma das suas mãos geladas e beijei-a. Levantando-me tomei a vela, e a casaca com que ela se disfarçava, saí do

quarto, e fui assentar-me na sala ao lado da mesa, pensando na incógnita: e que outro pensamento podia eu ter?

“Lembrei-me que ela, fugindo de casa, devia trazer consigo algumas cartas do seu amante, e que por elas podia eu desenredar o drama apenas começado. Mas receava penetrar um segredo que voluntariamente se me não confiava. Depois de alguns momentos de luta, pensei nas conseqüências; e julguei que me era lícito saber de tudo, para um fim honesto. Achei na algibeira da casaca um maço de bilhetes, ligados com uma fita, e uma caixinha de marroquim.

“As cartas estavam deslacradas; abri-as, e li. Algumas só continham expressões e protestos de amor, outras acusavam recebimento de flores. Entre elas li a seguinte”:

Primeira carta:

Se creio no que me mandaste dizer, sou o mais feliz de todos os amantes, porque basta o teu amor para endeusar minha existência. Mas ao mesmo tempo a pertinácia de teu pai me constitui o mais desgraçado de todos os mortais. Eu sempre antepus a honra e a glória ao dinheiro; mas hoje desejaria ter milhões para deslumbrar os olhos ávidos de um velho, que no esposo de sua filha não deseja ver outro mérito senão esse. Oh minha Amância! louco de amor por ti, nem me lembro que te não mereço por essa falta de tanta importância para o nosso século de egoísmo. Mas tu, oh anjo com figura humana, tu me desculpas, e me amas! Dize o que devo fazer para possuir-te legitimamente. Minha impaciência é igual ao meu amor. Teu fiel, etc.

“Nenhuma das cartas estava datada e assinada; e só depois de ler todas pude descobrir a ordem em que foram escritas, que era pouco mais ou menos a mesma em que estavam emaçadas.”

Segunda carta:

O amor que te consagro, e o que me retribuís apenas servem agora para me fazer mais desgraçado. Ontem tu me devias achar bem mudado! Andei como um doido; estive quase entrando em tua casa, lançando-me aos pés de teu pai, dizendo: Ela já é minha, não a entreguem a outro; seu coração é meu; eis aqui a prova nesta carta. Mas temi que o respeito da filha apagasse o teu amor por mim. Não, oh minha Amância, não; eu não viverei se se verificar a notícia que já corre na cidade, e que a tua carta acaba de confirmar.

Eu não temo um rival, porque tu não o amas; mas temo um competidor poderoso; temo a ambição de teu pai; temo a tua inocência; temo o teu respeito à autoridade paterna; tudo temo. Mas não, tu não serás dele. Tu não podes dar uma destra fria a quem teu coração aborrece. Sua idade é muito superior à tua. Uma menina de dezesseis anos não pode ser a esposa de um homem de cinquenta, de um velho que só tem por si o dinheiro. Tu serás desgraçada, minha Amância, serás desgraçada, ele, e eu também; seremos todos desgraçados. Mas eu não serei testemunha dos teus desgostos; porque no dia mesmo desse consórcio cruel, à face dos altares, quando tua mão estiver sobre a dele... eu morrerei... sim, morrerei... E de que me serve a vida sem ti?... Há um ano que padeço; há um ano que me não pertenço; há um ano que te consagrei o meu coração, minha liberdade e minha vida. E tudo isso para ver afinal... nem ousou acabar... Oh minha doce Amância, tem compaixão de mim.

Terceira carta:

O sono fugiu de meus olhos, e no fim desta vigília, mais cruel que a tempestade, só vejo a morte. Três dias de esperanças e de luta só tenho diante de mim; e no fim destes três dias de angústias tu me dirás um eterno adeus, para entregar-te ao teu odioso esposo... e eu estarei na eternidade!... É isto o que queres? Dize, dize, cruel? O que esperas ainda? Já eu não sou o teu amante? Já te esqueceste dos teus juramentos? Ah, minha bela, no meio da tempestade, quando as ondas ameaçam tragar o quebrado do navio, salva-se quem pode na primeira tábuca que encontra: a nossa é a fuga. Salvemo-nos! Aceitas? Hoje mesmo, não há mais que esperar, hoje mesmo. De noite eu estarei no terrado do Passeio Público, no canto que deita para o lado do Convento do Carmo, por ser o menos freqüentado. Às 7 horas, enquanto toda a tua família estiver com visitas na sala, na ocasião em que fores preparar o chá, toma as vestes de teu irmão, e vai encontrar-me. Sim, minha esposa, eu já como tal te considero, e só esta idéia me anima. Não causes a minha morte. Salva o teu amante, o teu esposo.

Quarta carta:

Estou desenganado... Conheci-te enfim. Não há amor de mulher que seja real. Seu juramento é uma perfídia; seu riso uma zombaria; sua palavra uma mentira; tudo nela é uma pura falsida-

de, que se desvanece como as ilusões do sonho. Oh! como tu me enganaste tão cruelmente! Não haverá também compaixão no coração da mulher? Já eu me contentava que por piedade fizesses o que por amor eras incapaz de fazer... sim por piedade; porque soffro muito. Minha morte é inevitável. Tu não compareceste no prazo dado; sinal certo que me não queres acompanhar, que queres entregar-te a esse odioso rival. Pois bem, entrega-te. No momento do sacrifício, à face de Deus e dos homens, tu me verás surgir como um espectro do sepulcro, no meio dos assistentes... Ver-me-ás morrer, e o meu sangue cairá sobre ti. Com a desesperação n'alma, e o inferno no meu peito, juro que cumprirei o que digo. Adeus, até o momento da minha morte.

Quinta carta:

Sim, eu devo viver, tu o queres! Tão repentinamente passei da desesperação à alegria que sinto a cabeça perturbada. Oh! que não possa eu agora abraçar-te, e devorar-te com meus beijos como faço à tua carta, que não me sai dos lábios e de meu peito, como uma preciosa relíquia. Como tu me amas, Amância! Como tu me amas! Eu também te amo, e te adoro. Perdoa-me, minha querida, a dureza da carta desta manhã. Eu estava doido, e te julgava ingrata. Sim, tu me perdoarás pelo muito amor que te consagro. Eu lá vou esperar, como tu me ordenas. Eu lá estarei de joelhos à tua espera... sim, de joelhos; e a primeira palavra que quero ouvir de teus lábios é — Eu te perdôo.

“Ora, eis-nos aqui mais orientados. Amância não faltou naquele dia, pois que lá a encontrei; por que pois não compareceu o seu tão solícito e apaixonado amante? Eis o problema que não pude resolver.

“Depois de ler estas cartas, abri a caixinha de marroquim, a que no princípio não dera atenção, cuidando ser alguma jóia; mas qual não foi o meu pasmo achando um retrato de homem! Devia ser o do seu amante. Representava ter vinte anos, e estava de uniforme militar. Não o conhecia, entretanto parecia-me que já o tinha visto; a fisionomia não me era inteiramente estranha. Talvez o tivesse encontrado alguma vez por acaso. À vista do retrato, feito sem dúvida por um bom artista, desculpei a cega paixão de Amância. Era um belo moço; seus olhos expressivos, lábios cerrados, faces coradas, cabelos negros, nariz fino, fronte de regular dimen-

são, tudo denotava inteligência, e um caráter veemente, sujeito a grandes paixões.

“Se eu soubesse seu nome e sua morada, talvez o fosse procurar naquela mesma noite durante o sono de minha enferma, que devia ser longo. Mas guardei isso para o dia seguinte, tencionando ir ao quartel do seu batalhão que me indicava o uniforme, e lá informar-me com um oficial meu conhecido, que à vista do retrato não deixaria de reconhecê-lo.

“O resto da noite foi para mim uma contínua vigília: ora passeando na minha sala a pensar neste estranho caso; ora ao lado da desconhecida, contando as suas palpitações, e procurando perceber alguma palavra escapada no sonho. Nada; tranqüila passou a noite. A larga sangria produziu ótimo efeito. Ela dormia, como se houvesse muitos dias que não gozasse as doçuras do sono.

“Já a luz matinal penetrava os resquícios das janelas, e eu enjavejava, sem que pudesse ser visto, os primeiros movimentos do despertar da pobre Amância. Não queria ser visto para evitar-lhe o susto; porque tudo o que lhe havia sucedido devia estar mal gravado na sua memória, como as fugitivas imagens de um sonho. Vi que ela se revolia no leito, e repentinamente abrindo os olhos, assentou-se, procurando reconhecer o lugar em que se achava, e o primeiro nome que lhe escapou dos lábios foi: Jorge! Jorge!

“Era o nome de seu amante, em cuja casa talvez cuidasse estar. Reparando depois na ligadura do braço, disse: — Quem me sangrou? Estou ferida! Que foi isto?

“Tal era o seu pasmo que parecia uma alienada, com os olhos abertos e imóveis, os lábios frouxos, e os braços caídos sobre o regaço. Depois, como procurando ligar suas idéias fugitivas, franziu a testa, ergueu os olhos para o céu, e com a mão direita alisava as rugas da fronte. Eu a vi nesse estado ficar longo tempo sem proferir palavra; entretanto movia os lábios, como se estivesse falando consigo mesma. Pouco a pouco as faces se contraíram para cima, seus lábios começaram a tremer convulsivamente, e uma lágrima escapou-lhe dos olhos; seu peito foi-se erguendo e dilatando, como quem reprime a respiração, e soltando um ai, caiu de novo sobre o leito a soluçar. Meu primeiro impulso foi socorrê-la, e o fizera se não fosse médico.

“Com prudência aguardei outros fenômenos, e não me enganei.”

— Quem me socorre! gritou ela. Ai de mim! Ninguém me socorre.

“Apresentei-me então.”

— Senhora! não me conhece? Eu sou o seu protetor. Lembre-se da noite de ontem.

— Como me trouxe para aqui?

— Nos meus braços. A senhora estava desmaiada. Contei-lhe o passado; silenciosa escutou-me, e no fim exclamou: por que não morri? Por que não me deixou morrer?

— Porque deve viver para ser feliz.

— Feliz, eu?

— Sim; eu já sei de tudo. Vou procurar o sr. Jorge, que sem dúvida razão de enfermidade impediu de ir ter ao prazo dado. Eu o trarei aqui; e se ele é um pérfido, o que não creio, farei pela senhora tudo o que pode fazer um homem para salvar a honra de uma menina sacrificada. Tudo, senhora, tudo eu farei.

— Obrigada, senhor! obrigada!

“Disse-lhe mil coisas para acalmar a sua agitação, e pedindo-lhe que me esperasse, prometendo-lhe voltar logo com o seu amante, nos separamos.

“Fui rapidamente ao quartel para saber onde morava o capitão Jorge; cheguei à sua casa em frente da praia Formosa; bati à porta, e ninguém me respondia. A desesperação já se infiltrava em minha alma. Continuei a bater, até que um soldado me abriu a porta, e sem me deixar entrar, disse-me de mau humor: — Meu capitão não pode falar, está incomodado.”

— Diga-lhe que é um amigo, que vem por negócio dele mui importante.

— Tenho ordem para não deixar entrar pessoa alguma, nem mesmo o coronel, se viesse procurá-lo.

— Eu sou o médico; sei que ele está doente.

— Eu não fui a médico algum.

— Não importa, sou seu amigo.

“O soldado queria fechar a porta mal aberta, e eu entre a porta e o portal procurava impedir; nem ela se fecharia sem que me esmagasse. Tirei então da algibeira a minha carteira, e escrevi este bilhete de provocação, para obrigar o capitão a receber-me.

“Capitão, ou vós estais enganado, ou sois um pérfido; seduzistes uma inocente, e a deixais na desesperação. Por vossa honra, se a tendes, deixai-me entrar, e nós conversaremos.

“O soldado levou o bilhete, fechando a porta, e em um minuto a porta de novo se abriu, e um homem pálido como o mármore do sepulcro, com a cólera nos olhos, um sorriso sardônico nos lábios, todo trêmulo, e uma espada na mão, estava diante de mim. Recuei receoso que me fizesse algum insulto.”

— Vem sem espada! disse-me ele com a voz rouca, que lhe saía do peito arquejante.

— Sim; minha profissão é conservar a vida, e não dar a morte.

— O que quer de mim? Quem lhe deu o direito de insultar-me?

— O furor vos cega, sr. capitão! Importante negócio aqui me conduz. O interesse é mais vosso que meu.

— Que se perca! Já não pertenço a este mundo que detesto. Podeis retirar-vos.

— Não entendestes o meu bilhete? Não vos lembrais que ontem devíeis esperar por uma menina?

— E quem vos disse? Como o sabeis?

— Se me quiserdes ouvir, e ser franco, dir-vos-ei tudo.

— Ah! sois o confidente da pérfida! Ela tudo vos contou? e assim se diverte com o meu amor! Ah! quem se pode fiar em mulheres!

— Fazeis grande injustiça à vossa amante.

— Injustiça! Injustiça! E quem sois vós para tomar a sua defesa?

— Uma testemunha das suas desgraças.

— Desgraças! Ela? como assim?

— Permita que eu suba; e tranqüilos falaremos.

“Subimos ambos: pediu-me que me assentasse, e pondo a espada sobre a mesa, deixou-se cair sobre uma cadeira.”

— Senhor, disse-me ele, desculpe a minha perturbação. Há três dias que não sei o que é descanso; há duas noites que não sei o que é sono.

— Tudo creio, sr. capitão; e o estado em que o encontro perturba todas as minhas idéias. Falemos do objeto que me obriga a procurá-lo. Existe uma infeliz neste mundo, que só tem por si os meus cuidados, e que talvez não existisse hoje se a Providência a não socorresse com a minha presença.

— Amância! Amância está doente? Será essa a causa por que ela... Ah, senhor, sois médico? Dizei-me, dizei-me.

— Sim, eu a salvei.

“Como um louco precipitou-se sobre mim, beijando-me mil vezes a mão, e regando-a com suas lágrimas.”

— Quanto, quanto vos sou obrigado, dizia ele. Pobre Amância! E eu que tão injustamente a acusava. Queriam casá-la à força: eis por que ela adoeceu, sem dúvida de paixão.

— De paixão, sem dúvida, porém por vossa causa.

— Sim, por minha causa! Como ela me ama! E ria-se e chorava a um tempo como uma criança, ou como um delirante.

— Instada por vós, deixou ela a casa paterna...

— Quê! Amância fugiu?

“E ficou pálido, com os olhos tão abertos e fixos sobre mim, que pareciam devorar-me.”

— Sim, fugiu por vossa causa.

— Fugiu! exclamou ele tão cheio de terror como se visse uma serpente... Fugiu! E não por mim! e não comigo! E tremendo como uma frágil vergôntea caiu sobre o chão desmaiado.

“Prestei-lhe todos os socorros da ciência, e esperei que tornasse a si. Entretanto eu já acreditava que ele tivesse perdido a razão; que por isso não tivesse ido ao prazo dado, e que agora me não compreendesse. Fundada era a minha conjetura: tantas vigílias, tantos sustos, a passagem rápida da desesperação à alegria, o que bem se desprendia das suas duas últimas cartas, uma paixão violenta, tudo podia ter-lhe perturbado o juízo. A maneira por que me recebeu, e tudo o que entre nós se passava denotava um certo grau de alienação mental.

“Já ele abria os olhos, sem contudo dar fé de mim, e pronunciava algumas palavras soltas sem sentido, quando na escada senti passos, de quem desvairadamente subia.”

— Amância! minha filha! Aqui está teu pai!

“Assim bradava, entrando, um homem de cabelos brancos, com a desesperação e a fadiga impressas no rosto e em todos os seus movimentos.

“Mal chegou à sala, volvendo os olhos para todos os lados, perguntou”:

— Onde está ela? onde está minha filha? quero vê-la.

— Senhor, disse-lhe eu, nesta casa não há mulher alguma.

— Ela foi roubada, e há de aqui estar por força. Esta é a casa do seu sedutor, do infame que ma roubou.

— Nesta casa apenas mora este homem, que se acha gravemente enfermo, e não podia de certo ter roubado vossa filha. O estado em que ele se acha prova assaz o que digo.

— Oh desesperação!... E quem é esse homem?

— Não o conheceis? É o capitão Jorge.

— Jorge? gritou o velho fitando nele os olhos e reconhecendo-o:

— Jorge! Foi ele... És tu, pérfido, que roubaste minha filha... Onde está ela?

“E dizendo estas palavras o investiu; e foi-me necessário colocar-me entre ele e Jorge, que sentado em uma cadeira imóvel, parecia nada ouvir, nada ver.

“O velho banhado em lágrimas, caiu a meus pés dizendo:

— Ah senhor, se sabeis onde ela está, não mo oculteis... Sois meu amigo, sois um homem de bem; tende compaixão de um velho, de um pobre pai! Minha Amância!... Minha filha!... Amância! Amância!

— Amância!... bradou Jorge, erguendo-se da cadeira como um possesso, e colocando-se no meio da sala com uma atitude tão trágica, que se me arrepiaram os cabelos.

— É aqui que tu a procuras, bárbaro pai? Velho avarento, que por ouro venderias a honra, a filha e teu Deus. Não, coração de cofre, que só para o ouro se abre, não é aqui que tu deves procurar tua filha; ela aprendeu contigo; e o capitão Jorge não possui riquezas para seduzi-la.

“O velho ficou como ferido por um raio; e eu estupefato. Jorge em três passos ganhou o leito, e mergulhou a cabeça nos travesseiros.

“Um momento de silêncio sucedeu a esta trágica cena. Eu possuía o segredo, e não ousava revelá-lo antes do tempo. A honra da infeliz Amância me era tão cara, que eu temia qualquer indiscrição que a pusesse em dúvida.”

— Senhor, disse eu ao velho, o capitão sofre como vós pela fuga de vossa filha, e eu temo pela sua vida. Talvez que ela se refugiasse em casa de alguma parenta ou amiga, para não ser constrangida a dar a mão a um homem que lhe não merece o coração. Acalmái-vos; não desacrediteis a vossa filha, publicando a sua

fuga. Ide procurá-la com toda a prudência que requer este acontecimento.

— Eu vos agradeço, senhor, tão salutar conselho. Não me ocorreu, no meu furor, que pudesse Amância ter ido para a casa de alguma parenta. Deve ser como dizeis. Eu vou. Obrigado, mil vezes obrigado. Mas antes de deixar-vos... pedi ao vosso amigo que me desculpe. Ele toma parte na minha desgraça; e contudo não é inteiramente inocente. Talvez por ele Amância me desobedecesse.

— Se é como dizeis, respondi-lhe já caminhando para a porta, há de vossa filha participar ao capitão, e nesse caso encarrego-me de vos informar de tudo, a fim de tranquilizar o vosso espírito.

“Agradeceu-me muito cordialmente, e retirou-se, deixando-me entregue a novo combate.

“Em pé, no meio da sala, esperava eu que o capitão, erguendo a cabeça do leito em que a tinha mergulhada, me dirigisse a palavra com mais algum discernimento, devendo ter ouvido o que eu acabava de dizer ao velho.

“Depois de um largo espaço de tempo, dirigiu-se com efeito a mim, a passos lentos. A palidez da morte lhe desfigurava o semblante; com a cabeça baixa, os cabelos em desordem, os braços cruzados sobre o peito, disse-me com voz abatida”:

— Pode retirar-se; necessito estar só.

“Com todo o vagar tomei o meu chapéu, como quem pouca vontade tinha de obedecer àquela ordem. Endireitei os lenços nas algibeiras da minha casaca; tomei uma pitada compus-me todo, e chegando-me a ele como para despedir-me, lhe disse com muita gravidade:”

— Sinto ter merecido tão frio acolhimento, quando talvez a vossa salvação dependesse de uma franca confidência. Eu me retiro, sr. capitão, mas lembrai-vos que sois vós que ordenais, sem ouvir-me, como pede o vosso interesse.

“Acentuei estas últimas palavras. Disse-lhe adeus, e queria sair, quando ele rompendo o silêncio me perguntou”:

— Não me disse o senhor que é médico?

— Sim, disse.

— E que tinha tratado de... dela?

— É verdade.

— Que está bastante enferma?

— De certo, e bastante.

— Mas se ela não está em casa de seu pai, onde esteve o senhor com ela?

— Eis o que eu desejava dizer-vos, e porque vim procurar-vos, com perda de meus interesses. Mas eu vos incomodo; convém retirar-me.

“Um ligeiro sopro de esperança parecia deslizar-se em seus lábios.

— Senhor, se sois médico, não adivinhais que perdi o juízo? Desculpai-me.

— Se vos não desculpasse, já aqui não estaria. Porém os meus doentes me chamam...

— Esperei; eu também estou doente, e necessito do vosso socorro.

— Sr. capitão, falemos claro; o acaso me fez sabedor do que entre vós e d. Amância se há passado. Felizmente pude impedir as funestas conseqüências da desventurada paixão dessa senhora; e para servi-la vim procurar-vos, a fim de receber um desengano, e restituir a seu pai uma menina que por causa vossa, e para escapar à desonra, procurava a morte.

— A morte? por minha causa?

“Vivos sinais de interesse começaram a animar a sua abatida fisionomia.

— Sim, a morte, de cujas garras a subtraí ontem à noite.

— Meu Deus! será possível! Explique-me tudo, caro doutor!

— O que vos digo é bastante para que possais compreender que de tudo estou informado, e que me deveis franca confissão do que necessito saber, para revelar-vos o resto.

— Prometo dizer tudo.

— Bem; vós destes à vossa amada um prazo no Passeio Público. Por justa causa faltou ela na primeira vez; mas à vista de uma carta vossa, bastante desesperada, escreveu-vos, prometendo que compareceria naquela mesma noite, que foi ontem. Dizei-me agora, por que tendo vós empregado tanta força para obrigá-la a esse passo, faltastes ao prazo que destes?

— Faltar?... Pois disso me acusa ela?

— Sim.

— Eu não faltei, nem podia faltar... Faltou ela. Desde as seis horas da tarde até às oito impaciente a esperei. Com os olhos fixos no meu relógio via fugir a minha esperança a cada minuto que marcava o ponteiro. Ao mais tardar devia ela lá estar às sete horas e meia; e não apareceu... Ah, vós não sabeis com que desesperação se espera por quem mais que a vida se deseja. E quando se espera por uma amante, se algum dia amastes, sabeis o que isto quer dizer; quando se espera por uma amante, que deve fugir da casa paterna, esquecer-se por um momento de todos os preceitos bebidos desde a mais tenra infância, porque enfim eu conheço que é preciso um momento de delírio; quantas, quantas atribulações e dúvidas não combatem o coração do infeliz que espera! Julguei que era inútil esperar mais tempo; ou antes sem refletir, arreatadamente como as pancadas do meu coração, saí daquele lugar, para me livrar de um pensamento horrível — que ali achassem meu cadáver no dia seguinte. — Quantas vezes arrepiei meus passos; quantas vezes saí, até que afinal, levado por um impulso estranho, fui até a sua porta; investi pela escada: subi; descí; na minha cabeça só havia projetos de desesperação e de morte. Nada fiz, porque as forças me faltaram; voltei ao jardim, até que desenganado, quase morto, depois de andar toda a noite sem tino, pude chegar à casa, donde saírei pela última vez.

— A impaciência é uma má conselheira. Capitão, vós sereis meu amigo, como eu já sou vosso. Se tivésseis esperado mais uma hora, seríeis agora o mais feliz dos homens.

— Que dizeis? que dizeis? Ela foi? Julga-me traidor? E eu que sofro angústias mais cruéis que as da morte! que fiz eu? Pobre Amância!

“Narrei-lhe então o ocorrido na passada noite, e Jorge parecia não contentar-se de ouvir as minhas palavras, ele as bebia, interrompendo-as com expressões da mais veemente dor, arrancando os cabelos, e derramando lágrimas de arrependimento. Pediu-me que o levasse à minha casa para lançar-se aos pés de Amância. Acedi ao seu desejo, com a condição que na escada esperasse, para que sua presença imprevista não perturbasse o espírito da moça. Assim como dois íntimos amigos, caminhamos para a cidade.

“Chegamos à casa que encerrava o tesouro do meu novo amigo; abri a porta; o capitão ficou na escada esperando o sinal entre

nós concertado, e eu mostrando rosto alegre entrei gritando: Parabéns! parabéns!

“Amância estava assentada, olhando para o retrato do seu amante, e apenas me ouviu, dando um ah! de espanto, levantou-se e perguntou-me.”

— Então, achou-o? onde está ele? Não veio? Estará doente?

— As boas novas, disse-lhe eu, não se dão de repente. É preciso saboreá-las pouco a pouco, como um delicioso manjar.

— Então... ele não é traidor?... Ainda me ama?

— Cada vez mais... Não sabe em que estado de desesperação o encontrei. E neste teor lhe fui contando tudo, e o desencontro por causa das horas dadas para a reunião.

— Ele foi!... Coitado! Como não ficaria julgando-me falsa! Tomara vê-lo, para lhe dizer a causa que me impediu de ir mais cedo. Quando virá ele?... Por que não veio com o senhor?... Digame, quando virá?

— Neste momento.

“Bati com o pé, e Jorge apareceu, lançando-se de joelhos aos pés de Amância. Um grito de prazer e de espanto da parte de uma, e — Amância! — pronunciado com transporte pelo outro, foram as únicas palavras que soaram naquele primeiro momento de amor.

“Contar todos os abraços que se deram; todas as palavras meigas que soltaram, todas as desculpas, todos os transportes, todas as exclamações de que tão pródigos são os amantes, seria um nunca acabar. Coloque-se cada qual na mesma posição, e imagine se puder o que ali se passou, e do que eu fui muda testemunha, participando também de alguns abraços, e regozijando-me de ter concorrido para a felicidade dessas duas criaturas. Feliz quem ama, e é amado; sobre a terra não vejo bem maior.

Melhor é experimentá-lo que julgá-lo,

Mas julgue-o quem não pode experimentá-lo.

“Quem fez estes versos sabia bem o que é amor.

“Para terminar esta cena direi somente que Amância desculpou-se por ter ido tão tarde ao lugar apazado, e consentiu que o seu amante lhe beijasse mil vezes a destra, em sinal de perdão, dizia ele, por não ter esperado até de manhã.

“Uma boa hora tinha decorrido; e repetiam sempre as mesmas coisas, parecendo esquecidos do futuro, como se aquele estado fosse a sua única bem-aventurança, e que de mais nada devessem cuidar, nem mesmo de comer.

“Em um intervalo de silêncio, em que eles se contemplavam, disse-lhes eu”:

— Então, que determinação tomam? Ficam assim eternamente? Qual o vosso intento, sr. capitão?

— Fugir! disse ele prontamente: Não é assim, Amância?

— Eu sei?... O que nos aconselha o senhor doutor?

— Já que o destino quer que eu aqui represente o papel de protetor e conselheiro, dir-lhes-ei que o melhor é ir solicitar o perdão do senhor seu pai.

— Meu pai! Oh como não estará ele? Pobre velho! E assim dizendo as lágrimas lhe saltaram dos olhos.

— Senhor doutor, disse Jorge, ele não consentirá na nossa união; eu sou pobre.

— O amor de um pai, respondi-lhe, posto que menos furioso, é mais compassivo, mais duradouro que o de um amante. Se consentem que eu sirva de mediano, irei procurá-lo e dispô-lo em favor de ambos.

— Sim, sim! exclamou Amância.

— Tempo perdido — disse o capitão.

— Sr. Jorge, vós não conheceis o coração de um pai. Tempo perdido é este que inutilmente gastamos sem nada resolver. Dai-me a vossa palavra de militar honrado, de respeitar como homem esta senhora, e fazei-lhe companhia até que eu volte. E vós, senhora, rogai a Deus para que vosso pai me atenda. Abracei-os e saí.

“Um escravo conduziu-me à alcova, onde estava deitado o desesperado velho, que, ao ver-me, levantou a cabeça, e antes que eu tivesse tempo de o saudar, perguntou-me”:

— Que notícias me dá de minha filha? Ah senhor doutor, eu a procurei em todas as casas dos parentes; nada, nada.

— Não se aflija; o céu conserva vossa filha sempre pura para ser a consolação de sua velhice. Ela chora por vós, e se lastima pela vossa teima em querê-la casar com um homem que não pode fazer a sua felicidade.

— Então, sabe o doutor onde ela está? onde? onde está? quero ir vê-la... essa filha ingrata que será a causa de minha morte.

— Vós me pareceis bem agitado; tranquilizai-vos, e conversaremos.

Ah senhor doutor, se os filhos soubessem as aflições que causam ao pobre homem que tem a desgraça de ser pai!... Parece que o céu nos pune por havermos dado o ser a outras criaturas, rebelando contra nós os nossos próprios filhos.

— Que blasfêmia! Foi o senhor por ventura a causa da desgraça de seus pais?

— Sempre os respeitei.

— Se foi respeitoso filho, como declama contra todos os filhos? A natureza de pai destrói por ventura a de ter sido filho?

— Os filhos de hoje não são como os do outro tempo: havia então mais respeito, mais amor, mais religião. Hoje está tudo corrompido; nem a Deus se respeita.

— Engano! Acusai antes a vossa... pertinácia em querer forçar a natureza. Se seu pai o tivesse obrigado algum dia a obrar contra o seu coração, o senhor o chamaria bárbaro.

— Deixemos essa conversação: falemos antes de minha filha. Sois moço, defendeis o vosso tempo, que já não é o meu. Onde está Amância? Posso vê-la?

— Hoje mesmo a verá; mas peço-lhe um favor antes de vê-la.

— Tudo o que quiser; diga.

— Que a deixe escolher um marido a seu gosto. Um marido é mais que um pai, e a escolha deve pertencer a quem a ele se há de sujeitar. Sei que o senhor é viúvo, e que ainda hoje lastima a perda da companheira de seus anos mais felizes. Se a força se tivesse a ela ligado, nem a sua existência teria sido como foi, nem por ela chorara.

“O pobre velho exalou um profundo suspiro, e seus olhos se umedeceram.”

— Senhor, continuei, por amor dela, por amor de vossa falecida esposa, pelo sossego de sua alma, que agora talvez lamente o vosso procedimento; perdoai a vossa filha.

— Eu lhe perdôo, sim, eu lhe perdôo.

— Deixai-lhe a liberdade de escolher um esposo.

— E minha palavra dada? Todo o mundo sabe que eu a tinha prometido ao sr. Norberto; nem ele quererá ceder.

— Tem porventura algum direito sobre vossa filha? Prometeu-lhe ela coisa alguma!

— O que hão de dizer?

— Se a constrangerdes, dirão que sois um pai tirano, que fizestes a desgraça de vossa filha por amor do dinheiro. Dirão mais, que fugiu por vossa causa, e que fez muito bem, porque todo mundo tem o direito de defender a sua liberdade. Se consentirdes no que vos peço, será vossa filha feliz, e todos aplaudirão a vossa bondade. Sois rico; não precisais que o vosso genro traga mais dinheiro; basta que ele seja uma pessoa honesta; vossos filhos vos abençoarão, viverão convosco, e à vista da vossa felicidade ninguém vos acusará.

— Se o sr. Norberto cedesse...

— E o que pode ele fazer? Que remédio tem ele senão ceder!

— Senhor doutor, creio que ele aí chega... esses passos são dele.

— Não falemos mais nisso.

“Entrou um homem de cinqüenta anos pouco mais ou menos, e sem mais cumprimentos perguntou com maus modos.”

— Então o que é isto, sr. Fábio? Que novidade é esta? Será certo o que eu ouvi dizer? Então a sra. d. Amância fugiu?... Então, que diz?... não responde! será verdade?

— Sr. Norberto, disse-lhe Fábio, poupe-me essa lembrança cruel; recorde-se que sou pai.

— Então pelo que vejo é verdade! Não me enganaram! E esta! quem tal diria! Com efeito deu o senhor muito boa educação à sua prezada filha! Olhe que pode limpar as mãos à parede.

“O velho fez um movimento de indignação, e não ousou soltar uma só palavra.”

— Senhor! disse eu ao importuno, o estado em que se acha o sr. Fábio não é muito próprio para ouvir tais coisas.

— Sim, certamente, continuou ele, oh lá! A menina fez muito bem... pois não! Ainda em cima devo ser eu o consolador do sr. Fábio.

— Ah sr. Norberto, disse o velho, se igual desgraça lhe tivesse acontecido, outra seria a sua linguagem.

— Que outra linguagem!... Pois isto tem pés nem cabeça? Se não fossem as suas condescendências, já eu estaria casado. Queria ver se o passarinho me havia de fugir da gaiola. Pois não!

— Se a guarda de um pai não foi bastante, menos seria a de um marido, disse-lhe eu.

— Então outro galo cantaria, respondeu ele. Mas vamos a saber quem foi o sedutor? Quem é esse menino bonito? Quero ter o prazer de ver esta bengala cantar-lhe nas costas.

— Ora, disse-lhe eu, se com efeito a sra. Amância saiu da casa paterna só para não dar-vos a mão de esposa; se esse a quem chamais seu sedutor, for um militar, moço e bravo, tereis ânimo de disputar-lhe a sua conquista?

— Tenho muito dinheiro para gastar. Hei de metê-lo na cadeia; hei de mandá-lo para a Índia; hei de...

— Se fôsseis senhor absoluto, não duvido; mas neste tempo já não há Índias para os amantes.

— Qual tempos nem tempos! Todo o tempo é o mesmo quando há dinheiro.

“E dizendo isto o arrogante media a sala a largos passos, brandindo o bastão de cana da Índia, e bufando como um touro. Parando depois defronte do velho”:

— Então, sr. Fábio, em que fica isto?

“O pai de Amância, a quem todo este aranzel não menos que a mim tinha desgostado, respondeu-lhe”:

— Amância ainda é minha filha; e se o sr. Norberto quer renunciar à sua mão, estimarei muito.

— O sr. Fábio diz-me isso?... Ainda esta me falta ver. Será este senhorzinho o mimoso? E com ar de desprezo mediu-me de alto a baixo. Não pude deixar de dizer-lhe: — Se o seu dinheiro lhe não tem servido para adquirir melhor educação, e tratar com mais reverência os desconhecidos, eu me encarrego de educá-lo de graça.

— Se não estivesse aqui, eu lhe diria, seu...

— Sr. Norberto! exclamou o pai de Amância, respeite a minha casa.

— Tão bom é você como sua filha, disse o insolente. Eu os ensinarei... passem muito bem...

“E saiu como um endemoniado, mais furioso talvez pela perda do dote, que da esposa.

“Depois de algum silêncio em que ficamos, olhando um para o outro, disse eu ao sr. Fábio”:

— É este o bruto escolhido para esposo de vossa filha, tão moça, tão terna e tão bem educada?

— Ah senhor doutor, respondeu-me ele, estou coberto de vergonha... Minha filha está desculpada. Estou arrependido de não tê-la dado a esse pobre capitão Jorge, que tanto ma pediu, e que eu estimo... Como estará ele! Pobre capitão!

“Cheio de prazer lhe disse: — Vinde ver vossa filha, que vos espera para receber vossa bênção.

“O efeito que não produziu toda a minha eloquência, produziram as insolências do sr. Norberto. É assim que o aspecto do vício nos faz amar a virtude. Que pai poderia dar sua filha a um labrego como este, sem outro mérito mais que possuir alguma riqueza, talvez bem mal adquirida?

“Fábio amava o dinheiro, e todos o amam, mais ou menos; porque sem dinheiro não se vive na sociedade civilizada; mas tinha um coração de pai; desejava ver sua filha feliz, e nesse momento o céu o esclareceu. Deu-me mil agradecimentos, pela parte que neste negócio havia eu tomado, metemo-nos em um carro, e partimos.

“Parou o carro à porta de minha casa. Amância e Jorge chegaram à janela, e por um instinto de vergonha ambos se ocultaram.”

— Minha filha, vem aos braços de teu pai!

“E Amância caiu de joelhos diante dele, beijando-lhe as mãos, e o velho desfez-se em lágrimas.”

— Perdão, meu pai, perdão; dizia ela chorando.

— Perdoada estás há muito tempo; o céu te libertou aconselhando-te esta fuga, sem a qual eu não teria ocasião de conhecer a brutalidade daquele malcriado. Pede-me o que quiseres; em sinal do meu amor tudo te darei.

— Senhor doutor, peça por mim, disse-me Amância.

— Jorge! chamei eu; e o capitão todo trêmulo apareceu: beijai a mão de vosso pai.

— Sim, disse o velho, serás meu filho; minha casa será vossa, e o céu que protegeu vosso constante amor proteja e abençoe a vossa união, e vos conserve sempre virtuoso.

Assim terminou o doutor a sua história, e uma das moças que atenta o escutara, lhe perguntou:

— E o tal Norberto, que fim levou?

— Continuou a negociar e a ganhar dinheiro; e no ano passado embarcou para Portugal, a fim de lá gastá-lo.

— E os amantes casaram-se?

— Por sinal fui eu um dos padrinhos. Vivem felizes. O capitão reformou-se, e está hoje rico, com uma fazenda de café. Já têm dois filhos. E com esta me vou, que a lua já saiu. Adeus, até outro dia.



Consolidadores

Antônio Gonçalves Teixeira e Sousa

Teixeira e Sousa nasceu em Cabo Frio (RJ) no dia 28 de março de 1812 e morreu no Rio de Janeiro a 1º de dezembro de 1861. De família humilde e mestiço, o jovem só pôde completar os estudos trabalhando para se sustentar.

Trabalhou na tipografia de Paula Brito, onde ficou conhecendo os maiores escritores da época e aí se iniciou nas letras. Foi também professor e, finalmente, trabalhou como escrivão, o que lhe permitiu, financeiramente, ter mais tempo para dedicar-se à literatura.

O verbete referente ao escritor no *Ano biográfico brasileiro*, de Joaquim Manuel de Macedo, é extremamente elogioso, embora o companheiro literato culpe a pobreza por uma produção que poderia ter sido maior.

Seu *O filho do pescador* (1843) tem sido considerado por diversos críticos como o primeiro romance da literatura brasileira, por achar-se encenado no Rio de Janeiro, mais precisamente na praia de Copacabana. Embora prevaleça a versão de que é *A moreninha* (1844) o primeiro romance brasileiro, não há dúvida de que *O filho do pescador* é romance, e romance-folhetim, devido ao número de peripécias, assassinatos misteriosos, filhos que reaparecem após anos sem notícias, a volta triunfante de um herói que se supunha morto e que consegue vingar-se, etc. No entanto, embora ambientado no Brasil, seu clima algo “gótico” lembra mais a ficção européia do que a brasileira.

Extremamente digressivo, conta a história de um casamento malogrado, em que a mulher é adúltera e assassina. O capítulo XVII, que aqui será transcrito, mostra o clímax do romance, quan-

do a pérfida é desmascarada. No capítulo seguinte fica-se sabendo que o jovem caçador é, na verdade, o filho de Maria Laura, que lhe havia sido arrancado aos dois anos de idade. O filho interfere junto ao “padrasto” para que não denuncie sua mãe, que acaba indo passar o resto de sua existência num convento, devidamente arrependida e perdoada.

O filho do pescador
(romance)

Capítulo XVII — QUE VEJO!

A nossa vida é um composto de desordens seguidas por uma nova ordem de eventualidades felizes, ou desgraçadas; não há, porém, uma eventualidade feliz, que possa ser o cúmulo da suprema felicidade, mas pode haver uma eventualidade desgraçada, que possa ser o derradeiro abismo da extrema desgraça.

Suponde que estamos na sala de Laura; ela graciosamente assentada no seu canapé tem de um lado o dr. Sindoval e d'outro lado o belo caçador. A porta está apenas encostada. Um homem envolto em seu capote, coberto com o seu grande chapéu, e muito enterrado em sua cabeça, com o rosto quase sepultado em compridas barbas e longos cabelos, um grande ponche, que lhe encobre quase toda uma face, demora à porta. Laura pergunta quem ele é.

— É um doente, que me veio consultar; eu o despacharei.

Foi a resposta do doutor.

São quase onze horas da manhã. Os três personagens do canapé conversam com interesse, o homem que está de fora avizinha-se, e encostado a um portal da porta, nem está bem dentro, nem bem fora. Ele parece não perder palavra da conversação. Ouve-se a voz do doutor:

— Enfim, minha senhora, eu me oponho absolutamente a este casamento.

— E por que, senhor doutor?

— Porque não é do meu gosto...

— Esse modo de falar indica ódio...

— Antes compaixão...

— Compaixão! e por quê?

— Perguntai a vós própria, e o sabereis.

— Não vos compreendo; mas seja como for; se vosso afilhado e eu o quiséssemos?

— Ele não o quererá; mas se o quisesse, não o saberia impedir.

— Confiais muito em vós; mas sabei que se sois rico, também eu tenho riquezas...

— Vossas riquezas vos não podem servir para este negócio.

— Pois veremos, senhor; eu tenho grandes meios à minha disposição...

— Bem sei. Como tem sempre uma mulher adúltera quando quer desfazer-se de seu marido, como, por exemplo, um incêndio, um veneno... ou quer acabar com um amante criminoso, por meio de um malvado com um tiro, etc.

O tom de convicção, e a frieza horrorosa com que o doutor pronunciou estas palavras, era para rasgar no coração de Laura a mais profunda e envenenada chaga; e mormente à vista do amante caçador, que não bem podendo interpretar, em sua imaginação, as palavras de seu padrinho, olhava todavia atônito para ele e para ela, como quem, por sobre seus semblantes, queria penetrar os arcanos de seus corações! Em verdade, nada de mais designativo para Laura, do que as palavras do doutor.

Não obstante, a viva Laura, com afetada franqueza, e com a mais revoltante e incrível frieza, respondeu:

— Não sei de que falais...

— Atendei-me: permiti que vos conte uma história¹...

— Agora não é possível.

— Mas há de ser agora mesmo.

— Estou incomodada.

— É pequena.

— Embora. Permitti-me licença...

¹ A que vem acontecendo ao longo das duzentas páginas anteriores; no entanto, só neste capítulo o leitor ficará sabendo que o filho do pescador não morreu.

— Não; haveis de ouvir-me. Assentai-vos.

— Senhor...

— Bem sabeis que vos não temo. Quero que me ouçais, e o quero absolutamente... haveis de ouvir-me... ou... Vós me compreendeis.

— E que história é essa?...

— Não vos diz respeito, é verdade; mas bom será que a saibais. Ouvi-me, pois:

Entre as muitas pessoas que eu conheci nesta cidade, havia um tal moço, recomendável pelos seus maus costumes nos seios das famílias que freqüentava. Entre as diversas casas que este visitava, era bem assim a de um honrado moço, há pouco tempo casado com uma bela moça: eu era amigo dele.

Algumas vezes eu falei-lhe sobre a amizade deste moço, mas ele era tão demasiadamente bom que jamais desconfiava dos outros.

Um dia, eram nove horas da manhã, pouco mais ou menos, eu estava na botica de um meu amigo, isto é, num quarto dela, para a parte de dentro, de modo que não podia ser visto de fora, quando entrou ele, pois se dava muito, ou era até amigo do caixeiro, e lhe pediu um pouco de veneno para extinguir ratos. Ora, isto podia ser verdade; eu sou de um natural desconfiado, e a minha idade me tem feito aprender o quanto pode um moço louco, perdido de amor. O caixeiro hesitou, dizendo que um pouco de veneno de rato não se dava assim. O moço prometeu então o mais inviolável segredo, e o mesmo exigiu do seu amigo caixeiro. Admirado eu desta instância, e deste religioso segredo, acompanhado de minha experiência, e natural desconfiança, acenei ao caixeiro para que se calasse, e viesse ter comigo. Todavia, o caixeiro pretextando certo serviço ligeiro, pediu licença ao pretendente e veio a mim. Então, impondo-lhe segredo sobre mim, e sobre o que eu lhe mandava fazer, disse-lhe que desse a seu amigo um estupefaciente, cujo nome lhe indiquei, e disse-lhe que desse uma porção que produziria um torpor de algumas horas. O narcótico que mandei dar é daqueles que produzem um profundo letargo, que só um facultativo o pode discriminar da morte. Isto feito, certo que a dose que mandei dar nenhum mal faria a quem a tomasse, botei-me para a chácara, nos subúrbios da cidade, de um amigo meu com quem fui jantar.

De volta, soube com espanto que o moço, meu amigo, era morto. Perguntei a que horas tinha morrido, disseram-me que às onze horas, pouco mais ou menos. A pessoa que disto me noticiava acrescentou, dizendo a igreja para onde naquele momento tinha seguido o acompanhamento fúnebre!

Não foi a morte súbita que eu admirei, mas foi a pressa de sepultar-se o corpo do morto. Não pude resistir à minha admiração, e encaminhei prestes para a dita igreja. Chego, a cerimônia do enterramento está finda, e a igreja já quase solitária. Examino o corpo, e conheço que o que parecia sono de morte não era mais do que um profundíssimo letargo, a que seguir-se-ia o da morte, se breve se não acudisse ao paciente. Cumpre notar que isto era devido ao tal caixeiro, que deu mais do narcótico do que eu lho determinara, como depois verifiquei. Conheci que o desgraçado podia ainda viver se por ventura lhe acudissem.

Por felicidade o sacristão dessa igreja não só era meu conhecido, como até me era assás obrigado. Chamei-o, e exigindo dele um juramento sagrado, comuniquei-lhe o que havia, invocando o seu socorro em favor do suposto morto: tiremo-lo da catacumba, despimo-lo de seus hábitos sepulcrais, e com eles fingimos o defunto dentro do caixão da mesma catacumba, que devia fechar-se na seguinte manhã e alguns pedaços de pano velho, uma pouca de cal e vinagre acabaram de formar o fingido defunto.

Findo isto, eu e o sacristão tomamos o nosso homem, e o levamos para um lugar mais apropriado, onde prestei-lhe quantos socorros a arte me aconselhou. Tornou finalmente a si, e um pouco mais tranqüilo, por minhas diligências, soube por minha boca que em consequência de um letargo fora julgado morto; nada mais lhe disse, nada mais, pois, convinha. Poucas horas depois o ressuscitado estava em minha casa. Quando se achou completamente restabelecido, contei-lhe a história e as razões em que me fundava para crer que fora envenenado por sua mulher, ou quando menos pelo seu amigo.

O pobre homem tremia ao ouvir-me: queria não dar-me crédito; mas a compra do veneno, o narcótico levado, o seu longo torpor, a pressa de seu enterramento eram provas quase evidentes. Como quer que fosse, ele resolveu-se a ficar oculto, e debaixo de hábitos e formas disfarçadas, espreitar os passos de sua mulher.

Era, pois, em minha casa que ele estava oculto; mas passava quase todas as noites rondando a casa de sua mulher. Além de mim e o sacristão da igreja, só outra pessoa sabia destas coisas, era um escravo que o acompanhava todas as noites, e em cujo quarto, pegado à casa de sua suposta viúva, ele passava muitas noites e até dias.

Bem pouco tempo foi mister para verificar-se o crime. Deveis saber, senhora, que quando a suposta viúva se julgava a sós, entre os braços de seu criminoso amante, ela era ouvida pelo seu próprio marido; mas ainda não era tempo...

(O doutor neste lugar fez uma parada, tirou a boceta, e tomou uma pitada. Laura fazia-se de mil cores ouvindo a narração tão análoga à sua história; sua alma experimentava neste momento os mais terríveis tormentos do inferno! mas a necessidade a obrigava a escutar. O doutor continuou sua história):

Houve uma noite, em que esta mulher, a pedido do seu amante, teve a bondade de contar-lhe a sua história: já se vê que durante tal narração, seu marido a ouvia. O amante a ouviu e, ou fosse horror, ou fingimento, o certo é que ele resolveu-se a deixá-la entregue a si própria, e efetivamente o fez nessa mesma noite, em que lhe ouvido tinha a sua funesta história.

Esta mulher de sangue determinou logo acabar com este amante: ela acha um malvado que, pelo prêmio do seu amor, aceita esta mortal comissão, e poucos momentos depois que seu amante a abandonara, ferido de um tiro, deixa de viver uma vida de fogo, de sangue, de veneno, de mortes, de crimes, e de adultério enfim!... No momento porém em que este malfeitor cai expirante, um desconhecido lhe aperta a mão dizendo pouco mais ou menos: — Deus te perdoe. Já se vê que este desconhecido era o suposto morto. Poucos minutos depois esta mulher e seu novo amante, contando ambos mais um crime, ouviram sobre a janela do quarto em que estavam um como arranhar pelo lado de fora, sinal que costumava dar o primeiro amante quando ia falar-lhe: ela é aberta, e com espanto dos dois criminosos, o homem, que há pouco fora assassinado, vê-se recostado à dita janela! Já se vê que foi o suposto marido morto que arranhou sobre ela; e que o mesmo, ajudado de seu fiel escravo, foi quem trouxe o corpo do morto para recostá-lo à janela desse quarto de maldições! Sim, que ele estava

bem certo que os dois criminosos o sepultariam, e seria sobre a sepultura desse adúltero execrando onde ele provaria à sua mulher todos os seus medonhos crimes! Parece que escrito estava que por causa desta mulher devia ainda correr mais sangue: e todavia, ela faz nova digressão, e um novo amante espera uma entrevista no fundo de seu jardim; ela não falta; e quando pensa correr aos braços do seu amado, acha-se entre as mãos mortíferas do matador do primeiro amante.

A desgraçada grita, pede socorro, e um desconhecido aparece em seu favor. Já se vê também que foi o mesmo suposto morto que aí apareceu em socorro de sua mulher, cuja vida estava a ponto de perder às mãos de seu ciumento amante. Já se vê enfim que foi o mesmo que obrigou a esse homem malvado a deixar o Rio de Janeiro, a escrever uma carta à sua mulher noticiando-lhe isto mesmo; e que foi ele quem ensaiou o escravo para que dissesse à sua senhora que a socorrera fora ele, escravo!...

O primeiro amante pois desta mulher carregada de crimes era Florindo...

— Ah! basta...

— Ainda não. O segundo, Marcos, o escravo, João; e ela, Laura...

— Ah!... E o marido?... Exclamou o caçador como ferido de um raio!

O doutor continuou friamente:

— É aquele que ali está...

Ao mesmo tempo o homem que estava à porta, deixando cair o seu capote e chapéu, arrancando sua cabeleira, grisalhas barbas e parche da face, mostrou-se como quem era; Laura encara-o, e solta um grito:

— Que vejo!...

— O homem a quem duas vezes assassinaste; teu marido, o filho do pescador!...

Joaquim Norberto de Sousa e Silva

Joaquim Norberto nasceu na cidade do Rio de Janeiro a 6 de junho de 1820 e morreu em Niterói no dia 14 de maio de 1891. De pouca instrução, isto não o impediu, como autodidata, de estudar e de acabar tornando-se um dos principais críticos do começo do Romantismo.

Trabalhou para vários periódicos, entre eles a *Minerva Brasileira* e a *Revista Popular*. Com apenas 21 anos entra para o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, do qual acabará sendo diretor. Na revista deste órgão constam inúmeros trabalhos de crítica e de história literária, além de biografias de autores contemporâneos.

O *Romances e novelas*, de 1852, é uma “coleção de romances e novelas, contos e legendas (...) que, escritos de há muito tempo, se achavam dispersos por vários jornais de efêmera existência e limitada circulação” (prefácio). Foram escolhidos os dois primeiros que aí se encontram, *Maria, ou vinte anos depois* (1844), que Antonio Candido chama de “romance-relâmpago” — devido ao seu pequeno tamanho será aqui transcrito na íntegra —, e *Januário Barbosa, ou as sete orelhas* (1852).

Este último romance, que se poderia qualificar de gótico, conta a história de um pai que, ao saber do assassinato com requintes de crueldade de seu filho por sete homens, abandona lar, mulher e filha para vingar-se deles. A vingança deveria consistir em matar um por um e arrancar-lhe uma orelha, até completar o número de sete. Após dez anos, consegue terminar a vingança e volta para casa, a fim de mostrar à mulher o colar de sete orelhas.

Depois dele a mulher morre (diante do espetáculo das orelhas) e a filha viúva volta a morar com ele e o filhinho (o sétimo assassino havia-se casado com ela, a fim de tentar evitar a morte nas mãos de “O Sete Orelhas”, como Januário Barbosa ficara conhecido).

Maria, ou vinte anos depois
(romance brasileiro)

Hélas! tel fut ton sort, tel est ma destinée!
Lamartine

I — O Rapto

Where art thou, son of my love?
Ossian

Aprazíveis são as montanhas da Gávea. É de sobre suas pedras elevadas, esses rochedos enormes que sobejam às suas encostas, e de entorno às suas florestas, que se descobre a imensidade do oceano Atlântico, que perde-se no infinito, lá onde assenta-se a base azulada da abóbada do céu e rara vela branqueja como o atiatí¹ que esvoaça, asas imóveis que nem trepidam, de sobre a superfície das águas, lá onde se perde o pensamento cansado de divagar...

O sol doura com seus raios animadores o fastígio das montanhas, que fumegam aqui e ali, com as covas dos carvoeiros, coroadas de penedos e restos de florestas, de matos e de capoeiras.

A brisa matutina abana levemente a ramagem dos bosques engrinaldados, agita os verdejantes leques das palmeiras, desce pelas encostas das montanhas, sussurra nos vales profundos, e encrespando brandamente a lisura das águas marítimas, vai levar ao

¹ “A gaivota, assim chamada dos indianos”, J. N. S. e S., p. 3.

nauta, cansado de respirar a viração impregnada de sabor marinho, os perfumes das flores agrestes que convidam à vida.

Os pássaros, com suas plumas variadas em cores, adejam pelos ares, como nuvem de flores, que as auras arrancam às grinaldas das florestas e levam balouçando sobre suas asas.

O sabiá gorjeia placidamente, a paca percorre o abaulado do monte e o escamoso tatu vaga pela margem desses veios de cristalinas águas, que tão mesquinhos por ali serpejam em tempos de verão, enquanto que o carvoeiro entoa suas endeixas de amor e de esperança.

De em quando a em quando ouve-se o trovão do arcabuz que os ecos das montanhas repetem de maneira assombrosa, precedidos dos latidos dos cães; as aves espantam-se, há uma pausa como se parasse a criação; — é o silêncio da natureza!

Pouco depois tudo entrou em sua ordem. O sabiá prossegue em seus sonoros gorjeios. O carvoeiro entoa seus cantares. Ouvem-se de momento em momento sons compassados. São o ruído dos golpes do machado do lenhador que derriba o tronco das árvores anosas.

Aí no meio das florestas elevava-se, como outras muitas, uma toska choupana de varas tecidas e barreadas, e coberta de palhas; era a choupana de Maria, a filha do carvoeiro, que não tinha mais que três repartimentos, uma sala acanhada, o aposento onde dormia e a cozinha; algumas gaiolas com pássaros do local, alguns registros de santos da sua maior devoção, e rosários pendiam das paredes esboroadas; toscos trastes formavam toda a mobília. No solar dessa choupana era que ela uma manhã, de olhos fitos na terra, pranteava, ao lado de uma menina que distraidamente olhava para as árvores.

Aí, sentada, com os cabelos esparsos pelos ombros, os olhos em lágrimas que serpejavam-lhe pelas faces amorenadas, mas coradas como a tez delicada do jambo, um braço cruzado sobre o peito e a mão sustentando o outro em que se apoiava a cabeça, ela sofria, que sua dor era grande, e de entre-vezes um suspiro, que se desençava do coração, despendia-se-lhe dos lábios envolto em soluços; era um suspiro de saudade que perdia-se nos ares e que talvez só fosse respondido pelo vagido débil e fraco de um menino.

Um homem, cujo aspecto representava ter mais de sessenta anos de idade, trazendo uma vara na mão, na qual se apoiava quando tinha de vingar o escabroso da montanha, aproximou-se. A menina correu para ele com um sorriso nos lábios, pegou-lhe na destra, levou a mão à boca e lhe imprimiu um beijo. Maria ergueuse, foi ao seu encontro, tomou essa mesma mão, beijou-a, inundando-a de rios de lágrimas que desprenderam-se-lhe dos olhos.

— Minha filha! exclamou ele como que admirado.

— Ah, meu pai, roubaram-mo, roubaram-mo.

— O que, minha filha?

— Ah vós nem vedes que ele aqui não vos espera para beijar a vossa mão, sorrindo-se pendente de meus braços?

— É possível!

— Roubaram-mo, roubaram-mo.

— Quando?

— Esta noite passada.

— E como?

— Senti um ruído, e eram as portas da choupana que abatiam-se aos golpes dos machados! Vi vultos que aproximavam-se de junto de meu leito, e eram os roubadores que mo vinham buscar! Ouvi vagidos que me cortavam a alma, e era ele que chorava levado por eles! Desatinada, louca, furiosa, ergui-me, saltei, corri a ele. Eis que lançam-se dois vultos sobre mim e me retêm em seus braços de ferro, contra os quais lutei embalde.

— E por que não gritaste?

— Suas mãos sufocaram-me as vozes na garganta.

— E depois?

— Fugiram, desapareceram, levando meu filho consigo e deixando-me a sós com Clara, desconsolada, aflita e sem saber de mim.

O velho entrou para a choupana, sentou-se e conservou-se pensativo por algum tempo. Depois, sacudindo a cabeça, ergueu os olhos para Maria, que em pé, imóvel, se conservava a seu lado.

— Não é hoje, perguntou ele, que deve chegar o teu marido?

— Hoje? balbuciou ela, olhando para a parede, onde havia traçado com carvão um risco horizontalmente, e cortado por outros perpendiculares e de diferentes tamanhos; ah! ajuntou, eu perdi a conta!

— É hoje; não há dúvida, e aqui não houve senão prevenção; José Feliciano bem to havia pedido, não lho entregaste, e ele pois lançou mão da violência para havê-lo; lembrou-se que hoje devia chegar o teu marido e não quis que ele viesse achar-se com um menino que, segundo todas as probabilidades, não lhe podias apresentar como seu filho.

Um leve enrubescimento coloriu as faces de Maria, que levou o lenço aos olhos, mais para ocultar seu rosto que para limpar as lágrimas, e cujo disfarce todavia procurou; o velho se calara, e por grande espaço reinou na choupana o silêncio da solidão, onde tudo se ouve, exceto a voz humana; até que entrou um escravo, estendeu sobre a mesa um pano de algodão rusticamente trançado, porém alvo como o dia, e perfumado com o delicioso aroma da erva de S. João, e sobre ele espalhou alguma louça grosseira:

Pobre mesa,
Onde não tine a rica porcelana,
Nem cansa aos olhos trêmulo reflexo
De brunida colher, de refulgente
Britânico saleiro.²

mas onde fumegava o café, cujo aroma suave se expandia agradavelmente, enquanto que alguns beijos branqueavam sobre a toalha. O velho e a menina assentaram-se em torno, e Maria conservou-se de pé.

Tocavam o fim do almoço quando sentiram o tropel de um cavalo, que mais se aproximava.

— Alguém se avizinha, disse Pedro Rodrigues.

— É um cavaleiro.

— E vem direito a nossa choupana.

— É Gaetano, ajuntou o velho levantando-se e dirigindo-se para a porta.

— É ele mesmo, murmurou ela.

— Quem, minha mãe?

— Teu pai, minha filha.

² "Garção, epístola", J. N. S. e S., p. 7.

Gaetano apeou-se, beijou a mão ao velho, beijou sua filhinha, apertou sua esposa em seus braços e entrou para a choupana.

— Descansemos por um pouco, disse ele se atirando sobre um tosco assento.

— E enquanto descansas, ajuntou Pedro Rodrigues, eu me vou por aí a lançar uma vista de olhos às minhas carvoeiras.

— E não voltareis?

— Depois, depois, para conversarmos.

Cobriu-se Pedro Rodrigues com o desabado chapéu e se foi arrimado ao seu bordão.

— Não vos quereis despir? perguntou Maria a Gaetano.

— Não, respondeu ele, que tenho ainda que ir dar contas a José Feliciano de seus negócios e para nunca mais meter-me em outros.

— E então pelo quê?

— Por motivos que depois saberás.

— Pois bem, contar-me-eis e eu vos escutarei quando quiserdes, no entanto podeis almoçar.

— Tomarei café, pouco, e comerei então na volta até mais fartar; mas tens um não sei que de triste em teu semblante, um não sei quê de pesado em tuas palavras, que muito estranho.

— E eu sempre não fui assim?

— Não, Maria, não, disse ele se sorrindo, sem dúvidas saudades minhas...

E ela suspirou; serviu-o de café, e um momento depois Gaetano seguia caminho da Tijuca, montado em seu cavalo. Triste, aflita e silenciosa conservava-se Maria; apenas lá de vez em quando soltava um gemido, um gemido terrível que se desprendia do peito; — era a lembrança cruel de seu filho que tanto a atormentava.

À tarde veio o velho jantar com ela; depois caminharam pelo abaulado do monte e foram sentar-se na relva, sob a copa de uma laranjeira; o ar estava embalsamado de suas flores. Bela trepadeira se apoiando sobre seus galhos cingia-a de seus brandos liames, misturando seus rubros jasmims com as flores simbólicas da virgindade. Aí num raminho, entre o enlace de verduras floridas, tinha o beija-flor fabricado o seu ninho de fofas painas, e guarnecido-o exteriormente com a casca da árvore, como que para não ser facilmente conhecido, e aí mesmo, do casulo que tecera a lagarta, se desprendia a borboleta como envolta em pintadas e longas rou-

pas, de que pouco a pouco se foi desembaraçando; depois ergueu-as, como duas pétalas de flores agrestes, agitou-as, e levada pelo vento, parecia uma flor aérea. Lá em cima de um galho que se debruçava de sobre a água, se embalançava o guará revestido de negras penas, contempla sua imagem no cristal da água estanque, como se recordando das belas cores que já tivera. Outra avezinha não menos interessante se acolhe à sua pousada de barro, semelhante a esses edifícios árabes de abóbadas, e com formas circulares, entra à porta, e vai branda e suavemente pousar no seu colchão de moles palhinhas, e enquanto preside a incubação da nova prole, esconde a garganta pela janela de sua pousada para escutar o amante, que empoleirado no raminho enche os ares de trinados.³ E ela contemplava em silêncio, lembrando-se que cedo desumana mão roubar-lhe-ia essa tão querida prole; lembrava-se e suspirava.

— Ah sempre a suspirar, disse Pedro Rodrigues, desde que o sol se eleva até que a noite cai, desde que a noite cai até que o sol se eleva!

— É que meu peito, lhe voltou ela, é como essas carvoeiras, que aí fumegam dia e noite, que pelo fumo dão a conhecer o fogo intenso que as devora.

— Sim, mas tu deves procurar a distração.

— A distração? É o pesar, o pesar que como o fel da morte se me derramou no mais profundo do coração.

— Sim, que teus desgostos passados, e agora o roubo de teu filho te devem motivar grande pesar, o que aproveita porém chorá-lo assim tão continuamente? E não tens aí no âmago do coração, de envolta com esse fel, que te azeda os dias da existência, sentimento que te diz que ele é feliz? Que alma haverá, por mais maligna que seja, que ouse de fazer mal a uma criancinha? E quem rouba uma criancinha aos cuidados maternos senão para entregá-la a outros cuidados?

— A uma madrasta, não é assim?

— Embora, antes mil vezes uma madrasta, quando a mãe não pode dizer sinceramente: “Este é meu filho!” Mais alardeada vai a honra nas aparências, que mesmo na própria honra; é dissimula-

³ “João de barro, — assim chamado dos portugueses”, J. N. S. e S., p. 9.

ção, mas de que se compõe a vida? E quantas madrastas não há que dão boa educação?

— Se ao menos eu tivesse exemplo...

— Tu o tens em ti mesmo; essa que cuidou de tua infância, essa que mil vezes verteu lágrimas por ti não era tua mãe, mas sim uma moça desses arrabaldes; era por uma manhã; senti chorar, e eras tu, minha filha, que jazias à minha porta.

— Coitada! não era minha mãe, e morreu desgraçadamente por mim!

— O desgosto!

— Sim, o desgosto, ocasionado por mim! E minha mãe?

— Silêncio! Seu nome e sua existência são um segredo.

— E meu pai?

— Tu és minha filha.

— Pobre de mim, que desde o berço que a desgraça me persegue!

— E a mim? Porventura nasci para consumir meus anos nos rústicos trabalhos e tosco trato de carvoeiro? A demanda!... Maldita hora da vida em que meti-me em tal!

— São pecados próprios ou herdados que nós pagamos com a existência de miseráveis pobres.

— Enfim, minha filha, roguemos a Deus, já que a sua misericórdia é infinita, a sua proteção para Henrique.

Levantaram ambos os olhos para o céu, e pareciam que imploravam a proteção divina; no entanto a noite adiantava-se envolta em véus de trevas, e o céu se obscurecia com a aglomeração de negras nuvens; a tempestade bramando, lá se erguia do infinito das águas, medonha e ameaçadora; apressaram-se pois em deixar esses lugares, chamaram por Clarita, que andava a formar ramalhetes de flores agrestes, que soem crescer por essas montanhas, enchendo os ares de seus perfumes esquisitos, e tomando-a pela mão caminharam; seguiu Pedro Rodrigues via da sua choupana, e sua filha entrou com a neta na sua pobre e velha choça, silenciosa, atormentada, não já por um pensamento, mas por dois: — seu filho e sua mãe!

E a tempestade era terrível! Distinguia-se distintamente uma linha que dividia o oceano; era a chuva que caía em catadupas, que se despenhava da Ponta-grossa com murmúrio, e através de seus

véus de cristais se descortinava a outra parte imensa das águas marítimas límpidas e refletindo o sereno azul da abóbada celeste, e uma vela branqueava nesse azul, como o álcion pousado e imóvel sobre as ondas. De momento em momento um clarão rápido refrangia-se nos chuveiros; fitas de fogo avermelhadas, como cordões de sangue, desprendiam-se das nuvens, cruzavam-se nos ares, emaranhavam-se nos bosques e desapareciam; então troava o trovão, com som de voz horrendo, então rugia o mar funebremente em seus arquejos; as árvores, trêmulas de horror, com suas frentes desgrenhadas, pareciam gigantes que dançavam ao som do furacão, que sibilava horrivelmente; os ecos repetiam uns após outros, em cadência infernal, o cântico da destruição! Só o gigante da Gávea, imóvel no meio de suas montanhas, com seu dístico misterioso, parecia zombar da tempestade. Estreitada Maria com Clarita, orava, prostrada ante uma imagem de sua devoção; palavras místicas, cheias de unção, se desprendiam de sua boca, e a filhinha, abraçada com o ramo de flores, repetia palavra por palavra as suas orações.

Era noite e a tempestade ainda durava. Cansada de esperar por seu esposo, recolheu-se ela a seu leito, com sua filha, que já dormia com o ramo de flores apertado ao peito. E aí sobre o leito, em joelhos, mãos postas e olhos erguidos para o céu, encomendou a alma ao senhor e pediu a sua proteção para seu filho, o seu inocentinho Henrique, e depois caiu sobre as palhas de seu leito e adormeceu.

Dormia pesado sono; pesado como de um pesadelo; pesado, que mais fadiga é que repousar o dormi-lo, quando a despertaram repetidas pancadas na porta e latidos de cães, que depois se aquietaram; e a chuva caía ainda saltitando sonoramente no sapé da palhoça.

— Quem bate aí?

E o murmúrio da chuva que se despenhava, e o sibilo do vento que passava.

— É o vento, disse ela consigo, voltando-se para o outro lado, como que para dormir de novo, mas as pancadas na porta se renovaram.

— Quem bate aí? interrogou ela pela segunda vez.

— Gaetano; abre, Maria.

Levantou-se, feriu fogo, acendeu a torcida da candeia, abriu a porta, e Gaetano entrou se desenvolvendo do ponche umedecido da chuva, e o arremessou sobre uma tripeça, sacou a faca das botas e lançou-a sobre a mesa.

— Pensava que não vínheis hoje.

— Entretanto aqui estou.

— Apanhastes muita chuva?

— O ponche está ensopado.

— Recolhestes o cavalo à estrebaria?

— Sim, mas não o desarreei, que talvez ainda saia.

— Hoje?

— E por que não? Por agora estou fatigado, quero descansar algum tanto; tenho fome, quero comer alguma coisa.

Temos um resto do jantar, disse ela estendendo um pano sobre a mesa; é um quarto de paca, alguma farinha e um pouco de vinho.

Sentou-se Gaetano à mesa e se pôs a comer como um faminto, a mais fartar, e a beber como um sequioso, a mais não poder, e sua consorte a seu lado, pouco distante, olhava para ele tristemente.

— Aproxima-te, disse ele, que tenho que dizer-te.

— Eis-me junta de ti, respondeu ela, arrastando uma banca e sentando-se.

— É uma história que te quero contar.

— Ouvi-la-ei com prazer.

— Sim, bom é que te distraias da melancolia que te pesa sobre as faces e do silêncio que te prende os lábios.

— Começai.

II — Um Conto

In vain, alas, in vain!
Campbell

“Havia na Gávea, disse Gaetano, certo homem casado, a quem a esterilidade de sua mulher assegurava que não teria filho algum, de sorte que estavam isentos desses incômodos que tanta gente aprecia; ao menos sendo pobres, de tão ricos que eram, criam-se

felizes, se bem que a mulher desejasse, lá um dia por outro, ter um filhinho com quem prodigalizasse os seus carinhos, como se o marido não pudesse servir algumas vezes de criança e diverti-la por alguns momentos; mas enfim, vamos ao que serve. Indo ele à caça com alguns companheiros, desencaminhou-se e perdeu-se lá por capoeiras da vizinhança da cascata da Tijuca, e por aí divagou horas inteiras em procura de uma picada que o conduzisse a descampado ou habitação; havia caminho andado dos trilhos embaraçados, quando descobriu um claro, por onde o sol vinha enfiando seus dourados raios, e saindo e descobrindo campo, viu ao longe uma como choupana e mais perto um regato que escoava-se tão agradavelmente, que em suas águas espelhavam-se as flores, as árvores e penedos de suas margens, e lá num remanso ensombrado por mangueiras com suas frondosas copas, como zimbório de verdura, junto de uma pedra que atravessava a torrente, descortinou que alguém se banhava e aproximou-se; distinguiu os cabelos espalhados e longos que debruçavam-se-lhe pelo colo que era d'um amorenado gracioso; não havia dúvida, era uma moça, uma moça que ao vê-lo soltou um grito de surpresa, saltou sobre a pedra, tomou as roupas que ali deixara, envolveu-se rapidamente nelas e procurou ocultar-se por detrás de um dos troncos das mangueiras, ao pé do qual se elevavam algumas tiriricas que mais e mais a favoreceram.

“O caçador não hesitou nas tentações que sugeriu-lhe o inesperado encontro, e não respeitando tanta timidez nascida do pun-donor, dirigiu-se direito para ela como a seta disparada do arco; dir-se-ia que ele corria atrás de uma paca, e quanto mais ele se aproximava, tanto mais a moça tiritava, como tabocas balançadas pela viração da tarde. Depois retumbou nas selvas um gemido doloroso! Oh a desgraçada estava perdida para todos os dias de sua vida, para todos!... Passados nove meses, já quando esse homem se não lembrava dessa moça, que o acaso tornou vítima de um amor exagerado num momento e noutro momento extinto e talvez para sempre, e a quem ele havia arremessado e com desdém um simples anel, como que para lembrança da desgraça que lhe motivara, eis que ouviu ao abrir certa manhã a sua porta, descompassados vagidos, e descobriu a pouca distância, sob uns cafezeiros, uma criança envolvida em baetas.

“— É teu filho, bradou a mulher!

“— Não, não, disse ele, querendo afetar tranqüilidade, e eu o juro por...

“— Não jures, atalhou ela; desde os pés até a cabeça que é todo teu retrato!

“— Não jures, que há outras provas que o demonstram.

“— E que provas?

“— Olha, disse ela, o que pende desta fita que ele traz atada ao pescoço; — o anel, que tu perdeste na caçada!

Maria corou olhando para o anel que ela tinha num dos seus dedos; não desconheceu Gaetano a perturbação, disfarçou porém, e lançando vinho ao copo, virou-o de golpe.

— Ou este ou o de Chipre!

— E depois? interrogou Maria.

— Ouve-me e deixa-te de interrupção.

— Continuai, disse ela suspirando.

Gaetano prosseguiu.

“— E esse anel, voltou-lhe o marido, poderia ter sido achado por alguém.

“— E depositaram-na aqui e com ele! Que de coincidências!... Pois bem, bradou ela com arrogância, pois bem, uma faca! Tu me negavas a verdade e tua consciência vai ser em breve dilacerada pelo remorso do homicídio; mas se mo confessas que é teu filho, cuidarei eu dele, pois estimava mesmo ter uma criança com que me entretesse, uma só, sem mais exemplo... porém, se não é teu filho, já a faca na garganta, que o degolo.

“— Perdão, disse ele, perdão, que te fui infiel uma hora! Numa hora, em que sacrifiquei uma donzela ao meu desvario; e o acaso, o encontro, deu-me este filho...

“— Desgraçada! Como chama-se ela?

“— Catarina.

“— A filha de Joaquim Antônio? Desgraçado, desgraçada, desgraçados vós ambos! Por um momento de loucura, por uma alienação de amor! E entretanto as suspeitas recaíram na inocência, em quem a destra do pai presumiu, mas em vão, vingar a honra da filha! Três dias e três noites, sem comer, velando a sós, à espera de sua vítima, que não era culpada, e uma noite o raio que parte de um punhado de árvores, o grito que ressoa nos ares, o vulto que foge, e lá mais distante, o cadáver que cai...

“— Perdão, perdão, clamava ele em joelhos, e silêncio! O mal não tem remédio, e eu farei penitência, ouvirei três capelas de missas pela alma do morto, assassinado por minha culpa, e pedirei remissão a Deus de meus pecados.

“— Pois bem, silêncio!... Vê, porém, e acautela-te, que não somos só nós que ignoramos essa fatalidade; quem lançou essa criança à nossa porta, sabe muito bem o que tu és dela.

“— E ao curarem da criança, conheceram que era menina e batizaram-na com o nome de Maria.

Suspirou Maria e Gaetano prosseguiu.

“— A uma escrava, que criava seu filho, deram-na para amamentá-la, e enquanto ela crescia e desenvolvia-se, o triste do pai passava os dias em orações, as noites em penitências, e ia à missa todas as segundas-feiras pela alma do finado.

“Os anos eram idos, que rápido vai o tempo sem o sentirmos, contados um a um os segundos e marcados pela mão da morte, e em noite de natal, em que toda a choupana do carvoeiro retinia com os sacros hinos entoados por diversas pessoas que ali concorriam para ver um presépio toscamente levantado no canto da sala, um malvado procurava todos os meios de sedução para iludir uma menina morena, tão bela e tão simples, como essas flores sem nome de sua pátria, que desabrocham rescendentes de perfumes. Conseguiu atraí-la ao caramanchão, onde pendiam os roxos martírios e os pomos verdes e amarelos, e que ficava a pouca distância, mas seus esforços foram baldios, que essa menina em cujos olhos brilhava a vivacidade da mocidade, se bem que inexperiente, era ainda muito casta e cândida para deixar-se levar de suas promessas e ver-se depois desamparada e infeliz sobre a terra, sem arrimo, e selada com o ferrete da desonra, que a envergonhasse aos olhos do mundo.

“Rico e poderoso, temido entre os pequenos, como todos esses tiranos e ambiciosos senhores que por aí avultam, era ele muito altivo e sagaz para recuar ante a impossibilidade de levar com seus intentos por diante, por mais torpes que fossem, e pois jurou para logo sobre esse peito que palpitava de inocência e singeleza, que dia viria em que teria por seu o triunfo.

“Ele o jurou, e assim havia de ser. Tinha ele por administrador de suas terras a um estrangeiro, natural de Cerenza, na Calábria, a

quem prometeu a sua proteção, terras e dinheiro se quisesse fazer a felicidade de uma menina, que era filha de um carvoeiro, que ele estimava por sua honradez, pois era homem que já tinha tido muito de seu, e que depois ficara em miséria, e cuja mulher era muito da afeição de sua consorte. Nascido em país de indigência, viu o pobre calabrés pela primeira vez a felicidade sorrir-lhe benigna na terra estrangeira, lembrou-se de seu pai, de sua mãe e irmãozinhos que deixava lá tão longes, remotos, nas maiores pobrezaas, e chorou; chorou, porque o calabrés com a sua alma de bronze tem também seus sentimentos de homem; aceitou pois a sua proteção, recebeu uma velha choupana para a sua morada, algumas braças de terra para lavar e a mão dessa menina que se lhe prometera por sua companheira.

“Por algum tempo viveu ele feliz, no seio de sua família, vendo-se retratado nas feições da filhinha que lhe deu Deus, dez meses depois do seu consórcio; cultivando suas terras, derrubando capoeiras e formando covas de carvão: vivia assim, quando uma manhã recebeu um recado daquele de cujas terras fora administrador e a quem era tão obrigado, que o chamava à sua presença para lhe comunicar notícias do maior interesse.

“Ele o jurou e assim havia de ser, embora tivessem-se passado tantos meses! Coração danado, dormia e despertava com a idéia de encher um juramento tão torpe em suas conseqüências! Na boa-fé dos homens de bem ei-lo que deixa a choupana, as terras, as carvoeiras, a esposa e a filhinha, e lá se vai a longes terras a empregar-se no tráfico de africanos boçais.

“E durante a sua ausência, essa depois que era sua companheira, essa que era mãe de sua filha, que havia resistido aos intentos do malvado que pretendeu seduzi-la, deixava-se levar de suas persuasões, esquecia-se de seu esposo, como se ele já tivesse baixado à vala dos mortos ou não tivesse de voltar para pedir-lhe conta de seu procedimento, e tinha um ano depois um filho. Espalhou-se o boato por toda a parte, como o clarão da tempestade; aquela que a educara como sua filha, tamanha paixão concebeu que veio a succumbir dentro em três dias a violenta febre; mas não a perseguiu o remorso do crime, o pai de seu filho continuou a ter entrada em sua casa, e um dia, ei-lo que cessa de vir, porque os dias estavam contados, e uma manhã eis que essa mulher pérfida acorda despertada

pelo ruído de suas portas, que caem aos golpes do machado e pelos gritos de seu filho que lhe roubam.

“E esse homem que sabia de tudo quanto se passava em sua choupana durante a demora por longínquas paragens da costa, pedia nas suas orações a maldição do céu para José Feliciano, e jurava morte a sua esposa.”

— E esse homem sou eu, Maria! disse ele concluindo sua fatal história, erguendo-se, precipitando-se sobre sua faca e arrastando pelo braço a mísera esposa.

— E esse homem sou eu!

— Perdão! exclamou ela.

— E essa mulher és tu!

— Perdão, em nome de Deus, perdão! Em vão, ah, em vão lutei eu, mas fui vencida; gritei, mas a quem me socorrer? Achei-me a sós com homem tão terrível!... Tua vingança para ele que não para mim, Gaetano!

— Para ele a maldição do céu, a minha praga no furor de minha paixão; Deus vingar-me-á! para ti a minha desafronta! — a desafronta é — a morte!

— Perdão! perdão! bradou ela levantando os olhos para o céu e querendo ajoelhar-se, mas de repente, por um movimento rápido lançou-se, desembaraçando-se de seu assassino, no aposento, sobre a cama da filhinha. Gaetano tomou a candeia, seguiu-a, ah, ela abraçava-se com Clarita, banhando-a de suas lágrimas; mas o implacável calabrês tinha alcançado o seu punhal e deixado cair sobre o colo de sua esposa...

Um grito de horror que foi longe, um ai de morte que faleceu ao desprender-se dos lábios, retumbaram por toda a choupana. Gaetano sacava o ferro tinto de sangue ainda fumante, quando a filha, despertando, abriu os olhinhos, e um sorriso lhe roçou as faces; e estendeu o braço para ele como lhe ofertando o ramalhete de flores. Eriçaram-se-lhe os cabelos, gelou-se todo, e a candeia escapou-se-lhe da mão e apagou-se.

Ouviu-se pouco depois o trotar de um cavalo, o latido de cães e depois um trovão.

Era ele que se havia perdido entre as trevas da noite, como o relâmpago; era a tempestade que tinha soltado o último bramido.

III — Vinte Anos Depois

E para longe,
E bem longe de Clara, como um sonho,
Sumiu-se...
A Louca.

Vinte anos!...Que longo espaço para rápidas e sucessivas mudanças do tempo! Como a esses guerreiros que moços e robustos partiam para a Palestina e quando voltavam vinham cansados e cobertos de cãs, que perguntavam: — Onde está meu pai? — E lhes mostravam um túmulo. Que perguntavam: — Onde está minha mãe? — E lhes mostravam outro túmulo. Que perguntavam: — Onde está minha casa? — E lhes mostravam uma árvore. Assim, a quantos se não poderia responder da mesma forma, se iguais interrogações dirigissem aos habitantes da Gávea?

Vinte anos eram idos, vinte anos tinham se sepultado na eternidade do passado, e já nem vestígios existiam da choupana dessa infeliz Maria, a filha do carvoeiro; se alguém, que tinha ouvido pronunciar seu nome, narrar suas desgraças e derramado uma lágrima por ela, perguntava pela sua choupana, uma mão apontava para uma capoeira.

Subsistia todavia a choupana do velho Pedro Rodrigues, vinte vezes deteriorada pela mão do tempo, outras tantas reparada pela mão do homem, até que se aniquilasse de toda, e, ou outra se levantasse em seu lugar, ou uma capoeira. Aí, sobre o solar do albergue, foi que vinte anos depois da catástrofe de Maria, viu Clarita rebentar sobre a costa o medonho furacão, cujo sopro submergiu diversas embarcações e desarvorou outras: foi aí que viu um navio impellido pelo furacão, varar-se pela terra e fazer-se em pedaços que os vagalhões arremataram como presas que lhes pertenciam; caindo em joelhos, seus olhos se ergueram para o céu e ela subiu sua alma a Deus pedindo pelos náufragos; breve, porém, a noite inundou os ares de trevas, e nada mais se pôde ver; consolou-se com o orar, ao lado de seu velho avô e Catarina sua esposa. O dia seguinte ainda não bruxuleava no horizonte e já os habitantes da Gávea corriam à praia, lá onde esse ribeiro que se revolve

em seu leito de lodo entra no mar, em que se perde, para ver um moço que dava sinais de vida e que fora pelas ondas rejeitado; leme... mastro... cabos... tábuas... juncavam a praia... Dizia-se que toda a tripulação e passageiros, de que esse moço fazia parte, haviam perecido.

Três dias, quatro dias, cinco dias se passaram e ainda o naufrágio era o assunto das conversações entre todos os habitantes e em todas as choupanas. Cada qual apressava-se em contar aos hóspedes as promiscuidades de tão deplorável acontecimento, e ao viandante se perguntava:

— Já sabeis do naufrágio?

Era a novidade do tempo que corria de boca em boca adornada dos atavios das imaginações por que passava.

Havia o moço tornado à vida e se restabelecia, quando uma tarde, Pedro Rodrigues encostado a seu bastão, conduzido por sua esposa, e acompanhado por Clarita, que caminhava descalça, e cuja fisionomia tinha um não sei quê de beleza e de simplicidade que encantava, desceram os íngremes trilhos da montanha com o maior cuidado, e foram bater à porta da choupana a visitar o náu-frago.

Ofereceram-lhe assento e ele assentou-se com a sua esposa e a sua neta ao lado do moço.

— Vindes visitar-me? perguntou ele.

— É verdade, meu filho, sou humano e compadeço-me dos náufragos; a todos fecharia a porta de minha palhoça, menos ao naufragado.

— E já naufragastes?

— Nunca saí do Rio de Janeiro.

— Feliz homem! Nunca entregou-se ao edificio errante, fabricado pelas mãos dos homens e arremessado às ondas, que rege o aceno de Deus e que em vão o espírito humano intenta encadeá-las ao jugo de seus domínios, dando leis à terra e pondo freio aos mares. É a tempestade o aceno de Deus, contra ela o que aproveita opor barreiras?

— É assim, meu filho, disse o velho e calou-se vendo porém que o moço nada mais dizia, prosseguiu: E donde vindes?

— Da Bahia, donde partimos numa sexta-feira.

— Numa sexta-feira! Dia aziago para os marítimos.

— Bem aziago! Ainda não havíamos perdido a terra de vista, que já o sangue do homicida inundava o convés do bergantim.

— Alguma desordem?

— Dois marinheiros, que insultando-se mutuamente, puxaram das facas e atiraram-se um contra o outro; foi em vão que buscou-se apartá-los; luta renhida, não havia aí mais que a destruição de um para decidir dela; enfim, um deles caiu sem vida, ferido a toda a faca, perto da clavícula do lado direito, entre a primeira e a segunda costela verdadeira, e o outro precipitou-se às ondas, que o subverteram. A essa cena de horror, bradou o mestre com som de voz terrível:

— Agouro! Agouro!

— Perdemos a Bahia de vista, e quando começávamos a enxergar *o Gigante que dorme*, o tufão que rebenta e nos impele sobre a costa!

— E sois natural da Bahia?

— Não: que nasci eu nestas montanhas, a cujas faldas me rejeitaram as ondas como morto.

— E vosso pai?

— Ah! seu nome é um segredo!

— E vossa mãe?

— Nunca mo souberam dizer quem era ou não quiseram.

— Tanto mistério envolve o vosso nascimento!

— Sei apenas que vi o dia nessas montanhas; ouvi dizer o nome de meu pai, mas jurei não divulgá-lo, nem mesmo nunca vi-o, e vê-lo ou não vê-lo é o mesmo, que não o conhecerei; sei que é rico, pois que dele recebi uma educação que não é lá das piores, e ainda continuo a perceber-me (me)sadas por sua conta; e quanto a minha mãe... há um mistério, um mistério profundo que em vão tenho sondado... Sem dúvida sou filho de alguma personagem ilustre pelo seu nascimento, mas não sei porque me desdenharam de maneira que não conheço meus ascendentes, pois que fui roubado em tenra idade à minha mãe.

— E como vos chamais?

— Henrique.

— Henrique? repetiu o velho apoiando-se no bastão e querendo erguer-se. Henrique!

— Por ventura me conheceis?

— Um momento, meu filho, um momento a sós convosco e sabereis tudo.

— De vós?

— Sim, de mim, que para estes lugares vim em minha mocidade, e há que tempos vai isso! Olhai: oitenta e cinco anos hão passado sobre a minha cabeça!

— Que longa idade!

— Vós sabeis o nome de vosso pai, pois bem, por ele sabereis que não vos direi senão verdades; mas antes de começarmos a nossa prática a sós, convém que me digais se tendes notícia de um cordãozinho de ouro com um signo de Salomão, com que fostes roubado.

— Basta! Disse Henrique abrindo a camisa e deixando ver o cordão com o signo que lhe pendia do pescoço: vós sabeis de tudo!

Abraçou Henrique o velho octogenário e pediu a todos quantos o rodeavam que lhe concedessem vagar para a conferência que desejava ter com ele; o que anuíram e retiram-se todos para o terceiro, onde conversavam alguns roceiros assentados ou em pé.

— Ora, e esta, dizia um deles, quer este homem, minhas senhoras donas, fazer-nos acreditar coisas impossíveis e até hoje ainda não vistas.

— Não vistas? Dou-vos minha palavra que vi eu, e vos prometo trazer uma para destruir tanta incredulidade.

— Diz ele que a lagarta fabrica o casulo, que do casulo sai a borboleta, que é a própria lagarta que aí se desenvolve.

— Até aí não há novidade, acrescentou um dentre eles, cujas brancas lhe alvejavam a cabeça.

— Não há, exclamaram todos a um tempo.

— Pois sim, continuava o outro, não há, porém o que eu não creio é que essa borboleta torne-se dias depois em beija-flor!

— Quê! disse o velho, será possível que eu ainda não visse semelhante fenômeno! pois olhai que não é de ontem que datam as minhas caminhadas pelos matos; que me digais que vistes galhos de cafezeiros transformados em bichos, creio, que vi-o eu, mas borboletas em beija-flor, bofé que não, meu amigo. E pôs-se a rir.

— Aposto que também não negareis que o camboatá anda em terra tão senhor de si como na água, não é assim?

— Acreditamos, voltou-lhe o outro, e por que não? Ora, depois da borboleta beija-flor, que há mais que admirar...

Risadas estrondosas cobriram a voz do último que falava; o outro desconfiando pegou em seu chapéu e retirou-se.

— Vamos ao café, disse um.

— Ao café! bradaram todos correndo para a menina, que trazia algumas vasilhas com café, que se apressaram em tomar.

Enfim, havia o tempo corrido e já se aproximava a noite, quando Pedro Rodrigues dando por finda a entrevista pediu às pessoas que se haviam retirado que entrassem.

Apertou Henrique a ingênua Clarita em seus braços imprimindo-lhe ternamente um beijo naquelas faces moreninhas.

— Teu irmão, minha filha, disse o velho.

— Ah, é este, meu avô, voltou ela apertando-o mais e mais em seus braços, aquele de quem tantas vezes me falastes? Oh, meu irmão! Quantas e quantas vezes não repeti teu nome com as lágrimas nos olhos e a dor no coração!

— E talvez esses instantes, ajuntou ele, fossem aqueles em que meu coração caía de súbito em abatimento de tristeza e soltava um suspiro involuntário; era um eco que repetia, era uma corda que ferida após outra dava o mesmo som!

Lançou o velho a sua bênção a Henrique, e retirou-se; um moleque caminhava ante Pedro Rodrigues, Catarina e Clarita, com uma vela acesa levando a mão com os dedos cerrados adiante para que não a apagasse o bafo da noite, e viu-se por algum tempo essa luz ora desaparecer, ora aparecer por entre a folhagem dos arvoredos, como a estrela que some-se, que surge entre o véu das nuvens, e que depois desaparece de toda. E assim iam todas as tardes a visitar o jovem Henrique, e assim voltavam todas as noites para a choupana, até que restabelecendo-se o moço, os veio visitar, protestando que todas as vezes que pudesse viria à Gávea para vê-los.

Abençoou-o o velho e montado ele num luzido cavalo seguiu caminho da corte; Clarita na janela que descobria longe, com a cabeça apoiada no braço, alongava os olhos pelos trilhos e via de quando em quando, lá entre a ramagem das árvores que rumorejava o vento, o vulto que balançando ausentava-se mais e mais, e depois sumiu-se; seus olhos alçaram-se-lhe para o céu, e ela suspirou.

— Se ele não fosse meu irmão! murmurou ela.

E o cavalo de Henrique caminhava, ora descendo esses trilhos arrepiados de soltos penedos, ora subindo, e em breve achou-se na Boa-Vista.

Aí sobre esse alto, donde tudo é belo e grande, rico e majestoso, divisou a cidade do Rio de Janeiro, com suas torres, com seus edifícios de diferentes formas, mas mesquinha e pequena no meio do grandioso espetáculo da natureza que se desdobra com tanta pompa; aqui o rochedo enorme, coroadado de nuvens coloridas pelos últimos raios do astro do dia, lá uma cadeia prodigiosa de montanhas de píncaros mais ou menos elevados que a órgãos se assemelham e que se estendem como uma falange de gigantes, sob esse pavilhão imenso, essa abóbada de safira, cujas nuvens se ensanefam e se tingem de rubro com a luz do sol do ocidente, tendo a seus pés essas ondas azuladas de um mar de ouro, que como uma campina se dilata, sorrindo-se ao beijar da brisa vespertina; diviso, mas seus olhos se voltaram para

O cimo da Gávea acantilada,
Só de vento, de raios e de chuva
Habitado!...⁴

que ele ia perder de vista; se voltaram, e duas lágrimas de saudade e de amor lhe desceram pelas faces.

— Se ela não fosse minha irmã! murmurou ele.

E perdeu a Gávea de vista.

Tinham decorrido alguns meses, havia-se Pedro Rodrigues separado de sua neta, que ele tanto estimava, e que entretanto era preciso resignar-se a juntar mais este desgosto aos que já sofrera, vivia pois na companhia dessa Catarina, cuja afronta reparara, e que era sua inseparável amiga; no ocaso da vida, a fortuna lhe fez deparar com essa alma caritativa que o ajudava a suportar o peso de oitenta e cinco anos de existência tão cheia de desgostos e disabores; alguns meses se haviam decorrido e ainda Henrique não havia voltado para vi-lo visitar que desde o dia de sua partida não houve saber mais dele; apenas Clarita o vinha ver quando lhe era

⁴ “M. de Araújo Porto Alegre”, J. N. S. e S., p. 30.

gado, e distraí-lo de suas meditações que já não eram deste mundo, e interromper o fio de suas orações; e suas palavras eram de consolação para o octogenário, que lhe retribuía com conselhos cheios da experiência de longa vida, e das virtudes praticadas em emenda de erros que a idade ferosa da mocidade lhe originara.

Uma noite, a sós com sua esposa e um velho negro que ainda o servia, ou, para melhor dizer, ambos se prestavam mútuos socorros, orava Pedro Rodrigues, todo compenetrado de idéias sublimes, que ainda rolavam na sua fria imaginação; sua alma divagando pelo infinito se infundia em místicas e melancólicas meditações, quando de repente ouviu, fora da choupana e à pouca distância, vozes confusas que se trocavam, ruído de armas que no embate retiniam; trêmulo, chegou-se à porta, apoiando-se no bastão, e distinguiu na diáfana escuridão da noite grupos cujos vultos se moviam como que se lutassem renhidamente; depois sentiu trotar de cavalo e daí a pouco viu que um cavaleiro que metia o cavalo sobre eles entrava na luta. Era em vão que ele os pretendia apaziguar apartando-os; um já estava por terra e quatro ainda sobre ele procuram sufocá-lo.

— Quatro contra um? bradou o cavaleiro sacando uma pistola dos coldres e engatilhando-a ligeiramente; quatro contra um é a mais infame de todas as covardias! Ou morrer pela bala ou separar-vos!

E o raio partiu sobre o grupo; ao estampido do trovão se ergue o cavalo, joga com o cavaleiro e desaparece; e um gemido se desprende do meio dos vultos que se dispersam ficando um prostrado.

Pedro Rodrigues, sua esposa e o velho negro, em pé na porta da choupana, tiritavam de medo, se persignavam e rezavam.

— Quem és tu? interrogou o cavaleiro se aproximando daquele que tinha salvado e que tão denodadamente lutava braço a braço contra quatro?

— Ah! respondeu ele com voz de quem agonizava, estou todo coberto de feridas, que me esfaquearam a faltar! Chegastes tarde, cavaleiro, para salvar-me a vida; chegastes cedo, porém, para salvar-me a alma e ouvir minha confissão, e comunicá-la depois a algum sacerdote que me absolva. Metei a mão na minha algibeira aqui do lado esquerdo e tirei alguns patações para mandardes dizer missas para minha salvação.

Ajoelhou-se o cavaleiro junto do ferido, que começou a sua confissão:

— Eu sou, disse ele, Gaetano o calabrés...

— Gaetano! Gaetano o calabrés! exclamou o cavaleiro, que eu salvasse semelhante homem! Tu és Gaetano, ah, e eu sou aquele menino que fui roubado da tua choupana! Tu és Gaetano, o assassino da filha do carvoeiro, oh! minha pobre mãe!...

— Quê! vós sois de veras Henrique?

— Sim, Henrique, Henrique Feliciano, que jurou vingança pela morte de sua mãe.

— Desgraçado, assassinastes a vosso próprio pai!

— A meu pai? interrogou ele aterrado.

— Sim, vede aquele cadáver prostrado pelo tiro de pistola que sobre ele disparastes, é José Feliciano!

— Meu pai! meu pai!

E Gaetano revolvía-se, voltando-se sobre si mesmo, rolando pela terra, agarrando-se às ervas, debatendo-se com as ânsias da morte.

— O crime puniu o criminoso! Estou vingado! bradou ele soltando o último arranco.

— Meu pai! meu pai! Assassinei meu pai! clamava o mísero filho sobraçando o cadáver de José Feliciano, inundado de sangue, e com tal acento de dor e desespero que comovia.

— Sim, teu pai, gritou com voz trêmula e rouca um vulto que trazia uma candeia, cujo pálido clarão bruxuleava aumentando o horror dessas cenas de sangue; sim, teu pai, que se tinha casado há dois meses com tua irmã!

— Justiça de Deus grande! exclamou Henrique, caindo desmaiado a seus pés.

IV — Conclusão

No dia 2 de julho desse ano, certa senhora acompanhando um velho que arrastava-se a cada passo que movia, e seguida de outra mais moça e coberta de dó, paravam ante um cubículo da Santa Casa de Misericórdia e contemplavam tristemente um jovem que aí estava encarcerado.

— Ah! exclamou ele, eu matei meu pai!

E terrível gargalhada desprendia-se-lhe dos lábios.

— Pobre Henrique, disse a moça enxugando os olhos, está doido!

— Doido! doido sem mais esperança de salvá-lo, ajuntava o velho com mágoa, e para sempre doido!...

Gávea, 1842

Januário Garcia ou as sete orelhas
(romance)

IV — A Sétima e a Última

Un ange ou un démon?...

A. de Vigny

Il tombe...

La vérité se montre! Tout est fini!...

Madame du Devant

O longo decorrer de tantos dias, qual o que encerra o espaço de dez anos, não pôde abrandar a cólera do infatigável paulista, nem fazer-lhe esquecer os votos de vingança pronunciados havia tanto tempo!...

Dez anos tinham decorrido; e ainda o inflexível Januário Garcia corria planícies, subia montanhas, descia vales, e se entranhava pelas brenhas, em procura da sua última vítima.

Embuçado no poncho, com o chapéu de largas abas, com a cinta onde prendia a faca, a terrível faca seis vezes banhada em sangue, e com sua *baluda de coronha de pé de cabra* a tiracol, jazia uma noite recostado a uma sapocaeira, esperando o alvorecer da madrugada, para conhecer aonde estava. O dia que não tardou em mostrar-se no horizonte rodeado de toda a pompa e majestade,

fez-lhe ver que se achava ante uma povoação. Foi como o grito de terra soltado a bordo que veio inundar-lhe o peito de júbilo; que esse corpo fatigado de tantos errores e desvios se enlanguescia, e necessário lhe era o repouso.

Caminhou Januário vagarosamente para essa nascente Vila Boa de Goiás, que parecia surgir do meio das flores e folhagem dos bosques que a contornavam, e sorrir-lhe benigna, como se fosse ele o seu bem vindo. O painel mais pomposo e mais belo da natureza, cheio de encanto, de vida, de harmonia e da poesia, desdobrava-se-lhe aos olhos, avezados na contemplação dessas cenas, e sempre nelas embevecidos!

Casa de aspecto menos rústico era essa que aí entre outras se elevava no princípio da vila; e Januário Garcia parou à porta e pediu que o deixassem descansar. Abriu-se a porta imediatamente achou-se ele na sala onde certo homem, cujos cabelos negros rarefaziam-se entre as brancas da idade madura apresentou-se-lhe, e ambos se cumprimentaram.

— Este semblante, murmurou a um tempo cada qual consigo, no mútuo entreolhar, não me é desconhecido!

— Senhor, disse o hóspede, vou mandar preparar o almoço: comereis do que há por estas alturas da nossa Vila Boa de Goiás, e no entanto descansareis; podereis mesmo vos deitar se isso vos aprouver, pois que aqui não deveis fazer cerimônia de qualidade alguma.

— Obrigado, respondeu friamente Januário.

— E voltarei para conversarmos; que sem dúvida haveis de saber muitas cousas antigas que serão novidades para mim, e eu estarei no mesmo caso para convosco.

— Sim, senhor, voltou-lhe Januário.

— Esquecia-me perguntar se não quereis mudar de trajos.

— Agradecido.

Retirou-se o hóspede; e Januário pôs-se a passear pela sala, na qual tudo lhe atraía a atenção. A mobília simples e rústica, o sítio, as árvores apinhadas pelas planícies em graciosos grupos, as palmeiras com seus leques abanados pela aragem, os penedos, as águas que serpejavam sonoramente retratando o azul do céu, tudo lhe trazia à memória doces e vivas lembranças, que lhe eram tão caras! Parando ante um espelho, refletiu atentamente na mudança

de suas feições; e seus cabelos negros outrora começavam agora de alvejar; suspirou! Sentou-se e gotas de lágrimas escoaram-lhe pelas faces que iam a enrugar! Depois ergueu-se, voltou os olhos em torno de si, e como que admirado do que via, fitou com atenção o olhar num painel que pendia da parede, e cuja cena tocante lhe oferecia um espetáculo que lhe partia o coração. Era um paulista que junto da sua consorte gozava da frescura da tarde sob uma latada de passiflora coberta de rosas da Paixão e frutos: escutava ele cheio de recolhimento a leitura das *Horas*, a que procedia uma linda menina; e voltava da caça um jovem, montado a cavalo, tocando a buzina, e precedido de cães veadeiros. — Declinava o sol entre as nuvens do horizonte e os derradeiros raios douravam os cumes das montanhas e dilatavam a sombra das árvores nas planícies.

Era ele, sua esposa e seus filhos! Não havia dúvida, esse quadro era seu; conhecia-o por esses rasgos de pintura que pertenciam ao pincel de uma donzela da sua vila, que qual a célebre pernambucana, D. Rita Joana de Sousa, entregava-se a esse passatempo para quebrar o tédio do vagar do tempo; e que lho deixara em Sorocaba, na sala da casa, lá pendente da parede!

De Sorocaba a Goiás! A Goiás!... Tão longe! E porventura não estava ele aí? Mas que coincidência! que encontro! Como viria parar ele ali, como?

E mil pensamentos borbulhavam na mente de Januário, que sentou-se e começou a refletir mais seriamente.

— Talvez, disse ele consigo, conjecturando, talvez que minha esposa se visse em grande necessidade e que o vendesse!

E pensava que a miséria, a miséria com todo o seu séquito terrível, onde figuram todas as necessidades da vida com seus semblantes mirrados e lívidos, e com os olhos de sangue, já fartos de chorarem, açoitasse o seio da sua família, e assentava em si que necessário era volver-se a abraçá-la!

— Há tanto tempo! repetiu ele. Como os não verei eu, esquecendo pesares de tantos anos por um momento de satisfação! Doce momento, que tanto tarda, pois falta-me a sétima e última! E em vão a busco, em vão: e eu jurei apresentar todas elas! Aonde se esconderá esse homem que deve à terra um cadáver e a mim uma orelha? O dono desta casa, continuava ele, explicar-me-á tudo isto!

Mas dissimulemos, que não sei aonde, e ele conhece-me, pois mirou-me desde os pés até a cabeça, traço por traço, feição por feição! Quem será ele? Um anjo ou um demônio? Um anjo que salvou por ventura minha família da miséria, e a quem ela agradecida mimoseou com este quadro, ou um demônio que o roubou, e que hoje o possui?

E a esse tempo, sem ter repousado, a fadiga tinha-lhe desaparecido; e só almejava saber como viera ter aquele quadro a Goiás, como se chamava o hóspede, e depois partir; ou com o seu colar de orelhas completo, ou em busca de mais uma, uma só!...

Pensando assim, agitava-se todo com tais reflexões, tremia com tantas incertezas; quando um menino tão galante, quanto pode ser um menino; tão vivo, tão espartinho quanto se pode ser na tenra idade, a pular, a saltar, a rir-se de inocência e de alegria, ganhava a sala.

— Meu Deus! exclamou Januário encarando a criancinha, como que para reconhecer-lhe um a um os contornos da fisionomia, é o retrato de minha mulher... De minha mulher!... É seu filho, talvez... Oh!... As coincidências se multiplicam!... A fisionomia desse homem que não me é inteiramente desconhecida... e a fisionomia deste menino tão semelhante à de Ana... e o meu quadro!... Oh! que o coração se me despedaça em cem partes!...

E o inferno com todo o seu oceano de chamas se lhe entornava dentro no peito! E os dentes rangiam, e os músculos contraíam-se, e os olhos revolviam-se em órbitas de fogo, e as artérias pulsavam com veemência, e ele todo agitava-se, comovia-se... até que pouco e pouco, como procurando tranquilizar-se, aproximou-se do menino, que ria como o anjo da alegria e inocência; buscou afagá-lo, e o menino sempre a rir pôs-se a brincar-lhe com os cabelos da longa barba embranquecida. Tomou-o ele afinal nos braços, sentou-o sobre a perna, e amimando-o, perguntou-lhe como se chamava.

E uma voz tocante, harmoniosa, sensível, respondeu:

— Januário.

— Januário... repetiu Garcia, erguendo-se e largando o menino sobre o pavimento. Que ultraje!... Que escarnecer de mim!... Não resta mais que duvidar nem conjecturas a tirar; é seu filho!... O tempo e os trabalhos me aumentaram os anos, branquejaram esta barba, que me cresceu até o peito; o sol amorenou-me a tez e mu-

dou-me as feições; o brilho dos meus olhos extinguiu-se no meio da aluvião das lágrimas, e a voz enrouqueceu-se... A notícia de minha morte espalhou-se talvez de boca em boca, e de há muito que me acreditam de envolta com a poeira dos mortos... Desfigurado, não tido por entre os vivos, quem mais me há de reconhecer? Ao verem-me os vizinhos, tomar-me-ão por novo hóspede, perguntarão por meu nome, e admirar-se-ão quando me ouvirem dizer: Eu sou Januário Garcia! Não me reconhecerão, mas eu conhecer-te-ei, mulher!... Observada continuamente por mim, não deixarei escapar uma palavra... não deixarei perder o mínimo gesto, não deixarei fugir o menor movimento, e depois... Ah e depois que tremas! Ana, Ana, tu não saberás que os ultrajes de uma mulher a seu marido custam a vida? Que o sangue, que tão-somente o sangue, pode lavar a nódoa da desonra que o difama entre os mais homens? Tu não o saberás? Eu pois te ensinarei!...

E o menino, sempre a rir-se, o olhava ternamente; porém Garcia aproximando-se da janela, conservou-se pensativo sem dar fé do que se passava em torno de si; porque a inspiração do inferno borbullava-lhe na mente e refletia-lhe do coração.

De repente sentiu passos, voltou-se e deu com o dono da casa que participava-lhe estar pronto o almoço.

— Sinto-me incomodado; e por esse motivo desculpar-me-eis que não me utilize do vosso obséquio.

— E não quereis alguma coisa?

— Nada absolutamente; desculpai-me, que quando estou incomodado não costumo empregar meio algum para aliviar-me.

Fazei o que quiserdes.

— E já que sois tão franco comigo, quisera antes de retirar-me, saber com quem aqui me acho.

— Era essa, amigo, disse o hóspede, justamente a pergunta que tinha a fazer-vos, pois que por certo não me sois inteiramente desconhecido, e já vos vi não sei aonde. Porém, quanto ao que me diz respeito, dir-vos-ei em poucas palavras, o que basta. Procurei por algum tempo ocultar o meu nome e a minha pessoa, povoei a solidão, mas hoje, isento de todo o perigo com a morte do mais terrível dos homens, o qual por indisposição e antipatias me jurara ódio implacável, posso sem temor dizer quem fui e quem sou, pois

que, assaz conhecido nesta terra, sou estimado de todos, e gozo de reputação como homem honrado.

— Sois filho do Brasil, não é assim?

— E nasci em Itu...

— E esse homem que já não existe, cuja morte vos fez exultar por vos ver livre do mais terrível dos homens era de Sorocaba?

— Justamente; e acaso o conhecestes?

— Januário Garcia!

— E ainda hoje me horrorizo ao ouvir-lhe o nome!...

— E pois não vos horrorizais de vê-lo!

— Como?... O que dizeis?...

— Sim, ele chamava-se Januário Garcia, e vós sois Pedro Luís...

— Ah! sabeis meu nome?

— E eu sou de Sorocaba!...

— E aí me vistes talvez, não?

— E eu sou Januário Garcia!...

— Januário Garcia... Vós?... Que perdição para mim!...

— Pedro Luís!... Pedro Luís, não me falta mais nem uma!...

— Januário Garcia, há dez anos que...

— Que assassinastes meu filho...

— Os outros foram...

— Aqui estão suas orelhas!... Seis orelhas!... Mas os assassinos foram sete, falta-me pois uma... e essa, dar-ma-eis vós!... Meu corpo ao inferno, minha alma ao demônio, se vo-lo perdoar!... Pedro Luís, resta-vos um instante, e esse instante é para encomendar a Deus a vossa alma... A oração simbólica dos apóstolos!... Dizei-a de joelhos... E o meu juramento há de cumprir-se em toda a sua extensão...

— Perdão, Januário, que vos cega a ira!...

— Nem em nome de Deus; pedis em vão!

— A hospitalidade, Januário... E vossa filha... Ah esperai!

— Não me escapareis... Meu filho também implorava em nome de Deus, e vós, canibais, o ligáveis a um tronco; ele chorava, e vós, abutres de carne humana, lhe arrancáveis a pele; ele gemia, e vós, onças esfaimadas e carniceiras, lhe decepáveis membro por membro; e ele dava o último arranco, e vós, algozes da barbaridade, lhe tiráveis as entranhas ainda palpitantes! Ah! vós não sabeis por certo em que mãos horríveis caistes!...

— Perdão por piedade!

— Não!

— Eu sou vosso...

E Januário Garcia sacava a faca, a terrível faca do seio da sua vítima, que estrebuchava inundada de sangue, quando uma mulher pálida, vestida de branco, com os cabelos soltos, e arquejando horrivelmente precipitou-se sobre ele.

— Que fizestes?...

— Paulina, minha filha!...

— Meu pai... Ele era meu marido!...

E caiu desfalecida em seus braços.

Joaquim Manuel de Macedo

O Dr. Macedinho, como ficou conhecido, nasceu na vila de Itaboraí (RJ) no dia 24 de junho de 1820 e morreu no Rio de Janeiro em 11 de junho de 1882. Egresso de uma família de classe média — seu pai era farmacêutico —, formou-se em medicina, embora só vá clinicar por alguns poucos anos, dedicando-se, em seguida, à literatura.

Macedo escreverá em todos os gêneros conhecidos, mas lança-se na literatura com o romance *A moreninha*, em 1844. Tem duas fases distintas em sua obra — de 1844 a 1866, dedicada às mocinhas — e de 1867 até 1882 — dedicada aos adultos.

Voragem (1867), romancete em versos, apareceu como folheto autônomo — sob o pseudônimo de Mínimo Severo — na *Semana Ilustrada*, como brinde para os assinantes. São dois romancetes, cada qual formando um quadro: o primeiro — que aqui será inteiramente transcrito — sobre a história dos amores funestos do jovem Durval com a cortesã Irene, a *Voragem*; o segundo sobre a mesma mulher com o novo amante.

Nina (1870), romance em dois volumes, também foi publicado em folhetins, mas apenas um capítulo será aqui transcrito. Primeira tentativa de romance psicológico por parte do autor, trata da história de uma moça demasiado mimada pelos pais, que, para vingarse do noivo que não a cortejava com a intensidade com a qual ela julgava necessária, desfaz o noivado e começa a namorar um jovem vindo do interior, o ingênuo Firmiano, a quem ela não ama, usando-o para fazer ciúmes ao antigo noivo. Dentro da regra romântica de propor um ensinamento moral, a heroína vai-se dar conta de que, afinal, ama o primeiro noivo, e, arrependida, acaba

voltando para ele. A moral mostra que os pais devem dar uma educação mais séria para suas filhas, a fim de que as jovens não ajam levemente. Também alude, flaubertianamente, às leituras alienantes prejudiciais ao bom desenvolvimento da educação das mulheres.

No capítulo escolhido veremos a descrição física e moral do provinciano, aliada à nova definição de romance, justamente o que Macedo está tentando fazer nessa sua segunda fase.

Voragem

Quadro Primeiro — I

Herdeiro de um nome honrado,
Da mãe amparo sagrado;
De irmãs órfãs a esperança;
Guarda de imensa riqueza
Que do fruto a incerteza
Quase muda em segurança;

Sol no ardor da juventude,
Aura do céu da virtude
Do coração mais leal;
Flor na cândida inocência,
Insensato da opulência
No orgulho Vão: — eis Durval.

Quantos deveres tão belos
Que fonte d'almos desvelos
De Durval na condição!
Irmãs e mãe, pátria e Deus,
Cultos da terra e dos céus,
Dupla e santa religião!...

Um fraco tronco a amparar
Três flores a cultivar,

Mãe viúva, irmãs sem pai;
Pátria que varões reclama,
E Deus que o amor só ama
Que das almas puras se sai.

Longe do mundo educado,
Às sociedades negado
Austero pai o criou;
E morrendo ao miserando
Como um cego, tateando
Em terra ignota deixou.

Cessa o luto, a dor mitiga;
Mas Durval da vida antiga
Zela a paterna lição;
Timidez, pejo e respeito
Do pai já morto ao preceito,
Vive à sombra, em solidão.

Doe-se a mãe desse viver:
Que fulgor, glória, prazer
Para o filho idolatrado;
Ela o quer feliz, jucundo,
Astro esplendendo no mundo,
Das mães encanto invejado.

Embalde hesita Durval,
Teimoso empenho fatal
Da mãe e irmãs o venceu:
Deixa o grato, o santo lar,
Levanta o pé, vai entrar
Onde... no inferno ou no céu?...

Tredos extremos buscaram,
Pai, e mãe que tanto erraram,
Sonhando o filho feliz:
Um na cegueira o educou,
Outra assim cego o lançou
Da sedução nos ardis.

O mundo em que há de viver,
Cumpre ao filho esclarecer
Do pai à sábia experiência;
Mas se não deu-lhe este ensino,
Quem larga o cego ao destino
Dobra inda mais a imprudência.

II

Sobram aos jovens ricos os
mentores,
Polutos já caídos na pobreza,
Que sem pejo, do alcouce ser-
vidores
Armam do alcouce o leito após
a mesa.

Pagaram por demais outrora o
vício,
Pobres, da abjeção descem a
escada,
Enlodam-se num duplo e negro
ofício,
Ínfimo grão da vida depravada:

Dos vícios atijando a festa e
amores,
Uns, parasitas, nos sobejos
pastam,
Outros, das impudicas correto-
res,
Aos prostíbulos as vítimas ar-
rastam.

Os primeiros mendigos são da
crápula,
Restos comem na esqualida
desgraça;
Dos segundos mais negra inda
é a mácula,
Das mundanarias são os cães de
caça.

Tema o jovem incauto esse
perigo!
Tem véus, tem másc'ra a hedion-
da corrupção,
E o dissoluto que se finge ami-
go,
É demônio fatal de perdição.

Que ao soldo das impuras não
se preste,
Nem seja ainda parasita abjeto,
Em todo caso o dissoluto é
peste,
Foco de miasmas, como o char-
co infecto.

E ai de Durval que um primo
tem famoso
Por mestre e sábio em vida de
alegria!

Foi seu mentor que pronto quis
donoso
Das delícias ao céu romper-lhe
o dia.

III

Foi desastroso, fatal
O dia que lhe rompeu,
Luz que aos vícios brilho deu,
Funda cratera infernal,
Que o falso amigo, impudente
Num coração inocente
Com malvadeza acendeu.

Quem da lascívia uma vez
Libou a taça encantada
Arde em sede envenenada
Que prepara a embriaguez;
E se não foge, ébrio roja
P'ra sempre e à porta se espoja
De ascosa tasca infectada.

Assim Durval; se algum dia
Pelo pudor defendido
Resistiu; logo vencido
Foi nas salas das harpias,
Onde a corrupção empesta
Olhos com a ação desonesta,
Com torpes falas o ouvido.

Rico, o trabalho despreza,
E na abjeta ociosidade
Desvirtua a mocidade,
A vis prazeres se aveza:
Do jogo, e orgias no abismo
Deus esquece, mãe, civismo,
E é nódoa da sociedade.

Qual novo cavalo ardente,
Que o freio toma raivoso,
Em furor impetuoso
Desencabresta veemente,
Por terra escarpada avança
E por fim cego se lança
Em precipício horroroso;

Durval no campo da vida,
Súbito livre, se atira,
Fogo de paixões respira,
Quebra da virtude a brida,
E arrebatado honra, nome,
Riqueza arroja e consome
Da imoral Vênus na pira.

No *Alcaçar* costumes puros
Perde, aplaudindo a nudez;
Já nem cora à hediondez
Dos *Jardins de Flora* escuros.
Já das Vênus de aluguel
Não sente os travos de fel
Nos beijos da embriaguez.

Glória ao mentor desvelado
Que arrastou-o à perdição!
Glória à cegueira, à inação
De um governo desastrado,
Que atraiçou a sociedade
Entregando a mocidade
Aos focos da corrupção!

Como outros tantos — Durval,
Inda um mancebo perdido!
Ei-lo tabido, poluído
Pelo contágio imoral;
Bendiz o próprio suplício
E no frenesi do vício
Tem garbo de corrompido.

Só falta a extrema loucura;
 É rico, quer ter por dama
 A cortesã de mais fama,
 Tipo da desenvoltura;
 Quer a glória dos favores
 Da escrava de mil senhores,
 E que os senhores infama!

Fácil glória ao não-avaro;
 Que essa mulher condenada
 Vende o corpo depravada;
 Mas tem fama, e vende-o caro:
 Durval herdara um tesouro,
 Pronto esbanja cofres de ouro;
 Ela o sabe: ei-la comprada.

Escrava! escrava! — mentia!
 Escravo é só o infeliz
 Que em breve a sorte maldiz
 Que o pôs nas garras da harpia.
 Escrava! mas de hora a hora
 O ouro do senhor devora
 Com fome de meretriz.

Escrava! e o senhor governa,
 A vis orgias o arrasta,
 Sua riqueza devasta
 E a seu capricho o prosterna;
 Mede-lhe atenta a despesa
 Para, ao subir-lhe a pobreza,
 Dizer, como aos outros,
 — basta!

Escrava! e o servil senhor
 Dos sócios nem sabe a conta
 E ao ridículo da afronta,
 Se submete sem pudor:
 Já quis fugir, — tarde! o vício

Prende-o ao cepo do suplício
 Das lascívias no torpor.

IV

Das míseras, perdidas
 Mulheres decaídas,
 Que gasta a consciência,
 Ostentam vida infrene,
 Vendendo corpo e amor,
 Primeira na impudência,
 Licenciosa, Irene
 É da virtude horror;
 Que o inferno, se ajuntara
 Num reino as dissolutas
 Rainha das polutas
 Irene proclamara.

Provocadora ousada
 Sábia em requebros vis,
 No cálculo consumada,
 Fértil em mil ardis
 Que da volúpia acendem
 A flama envenenada;
 Ao luxo e à elegância

Que os inexpertos rendem
 Juntando a petulância
 Que os libertinos amam,
 Muitos em coro ardente,
 Formosa, resplendente,
 Loucos Irene aclamam.

Que seja embora a imagem
 Do sol em pulcro dia,
 Amantes que à porfia
 Lhe juram vassalagem,

Se ausentes dela falam
De Irene o nome calam,
E a chamam só — *Voragem*.

A alcunha não é vã,
Tem eloquência imensa;
A alcunha é a sentença
Que pune a cortesã.

Que seja ou não formosa
Pestífera vida arrasta,
Corrupta, perigosa,
A alcunha a condenou:
Ela é *Voragem!* basta:
É horrível sorvedouro
Que absorve a honra e o ouro
De quem amá-la ousou.

É bela; mas qu'importa
Do rosto a formosura,
Quando a inocência é morta,
E Vênus roja impura?...
De um sol eclipsado
A luz semelha à noite:
É n'água cristalina
Veneno propinado:
Não enobrece o açoite
De algoz a mão mais fina:
Ostenta lindas cores
Também a vil serpente
E um assassino dente
Traz na peçonha horrores;
Em fétido lenteiro
Pode uma flor brilhar,
Da flor porém, com o cheiro
Vem a infecção matar.

A cortesã formosa
Esplêndida, faustosa,

De encantos opulenta,
Balde beleza e graça,
É, será sempre a taça
Pestífera, nojenta,
Que cem lábios tocaram,
Com lábios que deixaram
Nela saliva imunda
Que a corrompe, a inunda
De vírus e torpeza,
Que cada qual vomita

Na taça que infinita
P'ra todos corre à mesa,
E que cada um tocando
Com traficado beijo,
Bem sabe que o sobejo
De outros vai libando.

Se é bela a cortesã,
Celeste dom profana;
Podia ser soberana
Pela beleza honesta;
E escrava indigna e vã
Do vício aviltador,
Vendeira do senhor,
Maldita o mundo empesta.
Se é bela — flor mimosa,
Fora do céu turbulo;
Mas cortesã — lodosa
Retouça no prostíbulo.

O anjo condenado
Fulgiria, anjo do Céu,
E a audácia do pecado
Nas trevas o abateu:
O trono sempiterno
Soberbo ambicionou,
E Deus que o fulminou,
Por trono deu-lhe o inferno.

De Lúcifer a imagem
A cortesã revela,
Pela luxúria a bela,

Cai, e se faz *Voragem*.
O alcaçar da riqueza
O inferno seu atesta,
Onde é em torpe festa
Rainha da torpeza:
O vício mais nefando
Dos vícios tem o bando
A completar-lhe o horror;
Tem nas brutais orgias
A infâmia do impudor;
Nas doudas companhias,
Do vinho a embriaguez,
Em furial demência
O opróbrio da nudez,
A hedionda incontinência;
E em vida repugnante
Um corpo corrompido,
Vendido e revendido,
Que ao comprador nodoa,
E que em venda constante,
Após gozado enjoa.

Bela, mas infernal,
De ouro sempre sedenta,
Ladra de mães e esposas,
Patíbulo da moral,
Treda flama cruenta
Em que ardem mariposas
Cuja cegueira espanta,
A cortesã se ostenta
E fama audaz levanta,

Com escândalo geral!
Fortunas desbarata

Que a diligência ergueu;
Mar que jamais se encheu,
Golfo descomunal
P'ra o ouro se dilata;
Famílias mil desola,
A quem reduz à esmola,
Medonho horrendo mal!
A cortesã maldita,
Nenhum amante evita
E a todos rouba e mente:
É foco pestilente,
É leito de hospital
Que enfermos não rejeita,
Que um após outro aceita
E a muitos é fatal.

V

Voragem seja embora, Irene
altiva
Empunha o cetro da luxúria e
brilha:
Corça, de amor na caça, não se
esquiva,
Pra ser caçada até busca a ma-
tilha.

De dia exhibe o opróbrio da
opulência
No carro à moda em que se
expõe na rua;
Arma de noite laços à demência
Após orgias se vendendo nua.

Dobra-lhe o vício concorrente o
preço;
Vende requebros por punhados
de ouro,

Dá-lhe promessa torpe um ade-
reço,
E o leito dá-lhe o roubo de um
tesouro.

Em suas longas unhas de pantera
Despedaça de jovens o futuro;
Honra, nome, fortuna, astuta
fera
Devora a troco de favor impuro.

Aos velhos ricos pronta estende
os braços
E finge amor em lúbrico trans-
porte;
Comprime o tédio e em frenesis
devassos
A vida cansa a revirar a morte.

Do homem o sentimento se
deprava
Em prazeres brutais, a insânia
sua,
Se a luxúria o desvaira, essa
alma escrava
Da lascívia nos graus paixões
gradua.
Perdido o enlevo da virtude
santa,
Perdido o encanto do pudor que
cora,
Da mundanaria que a moral
espanta,
O depravado os ímpetos adora.
Beleza ou não; mas o luxo
desmedido
Ostenta a cortesã — prova se-
gura

De um corpo a quantos pagam
revendido,
E eis fulgindo o incentivo da
loucura.

Espalha a fama de impudica a
história,
O escândalo sem freio e deli-
rante,
Tem nessa fama a cortesã mais
glória,
Quanto mais ignóbil, mais
ovante.

Entra em moda a heroína da
impureza,
Esplende em raios de infernal
prestígio,
Varre das casas ricas a riqueza,
E da depravação sobe ao fastí-
gio.

Os loucos a seus pés ouro der-
ramam,
Fazem-lhe a corte e a querem
por vaidade,
E escravos da mulher, a quem
não amam,
Glorificam o horror da socieda-
de!

Vendida ao moço, ao velho, ao
crapuloso,
É gelo e finge a cortesã fervor;
E em aluguel mantém leito
asqueroso,
Onde é sempre enganado o
alugador.

E quanto mais alteia a indigna
vida
E atesta a fúria insólita e dani-
nha,
Impudência, torpeza, e ínfima
lida,
Tanto mais dos corruptos é
rainha.

É no charco que o porco tem
seu mundo:
É dura, e ignóbil esta dupla
imagem;
Mas como o porco é o devasso
imundo,
Charcos às cortesãs, charco a
Voragem.

VI

Pára, insensato Durval!
É tempo ainda, — recua!
Caíste em laço infernal,
Fizeste a ignomínia tua!
Caíste no precipício;
Estás resvalando; — pára!
No fundo negro há flagício
Que extremo labéu prepara.

Do abismo o alcantil é rude?
Tirou-te o vício o valor?
Pede socorro à virtude,
Aceita o auxílio do amor.

Aceita! — vê, debruçadas
No abismo, — alentos escassos
Como exaurem consternadas
Mãe e irmãs, dando-te os bra-
ços!

Debalde! — em Durval se apura
Carnalidade selvagem;
Possesso, em desenvoltura,
O seu demônio é *Voragem*.
De envites fascinadores
Tem nessa mulher — vulcão,
E ardidez e furores
De lascívia perversão.

É a luxúria serpente
Que se enrosca no devasso,
Que o abraça renitente,
E afoga-o por fim no abraço.

Paralítico lançado
No meio do tremedal,
Sem poder fugir, tragado
Se afunda o louco Durval.

Da harpia nas garras preso
Se aduna à vida impudica.
Do mundo arrosta o desprezo,
Honra e nome sacrifica.

No infame altar da poluta
Paterna herança devasta;
E ousada a paixão arguta
A um crime o insensato arrasta,

Das irmãs, órfãs sagradas
Da mãe nobre — filho vil,
As riquezas, profanadas,
Leva da fera ao covil.

Eram alheias devícias
E nelas pôs ímpia mão!
Comprou perversas delícias,
Mas vendeu-se à danação.

Rompe enfim sinistro dia
Que assombra a concupiscência;
Miséria que se anuncia,
Solta a voz à consciência.

É noite; Durval medita:
Quanto tivera, perdeu,
E o que mais o morde e agita,
— Mãe, irmãos empobreceu.

Ama *Voragem* perdido;
Mas sabe-lhe a sede de ouro:
Onde um tesouro escondido,
P'ra ela mais um tesouro?

A consciência o condena,
Ferve-lhe n'alma a paixão,
A noite redobra a pena
E atiça a imaginação.

De repente grito horrível
Dá, suor frio lhe cai,
Vendo a seus olhos, terrível
Surgir a sombra do pai.

Estende um trêmulo braço...
Cabelos hirtos, e mudo,
A vista fita no espaço,
Está sem luz; mas tudo vê.

É seu pai: o vulto eleva
Pela morte agigantado,
Brilha ardente olhar na treva,
Devorando o condenado.

É do pai a sombra austera
Que tem voz que o filho abala;
Voz de finado severa,
Voz de juiz que assim fala:

“Deixei-te nome, opulência,
“E irmãs, e mãe a zelar:
“Vim, mandou-me a providên-
cia
“Contas ao filho tomar.

“Que háis feito do nome honra-
do?...
“Tornaste-o escárnio do mundo,
“Pelas praças arrastado
“Como o trapo mais imundo.

“Onde a riqueza que ergui
“Com o labor e a economia?
“Desmoronada por ti
“Foi pasto de seva harpia.

“Dos meus suores o fruto
“Serviu p'ra o pasto do vício;
“Lançaste-o a um seio poluto
“Muladar do desperdício!

“Varrendo o chão não varrido,
“A cortesã que lá vai,
“Na cauda do seu vestido
“Leva o suor de teu pai!...

“Nobre mãe que deu-te a vida,
“Que aos peitos seus te aleitou,
“Por teu sonho empobrecida
“Na miséria se abismou.

“Homem não — besta sem
freio,
“Maldito filho, tu és!
“Da mãe descobriste o seio,
“P'ra cobrir da infâmia os
pés!...

“Irmãs, por ti na desgraça,
 “Sacrificaste em aras vis!
 “Três virgens a uma devassa,
 Três anjos a uma meretriz!

“Vai, filho desnaturado,
 “Segue! mas nos crimes teus,
 “Maldito do pai finado,
 “Sofre o castigo de Deus!

“Mãe, irmãs empobreceste,
 “Manchaste o meu nome, — vai!
 “Mas leva que a mereceste,
 “A maldição do teu pai.

VII

Quando a aurora rompeu, Durval estava,
 Dormindo em desalinho ao pé do leito,
 Como no chão caído...
 Era agitado o sono, a destra errava
 Trêmula às vezes no espaço, o peito arfando,
 O alento era gemido.

Do sol a um raio despertou, e a sala
 Com inquieto olhar que mil terrores diz
 Turbo inquirindo vai:
 Depois reflete e em solilóquio fala:
 “Quem me assombrou foi o remorso ultriz;
 “Não foi, não foi meu pai.

E horas longas ficou pensando
 Na mísera, no horror de seu destino,
 E na paixão nefária.
 A paixão sobrepuja: o miserando Remorsos cala, e corre em desatino
 Aos pés da mundanaria.

Afeta despertar do amante aos passos
Voragem que suavíssima lhe diz:
 — “Tu sabes? ... eu sonhei!
 E logo o enlaça com traidores braços,
 Tornando entre blandícias o infeliz:
 — “Que sonho!... ah! não direi!

“Ilusão d’alma... vão capricho...
 — eu digo:
 “Meus segredos amor dá sempre a ti;
 “Porque és o meu senhor!
 “Zomba de mim, que eu zombarei contigo;
 “Mas em troco de sonho em que eu te vi,
 “Quero beijos de amor.

“Acaso guardas a lembrança ainda
 “Desse diadema esplêndido, brilhante,
 “Em que os olhos deixei?
 “É alto o preço: porque a jóia é linda;

“Há de alcançá-la a mais ditosa amante

“Não a mereço... eu sei...

“E o meu sonho? — Dos teus rivais o bando

“Por mim fulgente jóia disputavam

“Que amor mostrando vinha;

“E tu correste, e os loucos espantando,

“Aos olhos seus, que ao longe te invejavam,

“C’roaste-me rainha!

“Tive-o ao menos em sonho uma hora!

“Foi meu, c’rouu-me a fronte esse diadema

“De esplêndido fulgor!

“Invejosa roubou-mo cedo a aurora!

“Vão sonho... vão desejo... inútil pena

“Por não mudar de amor!

E lançado o veneno atroz no seio

De Durval que arde em zelos, já lasciva

Em fogo, fogo ateia;

Já simula cair em mudo enleio;

E suave, triste, imóvel, pensativa

No sonho devaneia.

Logo Durval provoca com um sorriso

Que explica gesto audaz: — se ele a demanda,

Ela responde: — “Oh!... não!”

Desafia e repele de improviso;

Flamas acende e não apaga: — infanda

Explora ébria paixão.

Não mais resiste o jovem pervertido;

Do pai, ou do remorso a maldição

Frenético esqueceu:

“Queres o diadema? — brada erguido,

“Mulher, demônio! eu cedo à tentação;

“O diadema é teu.

Em desespero sai... — Fria crueza,

A cortesã murmura negligente:

“Sublime inspiração!

“Sinto-lhe, há dias, cheiro de pobreza;

“Meu sonho o pôs em fúria; mas urgente

“É dar-lhe a demissão.

“Não volta mais, ou volta com o diadema,

“Último dom que em todo caso aceito,

“E um dia inda lhe dou.
E contente do sórdido dilema,
Cerrando os olhos lânguida no
leito
A fera dormitou.

Horas não mais do vício, horas
do crime
Passaram: volta enfim o des-
graçado
Que o diadema oferece:
Seu rosto em contrações tor-
mento exprime,
Quer parecer feliz; mas espan-
tado
Às vezes estremece.

Não ver-lhe a confusão *Vora-
gem* finge;
E da perfídia e da malvadeza
emblema,
Vulcões de amor simula;
Prodígio de traição, perversa
esfinge,
Beija Durval com os olhos no
diadema,
Cujo valor calcula.

Com a faixa, dom do crime, se
coroa,
E assim provoca os ímpetos do
vício
Que ela requinta e inflama;
Dada a Durval a extrema noite
voa;
Passou... e fica ao mísero o
flagício
Que no remorso brama.

Leva a esfinge Durval até a
escada,
Beija-lhe a fronte; lágrima sen-
tida
Trai da saudade o medo...
Deixa-o partir a custo, eapai-
xonada,
Inda uma vez exclama em des-
pedida:
“Oh! volta! volta cedo!...”

Durval saiu — e logo o manto
arranca
Da hipocrisia a cortesã e chama
Criada vil que a iguala:
De opróbrrio sem morrer, de-
forme — franca
Mudando em gelo atroz recente
flama,
Indica a porta e fala:

“Murcho favo sem mel — sem
vinho adegá;
“Esse pobre Durval, bolsa va-
zia,
“É fonte que secou:
“O ingresso doravante aqui lhe
veda,
“Volte embora mil vezes cada
dia,
“Em casa não estou.

VIII — Lenda do Diadema

As jóias são como as santas,
Porque têm lendas também,
E porque, sendo elas tantas,

Devotas mil todas têm:
 Suas devotas são damas,
 Cujos corpos são seus altares,
 E em suas lendas há tramas
 Das devotas a pecar.
 Tanto a jóia é mais antiga,
 Quanto mais a lenda cresce,
 Que às vezes nem se conhece.

E ainda a jóia é como a santa
 Pelo encanto da beleza,
 Porque o mundo não quebranta
 Nunca o seu brilho e pureza.
 Luz nos pulsos de obscenas
 Nas frentes de infrenes damas,
 Assiste a impudicas cenas
 E nunca polui as flamas.
 É como o raio do sol
 Que ainda no lodaçal
 Tem esplendor virginal.

E as jóias são generosas,
 Sabem as lendas calar,
 Quando não são viciosas
 As damas que vão ornar;
 Mas eu estou condenado
 A um mal que não mereci,
 Reputo-me desgraçado
 Pelas mãos em que caí!
 Não amo a dama que alindo;
 Não quero segredos ter;
 Vou minha lenda escrever.

Eu sou jóia; mas recente,
 Minha vida enceto agora;
 Diadema aurifulgente
 Disputo fulgor à aurora:

Inda há pouco me compraram,
 Como jóia, escravo estou;
 Nem sequer me perguntaram,
 Se amo a dama de quem sou,
 Saí ontem do joalheiro,
 E já da vida ao entrar
 Que história posso contar!

De brilhantes e ouro feito
 Saí, formoso luzeiro,
 Do trabalho mais perfeito
 P'ra vidraça do joalheiro.
 A quanta honesta me olhou,
 Em viva flama sorri:
 Torpe olhar me devorou
 Com tal sede, que tremi!
 Desejaram-me as honestas,
 Nenhuma ao preço chegava
 Só a cortesã faltava.

Foi ontem, funesto dia!
 Veio um mancebo apressar-me,
 Que ao apressar-me tremia,
 E que jurara comprar-me:
 Comprou-me: — então por que
 geme,
 Quando paga ao joalheiro?...
 E este mancebo que treme,
 Onde achou tanto dinheiro?
 Confuso na confusão
 Do meu triste comprador,
 Previ da sorte o rigor.

Oculto no seio, a medo,
 Pôs-me do mancebo a mão;
 E eu apanhei-lhe o segredo
 Nas ânsias do coração.
 Firmas alheias roubara

O louco que me comprou;
O dinheiro que eu custara,
Crime infando lhe custou.
Primeiro passo na vida,
Primeiro passo que eu dava
E um crime já eu marcava!

Levou-me ao lar da impureza
Esse em cujas mãos tremi;
Lá achei luxo e riqueza;
Mas pudor e honra não vi.
Ai! meu ouro e meus brilhantes
Em frente (a desgraçada o quis)
Onde mais de cem amantes
Tinham dado beijos vis!
Ai! mil vezes a vidraça
Do meu avaro joalheiro,
Do que esta frente — lenteiro!

E aqui fiquei, vendo horrores:
C'roa de frente malvada,
Sou de esquilidos amores
A testemunha obrigada.
Prendeu-me laço fatal
Ao cabeço de um rochedo,
Que mora infecto brejal
Do vale puro em degrado.
Ai! meu ouro e meus brilhantes
A gastar tanto esplendor
Em proveito do impudor!

A encantos dúbios dou luz
Com o meu ouro e os meus
brilhantes;
Sou o engodo que seduz
Novos e ricos amantes.
Sou dos cachopos na praia
Fogo que acende a traição,

Para que os nautas atraia
E os roube na perdição.
Ai! sou princesa cativa
No antro de negra fada
E só p'ra o mal encantada.

As jóias são como santas,
Martírios têm a sofrer;
Mas soffro vergonhas tantas,
Que o brilho amara perder.
Antes uns pés de donzela
Me fosse dado alindar,
Do que a manceba mais bela
A frente impudica ornar.
É melhor ser borzeguim
Calçando o pé da inocência,
Que diadema da indecência.

IX

Noite — orgia — champagne a
espumar,
Mesa plena de loucos cercada,
Cada qual tendo ao lado abra-
sada
Em lascívia e cognac uma
dama,
Que sem pejo se deixa beijar
E que turvos furores inflama
A luxúria já ébria a explorar.

Brilham chamas do ponche
acendido
E do ponche e dos lustres à luz
Peito à mostra, alvejando om-
bros nus,
Cortesãs de um viver pervertido

Paixão fingem que os loucos
seduz,
Com requebros e audazes me-
neios
Dos imbeles vencendo os re-
ceios.

Ousa livre a palavra obscena
Mil insultos que ali não o são;
E ufanosas da própria abjeção,
Mostram garbo as proscritas do
brio
Das licenças que o brio conde-
na;
Pouco falta às vilezas da cena,
E ao que falta há brutal desafio.

Eis *Voragem!* — rainha da
orgia,
Insolente preside o festim,
Infernal ostentando alegria
Com remoques que excitam
motim;
E no copo que sempre esvazia,
Ergue o cetro qu'empunha cor-
rupta
Digno cetro da mais dissoluta.

Da impudência em arrojados ex-
trema
Alardeia no topo da mesa;
Traz na frente fulgente diade-
ma,
Alto símbolo caído em torpeza.
De repente saltou petulante,
Com o assanho da fera que
avança,

Descarada sorri breve instante,
Alça um pé que firmou na ca-
deira,
Mão esquerda no joelho des-
cansa
Ergue a destra e na taça banzei-
ra
Recebendo o champagne es-
pumante
Clama: — “um brinde ao dia-
dema formoso
Que em seu rosto mais brilho
acendeu!...
E dos sócios o coro ruidoso
Brada: “Guerra ao feliz que to
deu!...

— “O feliz?... — gargalhando
sem brio
Ela torna: — “Silêncio geral!
“Do champagne nos copos um
rio
“E ouçam todos o brinde final:
“— À memória do amante pas-
sado
“— Que deixou-me diadema
tão puro

“— E ao triunfo do amante
futuro
“— Que herdará meu amar
cobiçado!
Não pasmou da ignomínia os-
tentosa
Ébria turba que indômita em
grito,
De *Voragem* aplaude, maldita,
Da sordície a jactância horrorosa.

X

Ante o algoz a vítima sentada!
 Durval, presente à orgia,
 Alvo é da zombaria
 Da gente que em dez vinhos
 afogada,
 Surge para lançar escárnio in-
 sulso,
 Violento sobre o amante já
passado
 Que foi do antro encharcado
 Depois de pobre expulso.

Viera à orgia a confundir *Vora-*
gem,
 E por vingar-se ardendo
 De fogo olhar tremendo
 Durval, na mesa da libertina-
 gem,
 Fixa embalde no rosto da cor-
 rupta,
 Que em troco vibra olhar mais
 atrevido,
 E é ele o confundido
 Na desfaçada luta.

É ele o confundido; que seus
 olhos
 O diadema encontram,
 E fogem, não afrontam
 Brilhantes que no mar da vida
 escolhos
 Foram fatais, onde perdeu-se
 infame
 Num crime, cuja idéia jamais
 dorme,

E vingativa, enorme
 Na consciência brame.
 Tem daquele diadema o brilho
 encanto
 Que é punição de Deus;
 Luzentes raios seus
 Os olhos de Durval turbam de
 espanto
 Que resplandecendo em
 trêmulo fulgor
 No espaço esta sentença escre-
 vem feia:
 “Tu és de firma alheia
 “Um falsificador!

E inda a paixão o escravo des-
 varia!
 Vê que *Voragem* fera
 Malvada o vitupera,
 E a um aceno a seus pés se
 prostraria!
 O ódio em sua alma com a pai-
 xão contende;
 É o bêbado que em sórdido
 suplício
 Maldiz do próprio vício,
 E à taberna se prende.

De escárnio o brinde abjeto o
 fulminara:
 A tremer o escudou,
 A afronta devorou,
 Tão vil, inda lhe veio o sangue
 à cara!
 E sapo que a serpente magnetiza,
 A despeito do ultraje fica
 olhando
 E em fúrias adorando
 A mulher qu’o escraviza!

XI

Ninguém de *Voragem* costumes ignora;
 Lhe fora impossível um dia sem dono;
 Da infâmia no trono que em seu leito arvora,
 Rei morto, rei posto, jamais vaga o trono.

Durval decaído, *Voragem* quem toma?
 É parvo o que cuida mover-lhe paixão:
 Quem paga-lhe os gozos por mais alta soma?
 Só falta o anúncio — “*mulher em leilão!*”

Mas era elegante, dos anos na flor,
 Ardente em carinhos e belo Durval:
 Díficil escolha dará sucessor
 Que seja ao deposto ao menos igual.

E a orgia referve e os sócios da orgia
 Por entre as risadas e o ébrio gritar
 Qual deles indagam nos olhos da harpia
 Vai ser dono e vítima, e ruína buscar.

E todos disputam! na libertinagem
 São pobres cadáveres pela corrupção;
 Devora cadáveres a hiena: *Voragem*
 Devorá-los deve: da hiena é missão.

Mas entre os comparsas da orgia sem freio
 Mancebos, nos vícios engolfados já,
 Um só se destaca por velho e por feio;
 Qual pois dos mancebos *Voragem* terá?

Dos vinhos, do ponche redobra o calor,
 Começam escândalos da embriaguez,
 Dos homens exaltam-se a audácia e impudor,
 E indignas mulheres ‘stão quase em nudez.

Os pejos fingidos o vinho baniu;
 São todos devassos, e mostram que o são;
 Mas súbito a porta da sala se abriu,
 E a voz da polícia perturba a função.

Da lei se adianta o agente fatal,
 O braço estendendo, sinistro
 falou,
 Por crime infamante prendendo
 Durval,
 Do crime o diadema brilhante
 mostrou.

Do opróbrio que o esmaga
 Durval geme ao peso;
 E aos agros gemidos um beijo
 que estala,

Responde: — é *Voragem*, que
 aos olhos do preso
 Com o velho abraçada treslou-
 ca na sala!

Dois carros à porta: — lanter-
 nas dão luz:
 Num deles arrastam Durval à
 prisão,
 Vai no outro *Voragem* que o
 velho conduz
 Ao sórdido leito do lar da trai-
 ção.

Nina

II

Firmiano trouxera da província uma dúzia de cartas de recomendação, e logo no dia seguinte ao da sua chegada à cidade do Rio de Janeiro, adiando a entrega de outras cartas, começou por apresentar-se com aquelas que eram dirigidas a dois comprouvianos seus que o receberam agradavelmente, prometendo auxiliá-lo com o maior esforço em sua pretensão.

Sinceras e leais ou não as recebidas promessas, o novato jovem teve ao menos a fortuna de encontrar no filho de um dos dois protetores em expectativa o amigo mais prestimoso, um companheiro que pela educação zelosa que recebera, e pelos dotes de seu coração, era incapaz de dirigi-lo estouvada ou nocivamente na estréia da sua vida na capital, tão cheia de perigos para a mocidade inexperta.

Félix, apenas um ano mais velho que Firmiano, era duas vezes mais instruído, e dez vezes mais inteligente que ele; desde o primeiro encontro e a primeira hora de conversação reconheceu que o jovem provinciano era tão simples como bom, e começou logo a

estimá-lo, desejando ser seu amigo, menos por simpatia do que pelo sentimento de nobre interesse que o fraco inspira ao forte, o desvalido ao homem generoso.

Com efeito, Firmiano tudo poderia pretender e conseguir tudo quanto sonhava por ele o amor da Escolástica, tudo e mesmo ser um poeta ou romancista; nunca porém chegaria a passar por simpático, a realizar as conquistas instantâneas que a simpatia improvisa.

Tendo bastos cabelos pretos, fronte baixa e estreita, olhos pequenos e sem brilho, nariz grosso, boca demasiado rasgada, embora mostrando belos dentes, queixo excessivamente triangular, rosto comprido, de grandeza desproporcional, e de cor branca, mas sem vida, pescoço curto, largas espáduas, corpo mais extenso que as pernas, estatura menos que regular, Firmiano, apesar da delicadeza de suas mãos e de seus pés, não podia agradar pela simples impressão da sua presença; e para mais completa desdita, sua voz aflautada e a sua palavra difícil, o seu sorrir triste e desengonçado, o seu andar asselvajado, e na sociedade sempre tíbio e confuso, requintando o acanhamento na companhia de senhoras.

Mas Félix sentiu quase instintivamente o quanto havia de simplicidade, de honra, de sentimentos nobres debaixo daquela crosta áspera e fria; ligou-se pois a Firmiano, tornou-se o seu *cicerone*, acompanhando-o constantemente, e mostrando-lhe as luzes e as sombras da cidade do Rio de Janeiro.

Os passeios pelas ruas, praças e jardins, as visitas às bibliotecas, ao museu, aos arsenais, às academias, aos sítios mais pitorescos, e a freqüência dos teatros, o enleio de algumas noites de saraus modestos de famílias estimáveis prolongaram-se por algumas semanas, e Félix notou enfim que Firmiano, embora cada dia mais curioso, principiava a mostrar-se contrariado.

Almoçavam os dois amigos em uma bela e agradável manhã no hotel vizinho do *Jardim Botânico*, quando Félix, impacientando-se, perguntou a Firmiano o motivo do seu mau humor, que ainda ali o perseguia.

O provinciano hesitou; mas acabando por ceder às instâncias do amigo, e também confiando muito no seu bom conselho, respondeu.

— É que minha santa irmã, que me supõe dotado de raro talento e rica imaginação, impôs-me a obrigação de compor um livro de poesias ou um romance...

— Falas sério?

— Do livro de poesias nem de leve me preocupo; porque fazer versos que sejam versos é para mim impossível; decoro facilmente os versos que leio; mas compô-los eu?... tempo perdido.

— Muito bem, Firmiano, poeta à força é pintor que borra telas e cantor que desafina a música.

— Mas o romance? para o romance não há necessidade de metrificação, nem de consoantes...

— Enganas-te: é indispensável a metrificação das lições morais e a consonância dos sentimentos, metrificação e consonância da imaginação com a realidade, da forma com a matéria, dos quadros que se inventam com as paixões que são neles expostas.

— Segue-se então que nunca poderei escrever um romance?

— Félix dominou-se para não rir.

— Olha, Félix, tornou Firmiano, não tenho presunção, nem vaidade; daria porém metade da minha vida para compor um romance.

— Com que fim?

— Para satisfazer o inocente capricho de minha irmã; não a conheces; foi minha mãe, e é um anjo de amor e de sublime dedicação; a idéia de que possuo luminosa inteligência é o seu encanto, e desencantá-la fora despedaçar-lhe o coração: se eu escrevesse um romance, que alegria, que felicidade para aquela santa criatura!

— Em tal caso mãos à obra! disse Félix com os olhos úmidos de lágrimas.

Firmiano abaixou confuso a cabeça, e prosseguiu dizendo:

— Na província o meu professor de retórica e poética, tratando do romance, disse-nos em uma de suas lições: “Predomina hoje a escola realista, que matou a romântica, que por seu turno tinha destruído a clássica: com essa nova escola não há quem não possa ser fecundo romancista; já não se imagina, copia-se, toma-se o chapéu e a bengala, passeia-se pelas ruas, visitam-se os amigos, espreita-se o que se passa na casa alheia, escreve-se o que se observou, e está feito o romance”.

— Sapieníssima lição!

— Acreditei nela, e para aditar minha irmã, jurei-lhe escrever um romance; tenho porém embalde passeado, observado, estudado o mais vasto dos nossos teatros, a cidade do Rio de Janeiro, e ainda não encontrei o romance que tão fácil se afigurava ao meu professor.

— É que teu professor não conseguiria jamais ser o inventor da pólvora.

— Dizes pois...

— Que ele te fez acreditar na extrema facilidade do empenho mais difícil. Em literatura, Firmiano, a escola realista ensina que o romancista deve ser o copista fiel da vida da sociedade, dos sentimentos, das paixões, dos costumes, por consequência o escrupuloso e sutil sondador dos corações, o revelador leal das tendências e do caráter da época, em uma palavra o daguerreótípo moral da sociedade e da família. Julgas que isto seja muito simples?

— Creio que não.

— Ah! Certamente não: ver é o menos, saber ver é o mais; observar não é tudo, sentir é que é o essencial; mas sentir não basta; dizer bem e artisticamente o que se sentiu é indispensável; portanto para se compor um romance é preciso saber ver, saber sentir, saber dizer.

— Lá se vai pois a minha esperança de escrever um romance para minha irmã!...

Félix não se animou a desenganar o pobre provinciano seu amigo; fora mais acertado que o fizesse; mas desejou consolá-lo e tornou-lhe:

— Não, Firmiano, não; quem sabe se ainda chegarás a ser notável romancista?...

— Quem? eu? ah! bastava-me compor um só, um único romance!

— Pois então escuta: a instrução não é suficiente, é porém muito necessária para que se seja romancista: a instrução é luz: estuda portanto, estuda muito.

— Juro que estudarei.

— Depois do cabedal da instrução, que jamais será demasiado, a tua vontade decidida, e a observação constante e aturada do mundo, poderão acender em teu espírito inspirações de um ou mais romances, ainda mesmo que não tenhas nascido com vocação para romancista.

— E se nem assim se acenderem as inspirações de que me falas? perguntou seriamente Firmiano.

Era muito: Félix não pôde conter o riso, e cedendo um pouco à malícia própria da sua idade, respondeu em tom gracejador:

— Conheço um meio único de provocar e até de forçar a inspiração.

— Qual é?

— O mais violento excitante da sensibilidade; mas que às vezes é veneno que transvia e perturba a razão.

— E qual é?

— O amor.

Firmiano corou.

— O amor apaixonado por uma mulher formosa e pura.

A conversação parou aí; mas o provinciano passou o resto do dia meditando séria e profundamente.

À noite, recolhendo-se a um pequeno sótão que alugara, e estendendo-se em seu modesto leito, Firmiano disse entre si:

— É preciso estudar muito; fá-lo-ei; observar muito; continuarei a fazê-lo todos os dias; ter vontade decidida de escrever um romance, já a tenho; amar apaixonadamente uma mulher formosa e pura, é só o que me falta.

Apêndice

Lucas José de Alvarenga

Lucas José de Alvarenga nasceu em Sabará, Minas Gerais, em 1768 e morreu no Rio de Janeiro em 7 de junho de 1831. Diplomou-se em Direito em Coimbra (1799).

Statira e Zoroastes (1826), na verdade, não é uma novela, como o chama seu autor, e sim um conto moral. O motivo pelo qual se optou por incluí-lo neste apêndice é o de mostrar como a ficção era freqüentemente misturada com literatura política.

O enredo da novela/conto é o seguinte: num mosteiro na Pérsia, o monge principal conta sua história a um casal de visitantes reais, a saber, a do jovem príncipe Zoroastes que vai em busca de aventuras e caça e encontra a vestal Statira. Apaixona-se loucamente por ela e, a fim de poder ficar a seu lado, veste-se de mulher e permanece no templo, abandonando pátria e família. Observe-se a semelhança com o romance pastoral *Astrée* (1607-1624), de Honoré d'Urfé.

Um dia Statira parte com o “pai”, e o príncipe, inconformado, vai à sua procura. Encontra-a em um país governado apenas por mulheres. A mãe de Statira havia sido a última rainha e, após sua morte, foram buscar a jovem princesa para assumir a coroa. O autor aproveita para mostrar as leis boas e justas que haviam sido adotadas naquele país, onde todos são felizes.

Zoroastes assume um lugar nos exércitos do reino da amada e acaba sendo promovido a general. Após o reconhecimento da “amiga” da época em que era vestal, os dois casam-se e são imensamente felizes. Após a morte de Statira, Zoroastes auto-exila-se na Pérsia, onde manda fazer uma estátua da amada no mosteiro no qual se dedica à oração e à meditação.

O importante neste conto sobre a justiça das leis, considerado, justamente, *à clef*, é a dedicatória: “Novela dedicada a S. M. a Imperatriz do Brasil”, a esposa de Dom Pedro I, e a introdução-libelo, que vem transcrita agora.

Statira e Zoroastes
(novela)

Não importa quando deva florescer,
ou frutificar a verdade.
O que importa é semear e plantar.
Um dia ou outro alguém aproveitará.

Senhora

O Particular Motivo de imprimir-se esta Novela, o seu contexto e objeto, a analogia que tem com as de V. M. as sublimes (verda)¹des da Princesa Heroína, tudo isto inspirou a lembrança de dedicar a V. M. I.

O Credor da Natureza aceita com prazer o pequeno grão de incenso que lhe oferece a criatura. Este Divino Exemplo autorizou-me a crer que a Muito Alta e Generosa Imperatriz do Brasil se Dignaria a Aceitar, como Aceitou de um súdito Seu.

Tão Alta Proteção Fará florescer e frutificar os meus princípios e o meu nome debaixo de Tão Alto, Majestoso Tronco ficará abrigado à sombra d’Ele.

Tem a honra de beijar a Mão Augusta de V. M. I.

O Seu fiel súdito

Lucas José d’Alvarenga

Sapientibus et Insipientibus, graecis et barbaris

¹ Apagado no texto; apesar de ter sido o português atualizado, não interferi na utilização das maiúsculas.

A política é uma das ciências que todo o mundo tem presunção de saber, mais ou menos.

Em Roma, depois da primeira Guerra Púnica, até as damas se entretinham e disputavam sobre os negócios do Estado.

Na Revolução da França elas não só falavam e murmuravam, mas até houveram algumas que escreveram sobre este objeto e se fizeram admirar tanto pelo seu gênio superior e elevação de sentimentos, como pelos encantos do seu estilo e graças da dicção; tal foi, por exemplo, Madame de Staël, de tanta celebridade.

Depois da revolução do Brasil, todos neste vasto Império falam (e às vezes dogmaticamente) em Direitos sociais, Segurança individual, Liberdade de imprensa, Constituições, Governos representativos, etc., etc.

Em tais circunstâncias não é de admirar que em um Império nascente (onde ainda não há uma Universidade), um filho do Brasil, que lhe deve prestar serviços e que na qualidade de Militar o que mais que pode fazer hoje é dar a vida pela pátria (serviço que faz com gosto qualquer soldado de honra), ouse também levantar um pouco a voz para dizer alguma coisa sobre esta tão importante e delicada Ciência, pois que sendo ele ao mesmo tempo da Profissão das Letras, Formado na Universidade de Coimbra em Direito Civil, de cuja Faculdade são ramos o direito Natural e das Gentes, o Direito Público e Público Particular, a História Sagrada, a Eclesiástica e Profana, etc., etc., é sem dúvida que tem a seu favor, não a sua própria presunção, mas aquela presunção de direito que outros sem estas favoráveis circunstâncias tão liberalmente se arrogam; e é também sem dúvida que está autorizado com esta qualidade para falar em público em matérias de semelhante natureza.

Muito mais autorizado deve julgar-se quando munido com estes necessários conhecimentos se propõe modestamente a falar em tal assunto, depois de vinte e oito anos a trinta de uma constante meditação e reflexões sobre tais princípios, que se desenvolveram quase debaixo dos seus olhos. E foram ora uns, ora outros empregados efetivamente na maior das Revoluções que tem visto o mundo civilizado, e nas violentas, rápidas mudanças de Governos, que em seus dias têm constantemente aparecido em cena em ambos os Hemisférios e que, continuando ainda com bem calor no século presente, vão sem dúvida dentro deste mesmo século mudar

a face do globo e alterar consideravelmente a Política de diferentes Gabinetes.

Acresce ainda a tudo isto que fala nestas matérias tão sublimes como importantes, depois de ter lido e confrontado os principais Autores antigos e modernos, que têm largamente escrito sobre este vastíssimo assunto. E depois de ter estado à testa de um governo, o mais célebre de todos, que n'outro tempo pertencia a S. M. F., e em cujo Governo estava em contato e relações imediatas com diferentes Corporações Estrangeiras e pessoas autorizadas pelos seus respectivos Ministérios, que de certo modo representavam naquele canto do Mundo as principais Nações da Europa e também dos Estados Unidos d'América, os quais todos recebiam frequentemente nas suas respectivas Cortes todas as folhas Inglesas, Francesas, Jornais e mais Periódicos, que continham os grandes acontecimentos de toda a Europa amotinada, as causas de tudo, os novos sistemas, planos de cada uma das Nações interessadas, e enfim todos os movimentos e recursos da Política a mais refinada, que então se desenvolveu, cujos papéis passavam todos pelos seus olhos com aquela atenção que mereciam, e de cuja importantíssima lição procurava constantemente aproveitar-se por entender assim do seu dever e do seu máximo interesse.

E foi neste Governo ultimamente (caso sem exemplo), que em 1808 e 1809, teve a glória de intervir nos importantes Negócios de duas Grandes Nações, as mais célebres no seu sistema do Governo, e as mais ricas do mundo, o Império da China e a Grã-Bretanha; do que tudo não só tem em seu abono e conserva em seu poder as comunicações Officiais daqueles respectivos Governos e do Comandante em Chefe da Esquadra Britânica o Almirante Drury, tudo em seus originais; mas até guarda consigo como raridades preciosas os mais honrosos diplomas que lhe foram depois dirigidos com as mais decididas marcas de afeição e de estima por aqueles respectivos Sábios, generosos Ministérios.

Por último na falta das antigas Escolas da Grécia, essa Pátria das Artes e Ciências, Mãe dos Heróis e Instrutora do Universo, depois de ter gasto naquele Governo muito do seu, só para sustentar ali, como é notório, o respeito do Soberano e a glória da Nação pela convicção em que sempre esteve e estará de que o respeito do Soberano depende muito da dignidade e caráter daqueles que o

representam, tomou a resolução de despender o resto da sua fortuna em passar d'Ásia à Europa e demorar-se algum tempo nas duas Capitais da França e da Inglaterra (esta rival de Esparta e ambas rivais de Atenas), sem outro fim mais que limar e polir a sua própria instrução, para o que estava prevenido desde muitos anos antes com o conhecimento das respectivas línguas, para assim poder tirar deste tão dispendioso trabalho e das suas penosas fadigas os melhores frutos, que os seus ardentes desejos pudessem conseguir.

Ora, entre os mais célebres Políticos antigos e modernos que escreveram com todo o conhecimento da história e com bastante filosofia sobre as causas das Revoluções, sobre a elevação e ruína dos Impérios e o mais deste gênero, a maior, melhor parte deles o fizeram sistematicamente; porém uns em estilo didático, em máximas, axiomas, outros em romances, alegorias, etc.

Não me convindo o método sentencioso por muitas razões, sendo uma delas a grande dificuldade da concorrência cumulativa de sentença aguda, idéia exata e clara, expressão concisa, requisitos que faltam quase sempre ainda aos mesmos grandes homens, como se observa por exemplo nos Aforismos Políticos de Lord Harrington e outros; e que apenas se encontram com sucesso em muitas das Máximas Morais de La Rochefoucauld e nas Máximas Políticas deduzidas das Memórias do Cardeal de Retz, por Chesterfield, eu escolhi o método alegórico, não tanto por obviar as referidas dificuldades (às quais se vê que me expus nas Máximas Morais, que se encontram no fim desta Peça, e que era um dos objetos que eu tinha em vista), mas porque achava-me empenhado pela minha palavra em fazer uma Novela para certa Senhora, filha de uma das mais Ilustres Famílias de Portugal, em cuja casa fui sempre tratado como filho, desde o meu delicioso tempo de Coimbra, minha idade d'ouro; e também porque não sendo a Novela senão um discurso inventado para instrução dos homens debaixo da alegoria de uma ação, pareceu-me este meio o mais conveniente de dar algumas idéias de Moral e de Política, misturando agradavelmente — o *utile dulci* —, que recomendava Horácio; e finalmente por isso mesmo, que a experiência me tem desenganado, que a vaidade dos homens desde a mais humilde condição até a maior das dignidades repele com indignação qualquer instrução

que se lhe dê diretamente; e que ouvem com gosto e se aproveitam daquela que aparece como dirigida a outros fins.

As paixões sempre falam alto e sempre são atendidas. São venenos que nos agradam; são erros que nos acariciam. Enfim, são os nossos Cortesãos. A razão pelo contrário precisa de muita desteridade para se introduzir e merecer alguma atenção. A verdade, para parecer bela e fazer-se amável, nunca deve apresentar-se nua; isso é hoje uma grande indecência, grande impolítica e até mesmo trabalho sem fruto. É necessário pois aparecer vestida e até com alguns ornatos singelos; e por fim ainda coberta com o transparente véu da Fábula, para atrair a curiosidade.

Na Corte de Creso era Esopo ouvido melhor que Sólon. Na Praça de Roma um Senador com uma Fábula apaziguou um tumulto furioso do Povo Romano, que não tinha cedido à Sabedoria e à autoridade dos Cônsules. Os Cortesãos de Luís XIV corrigiam-se melhor pelos apólogos de la Fontaine, pelas ficções de Molière, do que pelos pensamentos sublimes e profundos de Pascal e outros. E enfim, o mesmo Luís XIV vendo que um Pregador soltava da Cadeia da Verdade certas reflexões, que lhe pareceram diretas, disse-lhe depois: — “Monsieur, je veux bien prendre ma part d’un sermon, mais je n’aime pas qu’on me la fasse” — o caso todo é — *La sagesse, qui fait rougir, éloigne; celle que fait sourire, rapproche.*

São precisos anos só para ler os índices das produções do Espírito humano sobre a Moral e Política. Eu, seguindo o exemplo das abelhas para o seu útil e saboroso mel, procurei os princípios de uma e outra Ciência, os mais necessários ao sossego e felicidade do homem, para com eles arranjar esta Peça dentro em seus limites e em cuja redução gastei mais tempo do que no arranjo de toda ela no seu estado primitivo.

Suprimi talvez mais de três partes dela, que continham alguns debates na Assembléia Geral Constituinte, Legislativa com a dilucidação de princípios e objeções; suprimi as falas de algumas Deputadas; a Constituição toda inteira; várias Proclamações e Decretos; suprimi enfim os Prospectos de dois Códigos Civil e Criminal e o Plano de Legislação, que devia servir-lhes de base; e entreguei com prazer tudo isto às chamas.

Foi-me preciso depois ligar o resto entre si para a perfeita unidade da Peça com a nova forma que lhe dei, visto que eu já não

podia dar-lhe inteiramente o mesmo destino, porque nessa data haviam concorrido circunstâncias Imperiosas que, não só a salvaram do fogo, mas até me obrigaram a dar à luz, coisa que nunca me passou pela lembrança. Vejam-se as primeiras palavras da Dedicatória.

Ainda assim mesmo pequena como ela está (porém contendo muito mais do que parece), longe de mim a pretensão de que os meus princípios se tenham como infalíveis. Eu os exponho unicamente como resultado das minhas combinações e experiência e aplicáveis somente em certas circunstâncias. O dom da infalibilidade, segundo os princípios da Religião Dominante deste Império, foi concedido unicamente à Igreja Universal em matérias da sua competência; fora disto esse dom maravilhoso é, segundo Erasmo, permitido exclusivamente aos Fanáticos, aos Vaidosos e aos Pedantes.

Eu conheci alguns Sultões em Política (do que há também muito em todas as outras Ciências); quero dizer homens que queriam despótica e tiranicamente que as suas opiniões passassem por dogmas; e que fossem por consequência a norma das opiniões dos outros, aliás tão livres como eles; e pode ser que alguns até de melhor senso e de mais apurada instrução, e isto então sob pena atroz e cruel de ser tratados indignamente por ignorantes, destituídos do senso comum, e até faltos de Lógica. Que Vaidade!... Que loucura! Que pedanteria!!!! Nem sabem ao menos tais homens que o amor próprio exaltado é o mais tolo dos amores; e que a tirania dos pensamentos é a mais odiosa das tiranias!

O mais é, que por nossa desgraça (torno a dizer, para ver se aproveita) há entre nós uma prodigiosa abundância de gente infectada desta epidêmica, ridícula moléstia em todos os gêneros de Ciência. Dizia o grande Newton: "Pedantry is not profession; but it is a vice In all Professions".

Quanto a mim, há muito pouco de infalível em Política. As circunstâncias são sempre as que governam. São como os lanços dos dados no jogo; infalivelmente se não de jogar; o caso todo é jogá-los de uma maneira própria e melhor disposta, para se acomodar depois do modo mais vantajoso segundo os lanços que sobrevierem, ainda que sejam maus.

O prever é a mais sublime parte da Política; mas não basta só isso; é preciso prevenir. O futuro é o objeto mais interessante desta Ciência e o mais dificultoso; o presente é o tempo, a ocasião e meio de preparar esse futuro feliz, como se deseja; e um tempo tão precioso é preciso não perdê-lo.

Eu estimaria (para aplicá-la ao bem) aquela elocução que vejo nas Produções Literárias do decantado Nicolau Machiavel. A imortalidade nunca se pintou com cores tão belas nem a Política foi jamais sustentada com razões mais sedutoras.

O Senado de Roma tinha já feito uso de grande parte daquelas doutrinas. Eram as mesmas máximas; porém ninguém as tinha deduzido com tanta perspicuidade, nem com tão grande fundo de reflexão e desteridade como este célebre Autor, péssimo homem.

Creia pois, quem quiser, na sua Bíblia Política, ou (para melhor dizer) no seu Alcorão. Hoje em dia eu ainda não sei se no seu tratado — *Il Príncipe* — ele se propôs instruir os Reis, ou alucinar os Povos; e ainda que pareça a muitos, que a balança da Instrução pende mais para um dos lados, contudo não me parece assim. E eu vejo que Lord Bacon e outros grandes homens pensaram a este respeito exatamente como eu também pensava ainda antes de os ter lido.

Como quer que seja, a minha humilde opinião é, e será sempre, que a boa Política deve ser fundada na boa Moral; não só porque o Direito das Gentes não é senão o mesmo Direito Natural aplicado às Nações e aos Povos, como porque estou intimamente convencido que sendo como é uma verdade eterna que o vício das Leis e a injustiça do Governo, derivados ou da ambição, ou da ignorância, ou de ambos juntamente, são os móveis das desgraças dos Povos e da subversão dos Estados, fica evidente que o esplendor e a prosperidade dos Impérios, quanto ao interior, tem por causa eficaz a Equidade das Leis e a Justiça dos Governos; e que o seu poder e força, quanto ao exterior, tem por medida o número, ou a soma dos interessados e o grau de interesse que eles têm na Causa Pública.

Quem pensar de outra maneira, parece-me, que está prevenido de um erro. E se houver alguém que por esta minha opinião me censure de excessiva bonomia e me julgue muito simples ainda em matérias tão árduas e tão complicadas, respondo-lhes muito simplesmente — *Est modus in rebus, sunt certi denique fines.*

E como o Público, principalmente desde o século passado (permita-se-me a expressão), é um Gabinete, a que a Civilização tem dado muita força e influência; é por isso do dever dos verdadeiros amigos da sua Pátria dar ao Público as noções mais claras, as idéias mais luminosas, que se acham espalhadas em uma grande variedade de Autores, em obras volumosas e em Línguas Estrangeiras e das quais não se pode (ou será muito difícil) de outra sorte ter notícia.

E é por isto, e por muitas outras dificuldades, que me aproveitei desta ocasião para pagar do modo que hoje me é possível o devido tributo ao grande interesse, que sendo particularmente agora da minha Pátria é ao mesmo tempo interesse geral e da Humanidade.

Eu quisera inspirar a todo o mundo os sinceros sentimentos de que estou penetrado, mas faltam-me aqueles pensamentos sólidos, que agitam o espírito; aqueles traços brilhantes que subjagam a imaginação; expressões atrevidas, que levam ao fundo do coração as emoções mais vivas; falta-me aquela energia de estilo, elegância de expressão, graças de dicção que fazem remoçar as idéias e dão-lhes aquele colorido encantador, que trai a convicção.

Resta-me, contudo, uma consoladora esperança e é: que minha falta de perspicuidade (algumas vezes voluntária) será suprimida pela penetração e sagacidade dos Leitores. Eu me felicitarei infinitamente se eles, cheios daquela bondade que eu lhes não desmereço, pensarem generosamente e disserem de mim o mesmo que pensava Cícero e dizia em análogas circunstâncias: "Satis est eloquens, qui narrat fidellissime".

Ovídio Saraiva de Carvalho e Silva

O poeta nasceu em Parnaíba, Piauí, no ano de 1787, e morreu no Rio de Janeiro em 1852. Com ele foi iniciada oficialmente a literatura piauiense, quando publica o livro *Poemas* (1808).

Carvalho e Silva está entre os seguidores de Bocage, poeta que conheceu em Portugal quando lá esteve estudando Direito. Foi ele também quem escreveu o primeiro Hino Nacional Brasileiro.

Em 1816 vai para Desterro (atual Florianópolis), Santa Catarina, exercer a função de Juiz de Fora, e ali organiza o que poderia configurar uma Arcádia brasileira.

Entrado o Romantismo, o escritor não vai perder as características neoclássicas, embora já se possa perceber a influência do novo estilo, como se poderá verificar após a leitura das cartas que se seguem.

Heróides de Olímpia e Herculano, jovens brasileiros; ou o triunfo conjugal, de 1840, mostra essa mistura de influências. Romance epistolar, de nítida mensagem moral e didática, o texto mostra a troca de cartas entre os dois heróis, ele procurando convencê-la de que o concubinato era a melhor opção para dois apaixonados e ela — que explica seu grande conhecimento da história das leis conjugais, desde a Antigüidade, devido a conversas com o pai jurista — respondendo à sua argumentação, tentando convencê-lo das excelências do casamento. Ela vence, como se verá na última carta.

A primeira, a quarta e as duas últimas cartas serão aqui transcritas, a fim de exemplificar a argumentação dos amantes. Observe-se a ênfase dada ao raciocínio lógico, ao uso da razão mesmo

em se tratando de assunto amoroso, particularidades da escola neoclássica, da qual o autor ainda não se desvencilhou inteiramente. Este romance não foi publicado em periódicos, embora o pudesse ter sido, dadas as suas características formais, como a divisão regular por cartas, o tema do amor à primeira vista, o final feliz após grande provação moral (por parte da heroína), etc.

Heróides de Olímpia e Herculano, jovens brasileiros; ou o triunfo conjugal

Heróide — I

Cara Olímpia. Há oito luas que meus olhos te descobriram, pela primeira vez, no jardim da marquesa de... em uma fresca tarde do Câncer. Tu, no centro das belas Brasileiras jovens que te acompanhavam, me pareceste o íris celeste, ou o grande planeta, no meio dos infinitos mundos de luz que o circunvalam, fazendo-lhe o mais majestoso cortejo.

Da extremidade desse venturoso jardim, eu compassei as tuas modestas maneiras e encantadores ademãs; meditei nas perfeições que a natureza como que criara para modelar os seres do teu sexo; calculei as tuas palavras, gestos, voz, risos; enfim, cara Olímpia, naquele único e bem aventurado momento, eu te compreendi soberanamente.

Nas trevas silenciosas da noite, tua imagem não me abandonou: com mão tão amante como fervorosa, eu te desenhava tal qual és no original. Tão eloqüente foi a impressão que me causaste! Após a maravilha de ver-te e admirar-te, sucedeu essa, a mais doce e tumultuária das paixões da natureza. Amor, como que te havia criado, e a natureza ornado de graças para mim. Meu coração correu ao teu; e, como que magnetizados pelo mesmo amor, eles se viram, eles se saudaram e eles enfim suspiraram.

Motivos fortes, que a natureza desconhece, mas que venera respeitosa, essa importuna sociedade civil saída das selvas, estor-

vava nesse momento a marcha expansiva de meus sentimentos. A imaginação, essa terna e consoladora amiga da humanidade, às vezes a imaginação, com o cetro da sua onipotência, era a quem cabia a glória dos tropeços. Familiarizado com os seus tormentos, foi mister ceder-lhe tudo quanto restava para o remate de minha ventura. Desta vez a imaginação, encarando outro horizonte, se conspirou contra mim, preferindo ao nome de mãe carinhosa o d'áspera madrastra, aumentando, como por acinte, as minhas aflições com outras aflições de sua própria invenção tenebrosa.

Votado à dor de viver por ti ignorado, cuidei d'esquecer-me de ti. Oh! Deus! foi então que aventei a magnitude do meu mal! A lava compressa, quando em ar livre, se transforma em um vulcão. Forcejei por ver-te, ainda outra vez. Um momento casual me depara essa fortuna. Tua carinhosa mãe torna contigo ao jardim da marquesa. Era impossível não poder aí descobrir-te; eu que bebia a miúdo daquela mesma linfa que tu então bebeste; eu que procurava sempre a sombra desses próceres troncos, que em esbeltas alas bordavam as ruas, e os labirintos desse jardim delicioso; eu, finalmente, que respirava aquele mesmo ar que respiraste, com que embalsamaste a atmosfera daqueles contornos.

Vi-te outra vez. Descobri-te novas perfeições: ainda, se é possível, mais bela e encantadora me pareceste. Não já mulher, um anjo, sim, apaixonado te supus, desses anjos que adornam e embelezam o Éden, derradeira estância do justo. Uma compassada dimensão entre mim e ti, ao mesmo tempo me animava, me envolvia em tormentos. A nobreza do teu sangue, a minha mocidade, a minha educação, a minha fortuna; enfim, tudo me pareceu pouco para poder atrair os teus suspiros.

Ente da terra, como elevar seus pensamentos a ente d'outra esfera? Oh! Deus! que horríveis contrastes! que luta! que tormento não sofri eu, em contradição multiplicada comigo mesmo! Eu me enganava: eu me desenganava. Já homem, já fantasma, me acreditava, já soberano, já vassalo, já poderoso, já ignóbil... tal o tumulto de minhas idéias!

O repouso, esse bálsamo da natureza, esse mágico láudano contra os cuidados, verdugos da sociedade, esse mesmo repouso, aí de mim! me disse ao longe: Adeus. Quase submerso em tantos delírios, em tantas oposições, em tantos devaneios, eu me entranho

nos bosques de minha fazenda de... Ali, entregue a novas vistas e a novas ocupações, fui vítima de melancolias e aflições de espécies novas. Combati-as e triunfei; e com este triunfo, eis-me restituído à calma das meditações. Declarar-te, ó bela, o meu estado, saber de ti se me queres amar: tal é o que a razão me ordena que te comunique. Medita, Olímpia, em mim; e no que te proponho medita. Reconhece-me, e responde ao

TEU HERCULANO

Heróide — IV

Herculano. Como a exalação que, nascendo brilhante, e brilhante percorrendo os espaços do horizonte, repentinamente se apaga, assim tem acontecido ao meu amor, assim tem acontecido a Olímpia! Não pensei jamais que o prêmio que darias à minha singeleza fora esse de que enegrecestes a tua carta.

Era e é esse o templo e o altar em que querias depositar essas perfeições que em mim tanto e tanto endeusaste? Era para esse túmulo de horrores e de infâmias que me encaminhas, através de polidas expressões (que chamo também tochas sepulcrais) que inocente, julguei tão puras como o brilho das estrelas? Ah! pérfido! a quanto te não atreveste? Será este o teu primeiro crime? Ou tens sido autor de muitos outros semelhantes a este? Convidar-me, aquele com quem simpatizei, para a infâmia? E pensavas que eu me traísse? que traísse os meus deveres? Deveres inatos à religião que adoro, e ordenados pela sociedade civil que respeito? O concubinato!!! Esse ente, o infeliz e malfadado primogênito da depravação dos costumes? Se o teu coração está gangrenado de seu hábito, deixa de escrever-me; esquece-me para sempre, e reenvia-me essa desgraçada carta que te escrevi, e que, sem eu querê-lo, foi a primeira porta que te abri ao desenfreio imprudente de que indiscreto lançaste mão. Não faltarão, criminoso pérfido, desgraçadas do meu sexo, a quem seja doce e nectário esse partido infame, que loucamente me ofereces. Sim, procura uma dessas que traficam com o pejo, e com ela tira do universo esse sonhado partido que tanto agigantas, e excelsas maravilhoso em tua pouco digna carta.

Sim, procura uma dessas desgraçadas, que, tornando-se o horror do sexo a que pertence, nem por isso ganham mais na opinião daqueles que as amam, e que, cheios de loucura e prazeres insensatos, as acompanham no círculo de suas desenvolturas; as quais, podendo ser agradáveis no único momento em que se desenvolvem e desbotoam, no momento que se segue se tornam insuportáveis e desprezíveis. O mesmo que as saboreou é o mesmo que primeiro as detesta, arrependido.

Concubinato! Tu, que vais buscar as tuas raízes nas entranhas da venalidade e da sordidez! Que ignoras o deleite e o preço sublime do *conjugio*; e a cujos cuidados sacrossantos dás, Herculano, enfático, o nome de pensões austeras e insuportáveis! Concubinato!... Ah! não posso acabar esta carta: continuarei amanhã; se amanhã se houver acalmado o tumulto de minhas idéias e o labirinto de minha alma, em tormentos.

Com que repugnância ainda peço na pena hoje, a despeito de se haverem espaçado oito dias de enojo...

Como chamas, Herculano, pensões austeras aqueles doces cuidados que se tem da prole? A natureza muda, a natureza viva não te dá exemplos da doce necessidade desses cuidados? Vê como o tronco bambaleia à feição do vento rijo, para que este não lhe prostre as flores, ou o fruto ainda verde! Como toma posições custosas a fim de salvar a prole de sua fecundação.

Vê como a ovelha vigilante amamenta o terno cordeiro; como o leva cuidadosa a pastos serenos e doces, como o conduz às águas do arroio, como, sempre a seu lado, o defende de seus perseguidores; vê, finalmente, como ela, ao mais fugitivo balido do filho inocente, corre pressurosa e impaciente a socorrê-lo.

Repara e reflete mais. Vê o sutil beija-flor, esta inocente ave-zinha, vibrando continuamente as auriverdes asinhas, sem demorar-se mais que um segundo sobre a flor que suga; que parece que o seu elemento é a inconstância, a vivacidade, a sutileza e inocência; vê, Herculano, como ele na primavera, descansando momentos da insana lida que o entretém, arranja do musgo das árvores vetustas o bem tecido ninho, depósito de seus ovos. Repara, vê como lhes dá o calor vivificante, e como cria carinhoso os tenros filhinhos! Ah! e porque os animais não acham essas pensões da criação austeras? Será porque não conhecem o consórcio? E o consórcio

poderá envenenar prazeres que a natureza produziu, e que os mesmos animais revezam anualmente; faltando-lhes ainda outros muitos motivos poderosos e encantadores que os homens têm adunado a esses prazeres naturais?

Queres que eu me desnature? Que eu, sendo mãe, me negue esse doce nome encantador? Quererás que eu renuncie parte do meu sangue e das minhas entranhas, ou como infanticida, ou como inexorável madrasta? Quererás que eu não tenha o gosto celeste de ver o desbotoamento das graças infantis de meus filhos, o balbuciamiento das suas primeiras palavras; e que até me prive do título dado por eles, de sua terna mamãe? Quanto és bárbaro, se tanto queres! E dize-me; supõe que a nossa desventurosa prole possa ser criada e educada em uma casa estranha, de envolta no maior segredo, que conseguiremos disto? Que segredo será esse, que se não corrompa em breve tempo? E então que idéia se fará de mim? Quero mesmo supor que uma só pessoa saiba esse fatal segredo, além de nós dois; não basta essa pessoa só para me fazer aviltar, logo que a ela me aproxime, quando ela mesma consigo ruminar a minha desonra? Estólida filosofia aquela que aprecia a virtude quando apenas resultado de uma bem combinada ilusão popular.

A virtude não carece de semelhantes mantilhas; e aquele que é mal olhado por uma centena de pessoas que sejam testemunhas de seus crimes, é tão desgraçado como aquele de cujos defeitos é apenas sabedor um só indivíduo que o pode desmascarar, tanto como os outros em mor número.

Supõe que em meu discurso há um nímio escrúpulo; mas responde-me: qual será a sorte desses filhos, havidos em tálamo do segredo, depois da nossa morte? Seriam ou não nossos herdeiros? Se não o são, aumentaremos com isso horror a horror, o crime a crime; se o são, é mister que nós mesmos rompamos o segredo, e quando? Quando estivermos a descer ao sepulcro; quando já não pudermos dar ao mundo a satisfação do engano em que obtivemos; quando já não pudermos cobrir de carícias aqueles inocentes, a quem nunca as fizemos obrigados do segredo, e a quem, pelo contrário, sempre tratamos como miseráveis entes que dependiam de nossa fortuna? Passaremos à imortalidade levando o opróbrio; assomaremos nesse mundo das realidades com uma indelével mancha?! Ah! bárbaro! muda de pensar: e quando acintoso nele

insistas, crê que perdes de uma vez e para sempre aquela a quem apelidas de tua

OLÍMPIA

Heróides — XVIII

Meu Herculano. Sem perder o fio do meu discurso, eu devo continuar na tarefa que me impus de confutar os teus últimos raciocínios. Não duvido que os Gregos e Romanos admitiam o concubinato; porém é mister que te faça ver que essa permissão e prática não tiveram, principalmente entre estes últimos povos, esse brilhantismo com que com tanta ênfase o figuraste autorizado. Em verdade, ainda que o concubinato não fosse degradado em Roma, todavia, essa mesma Roma, onde o consórcio era também conhecido com a denominação de — justas núpcias —, ele não gozava dos mesmos foros, privilégios e consideração que as leis indulgiam a estes. A esposa era por isso invocada com o nome de justa e legítima mulher, ou mãe de família. O concubinato inda menos se reputava que casamento simples, e era aquela aliança que provinha da coabitação de uma mulher em casa de um homem, pendente o período de um ano consecutivo. A mulher assim casada, sem outra alguma formalidade, era chamada simplesmente mulher ou matrona, ao mesmo tempo que a concubina tinha apenas o nome único de concubina ou de — injusta ou ilegítima mulher.

O grande Numa Pompílio, querendo extirpar de Roma os concubinatos, decretou uma espécie de tributo, segundo o qual eram obrigados os concubinatórios que quisessem esposar-se, para poderem aproximar-se às aras de Juno, ao sacrifício de uma ovelha, e ao corte de cabelos, para assim se aplacarem as iras daquela deusa. A célebre lei das 12 tábuas, tendo sempre em vistas o fazer primar os matrimônios, a fim de que os jovens cidadãos chamados — ingênuos — não pudessem concubinar-se, proibiu que de uma classe tão nobre pudessem sair as concubinas, que apenas deveriam tirar-se de classes muito inferiores. Sem que empreenda fazer o elogio desta lei, enquanto por ela se animavam os jovens ricos a tirarem partido favorável aos seus desatinos, e daquelas desgraçadas, nascidas em piores leitos, protegendo assim a mesma nobreza, que desmoralizava, contra a fraqueza e miséria; todavia, eu unica-

mente indico para fazer-te ver que o concubinato fora sempre pelos Romanos olhado com olhos de desprezo.

Observa mais, Herculano: os filhos nascidos no concubinato, em diferença dos nascidos das justas núpcias, não só se sujeitavam ao poder pátrio de seus progenitores, mas também não os herdavam. Não podiam usar do nome do pai nem dos seus privilégios, nobreza, etc.; e o que indica tudo isso senão que os mesmos Romanos não igualavam nunca ao consórcio o concubinato, e muito menos superiorizavam este sobre aquele. A história nos mostra que Constantino Magno foi o que indiretamente começou a restringir a prática dos concubinatos, ordenando que os concubinários se esposassem e que os contraventores não pudessem prodigar liberalidade à concubina, e nem tampouco aos seus filhos. Assim marchou, com mais ou menos alteração em seu uso, o concubinato, até que o imperador Leão o proibiu definitivamente; e, a despeito de saber também eu que uma semelhante lei só tivera execução no império do Oriente e nunca no Ocidente, e que o mesmo concubinato se fizera freqüentemente entre os Lombardos e Germanos, nem daqui se segue que o concubinato não fosse por fim proibido como se acha, por se reputar uma agressão à moral de um povo que caminhava na civilização com passos agigantados. Eu creio que te iludiste no que asseveraste a respeito do concubinato no tempo de Júlio César. Este tirano tinha projetado uma lei autorizante da poligamia, por persuadir-se (erradamente) que por ela se caminhava com muita vantagem no progresso da população; entretanto, não saiu da concepção semelhante projeto, por haver descido apunhalado ao sepulcro o seu autor; e tu não ignoras que a simples opinião de um príncipe legislador, quando não é reduzida a lei, não se reveste jamais do caráter que é propriamente privativo da lei obrigatória; e por isso, não passando de simples opinião, não pode vivificar um argumento.

Augusto não marchou como disseste: querendo conseguir o mesmo fim de seu antecessor, o aumento da população, entendeu que não era a poligamia o meio mais adequado de consegui-lo, porque ao Estado convém mais ter uma população legítima, lícita e homogênea, do que aquela que lhe resulta de gérmenes d'outras naturezas. Da primeira nasce a força, o nervo e a sustentabilidade dos Estados, a moral pública mais se vulgariza, e a povoação se

torna mais compacta e mais idêntica; ao mesmo tempo que da segunda advêm males contrapostos àquelas virtudes e vantagens.

As vistas de Júlio César, ia eu dizendo, eram concernentes e favoráveis ao crescimento do número de vidas: Augusto entendeu que este mesmo resultado se podia obter pelos consórcios. Que eram essas as intenções de Augusto César, bem se depreende do discurso que ele endereçou aos cidadãos romanos celibatários; e daqui ressurgiam as leis Pápia e Popéia, de que trataste.

Constantino e Justiniano, correndo a outro rumo, projetaram em favor do celibato, e abrogaram por isso as leis que não jogavam esse mesmo interesse que tinham em suas vistas. A espiritualidade evangélica, que definia o celibato como o mais perfeito estado social, foi sem dúvida a causa primordial daquela impolítica e insólita abrogação, a despeito mesmo da dignidade sacramental com que os consórcios já então se celebravam. Valentiniano I, que também citaste, olhou para este negócio com olhos bem diversos dos seus antecessores; porém seus olhos se achavam obumbrados das paixões, e não abrilhantados da razão. Daqui veio promulgar ele uma lei que permitia o consórcio com duas mulheres; mas esta lei não foi jamais observada, o que bem prova a máxima política de que — o poder absoluto só e desacompanhado da razão e justiça não basta a fazer com que qualquer lei se observe e cumpra. Os mesmos bárbaros, que inundavam o império romano (e deste exemplo não fizeste tu rememoração) sustentavam que o consórcio com pluralidade de mulheres era contrário à essência do casamento. Atalárcio, rei dos Godos, positivamente o proibiu.

Enfim, esse primeiro concílio de Toledo, no 17 can. de que te lembraste, celebrado no ano de 400 da era cristã, repeliu, é verdade, da comunhão o homem que coabitasse simultaneamente com a própria mulher e com uma concubina; e permitiu todavia o uso desta àquele que não fosse casado, isto é, não o repeliu da comunhão; entretanto, o cristianismo, armando a sua cruz no centro de uma sociedade civil tão respeitável como o império de Rômulo, destituída das luzes da revelação, e em que os povos os mais civilizados atendiam unicamente ao grito da natureza, de força nos primeiros tempos deveria conservar ressalbos destes e outros usos, que não rivalizavam, e antes se compadeciam com a lei natural. O desejo de aumentar o número de fiéis, propagando a missão dos

Apóstolos, talvez que fosse o único motivo daquela temporária e provisória permissão, não ignorando os políticos e sábios bispos, que entraram naquele concílio, que qualquer povo está disposto a abraçar qualquer religião ou seita, uma vez que esta não encadeie inexoravelmente aquelas paixões que mais o dominam, entrando nesta classe sem dúvida aquela do amor, que é tanto mais inseparável do homem, quanto o mesmo homem, predisposto por sua organização, é para tais sensações impellido pela mesma natureza. A igreja, a primeira mãe terna dos cristãos, deveria naquelas remotas épocas atender à fraqueza dos seus filhos, e encaminhá-los à crença por esta espécie de tolerância lisonjeira.

Repara entretanto, Herculano, que tolerar que o homem que não é casado possa ter uma concubina, e que, tendo-a, não seja expulso da comunhão, não quer dizer que a igreja de Jesus Cristo sancionou o concubinato, e nem que o equiparasse ao casamento; ela apenas decretou que o concubinato celebrado entre dois indivíduos solteiros não motivasse só por si o anátema da descomunhão. É justamente o mesmo que os legisladores de todas as nações cultas têm praticado. A severidade das leis que fulminam o concubinato perde a sua força persecutiva, por conselho da mesma lei, na mão do magistrado político; cerra os olhos à sua marcha, contanto que o concubinato e outras alianças criminosas não levantem a cabeça escandalosa contra a ordem pública, e nem desfralde suas bandeiras na perturbação da moral e na afronta da religião.

Tal poderia ser a razão em que o primeiro concílio de Toledo se baseou, sancionando no can. 17 a tolerância do concubinato, e não porque de propósito o devesse olhar como uma aliança lícita e legítima; e tão certa e corrente foi esta opinião doutrinal da igreja, e não outra, que, apesar de saber o contrário, lhe foi mister ceder à política o rigor da moral, pregada não só pelo mais veemente e energético dos apóstolos, mas também por S. Agostinho, que haviam bradado contra toda e qualquer aliança que não fosse purificada pelo casamento e seu cerimonial.

Povos a quem o archote da revelação se não tinha bem acendido; povos em que a civilização contava ainda poucos progressos, não é estranho que idolatrassem o concubinato e poligamia com extremos cultos: e debelar de pronto, e com rigor semelhantes usos, é marchar-se impoliticamente conta o mesmo Evangelho.

Mas esse mesmo exemplo de nada presta para o nosso caso. Com a marcha dos tempos, a revelação e a civilização ganharam terreno; e a igreja então, tendo menos lutas a sustentar, devia encaminhar como encaminhou os seus filhos por outra estrada mais reta e sublime.

Amanhece a brilhante época que viu o natal do concílio tridentino, e eis tempos e costumes mais serenos e brandos. Este sábio concílio, remotando-se, mais confiado em seus filhos, à austeridade dos apóstolos, fulminou a excomunhão contra todos os que não abandonassem o concubinato. E porque, Herculano, não argumentarás tu com este concílio mais moderno e mais vizinho por isso aos nossos dias, e antes, olvidando-te dele, vais escavar na noite escura da antigüidade aquele primeiro de Toledo aberto nos primeiros séculos do cristianismo, quando circunstâncias diversas poderiam permitir aquilo que, mudadas elas, se tornou defeso? E isto principalmente em um assunto que tanto entende com o coração dos homens; e que, entre as paixões, é aquela que empunha a tocha mais ardente! Enfim, meu Herculano, bem poderia eu estender mais linhas na minha carta sobre este sério objeto, se quisesse fazer uma memória e não escrever simplesmente uma carta; calo-me porém, e protesto que, sufocando comigo mesma a paixão que me inflama, nunca mais te escreverei, fazendo todos e todos os esforços de que meu coração for capaz para não ver-te mais, e de riscar de minha memória até o teu próprio nome; de minha memória que teve a desgraça de decorá-lo. Toma o partido que te ditar o coração, que eu já tomei o que me convinha, se por desgraça continuares a insistir nos mesmos errados princípios, que tão acintemente tens sustentado. O Céu te ampare com sua graça, e te ilumine com seu clarão, a fim de acertares com o caminho por onde marcha o cidadão virtuoso e honrado. Ouso ainda por esta última vez assinar-me

TUA OLÍMPIA

Heróide — XIX

Minha Olímpia. Venceste! Tua última carta rematou a tua conquista! Conquista que, por mais de uma vez, estiveste a ponto

de obter de meu coração, se um empedernido amor próprio não me sustivesse na posição hostil em que me pus contra as tuas idéias. Conquistaste minha razão, tu, que há tanto tempo me havias conquistado este coração, que tantas vezes pula quantas confessa a sua escravidão ao teu.

Beijo hoje grato a mão benigna de minha benfeitora amável, amanhã beijarei a formosa mão de Olímpia bela, de minha carinhosa esposa. Ah! quanto podes! Desdigo-me de tudo quanto escrevi: conheço meus erros e os confesso, e minha voluntária confissão, trazendo consigo o pejo de haver errado, forma o degrau honroso do respeito e amor em que te coloco, para o arrependimento de Herculano, só a divina Olímpia bastara. Fiel ao que prometi, e esperando amplamente de que também cumprirás tua promessa, tenho dadas as ordens necessárias a completar-se o nosso consórcio na capela do meu palácio. Falta unicamente que dê o dia. Dado ele, entre a mais brilhante pompa, e entre os mais jucundos e inflamados prazeres, concluiremos o nosso suspirado consórcio, tendo por testemunhas Deus e a sociedade.

TEU, ETERNAMENTE, HERCULANO

José Higinio Sodré Pereira da Nóbrega

Pereira da Nóbrega nasceu no Rio de Janeiro em data desconhecida e ali morreu em 1855. Sua atividade literária principal é o teatro.

Os assassinos e o adultério (1851) é uma obra curiosa, razão pela qual foi escolhida para constar deste apêndice. Totalmente integrado com a tendência didática e moralizante do Romantismo, o autor constrói sua novela em torno de um crime e seu julgamento público. Como os outros dois textos do apêndice, não foi publicado em periódicos, mas tem a estrutura narrativa necessária para tal.

Estanislau é casado com Rosalina. Os dois amam-se perdidamente, mas o marido tem de partir a negócios para o interior. Deixa a mulher e os filhos aos cuidados de seu irmão, Roque. Um mascate que por ali circulava — e que cobiçava a jovem mulher — convence a escrava Micaela a introduzi-lo na casa, a fim de seduzir a dona da casa.

Devido à urgência com a qual Pereira da Nóbrega quer entrar nos julgamentos, em duas semanas a esposa amante torna-se adúltera. No final de dois meses está grávida de Ambrósio. O marido escreve que está voltando, o que leva Rosalina ao desespero, pois não tem como convencê-lo sobre a paternidade do filho que espera. Assim é que concorda com o mascate em assassinar o cunhado e o marido, logo após sua chegada.

Ambrósio contrata um negro, Adão, para cortar a garganta de Roque quando este se encontrasse dormindo (uma dose de arsênico ministrada antes pela dupla não foi suficientemente forte para ma-

tá-lo). Adão consegue executar o assassinato, mas é preso ao fugir. Interrogado, conta tudo o que sabe e os quatro vão a julgamento.

Todos são condenados: Adão, à forca; Micaela, a seiscentas chicotadas a intervalos regulares (ela vai morrer após trezentas); Ambrósio, a vinte anos de cadeia com trabalhos forçados. A única que acaba inocentada é Rosalina, porque o marido, que já havia voltado ao Rio de Janeiro, usa de “pistolão” para livrar a ex-mulher da cadeia, tudo em nome dos filhos do casal. Mas a Providência divina executa o que os tribunais humanos não conseguem: Rosalina morre de remorsos e de culpa poucos meses após sair da prisão.

Os assassinos e o adultério

V — Os três heróis

Deixamos no capítulo antecedente os nossos quatro *heróis* interrogados, e já são passados oito dias, e a polícia ainda continua nas suas pesquisas; o desembargador Juliano, homem bastante jovial, de semblante alegre, sempre com ar prazenteiro e sorriso nos lábios, depois do assassinato do infeliz Roque tornou-se melancólico e taciturno; seus próprios amigos o desconheciam, e tantas diligências fez, que descobriu finalmente o amolador da faca, e colheu ainda mais provas de quem foram os autores desse horrendo crime.

Durante estes oito dias o desgraçado Estanislau ia à cadeia visitar a pérfida esposa, para exprobar-la, apresentando-lhe o quadro dos seus horrendos e nefandos crimes.

No 9º dia de novo se apresenta o juiz criminal, o Dr. Nicodemo e o escrivão respectivo na cadeia; de novo são interrogados os réus.

Adão e Micaela confirmam as suas primeiras respostas em presença de seus curadores, enquanto Ambrósio e Rosalina negam; são de novo acareados, e continuam a desmentir os seus dois co-réus, a ponto de que o juiz na ocasião em que acareou Adão e Mi-

caela com Ambrósio disse para este, que já de outra vez confessara o seu crime, (qu)¹e essa sua negativa, longe de o salvar, ia ainda comprometê-lo ainda mais.

— Sr. Juiz, disse Ambrósio, perdoe-me V. S., eu nunca confessei crime algum, e o que se acha escrito nestes autos foi V. S. que mandou escrever para me comprometer, não que eu o dissesse; porque na realidade não disse tal, e sustento que não disse.

— Então que lhe parece, sr. Juiz? disse o Dr. Nicodemo.

Rosalina, que também havia confessado, agora nega: o juiz igualmente ponderou, que nos autos constava a sua confissão, e ordenou a sua leitura; e, sendo satisfeito, ela respondeu:

— É verdade que eu declarei o que consta dos autos; porém foi unicamente por me achar amedrontada.

— Esta agora é que ninguém lembra, disse o Dr. Nicodemo, estava amedrontada, e em bem pouco tempo a senhora tomou as lições dos padres mestres da cadeia.

O Dr. Ilias, defensor de Ambrósio, apenas ouviu o Dr. Nicodemo proferir estas palavras, encarou para ele, e disse-lhe: — Sr. Dr., apesar de que eu não seja defensor da ré, cumpre-me observar-lhe que basta a sua condição de ré, e presa para se ter toda comiseiração com ela.

O Dr. Eliseu, defensor de Rosalina, disse nesta ocasião, dirigindo-se ao Dr. Nicodemo.

— Sr. Dr., cumpre-me, na qualidade de advogado da ré, agradecer ao sr. Dr. Ilias o interesse que toma pela minha cliente, e observar mais a V. S., que se lembre que a ré, além de estar presa, é uma senhora, e isso é bastante para ser respeitada; e se o sr. Dr. Nicodemo continua a insultá-la, eu tomo o insulto como feito à minha pessoa, e rompo em algum excesso.

À vista destas palavras proferidas pelo Dr. Eliseu, o juiz impôs silêncio, chamando-os à ordem.

Concluídos os interrogatórios e acareações, foram introduzidas as testemunhas, uma de cada vez, as quais juraram sobre a existência do fato e mais pormenores que houveram, não afirmando todavia quem foram os autores de tão horrível atentado, e no fim de um mês já os nossos quatro *heróis* estavam pronunciados a

¹ Apagado no texto.

prisão e livramento; a saber: Ambrósio e Rosalina como incursos nas penas do artigo 192 do código criminal revestido com as circunstâncias agravantes do artigo 16, parágrafos 1, 2, 3, 4, 6, 8, 9, 15 e 17 e Adão e Micaela como incursos na lei excepcional, e com as mesmas circunstâncias agravantes e mais as dos parágrafos 11, 12 e 14 do mencionado artigo 16.

É finalmente o processo remetido ao escrivão do júri, e são passados três meses que se acham pronunciados, e quatro em que os nossos *heróis* estão presos, e têm de ser julgados pelo tribunal do júri, onde vão comparecer.

O Dr. Jeremias, juiz de direito que tinha de abrir o júri, convoca a sessão: são os quatro *heróis* intimados; porém Rosalina que se achava grávida, como dissemos, e em virtude do artigo 43 do código criminal, não podia ser julgada, requereu adiamento do seu julgamento para 40 dias depois do parto.

O Dr. Jeremias, homem bastante inteligente na matéria, e de ilibada probidade, nomeou dois médicos e duas parteiras para examinarem Rosalina: estes, em presença do magistrado, procederam um minucioso exame, e declararam que Rosalina estava com efeito grávida, e com 7 ou 8 meses: em consequência dessa declaração ficou o seu julgamento esperado na conformidade da lei.

Convocada a sessão do júri, e no dia aprezado, apresentaram-se os três *heróis* à barra do tribunal: Adão, acompanhado do seu curador o Dr. Isaías; Micaela, do seu curador o Dr. Zorobabel, e Ambrósio, do seu defensor o Dr. Ilias.

Procede-se o sorteio, e depois de algumas recusas da parte da acusação e da defesa, formou-se finalmente o conselho, que tinha de julgar os três cúmplices.

Eles são novamente interrogados, Adão repete o que já declarou à 1ª e 2ª vez, e o mesmo pratica Micaela; entretanto Ambrósio nega, e sustenta ser uma calúnia, pois ele não concorreu direta e nem indiretamente para tal assassinato. São novamente acareados os três. Adão e Micaela sustentam o que já disseram, e Ambrósio desmente-os.

As galerias, o camarim dos advogados, os corredores e escadas do edifício da ilustríssima câmara estavam apinhados de espectadores de todas as classes, além de um número de pessoas que se achavam reunidas em *magotes* pelo campo de Santa Anna, as

quais não podiam entrar. No semblante de todas se divisava o maior horror; em suas feições a maior indignação contra os três cúmplices. Enquanto Ambrósio se conservava impávido e risonho, ouviam-se no meio de um continuado murmúrio, as palavras: “Morrão todos quatro!”

Estes interrogatórios e acareações concluíram-se às 2 horas da tarde, e a estas horas o escrivão deu princípio à leitura do processo, que durou meia hora, e depois obtendo a palavra o Dr. Nicodemo, este homem que já a princípio descrevemos, tomou tanto interesse na presente acusação, como se a ofensa fosse sua própria; tornou-se mais pálido do que era, seus olhos chamejavam, seus cabelos se eriçavam à semelhança de um hirto, e procurou num longo discurso que aturou quatro horas, todos os meios de convencer os jurados da existência do crime, de que os três réus eram acusados: confrontou os depoimentos dos mesmos com os das testemunhas, e os vestígios e indícios, analisou os depoimentos dos quatro réus, pedindo a pena de morte para os três que iam ser julgados, e concluiu o seu discurso dizendo:

— Srs. jurados, para vos convencer da existência dos fatos argüidos aos réus, basta verdes o que disseram eles quando foram interrogados pela 1ª vez, o que disseram à 2ª, e o que dizem agora. À 1ª vez os quatro réus confessaram o crime, à 2ª Adão e Micaela confirmaram os seus depoimentos, entretanto que o sr. Ambrósio, que também à 1ª vez havia confessado, não só negou a 2ª em que foi interrogado, como desmentiu os seus dois co-réus, e teve de mais a insólita audácia de dizer que não havia feito tais declarações; declarações estas constantes dos autos; e que se existiam escritas, foi porque o sr. juiz formador da culpa as mandara escrever com o fito de o comprometer!! A Sra. D. Rosalina, que também pela 1ª vez havia confessado os seus nefandos crimes, também negou pela 2ª; e estou convencido que também negará quando houver de comparecer, não só agora como informante, como quando tiver de ser julgada! Srs. jurados, não vos arrasteis pelo espírito de humanidade; lembrai-vos unicamente que a impunidade dos crimes acarretarão imensos males à sociedade em geral; em duas palavras, Srs. jurados, se os réus tivessem trinta mil vidas, e todas elas sobre o patíbulo pendessem, assim mesmo não pagavam o seu horrendo crime! Eu concluo aqui, aguardando pela defesa dos

meus nobres colegas; e à vista dela direi alguma coisa em defesa da lei ultrajada.

Concluída a acusação, então as testemunhas, as quais sendo inquiridas pelo Dr. Nicodemo, e reinquiridas pelo defensor de Ambrósio e pelos dois curadores, confirmaram os seus julgamentos, e por último se apresenta Rosalina, trajando vestes de pesado dó e um denso véu caído pelo rosto. Como informante negou tudo, limitando-se simplesmente a confessar o adultério.

Obtendo a palavra o Dr. Ilias, como defensor do réu Ambrósio, procurou, por meio de um longo discurso, convencer aos jurados de que o réu seu cliente era inocente, esforçando-se por acarretar toda a odiosidade aos réus Adão e Micaela.

— Srs. jurados, disse finalmente, além das razões, pelas quais vos ponderei, que o réu meu cliente é inocente, como melhor vereis dos autos, e vos ditará vossa consciência, para o que apelo; vós de certo absolveis ao réu meu cliente.

“Srs. jurados, vós ouvistes o sr. Dr. Nicodemo dizer que o crime estava provado; qual é a prova senhores, que existe contra o meu cliente? Apenas uma pequena, ou nenhuma prova. Qual é essa pequena prova, Srs. jurados? A confissão dos réus Adão e Micaela? Poderá a confissão de Adão merecer a devida consideração em juízo? Decerto que não, mormente sendo Adão escravo, como ele mesmo o declarou, sendo igualmente réu, e réu muito mais criminoso, do que o sr. Ambrósio, meu cliente!

“Srs. jurados, qual é a outra prova que existe neste monstruoso processo contra o meu cliente? A confissão da ré Micaela: e poderá esta confissão merecer fé em juízo para a condenação do meu cliente? Decerto que não! porque ela é escrava, e escrava da ré a Sra. D. Rosalina; é Micaela igualmente muito mais criminosa do que sua senhora, e do que o meu cliente.

“O réu Adão, Srs. jurados, é muito mais criminoso do que o meu cliente, e muito mais criminoso do que ninguém, visto ter sido o próprio assassino.

“Srs. jurados, estabeçamos a hipótese de que o réu Adão assassinara Roque, o que decerto se nega: se aquele não fosse um malvado e uma assassina não anuiria tal proposição, e antes trataria de despersuadir meu cliente, e meu cliente então de certo que não teria ânimo de fazê-lo, e de mais, Srs. jurados, qual é a prova

que Adão apresenta, de que o réu meu cliente o peitara para cometer semelhante assassinato! A sua simples confissão, e a da ré Micaela, que é muito mais criminosa do que o réu meu cliente, e tão criminosa quanto o réu Adão, se não for mais. Micaela, Srs., senão anuísse aos rogos do meu cliente, e aos de sua senhora, se é que estes dois praticaram o que ela declara, o que igualmente se nega, e tratasse antes de despersuadir não só o meu cliente, como a sua senhora, decerto que não se cometeria semelhante assassinato.

“Micaela, Srs. jurados, foi e é muito criminosa; foi a motora e a origem de haver o adultério, foi quem seduziu sua senhora a adular-se com o réu meu cliente, e é por isso digna de um severo castigo, pois se não houvessem malvados não haveriam nunca crimes desta natureza.

O Dr. Isaías, curador do réu Adão, passou a desenvolver a defesa por parte do seu curado, e concluiu dizendo:

— Srs. jurados, não é simplesmente o ouro que move um advogado a encarregar-se da defesa de um acusado, sobre cujos ombros pesa o rigor da lei, e vê por momentos o cutelo do algoz a descarregar o tremendo golpe, que vai decepar-lhe a cabeça; também o dever de humanidade obriga um desgraçado em idênticas circunstâncias. Sim, Srs. jurados; o dever da humanidade obrigou-me a encarregar-me dessa árdua tarefa. Ainda mesmo que eu não fosse nomeado seu curador, eu de bom grado me prestaria a defendê-lo, e havia de procurar todos os meios que estivessem ao meu alcance para o salvar da pena horrível que o ameaça; e provas disso tenho dado defendendo a réus mais miseráveis, e muitos deles bem criminosos.

“Para que, srs. jurados, se há de acarretar toda a odiosidade sobre o meu desgraçado curado, e a desgraçada ré Micaela, como há pouco acabou de dizer o meu nobre colega o sr. Dr. Ilias, que o meu curado e a ré Micaela são de todos os mais criminosos?! srs. jurados, não basta a triste colisão em que se acham estes desgraçados acusados pela lei excepcional, pela qual nenhum recurso lhes resta, senão o de petição de graça para o poder Moderador? Minha missão é defender o réu Adão, e não o de acusar pessoa alguma, mas vejo-me forçado a acusar alguém, visto ser chamado a campo pelo meu nobre colega.

“Por que razão o meu nobre colega não diz antes, que o seu cliente é de todos o mais criminoso? Porque não diz antes que, o seu cliente querendo desfazer-se da sua vítima, que era o finado Roque, não teve a precisa coragem de o fazer, e serviu-se de um braço emprestado para descarregar o tremendo golpe? Sim, srs. jurados; o sr. Ambrósio serviu-se de um braço emprestado, e este braço é o do desgraçado Adão, meu curado, e com promessas de libertá-lo! Quem é, srs. jurados, que não ambiciona a sua liberdade? E quem ainda é mais ambicioso deste dom do Eterno do que um miserável escravo?! Eu estou convencido, de vós mesmos, se fôsseis escravos, decerto desejaríeis obtê-la a custo mesmo dos mais altos sacrifícios; e se tivésseis um mal intencionado, como é o sr. Ambrósio, que igualmente vos seduzisse como ele seduziu o desgraçado Adão, qualquer de vós faríeis o mesmo que este fez. Portanto, srs. jurados, o sr. Ambrósio é de todos o mais criminoso.

“O sr. Ambrósio, Srs., é criminoso perante Deus, e perante os homens, por persuadir um miserável escravo com promessas de libertá-lo, a fim de conseguir dele a perpetração de um assassinato. O sr. Ambrósio é criminoso perante Deus e perante os homens, por seduzir uma mísera escrava a tentar contra a vida de seu senhor, e a guiar o braço do assassino. O sr. Ambrósio é criminoso perante Deus, e perante os homens, por ser a causa de uma esposa, que até então vivia com toda a honestidade e candidez, ser arrastada ao estado degradante não só de adúltera, como de assassina.

“Srs. jurados, à vista destas considerações que vos apresentei, estou convencido de que em vossas consciências absolvereis o meu desgraçado curado, e por hora limito-me simplesmente ao que já acabei de expender-vos, esperando ter o gosto de ouvir a defesa do meu nobre colega o sr. Dr. Zorobabel, e as réplicas dos Srs. Drs. Nicodemo e Ilias.

Concluída a defesa do Dr. Isaías, obteve a palavra o Dr. Zorobabel, curador da ré Micaela, e passando a desenvolver a defesa de sua curada, procurou demonstrar que ela estava inocente, e concluiu dizendo:

— Srs. jurados, à vista das razões já por mim ponderadas, nada mais teria a acrescentar à defesa do meu nobre colega o sr. Dr. Isaías, mormente na triste colisão em que me acho, quando vejo alçado o braço tremendo do sedento algoz sobre a cabeça da

minha curada, e sem nenhum recurso senão a graça do poder Moderador, contudo seja-me ainda lícito dizer alguma coisa a bem da minha curada.

“Srs. jurados, ocupando hoje o lugar de defensor, me seria com efeito bastante desairoso acusar. Contudo vejo-me a isso forçado, visto que se pretende lançar o odioso à desgraçada ré Micaela, minha curada.

“Srs. jurados, o sr. Dr. Ilias disse que os réus Adão e Micaela são de todos os mais criminosos; por que razão não disse ele que o sr. Ambrósio peitou a estes dois réus com um poder mágico, e um metal o mais luzente e forte? Perguntar-me-ão os Srs. jurados, qual é esse metal luzente e forte, com que o sr. Ambrósio comprou os réus Adão e Micaela? Eu lhes responderei: A promessa de suas liberdades. Todo vivente ambiciona a sua liberdade: haja exemplo em um passarinho, que não tem nenhum conhecimento, porém o instinto o obriga a querer a liberdade. Sim, senhores, temos por exemplo um passarinho em uma gaiola, onde é bem tratado; porém logo que pilha uma pequena fresta, e por ela pode sair, prefere antes ir comer o agreste capim, e as frutas amargas duma floresta; porque aí se acha em sua liberdade, e na gaiola se considera não só preso, como em um perpétuo cativo. E se isto movido por um simples instinto pratica uma avezinha, o que não fará a criatura que raciocina, e pensa?! o que não fariam estes dois desgraçados, escravos ambos?!

“Srs. jurados, se existe crime na ré minha curada, mais criminoso é o sr. Ambrósio; e nele é que deve recair todo o rigor da lei; porquanto nele existem todas as circunstâncias agravantes; entretanto que a ré minha curada tem a seu favor o artigo 18, parágrafo 8º do código criminal.

“A ré minha curada foi provocada pelo sr. Ambrósio a cometer o crime que cometeu, se é que ela efetivamente o cometeu, visto que nenhuma prova existe contra ela, senão a simples confissão sua, e do seu co-réu Adão.

“Srs. jurados, em VV. SS. absolverem a ré Micaela farão um ato de equidade e de justiça.

“Tendo concluído, aguardo a réplica do sr. Dr. Nicodemo e dos meus dois colegas.

Concluída a defesa do Dr. Zorobabel, obteve a palavra o Dr. Nicodemo para replicar, e este procurou todos os meios de sustentar a sua acusação, e finalizou instando pela pena de morte para os

três acusados; depois do que o Dr. Ilias sustentou a sua defesa, e ainda tratou de acusar a Adão e Micaela, pedindo em conclusão a absolvição do criminoso Ambrósio; em seguida o Dr. Isaías, e depois o Dr. Zorobabel, sustentaram as suas defesas instando pela absolvição de seus curados.

— Vós acabastes de ouvir, disse o Dr. Jeremias, a acusação do sr. Dr. Nicodemo, e as defesas dos Srs. advogados do réu Ambrósio, e curadores dos réus Adão e Micaela. O sr. Dr. Nicodemo acusa os réus como autores do crime de homicídio revestido de todas as circunstâncias agravantes; o sr. Dr. Ilias trata de defender o seu cliente, e crimina os dois réus; os curadores destes, defendendo os seus curados dizem que o réu Ambrósio é o mais criminoso de todos: à vista das razões apresentadas, por parte da acusação, proponho ao conselho os quesitos aos quais deverão responder.

Concluídos os esclarecimentos dados pelo Dr. Jeremias, retirou-se o conselho à sala secreta, e depois de uma larga conferência voltaram à sala pública, e aí, pelo presidente do conselho, foram lidas as respostas dadas aos quesitos todas pela afirmativa quanto a Micaela, e quanto aos réus Ambrósio e Adão também foi respondido pela afirmativa, à exceção do último que foi pela negativa, isto é, que não havia circunstância alguma atenuante em favor dos dois réus.

À vista das respostas do conselho o Dr. Jeremias lavrou e publicou a sentença, condenando Ambrósio à morte² como incurso nas penas do artigo 492, e em virtude da lei apelou da sua própria sentença para o tribunal da relação.

Quanto ao réu Adão, o Dr. Jeremias condenou igualmente à morte, sem nenhum recurso, como compreendido nas penas do artigo 1º da lei excepcional, e Micaela foi condenada a levar seiscentos açoites.

Publicada a sentença o réu Ambrósio protestou pelo novo julgamento, e levantou-se a sessão às 8 horas da manhã do seguinte dia.

² O advogado de Ambrósio entra com um recurso e, no final do julgamento seguinte, este tem a pena reduzida para vinte anos de cadeia com trabalhos forçados.

Bibliografias

Bibliografia concisa do folhetim francês no Brasil

Lista, por ano, dos folhetins estrangeiros publicados em periódicos brasileiros. Em: Coelho, José Maria Vaz Pinto. "Da Propriedade Literária no Brasil". *Revista Brasileira*. 2ª fase. RJ: 1880-1881. Vols. VI e VIII.¹

- 1830: *Ourika, ou história de uma negra*. Duquesa de Durás.
1831: *Metusko, ou os polacos*. Paul Lebrun.
1836: *Gustavo, ou o rapaz extravagante*. Paul de Kock.
1836: *Gabriel Lambert*. Alexandre Dumas.
1836: *As aventuras do último Abencerrage*. Chateaubriand.
1839: *O pacto de fome*. E. Berthet.
1839: *A noiva do defunto*. W. Irving.
1839: *O quebrador d'imagens*. E. Gonzales.
1839: *Fabiana*. Mme. Reybaud.
1839: *O galo e a pérola*. B. Tilleul.
1839: *Pedro, o cruel*. Alexandre Dumas.
1839: *A ponte dos noivos*. J. Bard.
1839: *Mestre Adam, o calabrês*. Alexandre Dumas.
1839: *A rosa amarela*. C. Bernard.
1839: *Os dois carrascos*. Balzac.
1839: *A casa emparedada*. E. Berthet.
1839: *Pascoal Bruno*. Alexandre Dumas.
1839: *O pontífice e os carbonários*. P. B.

¹ *Jornal do Commercio, Correio Mercantil, O Despertador, O Diário do Rio de Janeiro, Correio da Tarde*, reproduzidos nas províncias de 1830 a 1854.

- 18329: *O cirurgião d'Armada*. E. Souvestre.
 1839: *Ana d'Arcona*. A. de Lavergne.
 1839: *A espia, ou os segredos dos carbonários*. F. Soulié.
 1839: *Sábado passado*. P. Chevalier.
 1839: *Oto, o arqueiro*. Alexandre Dumas.
 1839: *A filha do negociante*. Trad. da *Black Woods Magazine*.
 1839: *Um pseudônimo*. S. de la Magdallena.
 1839: *A paixão dos diamantes*. Trad. e modificado por J. J. da R.
 (Justiniano J. da Rocha).
 1840: *Mme. Tallon*. Jules David.
 1840: *A expiação*. P. Christian.
 1840: *Estevan Riaz*. P. Chevalier.
 1840: *Três bofetadas*. Pelo autor de *Margarida Aymond*.
 1840: *Colomba*. Prosper Merimée.
 1840: *Como acaba uma raça de reis*. Berthoud.
 1840: *O véu da viúva*. Maurice Saint-Agnet.
 1840: *A estalagem d'Andernach*. Balzac.
 1840: *Os dois marqueses*. Mole Gentil'Home.
 1840: *Os amores de um ladrão*. Mme. Charles Reybaud.
 1841: *Os últimos bretões*. P. Chevalier.
 1841: *O pirata*. George Sand.
 1841: *Um segredo*. Arnould.
 1842: *As amorosas paixões do jovem Werther*. Goethe.
 1842: *O marquês de Pombal*. Clemence Robert.
 1842: *Os cinqüenta anos*. C. de Bernard.
 1842: *O artista e o soldado*. V. Ducange.
 1842. *O procurador do rei*. Jules David.
 1842: *Amélia de Seneville*. B. Bazancourt.
 1843: *O casamento secreto*. Hyp. Étiennes.
 1844: *A incógnita*. Alexandre Lavergne.
 1844: *Amaury*. Alexandre Dumas.
 1844-45: *Os mistérios de Paris*. Eugène Sue.
 1845: *Os mistérios de Londres*. Sir Francis Strolopp (Paul Féval).
 1845: *Os mistérios da Inquisição*. V. Feréal.
 1845: *O padrasto*. C. de Bernard.
 1845: *A salamandra*. E. Sue.
 1845: *A alameda das viúvas*. Charles Rabou.
 1845: *O Monte do Diabo*. E. Sue.

- 1846: *A leva*. F. Soulié.
1846: *O Hotel Lambert*. E. Sue.
1846: *Mathilde, memórias de uma moça de alta classe*.
1847: *Arthur, diário de um incógnito*. E. Sue.
1847: *Martim, o menino achado*. E. Sue.
1847: *Memórias duma rapariga do povo*. A. Fremy.
1847: *O mendigo negro*. Paul Féval.
1847: *A mulher mais feliz do mundo*. Mme. de Ser.
1847: *Piquilo Alliaga, ou os mouros no reinado de Felipe III*. E. Scribe.
1848-50: *Dez anos depois, Os três mosqueteiros, O visconde de Brangelone*. Alexandre Dumas.
1849: *Stello, ou os diabos azuis*. Conde de Vigny.
1849: *Magdalena*. J. Sandeau.
1850: *Os mistérios do povo*. E. Sue.
1851: *A tulipa preta*. Alexandre Dumas.
1851: *A paciente*. A. Arnould.
1853: *A mão do finado*. (“Alexandre Dumas em uma carta publicada no *Jornal do Commercio* de 31 de janeiro de 1854 declarou que não escreveu semelhante obra”.)
1854-56: *Os mohicanos de Paris*. Alexandre Dumas.
1854: *A dama das pérolas*. Alexandre Dumas Filho.
1854: *Militona*. Alexandre Dumas.

Os seguintes romances vêm sem indicação de ano de tradução/publicação:

- Os sete pecados mortais*. E. Sue.
Deus dispõe. Alexandre Dumas.
O conde de Monte Cristo. Alexandre Dumas.
O rei dos boêmios. Paul Féval.
Os novos mistérios de Paris. Aureliano Scholl.
Os cárceres do velho Louvre. H. Aigu.
A San-Felice. Alexandre Dumas.
O jornal da sra. Giovani. J. Boys.
A condessa de Monte Cristo. J. Boys.
A mãe dos desamparados. Escrich.
Os anjos terrestres. Escrich.

Os que riem e os que choram.
O cavaleiro botafogo. Boisgobey.
As noites de Constantinopla. Boisgobey.
Os lobos dos Pireneus. Camilo Bias.
A pele do defunto. Debans.
O guarani. G. Aymard.
O filho das ervas. Emílio Richebourg.
Trinta anos de aventuras. Boisgobey.
A douda. X. de Montépin.
O ventríloquo. X. de Montépin.
A princesa branca. Claude Rieux.
A firma social. Fromont & Ristes. A. Daudet.
Os abutres de Paris. Chardall.
As mil e uma mulheres. J. Lermina.

Bibliografia da ficção brasileira¹ (1826 a 1870)

- ABREU, Casimiro José Marques de. "Camila, memórias duma viagem". In *O conto romântico*. Orgs. E. Cavaleiro/Mário da S. Brito.
- ABREU, Claudino de. *A inocência no crime* (conto histórico — WM, III, 191). 1863. SB,² II, 113.
- . *A doida* (romance original brasileiro — WM, III, 202). 1864.
- . *Irínia*. 1865. WM, III, 244.
- . *O enfeitado infeliz* (novela brasileira — WM, III, 250). RJ: 1866. Brito Broca fala d' *O enfeitado feliz*.
- . *As ruínas do passado* (legenda — WM, III, 302). 1869.
- ABREU, Francisco Bonifácio de (Barão de Vila da Barra). *Palmira, ou a ceguinha brasileira* (romance em verso — WM, II, 401). Bahia: 1849.
- . *Tersina*. 1848. SB, II, 413. In,³ IX, 270.

¹ Serão feitas referências a: Wilson Martins (WM), José Ramos Tinhorão, José Galante de Sousa (G. Sousa), Marlyse Meyer, Afrânio Coutinho (AC), Barbosa Lima Sobrinho (BLS), Edgard Cavaleiro e Mário da Silva Brito, Antonio Candido (ACa), José Aderaldo Castello (JAC), Raimundo de Menezes (Men). Agradecimentos à seção de pesquisa e documentação da Fundação Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro (vide referências no final de alguns livros). Quando houver referência aos autores, assim deverão ser lidas: nome do autor, número do volume, número da página.

² SB por Sacramento Blake.

³ In por Inocência.

- ADET, Carlos Emilio. *Amélia*. In *Minerva Brasiliense*. RJ: 1844, do nº 15, de 1º de junho de 1844, ao nº 20, de 15 de agosto de 1844, tomo 2º, pp. 465, 517, 615 e ss.
- . *Um ofício de defunto e uma bênção nupcial*. In *Minerva Brasiliense*. RJ: 1844. In *Os precursores do conto brasileiro*. Org. Barbosa L. Sobrinho.
- ALENCAR, José de. *Cinco minutos*. In *Diário do Rio de Janeiro*. RJ: de 22 de dezembro a 30 de dezembro de 1856. RJ: Tipografia do Diário, 1857. In *Obra completa*. RJ: Aguilar, 1959-60. 4 vols. In *O conto romântico*. Orgs. E. Cavalheiro/Mário da S. Brito.
- . *O guarani*. In *Diário do Rio de Janeiro*. RJ: de 1º de janeiro a 20 de abril de 1857. RJ: Empresa Nacional do Diário, 1857.
- . *A viuvinha*. In *Diário do Rio de Janeiro*. RJ: de janeiro a fevereiro de 1857; inacabada. RJ: 1860.
- . *As minas de prata*. RJ: em colportage, 1862. Incompleto. RJ: Garnier, 1865/66.
- . *A pata da gazela*. RJ: 1870.
- . *O gaúcho*. RJ: 1870.
- ALENCAR, Leonel Martiniano. *A sonâmbula de Ipojuca*. 1861. SB, V, 300. In, XIII, 289.⁴
- ALMEIDA, Manuel Antônio de. *Memórias de um sargento de milícias*. In *Pacotilha/Correio Mercantil*. RJ: de 27 de junho de 1852 a 31 de julho de 1853.
- ALVARENGA, Lucas José de. *Statira e Zoroastes*. RJ: Typ. Plancher, 1826. 58 p. OR-85, 1, 41.
- ÁLVARES, Nuno. *Folhas soltas* (narrativas líricas — WM, III, 127). RJ: 1860. SB, V, 325.
- ÁLVARES DE AZEVEDO, Manuel Antônio. *Noite na taverna*. In *Obras completas*. Org. Homero Pires. SP: Companhia Editora Nacional, 1944. 2 vols.
- . *Genaro*. In *O conto romântico*. Org. E. Cavalheiro/Mário da S. Brito.

⁴ As informações bibliográficas sobre os dicionários de Inocêncio e S. Blake são da *Enciclopédia de literatura brasileira*, organizada por A. Coutinho, futuramente referido como AC.

- AMAZONAS, Lourenço da Silva Araújo e. *Simá* (romance histórico do Alto Amazonas). 1857. In, V, 199 e XIII, 319.
- Amélia. In *O belo sexo*. Pernambuco: 1849.
- ARARIPE JR., Tristão de Alencar. *Jaguaraçu e Saí*. In *O conto romântico*. Org. E. Cavaleiro/Mário da S. Brito.
- AZEVEDO, Inácio Manuel Álvares de. *A morte de Alinda*. In *Ensaio filosófico*. RJ: 1861.
- AZEVEDO, Joaquim Inácio Álvares de. *Ensaaios literários* (contos — WM, II, 294). 1862. SB, IV, 148.
- AZEVEDO, Manuel Duarte Moreira de. *Madalena*. In *Marmota Fluminense*. RJ: 1860.
- . *Honra e crime*. RJ: Tip. Paula Brito, 1860.
- . *Romances*. RJ: F. A. de Almeida, 1860, 84 p.
- . *Lourenço de Mendonça*.
- AZURARA, José Joaquim Pereira de. *Angelina, ou os dois casos felizes*. 1869. Romance. SB, IV, 491. In, XIII, 36.
- BANDEIRA, Antônio Rangel de Torres. *O eremita de Jafa* (romance em verso — WM, II, 294). Recife: 1844. SB, I, 295-9. In, I, 243; VIII, 289 e XXII, 348.
- BARANDAS, Ana Eurídice Eufrosina de. *A filósofa por amor*. Rio Grande do Sul: 1845. SB, I, 93.
- BARROS, Cirilo Elói Pessoa de. *Rodolfo, ou o louco assassino*. In *Marmota Fluminense*. RJ: a partir de 30 de agosto de 1853. Pernambuco: 1858.
- . *Adelaide*. In *Marmota Fluminense*. RJ: a partir de 30 de agosto de 1853. Pernambuco: 1858.
- . *O anel preto*. RJ: 1860. SB, II, 155.
- BITTENCOURT, Ana Ribeiro de Góis. *O anjo do perdão*. WM, III, 191: 1863. AC, I, 329: 1885. SB, I, 94.
- BOSCOLI, José Ventura. *Dom Nuno Peres de Faria, ou o casamento de dois finados*. 1863. WM, III, 294.
- BRAGA, Gentil Homem de Almeida (Flávio Reymar — pseud.). *Entre o céu e a terra*. In *O Semanário Maranhense*. São Luís: 1869. SB, V, 224.
- . *A casca da caneleira* (com outros). In *O Publicador*. Paraíba: de 9 de fevereiro a 7 de abril de 1866. São Luís: 1866. SB, III, 177. In, IX, 422.
- . *Cavaquinhos*. In *O País*. SB, V, 224.

- . *Carlottinha da Mangueira*. In *O conto romântico*. Org. E. Cavalheiro/Mário da S. Brito.
- CALDRE E FIÃO, José Antônio do Vale. *O corsário*. In *O Americano*. RJ: de 24 de janeiro de 1849 a fins de 1851. RJ: Tipografia Filantrópica do Rio de Janeiro, 1851. In *O Pelotense*. Pelotas: a partir de outubro de 1851.
- . *Imerisa. As graças da natureza*. In *A Grinalda*. RJ: de 23 de julho a 20 de agosto de 1848. In *Jornal dos Domingos*. RJ: 1848. PR-SOR985 (1).
- . *A divina pastora*. Porto Alegre: Tipografia Brasileira de S. M. Ferreira, 1847. Porto Alegre: RBS, 1992. Org. Flávio Loureiro Chaves.
- . *O jardim da noiva*.
- CARNEIRO, Baltasar da Silva. *Septímio*. RJ: 1861. SB, I, 375.
- A caridade e a gratidão*. In *Jornal do Icó*. Icó, Ceará: 1862 (s/a).
- A casca da caneleira* (s/a). São Luís: Tipografia de Belarmino de Matos, 1866. Autores: Antônio Marques Rodrigues/Rufo Salero; Antônio Henriques Leal/Judael de Babel-Mandebe; Caetano C. Cantanhede/Iwan Orloff; F. G. Sabas da Costa/Golondron de Bivac; Francisco Dias Carneiro/Stephany von Ritter; Francisco Sotero dos Reis/Nicodemus; Gentil Homem de Almeida Braga/Flávio Reimar; Joaquim Serra/Pietro de Castellamare; Joaquim de Sousa Andrade/Conrado Rotanski; Raimundo Filgueiras/Pedro Botelho e Trajano Galvão de Carvalho/James Blumm.
- CASTRO, Vicente Félix de. *Hortência ou os amores de um pintor*. In *Correio da Tarde*. RJ: de 22 de novembro 1859 a 3 de janeiro de 1860. PR-SPR2 (5-6).
- . *Flor da serra, ou os dois casamentos*. In *Correio da Tarde*. RJ: de 18 a 29 de janeiro de 1859.
- . *Elisa, ou a filha do mistério*. In *Mosaico*. Guaratinguetá (SP): de fins de 1859 a início de 1860.
- . *Misérias da atualidade*. SP: Tipografia de Azevedo Marques, 1864. 3 vols.
- . *Herança usurpada*. s/d.
- . *Mistérios da roça*. Guaratinguetá: 1861.
- . *Os dramas de sangue*. SB, VII, 358.

- CÉSAR, Ildefonsa Laura. *Lição a meus filhos* (contos em versos — WM, II, 503). Bahia: 1854.
- CORDEIRO, Bráulio Jaime Moniz. *O último dia de um carrasco*. In *Jornal dos Taquígrafos*. RJ: 1858.
- . *A biblioteca das mulheres, moral e divertida*. RJ: 1859. SB, I, 424.
- CORDEIRO, Carlos Augusto. *Os amores de Carlos e Clara*. RJ: 1849.
- CORONADO, Carolina. *A Jarilla*. In *Jornal das Senhoras*. RJ: de 14 de janeiro a 27 de setembro de 1855.
- COSTA, Francisco Gaudêncio Sabbas da. *Jacy (lenda maranhense)*. In *Semanário Maranhense*. São Luís: do nº 1, de 1º de setembro, ao nº 14, de 1º de dezembro de 1867.
- . *Jovita*. In *Semanário Maranhense*. São Luís: do nº 20, de 12 de janeiro, ao nº 23, de 2 de fevereiro de 1868.
- . *Os amigos* (romance maranhense). In *Semanário Maranhense*. São Luís: do nº 28, de 8 de março, ao nº 54, de 8 de setembro de 1868.
- . *Um amor fatal* (romance provinciano de capa e espada — WM, III, 287). São Luís: 1868.
- COUTINHO, José Lino. *Cartas sobre a educação de Cora*. Bahia: Tipografia de Carlos Poggeti, 1849.
- CUNHA, José Maria Vaz Pinto Coelho da. *Lasacassange* (contos americanos — WM, III, 176). 1862.
- DÁMASO, Manuel Pinto. *Confidências de Ramiro*. In *Jornal do Instituto Pio e Literário de Pernambuco*. Recife: janeiro de 1860 em diante.
- ESPÍNOLA, Manuel Homem da Silveira. *Teresa de Neubourg e Carlos Servílio e Paulo e Cincinnati*. Maranhão: 1866. SB, VI, 98.
- EYMA, Xavier. *Francina*. In *O Jornal do Recife. Jornal Semanal*. Recife: vol. 108, nº 108, de 19 de janeiro de 1861; nº 112, de 16 de fevereiro; nº 114, de 2 de março; nº 116, de 16 de março e nº 121, de 20 de abril de 1861.
- FAGUNDES VARELA, Luís Nicolau. *As ruínas da Glória*. In *O conto romântico*. Org. E. Cavalheiro/Mário da S. Brito.
- FERNANDES, Antônio Manuel. *Paulo e Flora*. RJ: 1861. SB, I, 250.

- FIGUEIRA, Luís Ramos. *Dalmo, ou os mistérios da noite*. SP: 1863. WM, III, 191.
- . *Amores de um voluntário*. 1868.
- FILGUEIRAS SOBRINHO, Francisco Antônio. *A fênix do amor*. Bahia: 1865. In, IX, 255. SB, II, 394.
- FLORESTA, Nísia. *Daciz ou a jovem completa*. RJ: 1847.
- . *Dedicação de uma amiga*. 1850. Romance incompleto. SB, VI, 315. In, VI, 295 e XVII, 329.
- FRANÇA, Lindorf. *A confissão do moribundo*. In *Jornal Científico, Político e Literário, da Faculdade de Direito de São Paulo*. SP: a partir de 30 de abril de 1856.
- GAMA, Miguel do Sacramento Lopes. *A nova sociedade das senhoras viúvas*. In *O carapuceiro*. Recife. In *Os precursores do conto brasileiro*. Org. Barbosa L. Sobrinho.⁵
- . *As procissões, A gente paroleira, As senhoras perdulárias, Os maridos dissipadores, Sonhos a respeito dos gamenhos e gamenhas, As mulheres salamandras, O menino palhaço, A feira das senhoras, Os bazóftios*. BLS, p. 223. Entre o conto e a crônica.
- GOMENSORO, Ataliba Lopes de. *Os cavaleiros da disgrá*. In *Bazar Volante*. RJ: 1864.
- GONÇALVES DIAS, Antônio. *Memórias de Agapito. Fragmentos de um romance*. In *Arquivo. Jornal literário*, 1846. In *Poesia completa e prosa escolhida*. RJ: Aguilar, 1959. Ed. A. Houaiss.
- GONÇALVES DE MAGALHÃES, Domingos José. *Amância* (romance) In *Minerva Brasiliense*. RJ: n^{os} 9 e 10 do 1^o volume, de março de 1844. In *Opúsculos históricos e literários*. RJ: Garnier, 1865. pp. 347-391. In *O conto romântico*. Org. E. Cavaleiro/Mário da Silva Brito.
- GUIMARÃES, Bernardo. *O ermitão de Muquém*. In *O Constitucional*. Ouro Preto: de setembro de 1866 a junho de 1867. RJ: Garnier, s/d. (1869).
- . *A dança dos ossos*. In *O conto romântico*. Org. E. Cavaleiro/Mário da S. Brito.

⁵ Barbosa Lima Sobrinho, futuramente referido como BLS.

- GUIMARÃES, Francisco Pinheiro. *O comendador*. In *Jornal do Commercio*. RJ: de 24 de abril a 29 de maio de 1856. PR-SPR1 (49).
- GUIMARÃES, Vicente Pereira de Carvalho. *A cruz de pedra*. In *Ostensor Brasileiro*. RJ: 1845, nº 21, p. 163 a 168; nº 22, p. 173 a 176; nº 23, p. 181 a 186; nº 25, p. 196 a 201; nº 26, p. 212 a 216. In *Romanceiro brasílico* (sai apenas o Tomo I). RJ: 1844. SB, VII, 368. In, VII, 439. Autoria reconhecida por BLS, In *Os precusores do conto brasileiro*, p. 285.
- . *Dois dias de viagem na província de Minas*. In *Os precusores do conto brasileiro*. Org. Barbosa L. Sobrinho.
- . *A guerra dos emboabas* (romance histórico). In *Ostensor Brasileiro*. RJ: 1845, nº 12, p. 93 a 96; nº 13, p. 101 a 105; nº 14, p. 109 a 112; nº 15, p. 117 a 120; nº 16, p. 125 a 128; nº 17, p. 134 a 136; nº 18, p. 141 a 144; nº 19, p. 151 a 152; nº 20, p. 157 a 160. Autoria reconhecida por BLS.
- . *Jerônimo Barbalho Bezerra* (romance histórico). In *Ostensor Brasileiro*. RJ: 1845, nº 1, p. 5 a 8; nº 2, p. 13 a 16; nº 3, p. 22 a 24; nº 4, p. 50 a 52; nº 5, p. 36 a 40; nº 6, p. 45 a 48; nº 7, p. 52 a 56; nº 8, p. 60 a 64; nº 9, p. 67 a 72; nº 10, p. 76 a 80; nº 11, p. 84 a 88. Autoria reconhecida por BLS.
- GUIMARÃES JR., Luís. *Histórias para gente alegre: a família agulha*, seguida por *D. Herculana (um perfil político)*. In *Diário do Rio de Janeiro*. RJ: do nº 21, de 21 de janeiro, ao nº 114, de 26 de abril de 1870. RJ: Garnier, 1870. RJ: Presença/Minc/Pró-Memória-Instituto Nacional do Livro-Coleção Resgate, nº 9, 1987. Org. Flora Sussekind.
- . *O lírio branco* (tentativa de romance — WM, III, 176). 1862.
- . *A promessa de Marcolina*. In *O conto romântico*. Org. E. Cavalheiro/Mário da S. Brito.
- O homem de recursos ou o noivado na Rocha*. In *O Cronista*. RJ: 1839.
- KOSERITZ, Karl von. *A véspera da batalha*. Rio Grande: 1858.
- . *Um drama no mar*. Porto Alegre: 1863.
- . *A donzela de Veneza*. Rio Grande: 1858. SB, II, 79.
- LEAL, José da Silva Mendes. *Calabar*. In *Correio Mercantil*. RJ: Tipografia do *Correio Mercantil*, 1863. 4 vols.

- LEAL, Júlio César. *Cenas da escravidão*. Maceió: 1869. WM, III, 297.
- LEÃO, José da Rocha (pseud. Leo Junius). *Tipos e romances*. RJ: 1858. WM, III, 90.
- . *Os libertinos e os tartufos do Rio de Janeiro*. RJ: 1860.
- LISBOA, Miguel Maria (Barão de Japurá). *Romances históricos*. RJ: 1843. RJ: 1866. 2ª ed. SB, VI, 243, VI, 284 e XVII, 59.
- LOBATO, João Clímaco. *As duas amadas*. In *O belo sexo* — Periódico literário e recreativo. Pernambuco: 1850. M. Meyer classifica-o como novela indianista.
- . *A cigana brasileira*. Maranhão: 1853.
- . *O diabo*. 1856.
- . *O rancho do pai Tomás*. SB, III, 398. In, III, 351 e X, 226.
- LUZ, Francisco Antônio da. *A cruz preta*. In *Correio Paulistano*. SP: de 1859 a 1860.
- . *Alberto*. SP: 1859.
- . *Sacrifício*. 1861. SB, II, 395.
- MACEDO, Joaquim Manuel de. *Os dois amores*. In *Correio Mercantil*. RJ: a partir de 4 de março de 1848. RJ: Tipografia F. A. de Almeida, 1854. G. de Sousa atribui-lhe 14 edições conhecidas entre 1848 e 1974.
- . *Rosa*. In *Guanabara*. RJ: 1º de dezembro de 1849 a 1850. Esta foi a primeira edição, impressa pela Tipografia do Arquivo Médico do Rio de Janeiro. G. de Sousa atribui-lhe dez edições conhecidas entre 1849 e 1974.
- . *Vicentina*. In *Marmota Fluminense — Jornal de Modas e Variedades*. RJ: do nº 450, de 7 de março, ao nº 532, de 19 de dezembro de 1854. RJ: Empresa Tipográfica de Paula Brito, 1854. G. de Sousa atribui-lhe nove edições entre 1854 e 1974.
- . *A carteira de meu tio*. In *Marmota Fluminense*. RJ: do nº 541, de 19 de janeiro de 1855, ao nº 644, de 2 de novembro de 1855. RJ: Empresa Tipografia Dous de Dezembro-Paula Brito, 1855. RJ: José Olympio, 1995. Org. Léo Schlafman. 199 p.

- _____. *O forasteiro*. In *Marmota Fluminense*. RJ: a partir de 4 de fevereiro de 1855; interrompe-se para recomeçar em 1856 e ficar incompleto. RJ: Paula Brito, 1855.
- _____. *A nebulosa*. RJ: Tip. Imperial e Const. de J. Ville-neuve e Cia., 1857. Romance em verso.
- _____. *Os romances da semana*. In *Jornal do Commercio*. RJ: Seções "A Semana" e "Crônica", 1855-56. RJ: D. J. Gomes Brandão Ed./Tipografia Imparcial de J. M. N. Garcia, 1861. Contos.
- _____. *A bolsa de seda*. In *O conto romântico*. Org. E. Cavalheiro/Mário da Silva Brito.
- _____. *O culto do dever*. In *Jornal do Commercio*. RJ: 1865. RJ: Tipografia C. A. de Melo, 1865.
- _____. (Mínimo Severo) *Mazelas da atualidade*. Romance de improviso. *Voragem* (romance em verso). In *Semana Ilustrada*. RJ: 26 de maio de 1867. Folheto independente.
- _____. *Memórias do sobrinho do meu tio*. RJ: Tip. Laemmert, 1868/9. RJ: F. Casa de Rui Barbosa, 1995. Introdução crítica e org. de Flora Sussekind.
- _____. *A luneta mágica*. In *Semana Ilustrada*. RJ: ano VII, do nº 380, de 22 de março, ao nº 407, de 27 de setembro de 1868 (fim da primeira parte). RJ: Garnier, 1869.
- _____. *Vítimas-algozes*. RJ: Tipografia Americana, 1869. RJ: F. Casa de Rui Barbosa/SP: Scipione: 1991. 3ª ed.
- _____. *O rio do quarto*. RJ: Tipografia Universal de Laemmert, 1869. G. de Sousa menciona 19 edições entre 1869 e 1974
- _____. *As mulheres de mantilha*. RJ: Garnier/Tipografia Franco-Americana, 1870. G. de Sousa menciona nove edições entre 1870 e 1974.
- _____. *A namoradeira*. RJ: Garnier/Tip. Franco-Americana, 1870.
- _____. *Nina*. In *Jornal das Famílias*. RJ: a partir de janeiro de 1870. RJ: Garnier, 1871.
- MACEDO SOARES, Antônio Joaquim de. *Nininha*. In *Revista Mensal do Ensaio Filosófico Paulistano*. SP: 1859.
- MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. *Contos fluminenses* (romances). RJ: In *Jornal das Famílias*, 1870.

- . *O segredo de Augusta*. In *O conto romântico*. Org. E. Cavaleiro/Mário da S. Brito.
- MAGNARD, Francisco. *O primo cego*. In *Jornal do Recife*. Revista Semanal. Ciências, Letras e Artes. Recife: a partir de 9 de setembro de 1859.
- MARQUES, Roberto Maria de Azevedo. *O lenço de Luís XIV*. Santos: 1859. Santos: 1864. II vols. WM, III, 94.
- MARTINS, João Vicente. *Gabriela envenenada, ou a Providência*. RJ: 1847. In, IV, 48.
- MARTINS PENA, Luís Carlos. *Um episódio de 1831*. In *Gabinete de Leitura*. RJ: 8 de abril de 1838. In *Os precursores do conto brasileiro*. Org. Barbosa L. Sobrinho.
- . *Uma viagem na barca de vapor*. In *Correio das Modas*. RJ: 1839, p. 126. In *Os precursores do conto brasileiro*. Org. Barbosa L. Sobrinho.
- . *Minhas aventuras numa viagem nos ônibus*. In *Correio das Modas*. RJ: 1839, p. 30. In *Os precursores do conto brasileiro*. Org. Barbosa L. Sobrinho.
- . *A sorte grande*. In *Correio das Modas*. RJ: 1839, I vol., p. 19.
- . *Duguay-Trouin*. In *Sentinela da Monarquia ou Correio do Rio de Janeiro*. RJ: de 1840 em diante. Informação de José Aderaldo Castello,⁶ que diz não ter conseguido ver o romance histórico, mencionado por Sacramento Blake.
- NÓBREGA, José Higino Sodrê Pereira da. *O assassino e o adultério*. RJ: Typ. Guanabarenses de L. A. F. de Menezes, 1851. 59 p. OR-71, 1, 40.
- . *Os salteadores punidos*. SB, IV, 455. In, IV, 370.
- NOGUEIRA, Antônio Luís Ramos. *Conto misterioso*. SP: 1860.
- NORBERTO, Joaquim Norberto de Sousa e Silva. *Romances e novelas*. Nicheroy (RJ): Typ. Flum. de Cândido Martins Lopes, 1852. OR-Microfilmada 50 (1). {Contém: *Maria ou vinte anos depois* (romance brasiliense), *Januário Garcia ou as sete orelhas* (romance) e *O testamento falso* (novela — José Aderaldo Castello por engano refere-se-lhe como: *O testemunho falso*)}.

⁶ JAC: *Aspectos do romance brasileiro*, p. 22.

- . *Maria ou vinte anos depois* (romance brasiliense). In *Minerva Brasiliense*. RJ: nº 11, de 1º de abril de 1844, tomo 1º, pp. 319 a 328. Antonio Candido considera-o um “romance-relâmpago”.⁷
- . *As duas órfãs*. RJ: 1841 (folheto em 4º), 35 p. In *O conto romântico*. Org. E. Cavaleiro/Mário da S. Brito.
- . *Chegado de Londres e vindo de Paris*. In *Gazeta Universal*. RJ: 1844.
- . *Contos poéticos* (narrativas líricas — WM, III, 127). RJ: 1860.
- . *Romances e lendas*. 1869. AC, II, 976-7.
- NORONHA, Joana Paula Manso de. *Mistérios del Plata*. In *Jornal das Senhoras*. RJ: 1852.
- NOVAIS, Justino de Figueiredo. *O filho do procurador, ou a vítima do amor filial*. In *O Beija-Flor*. RJ: do nº 20, de 18 de agosto, ao nº 29, de 20 de outubro de 1849 (20 capítulos). PR-SOR2281.
- . *Uma zombaria do destino*. In *O Curupira*. RJ: 1852, do nº 1, de outubro de 1852, ao nº 3, de 17 de outubro de 1852.
- . *Fernando e Margarida*. In *O Curupira*. RJ: 1853, do nº 18, de 6 de fevereiro de 1853, ao nº 25, de 25 de março de 1853.
- . *Os dois loucos*. RJ: 1851. SB, V, 275. In, V, 166. AC, II, 986.
- . *Pedro de Águia*. 1849. Em periódico.
- . *As flores de uma coroa*. 1852. Em periódico.
- . *A vingança de um amante*. 1852. Em periódico.
- . *O Proteu moderno*. 1858. Romance.
- OLIVEIRA, Cândido Batista (C. B. O.). *Lúcia de Miranda*. In *Guanabara*. RJ: nº 9, julho de 1851. PR-SOR19 (1).
- OLIVEIRA, Pedro Ernesto de Albuquerque e. *A vingança*. 1851.
- . *Hipólito e Isabel*. RJ: 1860.
- . *O escravo fugido* (romance brasileiro — WM, III, 202). 1864.

⁷ Aca: *Formação da literatura brasileira*, p. 123.

- . *Episódio do carnaval* (romance brasileiro — WM, idem). 1864.
- . *Castigo singular* (romance brasileiro — WM, idem). 1864. SB, VII, 32. In, I, 154.
- PAIO, João Zeferino Rangel de S. *Amores de um frade*. In *Jornal da Vitória*. Espírito Santo: 1868.
- PALHARES, José Marinho Vitoriano. *Noites da Virgem*. SB, VII, 384. In, XX, 16.
- PAULA BRITO, Francisco de. *A mãe-irmã*, (história contemporânea). In *Jornal do Commercio*. RJ: 10 de abril de 1839. In *Os precursores do conto brasileiro*. Org. Barbosa L. Sobrinho.
- . *O enjeitado*. In *Jornal do Commercio*. RJ: de 28 a 29 de março de 1839. In *Os precursores do conto brasileiro*. Org. Barbosa L. Sobrinho.
- . *A revelação póstuma*. In *Jornal do Commercio*. RJ: 9 de março de 1839.
- PEREIRA, Teodomiro Alves. *Genesco* (novelas — WM, III, 135). RJ: 1861. SB, VII, 252. In, XIX, 247.
- PEREIRA DA SILVA, João Manuel (P. da S.). *O aniversário de Dom Miguel em 1828* (romance histórico). In *Jornal do Commercio*. RJ: 16 a 22 de janeiro de 1839. RJ: Typ. Villeneuve, 1839. 36 p. (folheto em 8º). OR-38, 7, 21. In *Os precursores do conto brasileiro*. Org. Barbosa L. Sobrinho.
- . *Amor, ciúme e vingança*. In *Museu Universal*. Vol. II, de 1838 a 1839, pp. 141-146. In *Jornal das Senhoras*. RJ: Villeneuve e Cia., 1838. In *Os precursores do conto brasileiro*. Org. Barbosa L. Sobrinho.
- . (J. M. P. S.) *Jerônimo Corte Real* (romance histórico — crônica portuguesa do século XVI). In *Jornal do Commercio*. RJ: de 8 a 11 de janeiro de 1840. RJ: Garnier, 1865.
- . *Religião, amor e pátria*. In *Jornal do Commercio*. RJ: 12, 13, 14, 15 e 16 de março de 1839. In *Variedades literárias*. RJ: Garnier, 1862.
- . *Aspásia* (romance português contemporâneo — JAC, p. 20). RJ: Garnier, s/d.
- . *Manuel de Moraes* (romance histórico). Crônica do século XVII — JAC, p. 20.

- . *Uma paixão de artista*. In *Jornal dos Debates*. RJ: 26 de julho de 1838, nº 77. Men,⁸ 634. In *Variedades literárias*. RJ: Garnier, 1862.
- . *Um primeiro amor*. In *Gabinete de Leitura*. RJ: 5 de novembro de 1837. In *Os precursores do conto brasileiro*. Org. Barbosa L. Sobrinho.
- . *Maria*. In *Gabinete de Leitura*. RJ: 10 de dezembro de 1837. In *Os precursores do conto brasileiro*. Org. Barbosa L. Sobrinho.
- . *As catacumbas de São Francisco de Paula*. In *Gabinete de Leitura*. RJ: 12 de novembro de 1837. In *Jornal dos Debates*. RJ: 25 de maio de 1838. In *Os precursores do conto brasileiro*. Org. Barbosa L. Sobrinho.
- . *Luísa*. In *Gabinete de Leitura*. RJ: 15 de outubro de 1837. In *Jornal dos Debates*. RJ: 18 de janeiro de 1838. In *Folhinha dos Lindos Contos, para 1843*. RJ: Tip. Laemmert, 1843. In *Os precursores do conto brasileiro*. Org. Barbosa L. Sobrinho.
- . *Uma aventura em Veneza*. In *Gabinete de Leitura*. RJ: 22 de outubro de 1837.
- . *Um último Adeus*. In *Gabinete de Leitura*. RJ: 19 de novembro de 1837. In *Jornal dos Debates*. RJ: 8 de fevereiro de 1838.
- . *Um banho russo*. In *Museu Universal*. Vol. VII, 1839, p. 225. In *Variedades literárias*. RJ: Garnier, 1862.
- PINHEIRO, Xavier. *A desventurada*. In *Musaico. Periódico da Sociedade Instrutiva da Bahia*. Salvador: nºs 1, 3 e 4, 1864.
- PITADA, Duarte José de Melo. *As mulheres aventureiras*. RJ: 1857. SB, II, 236. In, IX, 153.
- . *Os homens aventureiros*. RJ: 1857.
- POMBO, Simpliciano da Rocha. *O arrependimento* (ficção histórica — WM, III, 176). 1862. SB, VII, 236.
- PORTO-ALEGRE, Apolinário. *Os palmares*. In *Revista Mensal, do Partenon Literário*. Porto Alegre: a partir do 1º número, de março de 1869. WM, III, 297.

⁸ Men por: *Dicionário literário brasileiro*, de Raimundo de Meneses.

- PÓVOA, José Joaquim Pessanha. *Legendas religiosas da província do Espírito Santo* ("A cruz de Muribeca" e "O túmulo de frei Palácios"). 1869. SB, IV, 492. In, XIII, 37.
- REIS, Antônio Manuel dos. *Alfredo*. RJ: 1861. SB, I, 252. In, VIII, 236 e XX, 378.
- REIS, Maria Firmina dos. *Úrsula* (romance original brasileiro por uma maranhense). São Luís: 1859. RJ: s/e, 1975 (ed. fac-similada; prefácio de Horácio de Almeida). RJ: 1988. 3ª ed.
- . *A escrava*. Maranhão. SB, VI, 232.
- Ressurreição pelo amor (Crônica Rio Grandense)*. In *Jornal do Commercio*. RJ: 23, 24 e 25 de fevereiro de 1839.
- RIO, João José de Sousa e Silva. *O sedutor*. In *O Despertador Brasileiro*. RJ: 1840. Autoria atribuída por S. Blake.
- . *Virgínia, ou a vingança de Nassau*. In *O Despertador Brasileiro*. RJ: 1840, pp. 2-3. In *Os precursores do conto brasileiro*. Org. Barbosa L. Sobrinho.
- . *O rapto malogrado* (história brasileira). In *O Despertador Brasileiro*. RJ: 1839.
- . *O último suspiro* (legenda brasileira). RJ: In *Correio das Modas*. RJ: 9 de março de 1839, pp. 86-88. In *O conto brasileiro. Os precursores*. Org. Barbosa L. Sobrinho.
- . *Uma maldição*. In *Correio das Modas*. RJ: 1839, p. 109. SB, III, 470. In, III, 394.
- . *A família desgraçada*. In *Os precursores...* Org. BLS.
- ROCHA, Justiniano José da. *Os assassinos misteriosos ou a paixão dos diamantes*. In: *Jornal do Commercio*. RJ: de 27 e 28 de março de 1839. RJ: Typ. de Villeneuve, 1839. 29 p. OR-85, 1, 43. In *Os precursores...* Org. BLS. José Maria Vaz Pinto Coelho classifica-o como tradução do francês.
- . *Um sonho*. In *O Cronista*. RJ: 11 de janeiro de 1838. In *Os precursores...* Org. BLS.
- . *O paria e a sociedade brasileira*. RJ: a partir de 1860. 4 vols. AC, II, 1162.
- . *A rosa amarela*. 1839. BLS, p. 28.
- . *As armas e as letras*. BLS, p. 28.
- . *A caixa e o tinteiro*. In *O Cronista*. RJ: 26 de novembro de 1836.

- ROCHA, Manuel Luís Fernandes da. *Esperança, ou uma história de todos os dias*. RJ: 1854. WM, II, 502.
- . *Augusto e Olímpia* (romance original brasileiro — WM, III, 191). RJ: 1863.
- . *Isabela*. 1870. Romance. SB, VI, 150. In, XVI, 89.
- RODRIGUES, João Barbosa. *Memórias de uma costureira*. 1861.
- . *O livro de Orlina* (imitado d'O livro de Elisa, de Mendes Leal — WM, III, 135). 1861.
- . *Contos noturnos*. Paris: 1863. RJ: 1864. 2ª ed. SB, III, 359. In, X, 186 e XI, 279.
- ROSA, Antônio Joaquim da. *A assassina*. In *Revista Literária*. RJ: a partir do ano I, nº 8, de 14 de novembro de 1850. RJ: s/e, 1854. In *Diário Mercantil*. SP: de 2 a 28 de setembro de 1886.
- . *A cruz de cedro*. In *Jornal do Commercio*. RJ: 1854. CPR-SPR1. RJ: Tipografia Imp. Const. de J. Villeneuve & Cia., 1854, 106 p. In *Correio Paulistano*. SP: de 21 de agosto a 10 de setembro de 1900.
- . *A feiticeira*. In *Revista Íris*. RJ: 1849.
- SACRAMENTO BLAKE, A. Vitorino Alves do. *Dous casamentos*. Salvador: *Periódico Mensal da Sociedade Instituto Literário da Bahia*, de janeiro a outubro de 1846. In *O Musaico*. Salvador: de janeiro a outubro de 1846, pp. 112, 175 e 252 e ss. In *Primeiras manifestações da ficção na Bahia*, de David Salles. Salvador: s/e, s/d.
- SANTOS, Joaquim Felício dos. *Acaiaba*. In *Biblioteca Brasileira*. RJ: 1863. SB, IV, 127.
- . *Os invisíveis* (narrativa histórica — WM, III, 287). 1868.
- SANTOS, José Bernardino dos. *Os serões de um tropeiro*. 1868. WM, III, 287.
- SCHUTEL, Duarte Paranhos. *A massambu*. In *Revista Popular*. RJ: de 15 de novembro de 1860 a 1º de maio de 1861. Florianópolis: Ed. da UFSC-Movimento-INL, 1988.
- SEABRA, Bruno. *O doutor Pancrácio, ou quadros da vida de um estudante*. In *Marmota Fluminense*. RJ: 1859.
- . *Tipos burlescos*. RJ: 1859. SB, I, 429. In, VIII, 412.
- . *As cinzas de um livro*. 1859.
- . *Paulo*. RJ: 1861.

- . (Aristóteles de Sousa — pseud.). *Memórias de um pobre-diabo*. 1868.
- SILVA, Firmino Rodrigues. *Os três desejos*. In *O Cronista*. RJ.
- . *Mariana*. In *O Cronista*. RJ.
- . Um sonho. In *Gabinete de Leitura*. RJ: 7 de janeiro de 1838. In *Os precursores do conto brasileiro*. Org. Barbosa L. Sobrinho.
- SILVA, João Adolfo Ribeiro da. *Carlos*. RJ: 1861. SB, III, 313 e 517.
- SILVA, João Cândido Gomes da. *Alberto*. In *Jornal do Recife*. Recife: 1865.
- SILVA, José de Moraes e. *Os dois piratas* (romance — WM, III, 176). 1862. SB, V, 102. In, XIII, 147.
- SILVA, Josino do Nascimento. *A freira*. In *O Cronista*. RJ: 22 de março de 1837. In *A Grinalda*. RJ: de dezembro de 1849 até o nº 5, de 7 de fevereiro de 1850. In *Os precursores do conto brasileiro*. Org. Barbosa L. Sobrinho.
- . *Um enforcado — o carrasco*. In *O Cronista*. RJ: 25 de fevereiro de 1837.
- . *Mais venha dinheiro*. In *O Cronista*. RJ: 11 de fevereiro de 1837.
- . *A prenda do casamento*. In *O Cronista*. RJ: 10 de fevereiro de 1838.
- . *Fui ao baile*. In *O Cronista*. RJ: 29 de abril de 1837.
- . *A pena preta*. In *O Cronista*. RJ: 29 de março de 1838.
- . *O botão de ferro*. In *O Cronista*. RJ: 19 de abril de 1838.
- . *Minhas aventuras — Na véspera de Reis*. In *Correio das Modas*. RJ: 1839.
- . *O encontro no baile ou o sacrifício louvável*. In *Correio das Modas*. RJ: 1839.
- . *Sou escritor dramático!* In *O Cronista*. RJ: 16 de agosto de 1837. In *Os precursores do conto brasileiro*. Org. Barbosa L. Sobrinho.
- SILVA, Jovita Duarte. *Eulália* (romance original catarinense — WM, III, 176). Santa Catarina: 1862. SB, V, 241.

- SILVA, Luís José Pereira da. *Cenas do interior* (romance original brasileiro). RJ: 1865. SB, V, 430. In, V, 301.
- . *Os desterrados* (novela — WM, II, 502). RJ: 1854.
- . *Olmarcia*. 1871. Romance em verso.
- SILVA, Ovídio Saraiva de Carvalho. *Heróides de Olymphia e Herkulano, jovens brasileiros ou o triunfo conjugal*. RJ: Typ. da Associação do Despertador, 1840. 97 p. V-260, 2, 3, nº 15.
- SOUSA, Constantino José Gomes de. *Alfeno e Clorinda* (romance pastoral — WM, II, 319). In *O Crepúsculo* (Instituto Literário da Bahia). Bahia: 1845, nºs 1 e 2.
- . *O desengano*. 1870-1871.
- . *Filha sem mãe* (romance incompleto). SB, II, 138. In, IX, 86.
- SOUSA, José Luís Monteiro de. *Uma fase da vida*. In *Correio Paulistano*. SP: 1861.
- SOUSA, José Maria Gomes de. *Eva, romance da escola predominante* (WM, III, 287). 1868.
- Suicídio por amor*. In *O belo sexo*. Pernambuco.
- SUSANO, Luís da Silva de Azambuja. *O capitão Silvestre e frei Veloso, ou a plantação de café no Rio de Janeiro* (romance histórico — WM, II, 358). RJ: Laemmert, 1847.
- . *Um roubo na Pavuna*. RJ: 1843.
- . *A baixa de Matias, ordenança do conde de Arcos, vice-rei do Rio de Janeiro*. RJ: 1858. SB, V, 465. In, V, 325.
- TAUNAY, Alfred d'Escragnoille. *Juca o tropeiro*. In *O conto romântico*. Org. E. Cavalheiro/Mário da S. Brito.
- (TAUNAY, Charles Auguste). *Olaya e Júlio ou a periquita*. *Novela Nacional*. In *O Beija-Flor*. RJ. nºs 4, 5 e 6, entre 1830 e 1831, 50 p. PR-SOR83 (1). Marlyse Meyer atribui-lhe a autoria.
- TÁVORA, Franklin. *Trindade maldita (Contos no botequim)*. In *Diário de Pernambuco*. Recife: 1861.
- . *Os índios do Jaguaribe*. In *Diário de Pernambuco*. Recife: 1862.
- . *A casa de palha*. In *Jornal do Recife*. Recife: de 5 de julho a 6 de agosto de 1866.
- . *Um casamento no arrabalde*. 1869.
- TEIXEIRA E SOUSA, Antônio Gonçalves. *O filho do pescador* (em periódicos em 1843). RJ: Typ. Paula Brito, 1859. 248 p. OR-85, 1, 23, nº 1.

- . *Os três dias de um noivado* (poema narrativo). In *Minerva Brasiliense*. RJ: 1843. RJ: Paula Brito, 1844.
- . *Maria ou a menina roubada*. In *Marmota Fluminense*. RJ: do nº 295, de 10 de setembro de 1852, ao nº 341, de 18 de fevereiro de 1853. RJ: 1859. 2ª ed.
- . *A Providência*. In *Correio Mercantil*. RJ: 1853. RJ: Tipografia de M. Barreto, 1854.
- . *As tardes de um pintor, ou as intrigas de um jesuíta*. In *Arquivo Romântico*. RJ: 1847.
- . *As fatalidades de dois jovens*. 1856.
- . *Gonzaga ou a conspiração de Tiradentes*. Niterói: 1848 e 1851. 2 vols. AC, II, 1278-9.
- UTRA, João Francisco da. *O naufrágio do vapor Henry* (ficção histórica — WM, III, 176). 1862.
- VALDEZ Y PALACIOS, José Manuel. *Os dois matrimônios malogrados, ou as duas vítimas do crime* (romance histórico — WM, II, 315). RJ: 1845.
- VARNHAGEN, Adolfo. *O Descobrimento do Brasil — crônica do fim do século XV*. In *O Panorama*. RJ: 1840.
- . *Sumé* (lenda mito-religiosa). Madri: 1855. 39 p. SB, II, 371-83. In, II, 319.
- . *Caramuru*. RJ: 1859.
- VASCONCELOS, José Rufino Rodrigues de. *O homem misterioso*. RJ: 1840.
- . *O assassino*. 1842. SB, V, 172. In, XIII, 189.
- . *A casa mal-assombrada*. RJ: 1845 a 1848. 3 vols.
- VEIGA, Luís Francisco da (Luciano — pseud.). *Cogitações acerca de um monge exilado*. 1869. SB, V, 406, 495. In, V, 291 e XVI, 27.
- VIANA, Ernesto da Cunha de Araújo. *Um dia no mar*. 1868. WM, III, 287.
- YOUMALE (pseud.). *A Carapuça de meu tio ou recordação de um homem velho*. In *Diário de Pernambuco*. Recife: 1861.
- YPIRANGA, Indígena do (p/ Ana Luísa de Azevedo Castro). *D. Narcisa de Vilar: legenda do tempo colonial*. In *A Marmota*. RJ: de 13 de abril a 6 de junho de 1858. PRSOR284 (4) N/P.

Bibliografia de apoio

- “The Acts of Paul & Thecla”. In *The Lost Books of Eden*. NY/Scaborough/Ontario: New American Library, 1974.
- Alcassino e Nicoleta*. RJ: Francisco Alves, 1989.
- ALENCAR, Heron de. “José de Alencar e a ficção romântica”. In *A literatura no Brasil. Era romântica*. RJ: José Olympio/Ed.UFF, 1986. 3ª ed.
- ALENCAR, José de. *Como e porque sou romancista*. Campinas (SP): Pontes, 1990.
- ALMEIDA GARRETT, J. B. da S. Leitão de. *Viagens na minha terra*. Lisboa: Ed. Sá da Costa, 1954.
- ÁLVARES DE AZEVEDO, Manuel Antônio. *Macário*. RJ: Francisco Alves, 1987. Coleção Clássicos Francisco Alves.
- Amadis de Gaula*. Zaragoza/Madrid/Barcelona/Buenos Aires: Biblioteca Clásica Ebro, 1977.
- O amor na literatura*. Flávio Loureiro Chaves et alii. Porto Alegre: Ed. UFRGS/Prefeitura Municipal de Porto Alegre, 1992.
- AMORA, Antônio. *O Romantismo*. SP: Cultrix, 1978. 5ª ed.
- . *Introdução à teoria da literatura*. SP: Cultrix, 1977.
- APULEIO, Lúcio. *Metamorfoses, ou o asno de ouro*. SP: Tecnoprint, s/d. Coleção Universidade de Bolso.
- ARIOSTO, Ludovico. *Orlando Furioso*. London: Penguin Books, 1973. 2 vols.
- ARISTÓTELES. *A ética*. RJ: Tecnoprint, s/d. Coleção Universidade.
- . *Poética*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda/F. C. S. H. da Universidade Nova de Lisboa, 1986.
- ATKINSON, Nora. *Eugène Sue et le roman-feuilleton*. Paris: Nizet, 1929.

- AUERBACH, Erich. *Mimesis*. SP: Perspectiva, 1976.
- AUSTEN, Jane. *Her complete novels*. New York: Avenel Books, 1981.
- BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e de estética*. SP: Hucitec, 1975.
- BALZAC, Honoré de. *A comédia humana*. RJ/Porto Alegre/SP: Edição da Livraria do Globo, 1946. Org. Paulo Ronai. Trad. Vidal de Oliveira. 17 vols.
- BARBOSA LIMA SOBRINHO (org.). *O conto no Brasil. Os precursores*. RJ/SP/Bahia: Editora Civilização Brasileira, 1960. Contém: Carlos Emílio Adet: *Um ofício de defunto e uma bênção nupcial*. Miguel do Sacramento Lopes Gama: *A nova sociedade das senhoras viúvas*. Luís Carlos Martins Pena: *Um episódio de 1831; Uma viagem na barca de vapor; Minhas aventuras numa viagem nos ônibus*. Vicente Pereira de Carvalho Guimarães: *Dois dias de viagem na província de Minas*. Francisco de Paula Brito: *A mãe-irmã; O enfeitado*. João Manuel Pereira da Silva: *O aniversário de dom Miguel em 1828; Amor, ciúme vingança; Um primeiro amor; Luísa; Maria; As catacumbas de S. Francisco de Paula*. João José de Sousa e Silva Rio: *O último suspiro; Virgínia ou a vingança de Nassau; A família desgraçada*. Justiniano José da Rocha: *A paixão dos diamantes; Um sonho*. Firmino Rodrigues da Silva: *Os três desejos; Um sonho*. Josino do Nascimento Silva: *Um enforcado. O carrasco; A prenda de casamento; Fui ao baile; Sou escritor dramático!*
- BARBOZA, Onédia Célia de Carvalho. *Byron no Brasil. Traduções*. SP: Ática, 1974. Coleção Ensaios, nº 12.
- BARTHES, Roland. *Novos ensaios críticos. O grau zero da escritura*. SP: Cultrix, 1986. 3ª ed.
- BLOOM, Harold. *O cânone ocidental*. RJ: Editora Objetiva, 1995.
- BOCCACIO, Giovanni. *Decamerão*. São Paulo: Victor Civita/Abril Cultural, 1979.
- BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. SP: Cultrix, 1979. 2ª ed.
- BOURNEUF, Roland & Réal Oullet. *O universo do romance*. Coimbra: Livraria Almedina, 1976.

- BRITO BROCA. "O romance-folhetim no Brasil". In *Românticos, Pré-românticos, Ultra-românticos: vida literária e Romantismo brasileiro*. SP: Polis/Brasília: INL, 1979.
- . "O que liam os românticos". In *Revista do Livro*. RJ: MEC, março/1959, pp. 163-172.
- . "O romance-folhetim, precursor do sensacionalismo". In *Suplemento do A Manhã — Letras e Artes*, nº 211. RJ: 17/06/1951.
- BRONTË, Charlotte & Emily. *The complete novels of Charlotte & Emily Brontë*. New York: Avenel, 1981.
- BYRON, George Gordon. *Dom Juan*. England: Penguin Books, 1986.
- CÂMARA CASCUDO, Luís da. *Cinco livros do povo*. João Pessoa: Ed. Universitária/UFPB, 1994.
- . *História da literatura brasileira*. RJ: José Olympio, 1952. Vol. VI (Literatura Oral).
- CAMÕES, Luís de. *Os Lusíadas*. Porto: Porto Editora, s/d. 3ª ed.
- CAMPEDELLI, Samira Y. *A telenovela*. SP: Ática, 1985.
- CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira*. SP: EDUSP/BH: Itatiaia, 1975. 2 vols.
- . "Timidez no romance". In *A educação pela noite & outros ensaios*. SP: Ática, 1987.
- . *O método crítico de Sílvio Romero*. SP: Ed. USP, 1988. Série Passado e Presente; Estudos Literários.
- . "Da Vingança". In *Tese e antítese*. SP: Companhia Editora Nacional, 1971.
- CARDIM, Elmano. *Justiniano José da Rocha*. SP: Companhia Editora Nacional, 1964.
- CARPEAUX, Otto Maria. *História da literatura ocidental*. RJ: Alhambra, 1982. 2ª ed., 6 vols.
- . "Prosa e ficção no Romantismo". In *O Romantismo*. SP: Perspectiva, 1985. 2ª ed.
- . *Pequena bibliografia crítica da literatura brasileira*. RJ: E. Letras e Artes, 1964. 3ª ed.
- CASTELLO, José Aderaldo. *Aspectos do romance brasileiro*. RJ: MEC/Serviço de Documentação, s/d.
- . *Textos que interessam à história do Romantismo*. SP: Conselho Estadual de Cultura/Comissão de Literatura, 1963.

- CASTELO BRANCO, Camilo. *Amor de perdição*. SP: Ática, 1983. 8ª ed. Série Bom Livro.
- . *A queda dum anjo*. RJ: Tecnoprint, s/d.
- CAVALCANTI PROENÇA, Manuel. *Estudos literários*. RJ: José Olympio, 1971.
- CAVALHEIRO, Edgard e BRITO, Mário da Silva (orgs.). *O conto romântico*. RJ: Civilização Brasileira, 1961. Contém: Domingos José Gonçalves de Magalhães: *Amância*. Casimiro José Marques de Abreu: *Camila, memórias duma viagem*. José Martiniano de Alencar: *Cinco minutos*. Gentil Homem de Almeida Braga: *Carlottinha da Mangueira*. Manuel Antônio Álvares de Azevedo: *Gennaro*. Luís Nicolau Fagundes Varela: *As ruínas da Glória*. Bernardo Guimarães: *A dança dos ossos*. Joaquim Manuel de Macedo: *A bolsa de seda*. Luís Caetano Pereira Guimarães Jr.: *A promessa de Marcolina*. Joaquim Norberto de Sousa e Silva: *As duas órfãs*. Joaquim Maria Machado de Assis: *O segredo de Augusta*. Alfredo d'Escragnonne Taunay: *Juca o tropeiro*. Tristão de Alencar Araripe Jr.: *Jaguaraçu e Saí*.
- . *A evolução do conto brasileiro*. RJ: MEC/Os Cadernos de Cultura, s/d.
- CERVANTES S., Miguel de. *Dom Quixote*. SP: Abril Cultural, 1981.
- . *Novelas exemplares*. SP: Abril Cultural, 1971. 2ª ed.
- CESAR, Guilhermino. *Historiadores e críticos do Romantismo*. SP: EDUSP/RJ: Livros Técnicos e Científicos, 1978.
- . *História da literatura do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Globo, 1956.
- La Chanson de Roland*. Paris: Larousse, 1965. Col. Nouveaux Classiques Larousse.
- CHAUCER. *The Canterbury Tales*. NY/London: Penguin Books, 1977.
- El Cid Campeador*. Recontado por J. Arrabal. SP: Ed. Paulinas, 1988.
- COELHO, Jacinto do Prado et alii. *Dicionário de literatura*. RJ: Cia. Brasileira de Publicações, 1969.
- COELHO, José Maria Vaz Pinto. "Da propriedade literária no Brasil". In *Revista Brasileira*, 2ª fase. RJ: 1880-1881. Vols. VI e VIII.

- COOPER, James Fenimore. *The last of the Mohicans*. NY/Scaborough/ Ontario: New American Library, 1980.
- COUTINHO, Afrânio. *A literatura no Brasil*. RJ: UFF/José Olympio, 1986. 3ª ed., 5 vols.
- . *Enciclopédia de literatura brasileira*. RJ: FAE/MEC, 1989. 2 vols.
- . *Introdução à literatura no Brasil*. RJ: Civilização Brasileira, 1976. 9ª ed.
- DANTE. *La divine comédie*. Paris: Garnier Frères, 1951.
- DEFOE, Daniel. *Robinson Crusoe*. Londres: Bantam Books, 1981.
- . *Moll Flanders*. London: Heron Books, 1968.
- DENIS, Ferdinand. *Résumé de l'histoire littéraire du Portugal, suivi du résumé de l'histoire littéraire du Brésil*. Paris: Lecointe et Duray, 1826.
- DICKENS, Charles. *Great expectations*. Londres/NY: Everyman's Library, 1966.
- . *David Copperfield*. NY: Modern Library, s/d.
- Dictionnaire de la mythologie Grecque et Romaine*. Paris: Pierre Grimal/PUF, 1969. 4^{ème} ed.
- Dictionnaire des symboles*. Paris: Pierre Laffont/Jupiter, 1969.
- DIMAS, Antônio. *Espaço e romance*. SP: Ática, 1987. Princípios, 23.
- DOYLE, Plínio. *História de revistas e jornais literários*. RJ: MEC/Fundação Casa de Rui Barbosa, 1976.
- DUMAS, Alexandre. *La tulipe noire*. Verviers (Belgique): Marabout Géant Publication Hebdomadaire, 63/nº 47, s/d.
- . *Les trois mousquetaires*. Paris: Garnier, 1967.
- DUMAS FILS, Alexandre. *La dame aux camélias*. Paris: Gallimard, 1974.
- Enciclopédia Mirador Internacional*. SP/RJ: Encyclopaedia Britannica do Brasil Publicações Ltda., 1979.
- FARIA, João Roberto. *José de Alencar e o teatro*. SP: Perspectiva/USP, 1987. Col. Estudos. "Teatro".
- . *O teatro realista no Brasil*. SP: EDUSP/Perspectiva, 1993.
- . "A máquina narrativa". Resenha crítica sobre *Folhetim — Uma História*, de Marlyse Meyer. SP: *Folha de S. Paulo*/Discurso Editorial/USP/Unesp, 12 de julho de 1996, p. 6.

- FÉNELON. *Les aventures de Télémaque*. Paris: Garnier, 1987.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário Aurélio*. RJ: Nova Fronteira, 1975.
- FERREIRA, Jerusa Pires. *A cavalaria em cordel*. SP: Hucitec, 1993. 2ª ed.
- FIELDING, Henry. *Tom Jones*. Londres: Penguin Books, 1966.
- FREITAS, José Bezerra de. *Forma e expressão no romance brasileiro*. RJ: Irmãos Pongetti, 1947.
- FRYE, Northrop. *Anatomia da crítica*. SP: Cultrix, 1973.
- GENETTE, Gérard. *Théorie des genres*. Paris: Seuil, 1986.
- GLEDSON, John. *Machado de Assis. Ficção e história*. RJ: Paz e Terra, 1986.
- GOETHE. *Werther*. SP: Victor Civita/Abril Cultural, 1971.
- GRAMSCI, Antonio. *Literatura e vida nacional*. RJ: Civilização Brasileira, 1968.
- GRIECO, Agripino. *Evolução da prosa brasileira*. RJ: Ariel, 1933.
- GUAL, C. Garcia. *Origens de la novela*. Madri: Ed. Istmo, 1972. Col. Fundamentos, 16.
- GUINSBURG, J. *O Romantismo*. SP: Perspectiva, 1985. 2ª ed. Coleção Stylus, 3.
- HÄGG, Tomas. *The novel in antiquity*. Berkeley e LA: University of California Press, 1983.
- HAIGHT, E. H. *Essays on ancient fiction*. NY: Longmans, Green & Co., 1936.
- HALÉVY, D. *Essai sur l'accélération de l'histoire*. Paris: Ed. Self, 1948.
- HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil*. SP: T. A. Queiroz Ed./USP, 1985.
- HAUSER, Arnold. *História social da arte e da literatura*. SP: 1995.
- HEISERMAN, Arthur. *The novel before the novel. Essays and discussion about the beginnings of prose fiction In the West*. Chicago e Londres: The University of Chicago Press, 1977.
- HELME, Elizabeth. *St. Clair of the Isles or, the Outlaws of Barra. A Scottish Romance*. Londres: Milner & Company Ltd., s/d.
- HERCULANO, Alexandre. *Lendas e narrativas*. Lisboa: Livraria Bertrand, s/d.
- . *Eurico, o presbítero*. SP: Ática, 1988. 7ª ed.

- HESSE, Herman. *Leyendas medievales*. Barcelona: Ed. Bruguera, 1984. 4ª ed.
- HESSEL, Lothar e RAEDERS, G. *O teatro no Brasil. Sob Pedro II*. Porto Alegre: Ed. URGSI/IEL, 1979. 2 vols.
- História de revistas e jornais literários*. Org. Helena Cavalcanti de Lyra et alii. RJ: F. Casa de Rui Barbosa, 1995.
- HOFFMANN, E. T. A. *Contos fantásticos*. RJ: Imago, 1993.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. RJ: José Olympio, 1973. 7ª ed.
- HOMERO. *L'Illiade*. Paris: Flammarion/Garnier, 1965.
- . *Odisséia*. RJ: Tecnoprint, 1967. Coleção Clássicos de Bolso.
- HUGO, Victor. *Do grotesco e do sublime*. SP: Perspectiva, s/d.
- . *Les misérables*. Paris: Librairie Générale Française, 1985. 3 vols. Col. Livre de Poche.
- . *Nôtre-Dame de Paris*. Paris: Librairie Générale Française, 1972. Col. Livre de Poche.
- . *Cromwell*. "Introduction". Paris: Garnier/Flammarion, 1968.
- INOCÊNCIO, I. Francisco da Silva. *Dicionário bibliográfico português*. Lisboa: 1860-1884. 12 vols.
- LABARRE, Albert. *História do livro*. SP: Cultrix/INL/MEC, 1981.
- LACLOS, Choderlos de. *Les liaisons dangereuses*. Paris: Gallimard, 1972.
- LAFAYETTE, Madame de. *Romans et nouvelles*. Paris: Garnier Frères, 1970.
- . *La Princesse de Clèves*. Paris: Gallimard, 1972.
- LAGARDE ET MICHARD. *Colléction littéraire Lagarde et Michard. Moyen Age; XVI^{ème} Siècle; XVII^{ème} Siècle; XVIII^{ème} Siècle e XIX^{ème} Siècle*. Paris: Bordas, 1969.
- LAMARTINE, Alphonse de. *Graziella*. Paris: Gallimard, 1979.
- Lazarillo de Tormes*. RJ: Tecnoprint-Ediouro, 1972. Trad. Marques Rebelo.
- LEITE, Dante Moreira. *O amor romântico e outros temas*. SP: Editora Nacional, 1979.
- LESAGE, Alain-René. *Histoire de Gil Blas de Santillane*. Paris: Flammarion, 1977.
- Libro del Caballero Zifar*. Madri: Clásicos Castalia, 1982.

- LIMA, Alceu Amoroso. *Quadro sintético da literatura brasileira*. RJ: Agir, 1965. 2ª ed.
- LIMA, Luiz Costa. "A questão dos gêneros". In *Teoria da literatura e suas fontes*. RJ: Francisco Alves, 1983. 2ª ed.
- LIMA, Manuel de Oliveira. *O Império brasileiro (1822-1889)*. Brasília: EDU, 1986.
- LINHARES, Temístocles. *História crítica do romance brasileiro*. BH/SP: Itatiaia/EDUSP, 1987.
- LOBO, Luíza. *Teorias poéticas do Romantismo*. RJ: UFRJ/Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.
- LONDRES, Maria José F. *Cordel: do encantamento às histórias de lutas*. SP: Duas Cidades, 1983.
- LONGO. *Daphnis et Chloé*. Paris: Ed. Jules Tallandier, 1890.
- LÖWY, Michel. *Romantismo e messianismo*. SP: Perspectiva/EDUSP, 1990.
- . *Romantismo e política*. RJ: Paz e Terra, 1993.
- LUKÁCS, Georg. *Teoria do romance*. Lisboa: Editorial Presença, s/d.
- . *Realismo crítico hoje*. Brasília: Coordenadora Editora de Brasília Ltda., 1969.
- MACEDO, Joaquim Manuel de. *Ano biográfico brasileiro*. RJ: Tipografia e Litografia do Imperial Instituto Artístico, 1876. 3 vols.
- . *Suplemento ao Ano biográfico brasileiro*. RJ: Tipografia Perseverança, 1880.
- . *Efemérida histórica do Brasil*. RJ: Tipografia do Globo, 1877.
- . *Noções de corografia do Brasil*. RJ: Tipografia Franco-Americana, 1873.
- MACHEREY, Pierre. *Pour une théorie de la production littéraire*. Paris: Maspero, 1971.
- MAGALHÃES JR., R. *Três panfletários do II Reinado*. SP: Companhia Editora Nacional, 1956. Vol. 286. Col. Brasileira.
- MAISTRE, Xavier de. *Voyage autour de ma chambre*. Paris: Librairie José Corti, 1984.
- MALORY, Sir Thomas. *Le morte d'Arthur*. NY: Bramhall House, 1962.

- MARCO, Valéria de. *O império da cortesã*. SP: Martins Fontes, 1986.
- . *A perda das ilusões: o romance histórico de José de Alencar*. Campinas: Editora da Unicamp, 1993.
- MARTINS, Wilson. *História da literatura brasileira*. SP: EDUSP/Cultrix, 1977. 7 vols.
- . *A crítica literária no Brasil*. RJ: Francisco Alves, 1983. 2 vols. 2ª ed.
- . *Pontos de vista*. SP: T. A. Queiroz Editor, 1991-1992. 4 vols.
- MASSA, Jean-Michel. *A juventude de Machado de Assis*. RJ: Civilização Brasileira/Conselho Nacional de Cultura, 1971.
- MAUPASSANT, Guy de. *Les contes de la Bécasse*. Paris: Albin Michel/Libre de Poche, 1968.
- . *Mademoiselle Fifi*. Paris: A. Michel/Libre de Poche, 1967.
- . *La Main Gauche*. Paris: A. Michel/Libre de Poche, 1970.
- MC'GANN, Jerome J. *The romantic ideology*. Chicago e Londres: The University of Chicago Press, 1983.
- MENENDEZ Y PELAYO, M. *Orígenes de la novela*. Madri: C. S. I. C., 1943. Tomo I.
- MENESES, Djacir. *Evolução do pensamento literário no Brasil*. RJ: Organizações Simões, 1954.
- MENESES, Raimundo de (organização). *Dicionário literário brasileiro*. RJ: Livros Técnicos e Científicos, 1978. 2ª ed.
- MERQUIOR, José Guilherme. *De Anchieta a Euclides. Breve história da literatura brasileira*. RJ: José Olympio, 1977.
- MEYER, Marlyse. *Folhetim: uma história*. SP: Companhia das Letras, 1996.
- . "Uma novela brasileira de 1830". In *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, nº 2. SP: 1967.
- . "O que é, ou quem foi Sinclair das Ilhas". In *Almanaque, Cadernos de Literatura e Ensaio*, nº 8. SP: Brasiliense, 1978.
- . "Folhetim para almanaque ou rocambole, a ilíada de realejo". In *Almanaque, Cadernos de Literatura e Ensaio*, nº 14 (Modos Menores de Ficção). SP: Brasiliense, 1982.

- . “Para brindar Iracema”. In *Pireneus, Caiçaras*. Campinas: Editora da Unicamp, 1991. 2ª ed.
- . *Maria Padilha e toda a sua quadrilha*. SP: Duas Cidades, 1993.
- . “Estações”; “Mulheres romancistas inglesas do século XVIII e romance brasileiro”; “Tem mouro na Costa ou Carlos Magno ‘Rei’ do Congo”. In *Caminhos do Imaginário no Brasil*. SP: EDUSP, 1993.
- . “Voláteis e versáteis. De variedade e folhetins se faz a crônica”. In *Candido et alii. A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas: Editora da Unicamp/RJ: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.
- . *As mil faces de um herói canalha*. RJ: Ed. UFRJ, 1996.
- MIGUEL-PEREIRA, Lúcia. *História da literatura brasileira. Prosa de ficção — de 1870 a 1920*. RJ: MEC/José Olympio, 1973. 3ª ed.
- . *Machado de Assis*. BH: Itatiaia, 1988. 6ª ed.
- MOISÉS, Massaud. *Dicionário de termos literários*. SP: Cultrix, 1978. 2ª ed.
- . *A literatura portuguesa*. SP: Cultrix, 1990. 25ª ed.
- . *Pequeno dicionário de literatura portuguesa*. SP: Cultrix, 1981.
- MONTELATICI, G. *Storia della letteratura bizantina (324-1453)*. Milano: Ed. Libraio della Real Casa, 1916.
- MONTENEGRO, Olívio. *O romance brasileiro*. RJ: José Olympio, 1938.
- MORE, Thomas. *Utopia*. NY/Londres: Penguin Books, 1985.
- MOTA FILHO, Cândido. *O Romantismo*. SP: Editorial Política, 1932.
- The Nibelungenlied*. Anônimo. Londres: Penguin Books, 1984.
- NUNES, Cássiano. *A felicidade pela literatura*. RJ: Civilização Brasileira/ Brasília: INL, 1983.
- . *Breves estudos de literatura brasileira*. SP: Saraiva, 1969.
- OLIVEIRA, José Osório de. *História breve da literatura brasileira*. SP: Livraria Martins Editora, s/d.

- OSSIAN ("Barde du III^{ème} Siècle"). *Poèmes gaéliques*. Paris: Librairie Hachette, 1858.
- OVÍDIO. *Les metamorphoses*. Paris: Flammarion/Garnier, 1966.
- PADRON, Juan Rodriguez del. *Sierbo libre de amor*. Madri: Ed. Clásicos Castalia, 1980.
- PAIS, José Paulo e MOISÉS, Massaud. *Pequeno dicionário de literatura brasileira*. SP: Cultrix, 1967.
- PEREIRA DA SILVA, Joaquim Manuel. *Plutarco brasileiro*. RJ: Laemmert, 1847, 2 vols.
- Periódicos Brasileiros em Microformas. Catálogo Coletivo*. RJ: Biblioteca Nacional, 1981.
- PERRY, B. E. *The ancient romances. A literary-historical account of their origins*. Berkeley e Los Angeles: University of California Press, 1967.
- PATROCÍNIO, José do. *Motta Coqueiro ou a pena de morte*. RJ: Francisco Alves/SEEC.
- PETRÔNIO. *Satiricon*. SP: Victor Civita/Abril Cultural, 1981.
- POE, Edgar Allan. *21 short stories. Masterpieces plus 34 narrative and lyric poems*. NY: Washington Square Press Publications of Pocket Books, 1960.
- PONTIERI, Regina Lúcia. *A voragem do olhar*. SP: Perspectiva/MEC/CNPq, 1988. Série Debates.
- PRÉVOST, Abbé. *Manon Lescaut*. Paris: Garnier, 1965.
- RABELAIS. *Gargantua*. Paris: Librairie Générale Française, 1972. Col. Livre de Poche.
- . *Pantagruel*. Paris: Librairie Générale Française, 1972. Col. Livre de Poche.
- RIBEIRO, Bernadim. *História de menina e moça*. Lisboa: Studium Editora, 1947.
- RICOEUR, Paul. *Interpretação e ideologias*. RJ: Francisco Alves, 1977.
- ROBERTS, Mark. *The tradition of romantic morality*. Londres: Northumberland Press, 1973.
- ROMERO, Sílvio. *História da literatura brasileira*. RJ: José Olympio/Brasília: INL, 1980. 7ª ed.
- ROUANET, Maria Helena. *Eternamente em berço esplêndido. A fundação de uma literatura nacional*. SP: Siciliano, 1991.

- ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Émile ou de l'éducation*. Paris: Flammarion, 1966.
- . *Julie ou la nouvelle Héloïse*. Paris: Garnier, 1963. Col. Classiques Garnier.
- SACRAMENTO BLAKE, A. V. *Dicionário bibliográfico brasileiro*. RJ: Tipografia Nacional, 1883-1902. 7 vols.
- SAND, George. *Indiana*. Paris: Gallimard, 1984.
- SANT'ANNA, Affonso Romano de. *Análise estrutural de romances brasileiros*. RJ: Vozes, 1973.
- SAN PEDRO, Diego de. *Cárcel de amor*. Valencia: Clásicos Castalia, 1971.
- SAINTE-BEUVE, C. A. *Chateaubriand et son groupe littéraire sous l'empire*. Paris: Garnier Frères, 1861. 2 vols.
- SAINT-PIERRE, Bernadin de. *Paul et Virginie*. Paris: Librairie Générale Française, 1974. Col Livre de Poche.
- SARAIVA, A. José e LOPES, Oscar. *História da literatura portuguesa*. Porto: Porto Editora, 1982, 12ª ed.
- SCOTT, Sir Walter. *Ivanhoe*. New York: The New American Library, 1962.
- . *Waverley*. Oxford/NY: Oxford University Press, 1986.
- SERRA, Tania Rebelo Costa. *Joaquim Manuel de Macedo ou os dois Macedos. A luneta mágica do II Reinado*. RJ: Fundação Biblioteca Nacional/Departamento Nacional do Livro, 1994.
- . "Indianismo: evasão e participação no Romantismo brasileiro". *Revista Cerrados*. Brasília: UnB, ano I, nº 1, 1992.
- . "Língua brasileira e nacionalismo no romance romântico de José de Alencar". *Cadernos do Colóquio Internacional de Lusografia e Lusofonia*. Rennes: Université de Rennes 2, 1994.
- . "1870-1880: divisão de águas do romance brasileiro". *Cadernos do Centro de Pesquisas Literárias da PUC/RS. História da Literatura e Literatura Brasileira*. Porto Alegre: PUC, vol. I, nº 2, junho de 1995.
- . "Joaquim Manuel de Macedo: espelho mágico do II Reinado". *Revista da Academia Brasileira de Letras*. Brasília: ano XIII, nº 14, novembro de 1995.

- _____. “Gonçalves de Magalhães e o início do teatro romântico brasileiro. *Antônio José ou o poeta e a Inquisição* (1838)”. *Revista Universa*. Brasília: Faculdades Católicas de Brasília, vol. 04, fevereiro de 1996 — 1 (6º).
- _____. “Sherazade da história da literatura”. *Revista de Poesia e Crítica*. Brasília: 1996, nº 20. Resenha crítica sobre *Folhetim. Uma história*, de M. Meyer.
- SHAKESPEARE, William. *Complete works*. Londres/NY/Toronto: Oxford University Press, 1964.
- SHELLEY, Mary. *Frankenstein*. NY/Londres: Bantam Books, 1991.
- SILVA, Mário Camarinha da. *Introdução ao estudo das origens do romance brasileiro*. RJ: A Casa do Livro Ltda., 1941.
- SILVA, Vítor Manuel de Aguiar. *Teoria da literatura*. Coimbra: Livraria Almedina, 1988. 8ª ed.
- SODRÉ, Néelson Werneck. *Panorama do II Império*. SP: Companhia Editora Nacional, 1939.
- _____. *Síntese da história da cultura brasileira*. RJ: Civilização Brasileira, 1976. 4ª ed.
- _____. *A história da imprensa no Brasil*. RJ: Civilização Brasileira, 1966.
- _____. *História da literatura brasileira*. RJ: Civilização Brasileira, 1964. 4ª ed.
- SOUSA, José Galante de. *Introdução ao estudo da literatura brasileira*. RJ: MEC/INL, 1963.
- _____. *Machado de Assis e outros estudos*. Brasília/RJ: Cátedra/MEC/INL, 1979.
- SOUSA, Maria Leonor Machado de. *A literatura “Negra” ou de “Terror” em Portugal. Séculos XVIII e XIX*. Lisboa: Novaera, 1978.
- STAËL, Mme. de. *Corinne ou d’Italie*. Paris: Gallimard, 1985.
- STENDHAL. *De l’amour*. Paris: Gallimard, 1980. Col. Folio.
- _____. *Le rouge et le noir*. Paris: Gallimard et Librairie Générale Française, 1958. Col. Livre de Poche.
- STERNE, Laurence. *Tristram Shandy*. Oxford e NY: Oxford University Press, 1983.
- SUE, Eugène. *Kernok le Pirate*. Paris: Gallimard, 1983. Col. Folio Jr.
- _____. *Les mystères de Paris*. Paris: Robert Laffont, 1989.

- . *Eugène Sue. Romans de mort et d'aventures*. Paris: Robert Laffont, 1993.
- . *Le juif errant*. Paris: Robert Laffont, 1983.
- SUSSEKIND, Flora. *O Brasil não é longe daqui. O narrador. A viagem*. SP: Companhia das Letras, 1990.
- . *O negro como arlequim. Teatro e discriminação*. RJ: Achiamé, 1982.
- TASSO, Torquato. *La Jerusalem délivrée*. Paris: Bordas, 1990.
- TAUNAY, Alfred d'Escragnolle. *Memórias*. SP: Melhoramentos, s/d.
- THOMAS. *Le roman de Tristan*. "Poème du XII^{ème} Siècle". Paris: Joseph Bédier, 1902. 2 vols.
- TINHORÃO, José Ramos. *Os romances em folhetins no Brasil*. SP: Duas Cidades, 1994.
- TODOROV, Tzvetan. *As estruturas narrativas*. SP: Perspectiva, 1979.
- TRISTAN. *La merveilleuse histoire de Tristan et Iseut*. Anônimo. Paris: Gallimard, 1973. 2^a ed.
- TROYES, Chrétien de. *Yvain. O cavaleiro do Leão*. RJ: Francisco Alves, 1989.
- VERÍSSIMO, José. *História da literatura brasileira*. RJ: Francisco Alves, 1916.
- VIANNA, Hélio. *História do Brasil*. SP: Melhoramentos/USP, 1975. 12^a ed.
- . *Contribuição à história da imprensa brasileira — 1812-1869*. RJ: Imprensa Nacional, 1945.
- VIRGÍLIO. *Bucólicas*. SP: Melhoramentos/Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1982.
- . *L'Éneide*. Paris: Flammarion/Garnier, 1965.
- VOLTAIRE. *Candide*. In *Romans de Voltaire*. Paris: Gallimard/Livre de Poche, 1961.
- VON ESCHENBACH, Wolfram. *Parsifal*. Brasília: Thot Editora, 1989.
- VON MARTIUS, Karl Friedrich Philipp. *Frey Apollonio. Um romance do Brasil*. SP: Brasiliense, 1992. Trad. Erwin Theodor.
- WALPOLE, Horace. *O castelo de Otranto*. SP: Nova Alexandria, 1994.

- WOLF, Ferdinand. *O Brasil literário*. SP: Companhia Editora Nacional, 1955. Trad. Jamil Almansur Haddad.
- WARREN, A. e WELLEK, R. *Teoria da literatura*. Lisboa: Publicações Europa-América, 1971.
- WATT, Ian. *A ascensão do romance*. SP: Companhia das Letras, 1990.
- WEISKEL, Thomas. *The romantic sublime*. Baltimore e Londres: The Johns Hopkins University Press, 1986. 2ª ed.
- XENOFONTE. *Ciropédia*. SP: Tecnoprint/Ediouro, s/d. Coleção Un. de Bolso.
- ZIMMER, Christian. *Le retour de la fiction*. Paris: Les Éditions du Cerf, 1984.
- ZUMTHOR, Paul. "E a literatura? O caso do romance. A ilusão literária". *A letra e a voz*. SP: Companhia das Letras, 1993. Trad. Jerusa Pires Ferreira.



Gráfica e Editora Itamarati Ltda.
SIG 02 - Nº 400 - Tel.: 226-8833
Brasília - DF.

Outros lançamentos da
Editora UnB:

Ver e ouvir
Aloysio Niemeyer Filho

Nomina gentium
Sérgio Bath

Roma, democracia impossível?
Norbert Rouland

Língua latina
Janete Melasso Garcia

Antígona
Sófocles

Agamenon
Sófocles

O que o tio Sam realmente quer
A minoria próspera e
a multidão inquieta
Noam Chomsky

O cânone colonial
Flávio Kothe



O romance em folhetins surgiu na França, em 1836, quando alguns romancistas começam a publicar suas obras, em capítulos, no periódico do jornalista Émile Girardin.

Utilizando técnica muito próxima do melodrama popular, essas publicações logo se transformam em sucesso, principalmente no seio da nova classe operária e da jovem burguesia, egressas da Revolução Industrial européia.

Esta antologia traz para o grande público do século XX os principais antepassados da telenovela, tais como: João Manuel Pereira da Silva, Justiniano José da Rocha, Domingos José Gonçalves de Magalhães, Antônio Gonçalves Teixeira e Sousa e Joaquim Manuel de Macedo.

Além dos textos escolhidos, esta antologia apresenta uma vasta bibliografia de apoio. É, portanto, obra destinada tanto ao público de Letras quanto ao público em geral.

Cod. 046388
ANTOLOGIA DO RO
R\$ 17,00

ISBN 85-230-0473-4



9 788523 004736

COD. EDU: 046388